

Universidade de Brasília - UnB
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL
Curso de Linguística

**QUÍCHUA AYACUCHANO:
PANORAMA SOCIOHISTÓRICO, LINGUÍSTICO E EDUCACIONAL**

ARMANDO GUTIÉRREZ CISNEROS

Brasília - DF
2020

ARMANDO GUTIÉRREZ CISNEROS

**QUÍCHUA AYACUCHANO:
PANORAMA SOCIOHISTÓRICO, LINGÜÍSTICO E EDUCACIONAL**

**Brasília - DF
2020**

ARMANDO GUTIÉRREZ CISNEROS

**QUÍCHUA AYACUCHANO:
PANORAMA SOCIOHISTÓRICO, LINGUÍSTICO E EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade de Brasília como exigência para obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob a orientação Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro.

Brasília - DF

2020

ARMANDO GUTIÉRREZ CISNEROS

QUÍCHUA AYACUCHANO:

PANORAMA SOCIOHISTÓRICO, LINGUÍSTICO E EDUCACIONAL

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade de Brasília como exigência para obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob a orientação Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro.

Aprovado pelos membros da banca examinadora em ____/____/____.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro

Orientadora

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Dias Ribeiro-
Membro externo

Profa. Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

Membro interno

Profa. Dra. Maria Marlene Rodrigues da Silva

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GC579q GUTIERREZ CISNEROS, ARMANDO
QUÍCHUA AYACUCHANO: PANORAMA SOCIOHISTÓRICO, LINGUÍSTICO
E EDUCACIONAL / ARMANDO GUTIERREZ CISNEROS; orientador
ORMEZINDA MARIA RIBEIRO. -- Brasília, 2020.
238 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Quíchua Ayacuchano. 2. Sociolinguística. 3. Ensino da
Língua Quíchua. 4. Educação. I. RIBEIRO, ORMEZINDA MARIA ,
orient. II. Título.

Dedico o presente trabalho aos meus ex-professores: Wanderson Alkimim, Miriam Rosas e Ivania Ornelas.

Agradeço às Professoras Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Ormezinda Maria Ribeiro e Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues, pelo insubstituível apoio durante esta caminhada acadêmica.

“Como o desejo, a língua rompe, recusa-se a ser encerrada em fronteiras”.

(Bell Hooks, 1994, p. 167)

RESUMO

Esta dissertação trata do estudo da Língua Quíchua do Peru, mais especificamente a sua variedade Quíchua Ayacucho. O objetivo precípua é promover um levantamento de elementos sociohistóricos, sociolinguísticos e estruturais, com os fundamentos teóricos relacionados ao ensino da Língua Quíchua. A pesquisa abordada é qualitativa com sondagem de dados quantitativas, com objetivos específicos de recontar e contextualizar sobre a palavra quíchua, analisar los contatos entre povos e línguas que resultam na formação do Quíchua na América do Sul, do Quíchua do Peru e do Quíchua Ayacuchano, descrever de modo global aspectos da composição do quadro fonético-fonológico, morfossintático do Quíchua Peruano e do Quíchua Ayacuchano, destacando seus pontos em comum e pontos diferenciais com base em quadros e exemplos, para sua aplicação no curso de Quíchua como L2, reunir bibliografias afins para revisão da literatura sobre o ensino de Quíchua. Os resultados deste trabalho foram atingidos com êxito, desde os dados autobiográficos do autor nativo quíchua até o desenvolvimento do curso de quíchua na Universidade de Brasília, aplicando expressões e métodos ludo criativos. Ancorados nos conceitos fundamentais e estruturais da Língua Quíchua, da Gramática Quechua (Anchorena, 1874), Gramática Quechwa (Perroud, 1972), Gramática Kechwa, (Mayorga 1973), Nukanchik Llaktapak Shimi (YANEZ e JARA, 1982), (YATACO, 2011), (RODRIGUES, 2018), e nas questões pedagógicas delineadas por (RIBEIRO, 2019).

Palavras-chave: Quíchua Ayacuchano; Sociolinguística; Ensino da Língua Quíchua; Educação.

ASLLARIMAQ

Pirullaqtapa runa simin kusa qillqam allin yachana, Ayacuchumanta pacha sapachasqa simimanta kaqpunim. Ichataq chay ñaupaq yachaykunata huñurispá, kuskanku hatunyachayninkunata chay imankunatapas qipayachaykunatapas yuqarispá chaypipuni rurakuy, pirupa quipa siminta yachachikunapaq. Chay yachaykunaqa allin huntachisqa yachay yupasqa, llaqtakunapa simin quñuy kausayninkunataq waqaychasqa kasqanta, hatun chimpa llaqtakunamata pacha. Chaykaqkuna qatiypis kachkanku chay ruranapunikunaqa: llapan qillqaqawachiy kausayninta willakuq, chay Amirica dil Sur nisqapis chay runa simipa qispisqanmanta hina huk simikunawanpas tupasqanpi, ayacuchupa siminwan chaytaq pirupa simiwanpas, chay ayakuchumanta ruanasiminta ichataq chay hatun kachkaq piruumantapas llapallan rurasqakuna kaqkunapipuni kunkamantarimay qillakupa hawa ukunmanta hina, chay sapinmanta qillqa ukukunapi kusakanku rikurimuqkuna chaynataq hukrikuriqkunapas, chaymanta chay runa simi iskay simihina yachachinapaq, chyanataq chay hatun qilqakunata qawaspa runa simita allinta nispa yachachina. Kusallañam chay llamkay qispichisqaqa, chay kikinmanta qillqaqpa rimasqanmanta pacha chay hatun yachay wasipi Univirsidadi di Braisiliapi, kuisqa yachachisqa pukllaykunawanraq. Runa simiqa ancha rurusapa allin sapinchasqa, Gramática Quechua (Anchorena, 1874), Gramática Quechwa (Perroud, 1972), Gramática Kechwa, (Mayorga 1973), Nukanchik Llaktapak Shimi (YANEZ e JARA, 1982), Revisión de las evidencias de Pikimachay, Ayacucho, ocupación del Pleistoceno Final en los Andes Centrales (YATACO, 2011), (RODRIGUES, 2018), chayna allin tapukuqkuna yachachikuyninkuna (RIBEIRO, 2019).

Aklla-rimay: Ayacuchumanta Runa Simi; Llaqtapasimin; Runa Simi Rimay; yachachiy.

RESUMEN

Esta tesis trata del estudio del estudio de idioma quichua del Perú, específicamente la variedad quichua de Ayacucho. El objetivo principal es promover un levantamiento de elementos sociohistóricos, sociolingüísticos y estructurales, con los fundamentos teóricos relacionados con la enseñanza del idioma quichua. La investigación adoptada es cualitativa con el sondeo de datos cuantitativos, con los objetivos específicos de recontar y contextualizar sobre la palabra quichua, analizar los contactos entre pueblos e idiomas que resultaron en la formación del quichua en América del Sur, quichua del Perú y quichua de Ayacuchano, describir de modo global aspectos de la composición del cuadro fonético-fonológico, morfosintáctico del quichua peruano y del quichua Ayacuchano, destacando sus puntos en común y puntos diferenciales sobre la base de cuadros y ejemplos, para su aplicación en el curso de quichua como segundo idioma, reunir bibliografías afines para revisión de la literatura sobre la enseñanza de quichua. Los resultados de este trabajo fueron alcanzados con éxito, desde los datos autobiográficos del autor nativo quichua hasta el desarrollo del curso de quichua en la Universidad de Brasilia, aplicando expresiones y métodos Ludo creativos. Anclados en los conceptos fundamentales y estructurales del idioma quichua, la Gramática Quechua (Anchorena, 1874), Gramática Quechwa (Perroud, 1972), Gramática Kechwa, (Mayorga 1973), Nukanchik Llaktapak Shimi (YANEZ e JARA, 1982), Revisión de las evidencias de Pikimachay, Ayacucho, ocupación del Pleistoceno Final en los Andes Centrales (YATACO, 2011), (RODRIGUES, 2018) y en las cuestiones pedagógicas delineadas por (RIBEIRO, 2019).

Palabras clave: Quichua Ayacuchano; Sociolingüística; Enseñanza del idioma quichua; Educación.

Lista de Figuras

Figura 1-Pisada no trigo em qachua de noite.....	14
Figura 2-A primeira escola do autor	16
Figura 3-As frutas típicas de Condorsincca, os tumbis:	17
Figura 4-Magué-uqipaqa ou Agave Andino:.....	19
Figura 5-Quwi-cuy (preá) na imagem seguinte:	20
Figura 6-A imagem da montanha Apu Rasuwillka.....	22
Figura 7-Distribuição geográfica do Tawantinsuyu:.....	242
Figura 8-Machu Picchu: uma das sete Maravilhas do mundo	25
Figura 9-A colheita de quinua:.....	27
Figura 10-Tawantinsuyu.....	32
Figura 11-Textos em nós (quipus) Figura 12-Número em nós (quipus).....	35
Figura 13-A bandeira dos Incas (wiphala) com sete cores de arco iris:	37
Figura 14-Mapa de Cusco.....	38
Figura 15-Falantes de Quéchua como língua materna	39
Figura 16-Estado de Ayacucho	42
Figura 17-Animais da região	44
Figura 18-Aldeia de Condorsinca.....	45
Figura 19-Música, canto e dança no letramento da Língua Quíchua:.....	66
Figura 20-Alfabeto Quíchua	72
Figura 21-Chamando espíritos da natureza	95
Figura 22-Apresentação de slides.....	96
Figura 23-Crianças em aula de Quíchua.....	100
Figura 24-Instrumentos musicais andinos.....	105
Figura 25-Tecido com desenhos de lhamas, alpacas, pumas, queros e arívalos em Ayacucho.....	110
Figura 26-A iconografia em um tecido.....	110
Figura 27-Um homem tecendo o poncho e ensinando.....	111
Figura 28-Llikllakuna- mantas típicas de Ayacucho	112
Figura 29-Fabicação co chumpi	113
Figura 30-Três amostras de chullus	113
Figura 31-Arte em tapeçaria.....	114
Figura 32-Kallana de barro.....	115
Figura 33-As panelas de cerâmicas ou de barros de Ayacucho	116
Figura 34-Retábulo Ayacuchano	116
Figura 35-Um prato típico de preá:.....	117
Figura 36-Uma pachamanka no casamento.....	118
Figura 37-Amostra de chuño negro e blanco.....	116
Figura 38-As folhas e chá de coca	120

Sumário

PARTE I- VERSÃO EM PORTUGUÊS	13
I. INTRODUÇÃO	14
1.1. Memorial do autor	14
1.2. Apresentação do estudo	23
1.2.1. Justificativa e Objetivos	26
1.2.2. Estrutura do trabalho	28
II. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOHISTÓRICA	31
2.1. O Quíchua na América do Sul.....	31
2.1.1. O Surgimento da Língua Quíchua	35
2.1.2. A Língua Quíchua no Peru.....	39
2.2. O Quíchua em Ayacucho.....	41
2.2.1. A Região de Ayacucho.....	42
2.2.2. A Aldeia de Condorsincca	45
III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	51
3.1. Da Linguística do Contato e da Sociolinguística.....	51
3.1.1. Contato Linguístico e Línguas Resultantes do Contato, Processos de Transferência, Interferência, Influência, Empréstimos	52
3.1.2. Língua, Dialeto, Nação, Diglossia, Bilinguismo, Padronização.....	56
3.1.3. Variação e Mudança. Linguística, Norma Linguística e Variedades	58
3.2. Da Linguística Aplicada ao Ensino e da Pedagogia	61
3.2.1. Pedagogia Culturalmente Sensível	62
3.2.2. Método Paulo Freire	63
3.2.3. Método lúdico.....	65
IV. DESCRIÇÃO ESTRUTURAL DA LÍNGUA QUÍCHUA	70
4.1. Gramática	70
4.1.1 Fonética e Fonologia.....	70
4.1.2. Morfologia	73
4.1.3 Sintaxe.....	81
4.2. Léxico	84
4.2.1. Nomes	84
4.2.2. Expressões vocabulares.....	89
V. APLICAÇÃO EDUCACIONAL - O CURSO DE QUÍCHUA COMO L2 NO BRASIL	91

5.1. Métodos, Estratégias e Atividades Aplicadas em outros Cursos de Quíchua.....	92
5.2. Estratégias e Atividades Orais e Escritas Aplicadas ao Curso de Quíchua	93
5.2.1. Estratégias de Interação entre Estudantes	99
5.2.2. Atividades com Gêneros Textuais.....	101
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	124
PARTE II - VERSÃO EM ESPANHOL	130
I. INTRODUCCIÓN.....	131
1.1. Memorial del autor.....	131
1.2. Presentación del estudio.....	139
1.2.1 Justificación y objetivos	142
1.2.2. Estructura del trabajo	144
II. CONTEXTUALIZACIÓN SOCIOHISTÓRICA.....	147
2.1. El Quíchua en Sudamérica.....	147
2.1.1. El surgimiento del Idioma Quichua	150
2.1.2. El Idioma Quichua en el Perú.....	154
2.2. El Quichua en Ayacucho	155
2.2.1. La Región de Ayacucho	157
2.2.2. La Aldea de Condorsincca.....	160
III. LA FUNDAMENTACIÓN TEORICA	165
3.1. La lingüística del Contacto y la Sociolingüística.....	165
3.1.1. Contacto lingüístico e Idiomas resultantes del Contacto, Procesos de Transferencia, Interferencia, Influencia, Préstamos	166
3.1.2. Lenguaje, Dialecto, Nación, Diglosia, Bilingüismo, Estandarización .	170
3.1.3. Variación y Cambio. Lingüístico, Norma Lingüística y Variedades	172
3.2. De la Lingüística Aplicada a la Enseñanza y la Pedagogía.....	175
3.2.1. Pedagogía culturalmente sensible	177
3.2.2. Método Paulo Freire	178
3.2.3. Método lúdico.....	180
IV. DESCRIPCIÓN ESTRUCTURAL DE LA LENGUA QUICHUA	185
4.1. La gramática	185
4.1.1. Fonética y fonología.....	185
4.1.3. La Sintaxis.....	196

4.2. El Léxico	199
4.2.1. Los Nombres	199
4.2.2. Expresiones de Vocabulario	204
V. APLICACIÓN EDUCATIVA - EL CURSO DE QUICHUA COMO L2 EN BRASIL	206
5.1. Los métodos, estrategias y actividades aplicadas en otros cursos de quichua	207
5.2. Las estrategias y actividades orales y escritas aplicadas al curso de quichua	208
5.2.1. Las estrategias de interacción entre estudiantes	214
5.2.2. Las actividades con géneros textuales	216
5.2.2. Actividades con acciones manuales típicas	224
VI. CONSIDERACIONES FINALES	237

PARTE I- VERSÃO EM PORTUGUÊS

I. INTRODUÇÃO

1.1. Memorial do autor

Nasci em uma aldeia onde meus pais eram indígenas *quíchuas*¹, exclusivamente quíchua falantes e analfabetos, mas meus primeiros letramentos recebi deles, em casa, na Língua Quíchua. Por volta de 12 anos, já havia aprendido tudo que era necessário para a sobrevivência na aldeia, desde catar lenha, cozinhar, tecer um poncho e manta com as cores de arco-íris, semear e colher todo tipo de cereais da região, ler as horas através das estrelas e o sol, reconhecer mais de 50 tipos de milhos e batatas com suas respectivas utilidades, conhecer mais de 50 tipos de plantas medicinais com suas respectivas posologias, aprender mais de 50 canções em quíchua com seus respectivos significados e utilidades, damos sim as utilidades às canções, como por exemplo, quando pisamos as espigas do trigo em *qachwa*² (trabalho coletivo gratuito e noturno), deve-se cantar canções fortes de sapatear ou de pisar forte, porque as espigas do trigo são duras, mas quando se dança sobre as ervilhas se deve cantar suaves, porque as palhas da ervilha são fofas.

Figura 1-Pisada no trigo em qachwa de noite:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oxgUIIY72Qo>

¹ *Quíchua* é gentílico, língua indígena falada por alguns povos da América do Sul e a região onde moram os mesmos habitantes.

² *Qachwas* são atividades coletivas agrícolas nos andes do Peru, pisando sobre as espigas dos cereais para separar os grãos das palhas. São muito divertidas pelas brincadeiras, pela diversidade de suas comidas e bebidas gratuitas. E são praticadas nas noites.

Essas atividades realizávamos entre adultos e crianças, quando nós, as crianças, participávamos de acordo com nossas possibilidades ou já visualizávamos e treinávamos em nossas mentes as coreografias das danças. Assim escutávamos as melodias das canções harmoniosos e agitados. As grávidas dizem que suas barrigas ficam muito mais movimentadas com esses ritmos.

A aldeia onde nasci se chama *Condorsincca*³ (bico do condor), no Distrito de *Luricocha* (poço cercado de arbustos e de papagaios), na Província de *Huanta*, no Estado de Ayacucho, no Peru. Estudei o ensino primário em *Paccayhuaycco*⁴ (lugar de esconderijo) e o ensino médio no Centro Educativo “*Gonzalez Vigil*” de *Huanta*, no Peru. Fiz o curso de violão, *charango*⁵ e *quena*⁶, em Casona da UNMSM (Universidad Nacional Mayor de San Marcos), no Peru. Fiz também o Curso de Língua Sueca no *SFI (Svenska För Invandrare)*, na Academia *Eductus Nacka*⁷, em Estocolmo, Suécia e depois, já no Brasil, graduei-me em Pedagogia.

Na minha infância, eu ia caminhando junto com os companheiros quíchuas da vizinhança para a escola da aldeia de *Paccayhuaycco*, que ficava a aproximadamente 10 quilômetros de distância, desde a aldeia de *Condorsincca*. Apenas ali tinha uma escola de primeiro ano ao quinto (multiseriado), onde era ensinado o abecedário e os números. Todavia, o ensino do Espanhol era insatisfatório e sem sentido para o nosso povo, porque não havia um tradutor de Quíchua para Espanhol.

³ *Condorsincca* é uma aldeia no Distrito de *Luricocha*, com habitantes exclusivamente Quíchua falantes.

⁴ *Paccayhuaycco* é a aldeia vizinha de *Condorsincca*, seu significado é lugar de esconder-se.

⁵ *Charando* é um instrumento andino de cordas dedilhadas.

⁶ *Quena* é uma flauta primitiva, originalmente de tíbias de animais e depois de bambu, usado pelos índios andinos.

⁷ *Nacka* é uma cidade sueca da província histórica de *Sudermânia*.

Figura 2-A primeira escola do autor:



Fonte: https://www.google.com/se=escuela+ayacucho&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR870:

O transcurso do caminho para a escola era tão prazeroso para nós, as crianças, porque tudo que aparecia em nossa frente, pegávamos e engolíamos como *tunas*⁸, *tumbis*, *granadillas*⁹ e *guindas* (frutas andinas). O percurso era de duas horas de caminhada, porém acordávamos às 4 horas da manhã para preparar café e almoço juntos, porque a aula na escola começava às 8 da manhã e terminava às 5 da tarde. Comíamos, de manhã, sopas bem reforçadas como *siccu y patachi* (sopa preparada com charque, trigo, milho, fava e ervilha, todas com cascas) e levávamos para lanchar coisas que não estragavam, *cancha* (milho branco torrado) com queijo, *caputu* (fava torrada), *añas kanka* (charque de caça torrada), *chankaka* (rapadura de magué) e *machka* (cereais torrados e moídos misturados com rapadura). Esses mesmos grãos secos, torrados e moídos são alimentos de conserva, usados pelos viajantes de muitos dias y

⁸ *Tuna* é fruta de uma variante de cactos, típicas dos quíchuas na parte andina.

⁹ *Tumbos*, *granadillas* são frutas típicas andinas, algumas crescem no mato e outras são plantadas.

longas distâncias a pé, como, por exemplo, desde Condorsincca para Lima, que demora aproximadamente duas semanas de caminhada.

Figura 3-As frutas típicas de Condorsincca, os tumbis:



Fonte: <https://gofresh.pe/products/tumbo-x-500-gr>:

As turbulências da minha infância começaram quando meu pai passou a frequentar a cidade dos civilizados *Huanta*, onde, aos domingos, escutava a missa da igreja católica e o padre falava da perfeição humana, o que fazia com que meu pai regressasse para a aldeia cheio de raiva, porque ele percebia que seus filhos não eram perfeitos. Ele comprava na mesma cidade um chicote de três pontas com nó em cada ponta e de couro muito duro, e o levava à igreja para ser abençoado pelo padre com água benta. O chicote tinha três pontas em honra ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo que tira os pecados. Meu pai me batia com o chicote abençoado, para corrigir-me dos pecados, o que me fazia chiar eram os nós nas pontas do chicote, pois meu pai não percebia aqueles nós malditos, no entanto a minha mãe, sim, percebia aos quilômetros e chegava em um segundo para defender-me. Mas assim que meu pai dormia, a minha mãe dava para os cachorros o chicote abençoado, porque ela me aceitava com meus pecados naturalmente.

Na aldeia tudo era natural! A natureza oferecia o suficiente para a sobrevivência e para criarmos nossas ferramentas de madeira, de pedra e de argila. Inventávamos os brinquedos mais sofisticados com argila e madeira. O médico da família e dos animais era meu pai! Ele atendia desde uma mulher em trabalho de parto até a fratura de osso no corpo de algum menino da aldeia que caía de uma *wayllunka* (balanço de corda artesanal amarrado na árvore gigante para voar no ar, uns 10 a 30 metros de distância): “os ossos de qualquer criança coçavam e incitavam subir, cair e quebrar” (ditado Quíchua). Para saber as fraturas ou fissuras dos ossos, meu pai as diagnosticava com as mãos, pois as radiografias dactilas eram muito mais eficazes e rápidas na aldeia. A vantagem era que não se perdia o tempo viajando para o hospital da cidade, pois o enfermo era tratado no local. Um *chaman*¹⁰ cura por contato físico transmitindo a força cósmica e mental sobre a ferida, assim completando com as ervas fervidas para banhar e esterilizá-las, desde que o paciente participasse com sua espiritualidade, obedecendo todas as pautas, com certeza a sua recuperação seria satisfatória. Depois de um acidente, o osso quebrado ou ferida do paciente era diagnosticada e tratada imediatamente nos primeiros minutos pelo chaman. No entanto, quando o ferido era levado para a cidade, demorava-se um dia ou dois, então, o médico do hospital não dava nenhuma perspectiva de cura, pois a ferida chegava no estado de decomposição, e, muitas vezes, o médico tinha que amputar o órgão necrótico para evitar a infecção geral.

Meu pai me ensinava desde a leitura das estrelas até como usar as ervas para curar pessoas e animais, como fazer casa com paredes de barro, teto de casa com *ichu* (palha), colher de pau e panela de barro, como plantar milho, batata, oca e olluco com *chaki ta'klla* (instrumento para furar o chão, pisando com o pé e colocar os sementes ali); fabricar açúcar de magué-*paqpaupi* (um tipo de cacto grande parecido à babosa que produz, a cada dia, aproximadamente, um litro de *upi* (essência líquida doce), primeiro é furada em uma das folhas da planta em forma de reservatório no tronco para armazenar sua agave); buscar sal de pedra azul de uma rocha de uns 15 km de distância para comer e também para curar as feridas e hematomas das pessoas e animais.

¹⁰ *Chaman* é um curandeiro tradicional do xamanismo que possui contato com o mundo dos espíritos.

Figura 4-Magué-paqpaupi ou Agave Andino:



Fonte: <https://www.elcomercio.com/tendencias/dulce-cabuyo-salasaka-tungura-hua-intercultural.html>:

Meu pai me ensinava a interpretar as manifestações dos bichos da floresta, como, por exemplo, quando a raposa cantava no mês de agosto significava que aquele ano iria de ser de seca, então, era o momento de preservar os alimentos para o sustento até o outro ano. Depois havia a dança do condor no mês de agosto, que significava a abundância e já era para começar a plantar. Quando o *chusiq* (ave noturna pequena que acompanhava as almas benignas e malignas) cantava, era quando regressava o nosso ser querido depois de morto na data mais próxima de seu aniversário depois de seu falecimento, porque estaria faltando algum perdão ou simplesmente queria saborear alguma comida e bebida, e, por isso, tínhamos que oferecer perdões e oferendas que a essa alma gostava e fazíamos a sua despedida com muita música e canto em quíchua.

Os nossos pais quíchuas nos ensinam a falar com os animais nas aldeias andinas, como transmitir a expressão com sensibilidade para qualquer animal e ser identificados por eles para um trato de um ao outro: os *cuyes* (porquinhos da Índia) sabem perfeitamente cumprimentar quando alguém chega à casa, pois

eles chamam levantando a cabecinha; as *llamas*¹¹ (lhamas) sabem fazer um barulhinho de dentro da boca como querendo falar mesmo e os jumentos sabem rebusnar a cada encontro com seu dono e inclusive com seu parceiro.

Figura 5-Quwi-cuy (preá):



Fonte: <https://agraria.pe/noticias/peru-es-el-mayor-exportador-mundial-de-carne-de-cuy-particip-19294>.

Também nós, os quíchuas, aprendemos como encontrar as plantas e especiarias silvestres no mato pelo cheiro, pois algumas vantagens já as temos, pelo que a maioria das especiarias andinas se sentem pelo cheiro a alguns quilômetros de distância, como o *rupaywachi* (erva típica dos quíchuas, que se coloca na sopa de cevada), *wakatay* (erva típica dos quíchuas, para temperar a carne) e *anis andino* (erva típica dos quíchuas, se coloca no fundo da panela para cozinhar a pamonha).

Atualmente, eu conheço as duas faces da cultura indígena e branca, que não são tão fáceis de conciliá-las, porque o índio tem as raízes muito profundas, sua identidade, sua cultura, sua língua. O índio anda sempre carregado de energia da *pachamama*¹² (mãe terra), é como uma luz andante, aparece em todo

¹¹ As *llamas* são camelídeos sul-americanos. Se caracterizam por levar cargas, o uso de suas lãs, suas cores são diversas ou pintadas, são domesticáveis e são resistentes ao frio as vezes até abaixo de -0°C.

¹² Pachamama é uma deusa da fertilidade, cujas origens são encontradas na mitologia Inca.

lado, o problema é como lidar com essa responsabilidade, já que a sensibilidade do índio é intocável, que por sua ingenuidade foi enganado em muitas oportunidades e recebeu uma herança de opressão de mais de cinco séculos, qualquer ato positivo em benefício dos outros é plausível e impregnado até a alma do outro, pelo mesmo fato qualquer erro é trágico e é repugnante, será que um índio deveria ser perfeito? Mas ele é igual a qualquer um.

Observei, nas minhas andanças pelo mundo, que as culturas do primeiro mundo, como da *Escandinávia*, e a Andina são parecidas em suas respectivas qualidades de vida. Sendo a média de vida em ambas latitudes de aproximadamente 80 anos, e alguns habitantes passam de 100 anos. Os *escandinavos* cuidam de suas vidas pelo conhecimento científico e os andinos cuidam de suas vidas pelo conhecimento ancestral. Alguns escandinavos comem produtos ecológicos e se curam por meio deles, e alguns andinos comem os produtos ecológicos produzidos por eles mesmos e sabem quais são os alimentos que previnem as doenças, como, por exemplo, mascam a coca para se protegerem das doenças ósseas, comem o milho descascado com cinza, para evitarem o câncer de estômago e a gastrite; tomam chá de cevada ou emoliente, para se prevenirem de infecções urinárias, consomem antibióticos naturais como limão, alho, gengibre, sal azul e, assim, se curam do vírus da gripe e de algumas bactérias.

Agora entendo na sociolinguística e na psicolinguística, que a cultura e a língua se convertem híbridas em contato com a outra. A maioria dos povos indígenas sul americanas teve impostas suas culturas, crenças e religiões por seus colonizadores e seus catequizadores jesuítas. Assim, misturamos a religião católica com nossas religiões andinas, por exemplo, quando levávamos nossa *haywarikuy* (oferenda que se oferece dos melhores produtos do ano como frutas, cereais e flores), para a montanha *Apu*¹³ *Rasuwillka* (a montanha deusa mais próxima, quem nos protegeu de tudo), em agradecimento pela boa produção agropecuária do ano, acreditando que ela ajudou em intensificar a chuva. Então, o pago consiste na escolha dos melhores produtos do ano e colocados em uma cesta bem enfeitada com as flores mais bonitas e cheirosas. Logo enterramos

¹³ Na mitologia inca, o *Apu* é o nome dado aos poderosos espíritos da montanha.

essa oferenda embaixo dessa montanha na terra sagrada, rezando o “Pai Nosso” ajoelhados diante de uma das grutas. São poucos os povos quíchuas que se impõem por completo às crenças ocidentais, como alguns curandeiros ou pajés e as outras etnias que nunca tiveram contato com os brancos, a maioria mantém sua originalidade de suas culturas e crenças.

Figura 6-A imagem da montanha Apu Rasuwillka:



Fonte: [https://alchetron.com/Rasuwillka-\(Huanta-La-Mar\)#demo](https://alchetron.com/Rasuwillka-(Huanta-La-Mar)#demo):

Por outro lado, à medida que avançamos com nossos estudos primários, secundários e superiores, se faz necessário migrar para grandes cidades deixando os nossos conhecimentos ancestrais, ainda sentindo muito medo de errar perante os paradigmas da nova cultura. No começo não percebemos que levamos uma bagagem cheia de conhecimentos e que temos raízes profundas interligados diretamente com a *pachamama* e parentes. Não consideramos que temos uma própria cultura, expressão corporal, falamos com corpo e alma, transmitimos serenidade e honestidade o que nossos ancestrais ensinaram, e que temos nossas próprias músicas, vestimentas e culinárias.

Quando fui assistir aos seminários e defesas de tese de indígenas na Universidade de Brasília—UNB, chamou-me a atenção o fato de minha orientadora Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro perceber e expressar, durante sua participação em uma banca de uma indígena, que há uma modalidade diferente no discurso do indígena, pois a fala sai do corpo, com uma mensagem que chega à alma do outro. Assim foi no dia 15/08/2018, no Athos Bulcão da UNB, onde a palestrante indígena, Célia *Xakriabá*¹⁴, falou com uma linguagem desde sua ancestralidade e espiritualidade, atingindo o arrepio de seus ouvintes, fazendo chorar de emoção a maioria de seus interlocutores!

Constatei que alguns membros da academia têm sensibilidade para perceber não só os aspectos linguísticos, mas também a linguagem corporal indígena, deu-me ânimo para propor um trabalho voltado para o ensino da minha língua materna, a qual aprendi a falar em minha aldeia, mas nela não pude ser alfabetizado na infância, devido ao preconceito em relação aos falantes de quíchua que ainda vigoram no meu país de origem.

Assim, decidi ignorar as dores que a ferida cicatrizada superficialmente ainda me provoca e mergulhar nesse universo linguístico e cultural que evoca as minhas raízes, a minha história pessoal e a história de meu povo e investir na possibilidade de valorizar a minha língua, a minha cultura e o meu povo, por intermédio da pesquisa que leva ao ensino.

1.2. Apresentação do estudo

O presente trabalho está dirigido aos linguistas, antropólogos, sociólogos e profissionais que buscam aprimorar seus conhecimentos nos campos da língua, cultura e sociedade. A Língua Quíchua, como meio de comunicação, representa uma das culturas mais desenvolvidas no Continente Americano, como a cultura Inca e Pré-Inca, bem como as culturas maias, astecas, ocidentais e orientais, que existiram há milhares de anos que eram altamente evoluídas. Segundo Oliveira (2017), “os quíchuas foram os principais agentes do império incaico, que usaram a Língua Quíchua como a língua oficial”, disseminando por

¹⁴ Os *Xakriabá*, são indígenas que habitam no município de São João das Missões, MG.

todo o *Tawantinsuyu*¹⁵. Esse termo representa as quatro regiões unidas do sul de Colômbia até Rio Maule do Chile, com a administração política, cultural e linguística dos Incas. Tais regiões tinham organização Inca e eram administradas desde Cusco.

No mapa a seguir, pode-se visualizar a distribuição geográfica do *Tawantinsuyu*:

Figura 7-distribuição geográfica do *Tawantinsuyu*:



Fonte: <https://www.google.com.br/tawantinsuyu>.

O vocabulário “quíchua” tem sofrido muitas modificações morfológicas no transcurso do seu estudo, tradução e sua interpretação fonológica, o mais original é *qichwa*¹⁶, logo *kichwa*, quíchua e quéchua, mas a própria língua é *runa simi*¹⁷, (*runa* significa pessoa e *simi* significa boca), é similar ao espanhol, onde

¹⁵ *Tawantinsuyu*, traduzindo do Quíchua para o Português, quer dizer: *tawa*=quatro, *suyu*=região e as partículas do meio *n-tin*=apenas servem para interligar duas palavras.

¹⁶ O termo *qichwa* além da língua, significa vale e os habitantes que moram nesse território andino.

¹⁷ *Runa* é pessoa e *simi* é boca, traduzidas literalmente, e interpretando é a língua quíchua ou idioma.

o espanhol é o gentílico e sua língua é o castelhano. Na atualidade, a Língua Quíchua é uma das famílias de outras línguas indígenas da América do Sul.

Os Incas, a par em difusão da Língua Quíchua pelo imenso horizonte andino, destacaram-se também na engenharia agropecuária e arquitetura, construindo vários templos em Cusco e adjacências, uma das construções mais reconhecidas é Machu Picchu, classificada como uma das sete maravilhas do mundo. Eles foram originários das regiões entre o Lago Titicaca e a cidade de Qosqo¹⁸, no Peru. Pressupõe-se que a civilização inca remonte entre os séculos XIII a XV da era cristã, alcançando aproximadamente 20 milhões de habitantes, mas a invasão espanhola quase exterminou com eles no século XVI, os que fugiram ou se submeteram ficaram cerca de dois milhões de descendentes incas.

Figura 8-Machu Picchu, uma das sete Maravilhas do mundo:



Fonte: <https://www.todoestudo.com.br/historia/incas>

Segundo Aryon Rodrigues (1986), a Língua Quíchua e Aymarà são do mesmo tronco chamado *Quechumara*. A Língua Quíchua é um conjunto de dialetos pela região central no paralelo 11°S, Norte e Sul do Peru, pelo norte estende-se pelos andes peruanos, equatorianos e Amazônia e pelo Sul estende-se pelos andes do Peru, Bolívia, Noroeste da Argentina e do Chile.

¹⁸ Fonologicamente *Qusqu*, logo *Qosqo* e Cusco que foi modificado pelos escritores da língua espanhola e significa o umbigo do mundo.

Atualmente, há centenas de línguas indígenas no continente americano, entre elas a Língua Quíchua é falada por aproximadamente de 10.000.000 de habitantes quíchuas em vários países da América do Sul. Muitas palavras da Língua Quíchua são originárias dos andes, e passaram para outros idiomas através do espanhol.

1.2.1. Justificativa e Objetivos

Os estudos que têm sido desenvolvidos sobre a Língua Quíchua são importantes para o conhecimento de sua história, para as teorias sobre empréstimos de outras línguas que levam em consideração os componentes sociais e culturais de outros povos e suas línguas. Segundo Couto (1996), as línguas que passam por contato “intensivo” se transformam em outras línguas e demonstram a diversidade linguística que há no mundo. Foi o que aconteceu com a Língua Quíchua, que se diversificou em muitas línguas regionais.

Assim sendo, pesquisas e estudos sobre as línguas indígenas sul americanas têm muito a contribuir para as teorias das mudanças linguísticas em contato com as outras línguas tradicionais, tanto as motivadas por fatores internos, quanto as motivadas por contato. Por essa razão, entre outros aspectos, devem ser estudadas as transferências e interferências linguísticas com as outras línguas em situações em contato.

A relevância do ensino da Língua Quíchua como segunda língua em América do Sul é para entender a verdadeira história e sua contribuição significativa na sociedade mundial. Desse modo, é oportuno conhecer os aportes sociolinguísticos de palavras com denominações próprias desenvolvidas na Língua Quíchua, como na domesticação agrícola e pecuária, com dezenas de nomes próprios de milho, *quinua*¹⁹, *batata*, *maca*, *yacon*, como de abacaxi, amendoim, mamão, abóbora, mandioca, como o aproveitamento de várias plantas medicinais nativas de coca, mate, ayahuasca e unha de gato, como no grupo dos animais de lhama, alpaca, vicunha e *cuy*, nos alimentos processados

¹⁹ A *quinua* é uma espécie de planta nativa da região andina do Peru, Bolívia, Equador e Colômbia, onde foi domesticado há cerca de 3.000 a 4.000 anos para consumo humano, embora existam registros arqueológicos de uso de sementes não domesticadas para uso pastoril há cerca de 5.200 a 7.000 anos.

como charque, mote seca e *chunho*. A Língua Quíchua também se apropria de algumas palavras do Espanhol.

Figura 9-A colheita de quinua:



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/comida/1237334-quinoa-e-eleita-produto-do-ano-pela-fao>.

A Língua Quíchua é representante legítima da Cultura Inca e Pré-Inca, porque os Incas usaram-na como instrumento de comunicação e difundiram essa língua por todo o *Tawantinsuyu*. Atualmente, a Língua Quíchua está imersa na maioria dos países sul americanos, por isso é de grande relevância a sua aplicação educacional para o conhecimento sócio cultural, histórico e linguístico, como a consequente difusão desses conhecimentos em outros territórios e línguas.

Como é sabido, as línguas indígenas contribuem desde tempos remotos com a difusão de elementos de sua cultura e costumes, como, por exemplo, nomes de lugares, pessoas, plantas e de instrumentos musicais nativas, como das artes, músicas, danças e cantos, com diversidade de nomes das culinárias nativas, relacionados à saúde (comida sinônimo de alimentos preventivos e nutritivos).

Tendo-se apresentado a justificativa, doravante, apresentam-se os objetivos desta dissertação. Primeiramente, destaca-se que este trabalho tem como objetivo principal contribuir para o conhecimento histórico, social,

linguístico e educacional da Língua Quíchua. E, a partir desse composto de vários aspectos coadunados, organizar um curso para fomentar o ensino de Quíchua como L2 no Brasil, especificamente para falantes do Português Brasileiro como L1 na região central do país, onde localiza-se a Universidade de Brasília (UnB).

Em segundo lugar, destacam-se como objetivos específicos os seguintes pontos:

- a) recontar a história do povo Quíchua e, desse modo, apresentar as origens e teorias relativas à língua Quíchua, desde tempos remotos até a atualidade;
- b) descrever estruturas lexicais e gramaticais de origem Quíchua, buscando especificar o Quíchua Peruano, especialmente, a variedade Ayacuchana ou Quíchua Ayacuchano;
- c) revisitar a literatura antiga e atual sobre ensino de Língua Quíchua como L1 e como L2 no Peru e em Ayacucho;
- d) elaborar um curso para o ensino de Quíchua como segunda língua, para falantes de Português como primeira língua L1.

1.2.2. Estrutura do trabalho

Diante das justificativas dadas e para atingir os objetivos propostos, este trabalho estará organizado em seis partes estruturais:

O primeiro capítulo introduz o atual estudo por meio da apresentação do memorial do autor em primeira pessoa, por tratar-se da exposição de um olhar pessoal de um pesquisador, um falante nativo de Quíchua, que, em assim sendo, tem a apresentar algo peculiar da região dos Andes, que demonstra fatos originais, para o conhecimento sociocultural e sua diversidade ancestral. Em seguida, são apresentadas as justificativas e objetivos do estudo.

O segundo capítulo aborda a contextualização sociohistórica da Língua Quíchua na América do Sul, o surgimento desta língua, sua extensão geográfica dentro dos países sul americanos e seus povos em contato. Desde os tempos antigos até atuais, visualizando suas diversidades linguísticas, suas estruturas geopolíticas.

O terceiro capítulo trata, primeiramente, da fundamentação teórica de temas da Linguística do Contato e da Sociolinguística que comporão a base para o estudo do Quíchua, a saber: contato linguístico e seus resultados, língua e dialeto, diglossia e bilinguismo, code-switching, transferência e interferência linguística, variação e mudança linguística, norma linguística, variedades desprestigiadas e padronização. Na sequência, ele contempla temas relacionados à Linguística aplicada e Educação, focalizando as pedagogias e métodos educacionais existentes.

O quarto capítulo desenvolve a composição estrutural da Língua Quíchua, a parte gramatical da fonética e fonologia, morfologia e sintaxe de um modo geral, além de descrever a parte lexical do sistema linguístico do QA. Entre esses elementos, incluem-se: o sistema segmental silábico e acentual, morfossintaxe na visão geral, formação vocabular, empréstimos e funções, relação de palavras culturais e da sociedade, nomes de objetos, animais, cores, fenômenos da natureza e atividades humanas, expressões Interjetivas e expressões vocabulares típicas na Língua Quíchua.

O quinto capítulo compreende, em primeiro lugar, a temática da Aplicação Educacional do conhecimento socioestrutural estudado até aqui. Assim sendo, tratará da revisão da literatura e educação da Língua Quíchua do Peru como língua materna, envolvendo as questões relacionadas à convivência entre variedades de Quíchua e o espanhol peruano e o ensino regular dessa língua diante das variedades linguísticas coexistentes. Além disso, serão abordadas questões relativas ao ensino de Quíchua como L2. Em segundo lugar, o estudo tratará da composição do material didático para o ensino do Quíchua como segunda língua, apresentando métodos, estratégias e atividades específicas: estratégias de interação entre estudantes, atividades com gêneros textuais, músicas folclóricas e atuais, filmes e literatura tradicional, atividades com ações manuais típicas como artesanato, culinária com diversos produtos e pratos, remédios e temas da espiritualidade andina.

O sexto capítulo abará o resumo geral sobre a Língua Quíchua dessa dissertação— sua história, sua língua, bem como a aplicação educacional desse conhecimento ao curso de Quíchua como L2 no Brasil. Logo, ele trará as

considerações finais do trabalho como um todo. Encerrando com um poema que remete diretamente aos cantos quíchuas.

II. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOHISTÓRICA

2.1. O Quíchua na América do Sul

O Quíchua (originalmente *Qichwa*), além do gentílico e língua, significa também o território andino de gramados e de arbustos miúdos, que possibilita o fácil deslocamento dos quíchuas, que caminham até milhares de quilômetros de ida e volta, encontrando-se com outros povos quíchuas e inclusive com muitas outras etnias de outras línguas. A comunicação é fácil pelo contato contínuo das outras línguas, dentro e fora do meio geográfico do *Tawantinsuyu*, dessa forma os quíchuas interagem com outros povos no intercâmbio sociolinguístico, sociocultural e sociohistórico. Segundo Calvet (2002), assegura que a linguística é a mesma sociolinguística, como as atitudes linguísticas possuem um profundo enraizamento social.

Indd (2012) afirma que a Língua Aimará e Quíchua foram as línguas mais desenvolvidas na época em que foi fundada a cidade de *Cusco* (o umbigo do mundo), por *Manco Capac e Mama Ocllo*²⁰. O povo quíchua foi administrado politicamente e linguisticamente pelos Incas até a chegada de seus colonizadores. Em todo o território de *Tawantinsuyu*— as 4 regiões centradas na Cordilheira dos Andes, incluindo maior parte do atual Equador e Peru, sul e oeste da Bolívia, noroeste da Argentina, norte do Chile e sul da Colômbia se falava Quíchua. Há vários vestígios de que os Incas usavam oralidade e a escritura através dos *quipus* (fios de várias cores e com diferentes nós de diferentes formas, que descreviam os textos). Em Quíchua, existem palavras e nomes da escritura e dos profissionais: *Wiracochas* (catedráticos, sábios ou dioses), *amautas* (professores), *chaski* (carteiro, que levava os documentos em forma de quipus), *yachay wasi* (escola ou universidade), *pukllay wasi* (lugar de brincar ou jardim de infância) e *qilqay* (escrever ou fazer quipus).

O povo Inca era considerado como os senhores dos Andes. O sol era seu ancestral comum, adorado como o intermediário entre o céu e a terra. A cidade de *Cusco* representava o centro do Império, a montanha sagrada dos antigos; o

²⁰ *Manco Capac e Mama Ocllo*, segundo a mitologia foram os fundadores da cidade de *Cusco*, que na língua dos incas significa umbigo.

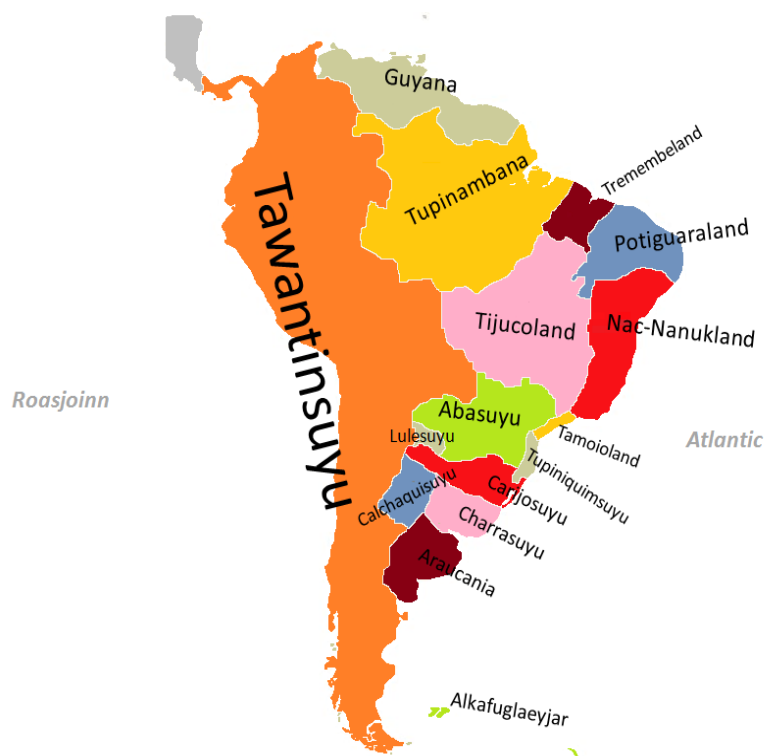
coração geográfico, religioso, político, econômico, militar, cultural e linguístico dos Quíchuas (INDD 2012, p. 90).

A Língua Quíchua foi disseminada oficialmente pelos incas, junto com a expansão dos territórios divididos em quatro regiões para administração política, o *Tawantinsuyu* (vide mapa no cap. I). Segundo Oliveira (2017), as evoluções religiosas e culturais dos incas eram inclusivas, que davam às pessoas um sentido de vida, dando a formação profissional nas jurisdições onde chegavam, administrando desde a cidade de Cusco (Centro do Universo Inca), usavam como meio de comunicação a Língua Quíchua, em todas as comunidades altos e baixos andinos, até o século XV.

O *Tawantinsuyu*, com a divisão dos países, ficou dentro do Peru, Bolívia, Equador, Sul da Colômbia, Norte de Chile e Noroeste da Argentina, onde os povos indígenas continuam falando na Língua Quíchua, com algumas variações linguísticas.

Isso pode ser observado no mapa a seguir:

Figura 10-Tawantinsuyu:



Fonte: <https://www.google.com.br/search?rlz=1C>

Entretanto, constatou-se que a Língua Quíchua está incorporada em várias línguas indígenas brasileiras, porque houve difusão, espalhamento das variedades do Quíchua no Brasil. Na Amazônia, Alto e Baixo Solimões, Cabral (1995), identificando qual variedade do Quéchua e em que momento da história da língua *Kokáma*²¹ teria havido influência da primeira sobre esta última.

Pereira (2016) informa-nos que, na parte Central dos Andes, desde as terras altas do Peru, Bolívia, Chile e Argentina, são faladas a Língua Quíchua e Aymará. Elas também são faladas no Norte da Amazônia da Venezuela, Brasil, Guina Inglesa, Suriname e Guiana Francesa, recorrendo as partes inferiores do Rio Amazonas, até o norte do Mar do Caribe. Por essas regiões, as línguas indígenas em contato misturam-se entre elas. Como exemplo, temos o Karibe, Arawak, Yanomami, Tupi-Guarani e muitas línguas crioulas, formadas pelo contato com as línguas europeias, amazônicas e africanas.

Pereira (2016, p. 35), nas linhas abaixo, oferece visão geral desse contexto nos Andes Central (AC):

Esta região abrange desde as terras altas do Peru, passando pela Bolívia, pelo deserto do Atacama, no Chile, além de parte da Argentina. São faladas, nessa região, as línguas indígenas das famílias Quichua e Aymara, além de outras famílias menores, como a Uru-Chipaya e a Hibito-Cholón. Oeste da Amazônia (doravante OAm): Esta é a região que comporta os territórios do oeste do Brasil, da Colômbia e de parte do Andes venezuelano, circundadas pela floresta Amazônica, além da porção norte peruana e boliviana, na altura do rio Madre de Dios (Peru). Dentre as famílias linguísticas espalhadas por esse território, estão a Arawak, Pano, Tukano, Jívaro, dentre outras, além de algumas famílias menores, como a Peba-Yaguan, a Cawapana etc.

Segundo Melatti (2004, p. 16), “línguas Axaninca, Piro, Maxiguenga, kokáma e Amuexa são faladas por povos indígenas que vivem na Amazônia peruana”. Os falantes do Piro e do Axaninca do Peru, migraram para o estado brasileiro do Acre. Assim a Língua Quíchua se dissemina nos territórios vizinhos, expandindo-se em outros países e povos em contato.

Segundo Schmidt (2016, p. 03), “As primeiras leis direcionadas para a extinção dos quipus foram criadas no Terceiro Concílio de Lima, em 1583”. Há provas contundentes que existiam professores, alunos, escolas e universidades

²¹ Os kokámas são um grupo indígena que habita a Amazônia do alto rio Solimões, até o médio Solimões, no estado brasileiro do Amazonas.

no período dos incas, porque existem nomes das profissões e instituições, em onde se lecionavam: *yachay*-saber, *qillqay*-escrever uma mensagem, *Yachaq*-aluno, *Amauta*-professor, *Wirakucha*-catedrático ou algum ser superior, *Yachaywasi*-escola, universidade. *Chasqui*²² era o carteiro que corria de um povo para outro levando os documentos em *quipus*-nós em fios coloridos e voltava trazendo outros documentos.

A partir do século XVI, os quíchuas e outros povos das ameríndias foram hostilizadas e tiveram suas culturas transformadas, de acordo com os interesses de seus colonizadores, aniquilados os sábios da época e queimados os *quipus* (documentos). Por isso, são difíceis as comprovações para os pesquisadores, e essa situação desperta muitas interrogações, como as que se faz por ocasião da escrita deste capítulo: como saber com exatidão as histórias e suas cronologias, os acontecimentos pré-coloniais? Em quem acreditar— nos antepassados ancestrais que comentam na sua oralidade ou na ciência e os livros escritos pelos seus colonizadores?

Severo (2016, p. 19) reforça parte do parágrafo anterior, quando diz:

(...) o período colonial na América, entre os séculos XVI e XIX, produziu uma profusão de instrumentos linguísticos, além de traduções de textos e gêneros cristãos para as línguas indígenas, que podem ser tomados como signos coloniais.

Para Flores (2018, p. 124), a “América Indígena, tanto a pré-colombiana (12 de outubro de 1492) como a pré-cabraliana (22 de abril 1500), será convertida no lugar por excelência da contradição dialética”. Em que os povos indígenas sul americanos no pleno século XXI, acreditam-se que vivem em um mundo ao contrário, que, na Língua Quíchua se chama *pachacuti* (reviravolta do mundo).

Além das perdas das riquezas culturais, foram comprovadas as transformações sociolinguísticas e neurolinguísticas, tanto na oralidade e na escrita, como a troca de vogais “e” por “i”, “o” por “u”, inclusive vice-versa, pelas inseguranças causadas por falta de estudos nas próprias línguas, segundo Hitz

²² *Chasquis* eram ágeis e habilidosos corredores que se revezavam, de um posto ao outro. Seus objetivos eram de levar as mensagens nos *quipus*.

(2008), através da análise dos erros dos alunos ficam evidentes os fatores sócio-ecológicos que interferem na escrita dos alunos.

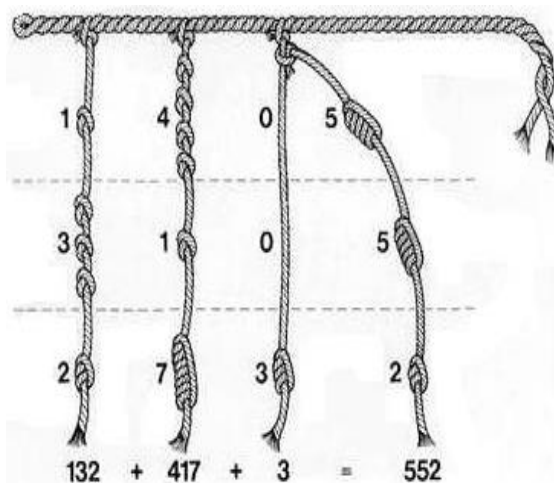
2.1.1. O Surgimento da Língua Quíchua

Sobre o surgimento da Língua Quíchua, ainda há muitas controvérsias, em consequência da queima de arquivos dos *quipus* (documentos incaicos), que foram destruídos pelos conquistadores. As pessoas que sabiam ler esses documentos foram exterminadas, por terem sido reconhecidas pelos seus títulos que levavam nas orelhas, usando como brincos de madeiras especiais, de tamanhos diferentes de acordo com sua graduação educacional. Quando concluíam a educação primária levavam um brinco muito fina. Na educação secundária um brinco normal, na superior a espessura já era maior e a dos catedráticos ainda eram mais grossos. Por isso, nos *quipus* apenas foram decifrados os códigos referentes aos números. Há vestígios que as palavras na Língua Quíchua foram desenvolvidas, há aproximadamente de 15 000 anos a.C., como as provas na gruta de *Pikimachay* no estado de *Ayacucho*:

Figura 11-Textos em nós (quipus):



Figura 12-Número em nós (quipus):



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=quipus>.

Na Gruta de *Pikimachay*²³, Ayacucho, foram encontrados ossos humanos junto a ossos de preás, isso demonstra que o homem teria domesticado o preá. Esse mesmo homem teria sido enterrado por um pedaço da gruta que desabou, (YATACO, 2011, p. 247):

Os lugares arqueológicos de *Pacaicasa* e Ayacucho, a gruta de *Pikimachay* constituíram as habitações mais controversas no Pleistoceno final, com supostos conteúdos dos restos da atividade humana mais antiga dos Andes Centrais. Devido a poucas publicações sobre as evidências dessas descobertas, as ferramentas líticas e ósseas reportadas, instauram-se em una revisão dos restos com objetivos de avalia-los os detalhes. De maneira específica, que poderiam estudá-los as reminiscências guardadas no Museu da Arqueologia e Antropologia da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, as soluções preliminares documentaram tecnologias líticas, inclusive dos ossos e sinais no corte antropogênico. A verificação com o rádio carbônico do datado procedente na área de Ayacucho, marcou um período entre 15.781 e 14.886 a.C. (traduzido por mim)²⁴.

Segundo Perroud (1972, p. 05), a Língua Quíchua ou chamado também como Runa-Simi (a linguagem do homem). Os dados históricos mostram que a chegada dos primeiros homens para a América do Sul, foi para *Andawaylas* (primeiro capital do Peru), ao longo dos rios Amazonas, *Ucayali* e *Apurimac*. Posteriormente, os habitantes foram invadidos pelos *chankas* e expandiram-se para outros estados, compostas pelos estados de Ayacucho, *Huancavelica* e Apurimac. Por isso, a descrição estrutural da Língua Quíchua teria começado nessa região e disseminado para outras, inclusive para outros países, naturalmente sofrendo as interferências linguísticas pelo contato de outras línguas indígenas.

²³ *Pikimachay* uma das grutas dos habitantes de Ayacucho, escavado nos anos 70 pelo renomado arqueólogo R. McNeish. Uma das provas mais antigas (entre 20.200 e 14.700 anos antes do presente).

²⁴ Los estratos denominados complejos Pacaicasa y Ayacucho de la cueva de Pikimachay constituyen las ocupaciones más controversiales del Pleistoceno Final por contener, supuestamente, los restos de actividad humana más antiguos de los Andes Centrales. Debido a la pobre presentación de las evidencias en las escasas publicaciones que trataron del hallazgo, se puso en tela de juicio las presuntas herramientas líticas y óseas reportadas. Por consiguiente, se impuso una revisión de los restos con el objeto de evaluarlos en detalle. De manera específica, se pudieron examinar los restos guardados en el Museo de Arqueología y Antropología de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos y los resultados preliminares documentaron tecnologías líticas e, incluso, huesos con probables huellas de corte antropogénico. La corrección radiocarbónica del fechado procedente del complejo Ayacucho arrojó un lapso entre 15.781 y 14.886 cal AC.

Antes da chegada dos Incas no Cusco, a Língua Quíchua já estava disseminada pelas extensas comarcas do futuro *Tawantinsuyu* (os Quatro Estados-Unidos, constituídos pelos Incas), pela imigração dos mesmos quíchuas. Quando o Inca *Wayna Capac*²⁵ chegou para o Equador, os habitantes de muitas regiões já falavam quíchua. Os Incas continuaram difundindo a Língua Quíchua por todo o Império do *Arco Iris*²⁶.

Figura 13-A bandeira dos Incas (*wiphala*) com sete cores de arco-iris:



Fonte: https://www.google.com/search?rlz=1C1GGRV_enBR752BR752&biw=1242&bi:

Yataco (2011) afirma a existência da Língua Quíchua antes da formação do Império Incaico, foi comprovada por vários antropólogos e especialistas, muitas designações de objetos, animais e culturas Pré-Incas foram encontradas na língua quíchua nessa região, como na cultura *Huari*, *Huamanguilla*, *Pacaicasa* e *Huarpa*. A partir do século XIII, os Incas difundiram a Língua Quíchua por todo o *Tawantinsuyu*. A Língua Quíchua entre os indígenas se denomina: *runa simi* (linguagem humano).

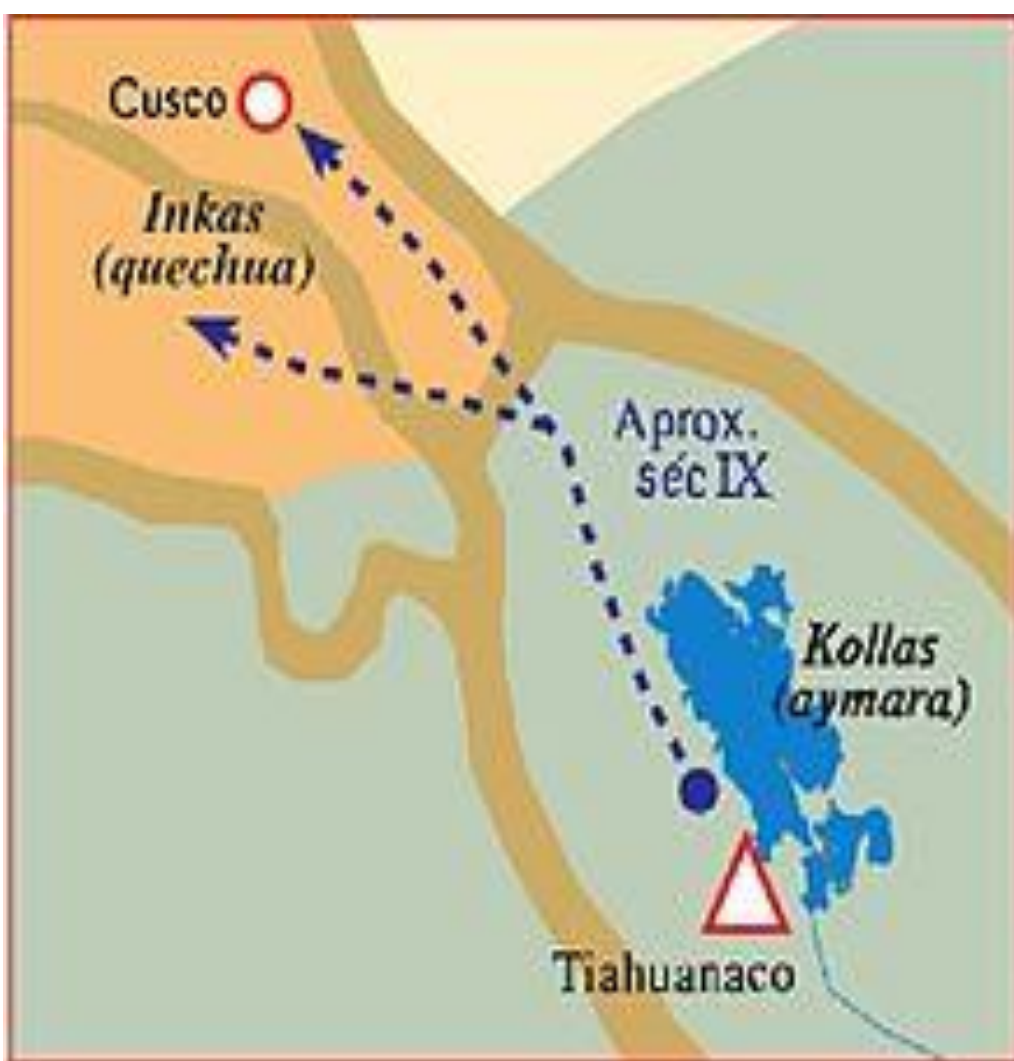
²⁵ Inca Wayna Kapac foi o décimo-primeiro e penúltimo governante do Império Inca.

²⁶ Arco-íris, reverenciado nas regiões andinas como divindade servidora do Deus-Sol.

O Quíchua é uma das famílias de Línguas Indígenas da América do Sul. Seu tronco linguístico foi desenvolvido junto com a Língua *Aimará*²⁷. Os habitantes da Cultura *Huanca*, situado no *departamento* (estado) de *Junin*, no Peru, já falavam quéchua antes dos incas. Desse modo, há muitos vestígios encontrados na Cultura Chanca, que atualmente estão situados nos departamentos de Huancavelica, Ayacucho e Apurímac, no Peru.

No mapa demonstrativo a seguir, há indícios de que os Incas e os Quíchuas já existiam no século IX, entre o Lago Titicaca e a cidade de Cusco:

Figura 14-Mapa de Cusco:



Fonte: <https://www.google.com.br/quíchua>.

²⁷ O Aimará é uma língua falada de pessoas da etnia aimará, principalmente no Peru, na Bolívia.

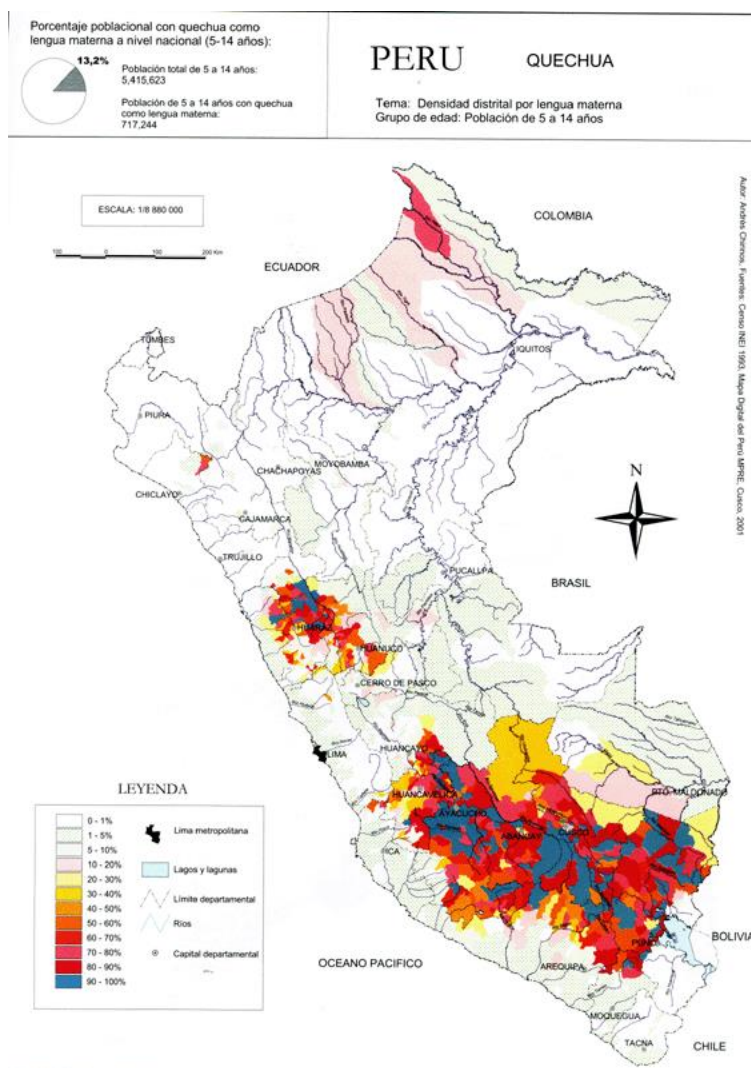
Melatti (2014, p. 15) completa esse subitem com a seguinte informação:

A família Quéchuua e a família Aimara costumam ser reunidas num tronco chamado Quechumara. Entretanto, Paul Heggarty, no seu site Quéchuua, apoiado também em outros estudiosos, afirma que, no estado atual dos conhecimentos, ainda não se pode decidir se os paralelos entre Quéchuua e Aimara se devem a uma origem comum ou se a convergências decorrentes de sua vizinhança espacial.

2.1.2. A Língua Quíchuua no Peru

Os habitantes que falam a Língua Quíchuua em maior quantidade estão no Peru, como pode ser visto pela exposição do seguinte mapa:

Figura 15-Falantes de Quéchuua como língua materna:



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+del+peru+quechua&rlz:>

A população quíchua peruana abrange maior percentual no seu território do antigo *Tawantinsuyu*, conforme na citação abaixo:

Cerca de 50% da população peruana é indígena, de ascendência preponderantemente quéchua e aymara. Os habitantes das montanhas, indígenas e camponeses, distinguem-se pela conservação de tradições ancestrais, por comunicarem-se em quéchua e por sua cosmovisão. Amam profundamente a terra, definem-se como parte dela e por isso dão-lhe continuamente oferendas para honrar sua origem, bem como às forças da natureza e aos deuses. Ao lado de Inti, o Sol, Pachamama, a Mãe Terra, compõem suas principais deidades. Inti fecunda, Pachamama germina (INDD, 2012, p. 145).

No Peru, INEI (2009) calculou aproximadamente 60 etnias, incluindo os quíchuas e treze famílias linguísticas, com cadastros geográficos e cartográficos para estudos antropológicos. Para esse estudo foram visitadas 1786 comunidades indígenas peruanas, encontrando a maioria das diversidades étnicas nas regiões amazônicas. As famílias linguísticas agrupadas nessas regiões compõem o total de sessenta etnias, segundo estudos antropológicos, conforme descrito por INEI (2009, p. 07):

Amuexá, Asháninka, Ashéninka, Caquinte, Chamicuro, Culina, Matsiguenga, Nomatsiguenga, Piro e Resígaro (Família Arahuaça); Chayahuita e Jebero (Família Cahuapana), Amarakaeri, Arazaeri, Huachipaeri, Kisamberi, Pukirieri, Sapitieri e Toyoeri (Família Harakmbut); Bora, Huitoto-Meneca, Huitoto-Murui, Huitoto-Muiname e Ocaina (Família Huitoto); Achual, Aguaruna, Candoshi-Murato, Huambisa e Jíbaro, (Família Jíbaro); Amahuaca, Capanahua, Cashibo-Cacataibo, Cashinahua, Cujarenho, Isconahua, Mayoruna, Morunahua, Parquenahua, Pisabo, Marinahua, Mastanahua, Sharanahua, Shipibo-Conibo e Yaminahua (Família Pano); Yagua (Família Peba-Yagua), Lamas, Quíchua e Kichwaruna (Família Quéchua); Aguano, Tikuna e Urarina (Família sem classificação); Ese'Ejja (Família Takana); Muniche, Orejón e Secoya (Família Tucano); Cokáma-Cocamilla e Omagua (Família Tupi-Guaraní); Arabela, Iquito e Taushiro (Família Zaparo)²⁸. (traduzido por mim).

²⁸ Amuesha, Asháninka, Ashéninka, Caquinte, Chamicuro, Culina, Matsiguenga, Nomatsiguenga, Piro y Resígaro (Familia Arahuaça); Chayahuita y Jebero (Familia Cahuapana), Amarakaeri, Arazaeri, Huachipaeri, Kisamberi, Pukirieri, Sapitieri y Toyoeri (Familia Harakmbut); Bora, Huitoto-Meneca, Huitoto-Murui, Huitoto-Muiname y Ocaina (Familia Huitoto); Achual, Aguaruna, Candoshi-Murato, Huambisa y Jíbaro, (Familia Jíbaro); Amahuaca, Capanahua, Cashibo-Cacataibo, Cashinahua, Cujareño, Isconahua, Mayoruna, Morunahua, Parquenahua, Pisabo, Marinahua, Mastanahua, Sharanahua, Shipibo-Conibo y Yaminahua (Familia Pano); Yagua (Familia Peba-Yagua), Lamas, Quichua y Kichwaruna (Familia Quichua); Aguano, Ticuna y Urarina (Familia Sin clasificación); Esce'Ejja (Familia Tacana); Muniche, Orejón y Secoya (Familia Tucano); Cocama-Cocamilla y Omagua (Familia Tupi-Guaraní); Arabela, Iquito y Taushiro (Familia Zaparo).

2.2. O Quíchua em Ayacucho

Ayacucho representa uma das culturas mais antigas da América do Sul a chamada Cultura *Chanca*²⁹. Segundo Carré (2015), o Quíchua Ayacuchano ou Chanca, teve sua estrutura gramatical semelhante ao de outras regiões andinas do Peru, pelo Norte no Equador, em várias províncias, pelo Sul na Bolívia e pelo Norte na Argentina, também em várias províncias.

De acordo com Yataco (2010), Ayacucho está entre os quatro primeiros lugares na distribuição percentual dos falantes quíchuas no Peru, como se vê na tabela descrita a seguir:

Tabela 1:

Ayacucho	80%
Apurímac	76%
Huancavelica	66,5%
Cusco	63,2%

Fonte: https://www.academia.edu/2396270/The_Quechua_Language_sociolinguistics_ecology_of_language:

Basicamente, em termos estruturais, o Quíchua Ayacuchano se caracteriza pelo uso de três vogais a, i, u; apesar de os cronistas e os escritores quichuistas escreverem com as cinco vogais a, e, i, o, u. Assim, as crianças se acostumam a falar sua primeira Língua Quíchua, pronunciando com “u” ao em vez de “o”, com “i” ao em vez de “e”, ou seja, pronunciam dedo = didu, Pedro = Pidru. Isto, com certeza, causa muitos traumas psicolinguísticos às crianças quíchuas. As crianças quíchuas quando começam a frequentar à escola, onde apenas se ensina em idioma espanhol, se confundem frequentemente com essas vogais e sofrem *bullying* por parte de seus coleguinhas da cidade. Em Ayacucho, quando uma criança se equivoca na fala de algum termo em Quíchua, as outras chamam de *Chutu*, que é sinônimo de índio ou de ignorância. Esse apelido *chutu* causa igual ou mais constrangimentos às crianças quíchuas, do

²⁹ *Chanca* é a etnia e cultura, ocupa a maior parte do departamento de Ayacucho, que surgiu antes dos incas e da colonização.

que chamar de ignorantes, porque a palavra *chutu* é discriminatório e classificador da etnia.

A autora equatoriana, Consuelo Yanez (1982), também usa somente três vogais em seu livro intitulado: “*Nukanchik Llaktapak Shimi*”. Nessa perspectiva, o Quíchua Ayacuchano é compreensível pela maioria dos povos quíchuas do Peru e de outros países. Nesse trabalho, tem-se observado as variações linguísticas fonológicas da Língua Quíchua e as diferenças ortográficas escritas em cada região. Por exemplo, a frase de acima entre aspas, em Quíchua Ayacuchano é: “Ñuqanchik Llaqtapaq Simi”, traduzindo as palavras significam exatamente iguais, inclusive os sons são muito parecidos, mas já são considerados como as palavras do Quíchua Equatoriano.

2.2.1. A Região de Ayacucho

Ayacucho é um dos estados do Peru, situado no sul do país, com cerca de 700 mil habitantes, sendo a maioria de seus habitantes quíchua falantes de Espanhol ou bilíngues de Quíchua e Espanhol. Ayacucho está localizada nas coordenadas, “13° 9' 47" S “74° 13' 28" O, com uma área total de 43 821.08 km², com uma altitude que varia entre os 500 até 5 000 metros.

No mapa a seguir, pode-se visualizar o estado de Ayacucho:

Figura 16-Estado de Ayacucho:



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=Ayacucho>.

Na região de Ayacucho, encontram-se vestígios de desenvolvimento humano mais antigo da América do Sul, onde foram encontrados os ossos humanos e de preás, desde aproximadamente 20 mil anos a.C., em zonas arqueológicas de *Pacaicasa*, *pikimachay*, *wari*³⁰ e *Pokra*³¹, tanto nas denominações de lugares e objetos na Língua Quíchua, como pecuários e agrícolas nas grutas de *Pikimachay*. Conforme Gordon (1990, p. 02):

Em uma análise arquitetônica dos lugares administrativos imperiais do *Wari* e da arquitetura da cidade do *Chan Chan*, capital do império *Chimu* da costa norte peruana, encontra-se notáveis semelhanças. As mudanças arquitetônicas desde os centros cerimoniais dominados pelo *Chancho* de *Pirâmides* da Cultura Moche (100 A. C.-650 d.C.), na forma da cidade do Período Intermédio Tardio *Chimu* (900-1476 D. C.), pode-se notar uma imitação consciente do estilo prestígio imperial *Wari*. Esta pesquisa mostra que o resultado é provável, não obstante que teve uma imitação da cultura *Wari*³² (traduzido por mim).

Ayacucho goza o privilégio de muita diversidade cultural, agropecuária, artesanal e olaria, por razões de suas variações de altitudes, de montanhas e climas, que variam desde -10°C até 40°C., desde as cordilheiras dos andes até as zonas selváticas. Dessa forma, suas paisagens geográficas e cartográficas são diversas.

Em suas montanhas mais altas o frio é intenso, pelo que suas produções pecuárias e agrícolas são diferenciadas de acordo com suas altitudes e fusos. Dessa forma, criam-se animais que têm as lãs mais grossas nos lugares de climas de cerca 0°C., como *lhamas*, *alpacas*³³, *vicunhas*³⁴ e *guanacos*³⁵; plantam-se um grupo de batatas, favas, cevadas entre outras as que se adaptam ao clima desses lugares.

³⁰ *Wari* foi uma civilização que surgiu no ano 500 com a fusão de dois estados na América Pré-Colombiana, atual no estado de Ayacucho, Peru.

³¹ A cultural *Pokra* e *Chanka* encontram-se nos departamentos do Ayacucho, Apurímac e Huancavelica.

³² No original: En un análisis arquitectónico de los sitios administrativos imperiales Wari y de la arquitectura ciudadela de Chan Chan, la capital del imperio Chimu de la costa norte, se puede ver semejanzas notables. El cambio arquitectónico desde los centros ceremoniales dominados por el chancho de pirâmides de la cultura Moche (100 A. C.-650 D. C.), a la forma ciudadela del Período Intermedio Tardío Chimu (900-1476 D. C.), se puede ver como una resulta de una imitación consciente del estilo prestígio imperial Wari. Este estudio demuestra que esta imitación es una resulta probable, no obstante, si hubo o no una invasión Wari.

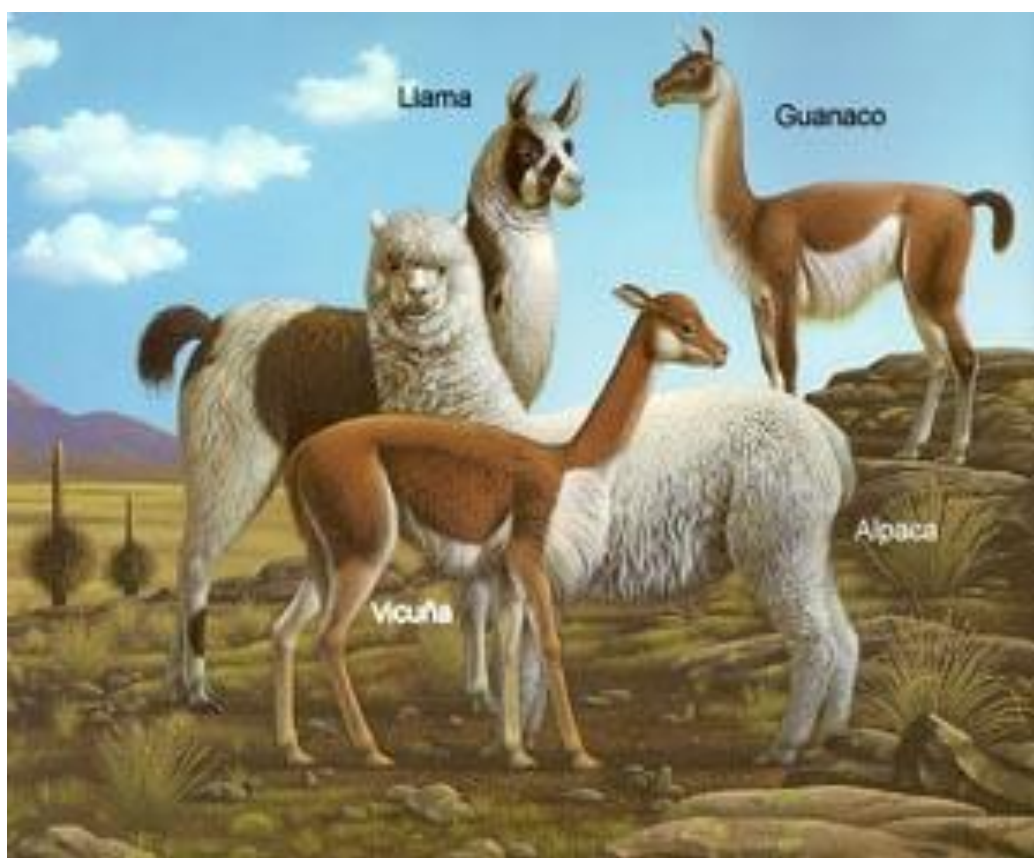
³³ As *alpacas* são animais da família dos camelídeos. Se caracterizam por suas lãs de alta qualidade protetora contra o frio, suas cores são homogêneas e são domesticáveis.

³⁴ As *vicunhas* são animais da família dos camelídeos. Se caracterizam por suas lãs, suas cores são homogêneas, por seus corpos atléticos, porque não são domesticáveis.

³⁵ Os *guanacos* são animais da família dos camelídeos. Se caracterizam por suas lãs, suas cores homogêneas, por seus corpos atléticos, porque não são domesticáveis.

Os habitantes desses lugares mais altos também constroem suas casas de parede de terra bem grossa apenas com uma porta e sem janelas, as vestimentas são de lãs de *lhamas*, *alpacas* e tecidas a mãos. Além das roupas, tecem-se também os ponchos e mantos bem grossos para cobrir o corpo inteiro, que, no momento do uso, sentem-se como umas paredes finas sobre as costas ou nas pernas. Assim mesmo, fazem parte do artesanato por suas características coloridos e até com nomes inseridos na tecelagem. Apenas os animais que têm as lãs grossas adaptam-se a esse ambiente:

Figura 17-Animais da região:



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=ayacucho+camelídeos>.

Os quíchuas ayacuchanos também produzem e usufruem de artes, músicas, danças e outras atividades culturais. Os ritmos musicais de cada território são próprios, inclusive distinguindo-se entre as aldeias com suas vestimentas bem coloridas e seus instrumentos musicais diferentes. Entretanto, suas culinárias mudam entre as aldeias também. Para cada motivo os ritmos

musicais são usados, como suas comidas acompanham esses motivos. Para os quíchuas ayacuchanos a presença de mais quantidade de grupos folclóricos e variedades linguísticas significam uma boa festa, sendo oferecidas gratuitas a alimentação e alojamento para todos os visitantes pelos organizados. Se houver a presença de mais de 50 grupos diferentes nessa festa, então é considerada como a melhor do ano.

2.2.2. A Aldeia de Condorsincca

Condorsincca é a minha aldeia natal. O significado completo é o bico do condor, porque o sufixo *sincca* significa nariz e bico se tratar de animal. Esta aldeia no alto dos andes contava com cerca de sessenta e cinco habitantes, exclusivamente quíchua falantes. Está localizada a 2 800 metros de altitude dentro do Distrito de *Luricocha*, Provincia de *Huanta*, Departamento de Ayacucho, Peru. Também tem um dos privilégios de ter contato com o *Rio Mantaro*³⁶, que é o maior gerador da hidroelétrica do Peru e uma das vertentes do rio mais grande do mundo, o Rio Amazonas.

Na aldeia de *Condorsincca*, as *tunas* são frutos de cactos que abundam em demasia. Daqueles frutos que sobram são exportados para outras aldeias, por meio de transportes de *lhamas*, jumentos e mulos de muito mais altitudes entre 4000 a 5000 metros, onde não há mais essas frutas, mas há outros produtos igualmente saborosos e apreciados no mundo andino. Outro detalhe: não existe dinheiro por meio de essas transações única e exclusivamente se trocam entre os produtos diferentes, através de *tiri*³⁷ ou *truiki*³⁸, uma espécie de barganha.

Figura 18-Aldeia de Condorsincca:

³⁶ O *rio Mantaro* é um rio do Peru, passa pela aldeia de *Condorsincca*, afluente do rio Amazonas através do rio Ene.

³⁷ O *tiri* é uma medida utilizada, marcando encima vazias ou sacos para trocar os produtos.

³⁸ O *truiki* significa trocar os produtos, sem usar nenhuma espécie.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=huatuscalla>:

A montanha *Huatuscalla*³⁹ é uma das principais divindades da aldeia de *Condorsincca* das cerca de meia dúzia a mais, entre objetos, plantas e animais. Eis alguns exemplos: levar um artesanato da madeira de *qasi*⁴⁰ protege a seu portador de qualquer maldade. *Qatun-rumi*⁴¹, não subir sobre essa pedra grande com poderes, porque brincar em cima dela pode fazer dano. A sauna de eucalipto faz a limpeza da casa “limpeza espiritual e física”. Quando um condor vai dançar em cima da aldeia é de bom augúrio, predizendo que a produção pecuária será boa. Quando o beija-flor bate as asas num lugar estático abençoa à aldeia. Quando um *killinchi*⁴² passa perto da casa, ele deixa um bom augúrio durante o dia. Quando nascem as ovelhas, preás e pintos pretos significa saúde e alegria, porque eles curam qualquer doença. Também existem os bons amuletos, como, ao se encontrar uma folha de *coca*⁴³ inteira e redonda se deve guardar, porque isso significa o *quintu*—folha da sorte. Se a pessoa quer conseguir seu parceiro, deve levar no bolso um *wayruru*⁴⁴ e o conseguirá o mais breve.

³⁹ *Huatuscalla* é uma montanha próximas às aldeias de *Condorsincca*, *Isqana*, *Waylakuchu* e *Paccayhuayccu*.

⁴⁰ *Qasi* é uma planta sagrada dos quíchuas de *condorsincca*, tomando este chá se purifica de tudo mal físico e espiritual.

⁴¹ *Qatun-rumi* significa pedra grande, mas para os quíchuas de *Condorsincca* é uma pedra sagrada.

⁴² *Killinchi* é uma ave sagrada dos quíchuas de *Condorsincca*.

⁴³ *Coca* é uma planta medicinal, nutritiva, antioxidante e sagrado para os quíchuas da América do Sul.

⁴⁴ *Wayruru* é um cereal de duas cores de vermelho e preto, que simboliza um casal.

As principais fontes pecuárias da região são os preás, que cada família chega a criar entorno de 500, aumentando gradativamente. A vantagem de se criar esses animais reside no fato de serem fáceis de transportar e serem comercializados por preços acessíveis. Sua reprodução por matriz e por gestação é em média de cinco preás por mês. Os pratos são preparados nos dias festivos e comemorativos. Um dos pratos mais apreciados é na *pachamanca*. Quando um quíchua de *Condorsincca* recebe um hóspede com um prato de preá, significa que foi bem aceito.

As tecelagens de mantos e ponchos são exclusivamente artesanais e manuais. Os procedimentos começam desde a escolha das lãs, as tintas naturais das plantas, insetos do talho da tuna *cuchinilla*⁴⁵, de acordo com a mistura dos outros produtos podem-se fazer cerca de dez cores. O *noga*⁴⁶ é aproveitado para fazer várias cores, usando o tronco, casca, frutos e as folhas.

Nas atividades culturais noturnas dos quíchuas de *Condorsincca*, quase sempre, as noites ficam curtas, porque acostumam misturar os trabalhos comunais e colaborativas, com as artes musicais e as atividades solidárias que primam por ali, por meio das *qachwas*⁴⁷ e *minkas*⁴⁸, com a execução de vozes de *harawi*⁴⁹ e outros cantos referentes às atividades principalmente na colheita de cereais e grãos, com a execução dos instrumentos nativos como *quenás*, *tinyas*⁵⁰, *charangos*⁵¹ e *bombos*⁵². Os trabalhos são realizados com muitas brincadeiras, utilizando o tempo fresco e a luz da lua, para pisar os grãos que contém as palhas como ervilhas, trigos, cevadas, favas entre outros. Nesses

⁴⁵ *Cuchinilla* é um inseto que se alimenta de um tipo de cactos andinos e é usado para produzir muitas cores misturando com outros produtos.

⁴⁶ *Nogal* é uma árvore, que é usado para tirar as cores para tingir as lãs e tecer os ponchos na aldeia de *Condorsincca*.

⁴⁷ *Qachwas* são atividades noturnas, onde as pessoas pisam os cereais para separar as palhas dos grãos.

⁴⁸ *Minkas* são trabalhos solidários, que se realizam para pessoas necessitadas ou que não têm condições de trabalhar.

⁴⁹ *Harawi* é a emissão dos sons tão fortes que faz vibrar todas as montanhas da aldeia, através de duas mulheres que cantam tampando a metade da boca e vibrando com uma mão, assim comunicam para toda a aldeia sobre a atividade comunal que será realizada o realizando, os aldeãos comparecem com suas ferramentas correspondentes.

⁵⁰ *Tinyas* são instrumentos parecidos aos tambores, mas de tamanho muito pequeno e dá um som bem agudo.

⁵¹ *Charango* é um instrumento de corda, com som bem agudo para tocar músicas quíchuas, inspirado no violão europeu.

⁵² *Bombo* é um instrumento dos quíchuas da América do Sul.

trabalhos coletivos não existe dinheiro nenhum, mas, ao contrário, os colaboradores expertos da culinária levam comidas mais exóticas possíveis, bebidas típicas de milhos pretos e brancos, *chicha-de-hura*⁵³, comidas típicas de *trigo pikanti*⁵⁴, *puka-pikanti*⁵⁵, *ervilhas tiqti*⁵⁶ e de favas *wiqu-pikanti*⁵⁷.

Nas atividades culturais diurnas, vespertinas e noturnas na aldeia de *Condorsincca*, são realizados os trabalhos comunitários e solidários, comemoradas com cantos nativos, instrumentos musicais nativos e incorporadas, algumas como o violino e harpa:

Yarqa-aspiy⁵⁸ é a construção de uma acéquia para levar água para a aldeia, a atividade começa com o *harawi*⁵⁹, que é uma forma de convidar fácil e prático. *Harawi* é um canto típico, em que duas mulheres cantam fazendo uns vibratos especiais com uma das mãos em cima da boca, com um som muito alto e fino, que faz vibrar as montanhas levando o som aos ouvidos de todos os aldeãos, como o chamamento para esse trabalho comunitário, que é um benefício de todos, logo, o *bombo* toma conta do dia com seu tom monótono e rítmico.

Ñan-aspiy⁶⁰ é a abertura de novos caminhos ou consertos dos antigos, que começa com um convite especial aos habitantes da aldeia local e das demais adjacentes. A convocação é feita pelo *harawi*. O comunicado para as outras aldeias é por tratar-se que o caminho é um meio que une a todas essas comunidades indígenas. Enquanto os homens traçam a topografia do caminho para construir o caminho, as mulheres cozinham as comidas típicas para o almoço e as outras duas continuam com *harawi*. Todos os alimentos e bebidas típicos são levados de colaboração por vontade própria dos aldeãos.

⁵³ *Chicha-de-hura* é uma bebida nativa dos quíchuas, se tomam fermentada ou sem fermentar.

⁵⁴ *Pikanti* é crema de qualquer cereal ou grão cozinhado, servidos principalmente em datas comemorativas.

⁵⁵ *Puka-pikanti* é uma comida de cor vermelha, típica de Ayacucho.

⁵⁶ *Tiqti* é uma forma especial de cozinhar as ervilhas.

⁵⁷ *Wiqu* é a vagem de favas, então *wiqu-picante* é a comida preparada com esse grão verde.

⁵⁸ *Yarqa aspiy* é uma atividade comunitária, que o trabalho consiste em construir uma acequia mínimo uma vez por ano.

⁵⁹ *Harawi* é um canto especial realizado por duas mulheres, caracteriza-se por emissão de vozes muito fortes e para longe no final das palavras cantadas, mencionando alguma atividade importante dos aldeãos, que eles traduzem de que atividade se trata, em seguida comparecem com suas ferramentas adequadas para realizar esse serviço comunal.

⁶⁰ *Ñan-aspiy* é a abertura de novos caminhos e consertos, que são realizados com a colaboração de todos os aldeãos do local e de outras adjacentes, uma ou duas vezes por ano.

Wawa-pampay⁶¹ é o enterro de uma criança menor de cinco anos, na aldeia de *Condorsincca*, onde é considerada de forma positiva, pois o fato de a criança não ter nenhum pecado significa que ela irá diretamente ao espaço celestial, por isso é festejado com uma grande festa, com a participação de grupos musicais e *harawi*, cantos e danças nativas na sua despedida.

Runa-pampay é um funeral de um adulto, na aldeia de *Condorsincca*, onde o defunto é lembrado e reconhecido quando foi em vida, de acordo com suas obras e a sua gentileza. Assim é, suas atitudes positivas são lembradas por seus assistentes, se ele (a) deixou boas recordações números pessoas irão assistir seu enterro. A maioria dos adultos quando já sentem que a morte se aproxima, pedem a seus familiares e parentes para não chorar, ainda sugerindo que devem comemorar com muitos grupos musicais da região, para que sua sepultura fique alegre. Quase a metade dos quíchuas pedem para que dancem sobre sua sepultura, quando forem enterrados no chão.

O matrimônio na aldeia de *Condorsincca* é *Yaykupakuy*⁶². Sendo esse o último processo de um matrimônio nativo e típico do lugar, onde existem o primeiro, o segundo e o terceiro encontro, para a formalidade de um futuro matrimônio, começando sempre pela iniciativa dos pais ou representantes do menino maior de dez e oito anos.

Kichkachi⁶³ é o primeiro encontro, que ocorre com a visita dos pais ou representantes do menino já maior de idade, levando os melhores presentes e bebidas típicas da aldeia, para dar uma introdução com a melhor retórica argumentativa, sobre a possibilidade de um futuro matrimônio e a resposta quase cem por cento, é “sim”. O suposto noivado começa desde tenra idade, e, por isso toda a população local é de acordo com esse procedimento.

⁶¹ *Wawa-pampay* é o enterro de uma criança menor de cinco anos, onde se enterra com uma festa tradicional, por tratar-se que a criança vai para o espaço celestial sem pecados.

⁶² *Yaykupakuy* é um matrimônio típico da aldeia de *Condorsincca* e adjacentes, onde é publicado através de *harawi*.

⁶³ *Kichkachi* é o primeiro momento do processo do matrimônio, onde os pais ou representantes do menino maior de dez e oito anos visitam aos pais da menina maior de idade, levando as melhores comidas e bebidas típicas do local, para a introdução retórica argumentativa com o assunto o futuro matrimônio.

Punku-pakiy⁶⁴ é o segundo momento do encontro, quando acontece o elo do futuro matrimônio, determinando a continuação para a próxima etapa. Nessa ocasião são convidados para esse encontro os melhores oradores e conselheiros, para orientar com os melhores conselhos aos futuros noivos. Nesse ato, o futuro matrimônio é aprovado, e no dia seguinte é comunicado para toda a vizinhança, para que se reúnam a construir uma casa para o futuro casal por meio da *minka* (mutirão). A casa de parede de pedra e barro com telhado de *ichu* (palha local) é construída em média de duas semanas.

Yaykupakuy é o último processo do matrimônio, como se fosse a publicação no diário oficial dos quíchuas de *Condorsincca*, quando o noivo e seus representantes chegam em um sábado bem de manhã, para levar a noiva junto a eles, e começam a circular com o canto de *harawi* de duas mulheres. Elas emitem o som muito forte e para longe fazendo vibrar todas as montanhas da aldeia, vociferando as mensagens e sinais do matrimônio, circulando pelos principais topos das montanhas, acompanhados pelos próprios noivos e que vão-se somando a muitos grupos musicais, a vizinhança em geral. A emissão do *harawi* chega para toda a aldeia local e inclusive para as adjacentes, com mensagens claras sobre o acontecimento da união do casal. Assim, será respeitado esse compromisso eternamente, ainda com a obrigação moral dos aldeões em dar qualquer suporte necessário para esse novo casal. Depois da manifestação dessa manhã, o novo casal é conduzido para a nova casa, já construída pelos aldeões de modo totalmente gratuito. Também nesse momento chegam os melhores presentes para encher a nova casa vazia. Como de costume não poderia faltar o banquete com as melhores culinárias tradicionais. No final da tarde, o casal é deixado a sós pela primeira vez juntos. Talvez, por isso, dificilmente acontece uma separação conjugal em *Condorsincca*.

⁶⁴ *Punku-pakiy* é o segundo momento do processo do matrimônio, onde os pais ou representantes do menino maior levam os melhores oradores e conselheiros, para orientar ao futuro casal.

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa fundamentação teórica serão abordados os temas da linguística do contato e da sociolinguística, da linguística aplicada ao ensino e da pedagogia a partir dos dados bibliográficos coletados e citados dos renomados autores de vasto conhecimento na literatura linguística.

3.1. Da Linguística do Contato e da Sociolinguística

A linguística é uma ciência que estuda os fenômenos relacionados com a linguagem humana, determinando suas características e princípios estruturais da língua. A subsistência da língua depende dos falantes de uma comunidade, que interagem para socializar-se na sua língua materna ou primeira língua (SILVA, 1999, p. 10).

A língua é usada a partir de duas pessoas como meio de comunicação. Entretanto, Oliveira (2011) assegura que a língua se tornou em um instrumento de inclusão e exclusão social. A língua deveria ser usada de forma positiva como uma hóspede amigável, interessante, inteligente e formosa, mas também foram usadas em conquistas de povos como instrumento de dominação, desaparecimento das línguas dominadas, a exclusão social das línguas nativas.

Para Viotti (2008), a fala é a concretização da língua por um sujeito. A fala é a língua posta em uso. A linguística se ocupa da língua, descreve e explica, trata sobre a formação, definição, interpretação da expressão e representação mental do som. A linguística é a ciência que contempla a linguagem verbal humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, sociológico e psicológico.

As línguas em contato são definidas quando as línguas ou variedades de línguas entram em contato umas com as outras, pelo contato de seus falantes misturam-se as línguas ou variedades linguísticas, “devido à proximidade geográfica ou social, migrações, conquistas, exposições aos meios de comunicação em massa”. Os acontecimentos do contato linguístico não estão restritos a normas de algumas e de qualquer língua (THOMASON; MARANHÃO *apud* SOUTO, 2016).

Segundo Buzzochi (2011), a metodologia científica exige uma revisão urgente da gramática normativa do português brasileiro, com base na teoria linguística, posto que a norma culta atual dá soluções adotadas por outras línguas europeias, que quase sempre são mais simples. Os frutos das modernas teorias devem estar com a realidade da língua tal qual conferida pelas pesquisas.

O sociolinguísta Calvet (2002) faz uma análise sociológica e antropológica da linguagem, distinguindo os três fatores principais: “a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto”. Portanto, a linguística estuda a parte estrutural das línguas e a sociolinguística o aspecto social dessas línguas. Veja-se, abaixo, a discussão a respeito dessa distinção (CALVET, 2002, p. 32):

Henry Boyer, em um livro de apresentação da sociolinguística, qualifica esta afirmação de “polêmica”. Com tudo não há nada de polêmico. Trata-se simplesmente de afirmação de um princípio segundo o qual não é possível distinguir entre uma linguística geral que estudaria as línguas e uma sociolinguística que levaria em contato o aspecto social dessas línguas: em outros termos, a *sociolinguística* é a *linguística*.

Para a sociolinguística, a linguagem e a sociedade estão ligadas, intimamente relacionadas entre a humanidade e a história. A comunicação oral é a interação entre a linguagem e a sociedade. A relação entre a linguagem e a sociedade é determinada, assim, encontrando-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo da linguística e a sociedade (ALKMIN, 1987).

3.1.1. Contato Linguístico e Línguas Resultantes do Contato, Processos de Transferência, Interferência, Influência, Empréstimos

Segundo Rodrigues (2018, p. 12), “para que haja contato linguístico, o mínimo necessário é a presença de duas línguas ou dialetos”. Desses contatos surgiram os pidgins e crioulos, que foi também o interesse dos colonizadores. O contato das línguas e culturas se inter-relacionam por meio de suas semelhanças e pela influência representada com a língua de maior prestígio social, demonstradas na citação seguinte (RODRIGUES, 2018, p. 12):

A intensidade do contato pode ser representada pela pressão política, militar ou cultural da língua de maior prestígio social sobre os povos dominados. Em tais circunstâncias, o povo da língua menos prestigiada tenta aprender a variedade de supostamente superior. Quanto à

duração, se o contato for superficial, desencadeará empréstimos de itens lexicais. Ao passo que se for mais intenso, os empréstimos poderão se estender a toda gramática, vindo a ocorrer empréstimos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Sendo ele duradouro, em geral, o número de empréstimos aumenta consideravelmente. No que se refere ao lugar, se contato ocorrer no território do povo mais forte, normalmente, é a língua desse povo que passa a ser a língua-alvo.

No mundo inteiro há aproximadamente 5.000 línguas diferentes que interagem através de seus habitantes, muitas pessoas tornam-se plurilíngues em muitas nações. As línguas em contato ou plurilíngues fazem conceber constantemente ao indivíduo em bilíngue dentro de uma comunidade. O lugar desses contatos “pode ser o indivíduo (bilíngue ou em situação de aquisição) ou a comunidade. E o resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística” (CALVET, 2002, p.35).

O contato linguístico ocorre pela interação de diferentes línguas em contato, sendo locais ou nas fronteiras, entre línguas de prestígio ou por resultado de migração. O contato linguístico cria inevitavelmente o bilinguismo e os modos de pronunciar de seus indivíduos. “A situação de contato gera mudanças no modo de falar dos indivíduos, além de gerar mudanças nas estruturas das línguas envolvidas” (APPEL; MUYSKEN *apud* SANTOS, 2008, p. 23).

A definição de contato linguístico se torna um pouco difícil, já que a própria definição de língua é algo abstrato. Para conceituar, de fato, esse fenômeno seria necessário definir a natureza, a escala e o grau desse contato e determinar quem entra em contato com quem: indivíduos, famílias, comunidades ou sociedades inteiras (SANTOS, 2008, p. 23).

As línguas resultantes de contatos são as que sofreram modificações através de seus falantes nas sociedades, pelos efeitos que envolvem o multilinguismo, bilinguismo e a mistura de dialetos, a decadência e assimilação de línguas minoritárias, planejamento linguístico, padronização e educação em línguas vernáculas (LABOV *apud* RODRIGUES, 2018, p. 10).

Segundo Couto (2017), as línguas resultadas de contato são crioulas, pidgins, línguas entrelaçadas, as que se destacam são anti-crioulos, variedades de Indigenização, semi-crioulos, em situações fronteiriças e interlínguas, assim na aquisição de segunda língua, bilinguismo e multilinguismo.

Segundo Couto (1996), na época do Pombal, no Brasil, a língua geral foi portuguesa, deixando registrar as outras línguas existentes. No entanto, Rodrigues (1983) registra-a no século XVI como a “língua do Brasil”, “língua da terra”, “língua do mar”, mas ao longo do século XVII, foi chamada a Língua Brasílica. Conforme Aryon Dall’igna Rodrigues (1986, p. 99) as línguas gerais foram a “língua geral do Peru” (Quíchua) e a “língua geral da província do Paraguai” (Guarani).

Segundo Rodrigues (1986), a língua geral paulista era o tupi quando a colonização se formalizou em 1532, com a fundação de São Vicente, por Martim Afonso de Souza. Onde os colonizadores eram homens sós e passavam morar com as mulheres indígenas, resultando uma população mestiça, a língua materna era predominante e da parentela, já que por lado dos pais em geral não haviam parentes consanguíneos. A meados do século XVII a meados do século XVIII se intensificaram a pregação e a mineração, nos momentos em que escravizaram os índios e negros, pelo que os tupis fugiram para o interior de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

A interlíngua é a língua “utilizada por aprendizes que não dominam ainda uma língua estrangeira; é uma realidade provisória e instável, entre duas línguas” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU *apud* SANTANA, 2011, p. 03). Na perspectiva de aprendiz, há uma divergência concebível de inadequações e de adequações com as palavras aloglotas.

As interferências linguísticas em alunos hispano-falantes que aprendem o português, têm-se analisado e focalizado, as interferências linguísticas, semânticas, sintáticas e ortográficas. A linguística contrastiva, explica que a língua materna dos alunos hispano-falantes dificulta no momento de escrever os textos na língua portuguesa, as interferências linguísticas dos estudantes são a causa da proximidade tipológica de ambas línguas. A análise de dados demonstra, sendo como a língua materna o espanhol, prejudica na aprendizagem da língua portuguesa pela similitude (ROCHA, 2017, p. 641):

Ao observar a proximidade tipológica entre português e espanhol, também se aplicou um questionário para compreender o que os alunos hispanofalantes pensam sobre o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira próxima à sua língua materna. Sendo assim, investiga-se o que as produções escritas evidenciam sobre as

interferências linguísticas na interlíngua e as impressões dos alunos hispanofalantes sobre como aprendem português língua estrangeira. Após discussão sobre a noção de interlíngua e a análise dos dados, sendo entrevistas e textos, verificasse que existe um número significativo de interferências linguísticas em alunos hispanofalantes de português, mesmo em um contexto de imersão, pois sua língua materna, espanhol, parece influenciar de modo negativo a aprendizagem de português.

Os falantes de uma sociedade ou de um país recebem constantemente as influências dos empréstimos linguísticos de outras culturas, tanto lexicalmente e fonologicamente, pelo que as pessoas interagem com diferentes famílias, classes sociais, étnicos e imigrantes, por essas mesmas causas surgem as variações linguísticas. Como também com a influência do mundo da informática foram incluídas as palavras internacionalmente conhecidas, como o *e-mail*, *modem* e *game*.

As interferências linguísticas devido ao uso de duas línguas em contato uma materna e outra oficial acontecem quando os alunos bilíngues ou monolíngues escrevem errados e sentem dificuldades na oralidade, como por exemplo, o que acontecem com os indígenas brasileiros e os descendentes dos alemães. Em alguns textos analisados, classificam-se os erros em categorias de interferências, estas revelam o perfil linguístico do aluno seu grau de dificuldade e interferências dialetais (HITS, 2008).

Segundo Rodrigues (2018), os empréstimos acontecem quando os falantes de L2 importam traços da língua dos falantes de L1. Isso acontece quando um povo de cultura e língua considerado inferior, importa os rasgos da língua de outro considerado superior. Constantemente resulta que a língua dos falantes de L2 é superficialmente alterada nos elementos da L1.

Conforme (MUYSKEN *apud* OLIVEIRA, 2002), os bilíngues processam a linguagem, como a armazenam na memória, se possuem um ou dois léxicos e de que forma são ativados ou desativados. Os pesquisadores demonstraram que os bilíngues usam uma comutação de línguas, um momento bilíngue e no outro o monolíngue. As contribuições de investigadores nas áreas de linguística e psicolinguística, a sociolinguística e a neuropsicologia, aprofundam na alternância de códigos, explicando os processos subjacentes que são utilizados na mistura de línguas. Destaca-se que as investigações dos sistemas linguísticos do bilíngue nos processos psicolinguísticos são recentes.

3.1.2. Língua, Dialeto, Nação, Diglossia, Bilinguismo, Padronização

A comunicação acontece quando duas pessoas interagem, usando a língua como um elemento essencial, a língua é um fato social. “As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, na oração de Calvet (2002, p. 12).

Durante a colonização na América do Sul pelos portugueses e os espanhóis, houve a miscigenação dos homens europeus com as mulheres indígenas, onde cresceu a população mestiça, no entanto as línguas indígenas das mães prevaleceram e não dos pais europeus. As mulheres indígenas estabeleciam alianças matrimônios com os homens europeus, acontecendo tipicamente entre os portugueses e os tupis em São Vicente do planalto de Piratininga no leste do atual estado brasileiro de São Paulo, no século XVI, entre os espanhóis e os guaranis do Paraguai, nos séculos XVI e XVII, entre os portugueses e tupinambás nos estados brasileiros de Maranhão e Pará, sendo os três povos indígenas geograficamente distantes, tinham a mesma cultura e a mesma família linguística Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1996).

O dialeto é uma variedade linguística restrito a uma comunidade. No Brasil existem muitos dialetos, como dialeto caipira, gaúcho, nordestino, etc. A língua padrão é a oficial de uma comunidade ou país, adotada com normas gramaticais, com status únicos de ser faladas e escritas corretamente, entretanto o dialeto não tem o mesmo prestígio. “Quanto mais distante da língua padrão se encontrar um dialeto, mais este será considerado uma forma inculta”. A língua oficial é ensinada nas escolas, enquanto os dialetos são praticados informalmente pela interação dos indivíduos. Conforme Fernandes, (2013, p. 84):

Os dialetos, sendo usos peculiares da língua, são estigmatizados como formas errôneas de falar porque refletem as íntimas ligações que existem entre língua e sociedade. A língua-padrão é utilizada desde o tempo da colonização como meio de manutenção do poder e do status quo por todas as minorias que centralizam esse poder, seja ele político ou econômico.

A nação é uma sociedade historicamente constituída por vontade própria de seus habitantes, com uma ou várias línguas, de um ou de vários grupos étnicos, em um território estável. Segundo Ernest (1997), é a glória da França ter, pela Revolução Francesa, proclamada que uma nação existe por ela mesma.

Suíça é uma nação com três línguas, duas religiões, três ou quatro etnias. Uma nação é constituída pela solidariedade, sacrifício e sentimento de seu povo.

A diglossia é a existência de duas línguas em uma mesma comunidade. A situação linguística da diglossia é relativamente estável, mas com a variedade alta e com a variedade baixa, “além das formas dialetais de uma língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais)” e com variedades divergentes (FERGUSON *apud* CALVET, 2002, p. 59-60).

Existe uma variedade superposta muito divergente, altamente codificada (quase sempre gramaticalmente mais complexa), veiculando um conjunto de literatura escrita vasta e respeitada (...), que é estudada sobretudo na educação formal, utilizada no escrito ou num oral normal, mas não utilizada na conversão comum em nenhuma parte da comunidade (CALVET, 2002, p. 60).

O bilinguismo e diglossia é quando seus habitantes de uma comunidade da forma alta e da baixa falam, como o caso do Paraguai: espanhol e guarani. Diglossia sem bilinguismo é praticada em uma sociedade com divisão funcional, como em caso da Rússia czarista falava francês e o povo russo. Esses fenômenos podem permanecer estáveis, harmonioso e duráveis.

Em alguns casos o bilinguismo implica certa diglossia, ou seja, uma das línguas tem um status de prestígio e a outra um status de certa forma menos prestigiado, e às vezes até mesmo estigmatizado. Esse é caso de Cabo Verde, onde o português é uma língua de prestígio e o crioulo socialmente inferiorizada, o mesmo acontece com o caso do francês e do crioulo no Haiti, a essas citações Ferguson as denomina como típicos de diglossia (FERGUSON *apud* COUTO, 2017).

Segundo Santos (2018, p. 689-690), a padronização linguística é normatização da língua em uma sociedade ou país, levando em consideração os traços socioculturais e sociolinguísticos. Os falantes instruídos manifestam publicamente seus valores e tradições, onde suas línguas são normatizadas e ponderadas no padrão culto, “a padronização da língua se dê levando em conta as regras inerentes ao próprio sistema linguístico”. A partir dessa necessidade de um padrão nacional, os sociolinguístas adotaram uma definição de uma norma culta real, institucionalizando socialmente reconhecida como padrão culta.

3.1.3. Variação e Mudança. Linguística, Norma Linguística e Variedades

A língua é um instrumento de comunicação de uma comunidade, que as pessoas usam para interagir entre elas e criam valores no cotidiano. A língua faz parte das pessoas e as pessoas parte da língua. A língua é parente da cultura que as duas mantêm-se vinculadas reciprocamente (FREITAS, 2014).

As variações linguísticas são diversas, como classe social, idade, escolaridade etc. e segundo a situação em que se encontra, por exemplo: um brasileiro nascido em Recife, apresentará sempre vogais pretônicas abertas. A variação pode depender de sua escolaridade, de sua origem rural ou urbana, que usará o verbo, como “assuntar” ou “prestar atenção”, de acordo da situação “fui nada” ou “fui não”. As variações linguísticas são os recortes de todas as línguas e continuações históricas, uma língua particular é dominada das gerações sucessivas de uma sociedade (ALKMIN, 2017).

Para Faraco (2008), as variedades cultas comuns e *standart* frente a correção que faz Aryon Rodrigues, não está explícito no texto de ensino de português aos alunos com acesso a essas variedades, mas está implicado na discussão, sendo um posicionamento comum entre os linguistas, embora com muitos equívocos e confusões. Os grandes desafios são de reunir esforços para construir uma pedagogia de variação linguística no país, com uma realidade linguística multilíngue e com uma variação social não estereotipado.

Em todos os povos as pessoas usam por regra geral os termos da linguagem humana, manifestando seus sentimentos e necessidades, desde um plano da língua. As variações linguísticas acontecem pela interação das línguas em contato de vários grupos sociais. As pessoas de pequenos grupos sócias da mesma comunidade falam distintos de acordo a seu lugar geográfico e de maturidade. A “norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade” (FARACO, 2008, p. 40).

Segundo Alkmin (1987, p. 34), as pessoas que falam uma língua adquirem as variações linguísticas peculiares a sua região e a sua condição social. De uma perspectiva geral, “podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social

(diastrática)”. A variação geográfica está relacionada com o meio físico de seus falantes, como por exemplo:

Brasileiros e portugueses se distinguem em vários aspectos de sua fala. Em plano lexical apenas um exemplo: “combóio” em Portugal, “trem” no Brasil. No plano fonético: a pronúncia aberta da vogal anterior média como em “prémio” [‘prɛmjɔ], encontrada com a pronúncia fechada no Brasil, “prêmio” [‘premjɔ]. No plano gramatical: derivações diversas de uma raiz comum, como em *ficheiro*, *paragem*, *bolseiro*, que no Brasil correspondem *fichário*, *parada* e *bolsista*; a colocação de advérbios como em “Lá não vou” (Portugal) e “Não vou lá” (Brasil).

Couto (2017), o contato de língua é tão decisivo na mudança linguística, sendo que toda mudança linguística tem origem de contato. As mudanças das línguas também acontecem quando seus falantes vão adquirindo abruptamente uma segunda língua e transferindo os traços morfossintáticos de sua língua materna, ainda com a possibilidade em caso de não atingir a L1 ao L2, pode surgir uma L3, que seriam os pidgins e crioulos. A mudança linguística é um fato social com implicações linguísticas (THOMASON e KAUFMAN *apud* COUTO, 2017).

Segundo Faraco (2008), a norma linguística praticada se deve considerar aquelas que estão envolvidos com o maior monitoramento, com os grupos sociais que estão diretamente relacionados com a cultura escrita. Há pressupostos qualificativos com as normas incultas, que seriam faladas por indivíduos desprovidos de cultura e tal perspectiva estariam presentes no universo de alguns falantes da norma culta.

A norma linguística sempre oscila entre uma perspectiva do normal e do normativo. A primeira é de interesse da sociolinguística e das práticas descritivas da língua, a segunda é o foco de atenção da gramática normativa e das práticas descritivas. A palavra norma precisa de um qualificativo como na expressão a *norma culta*, que é referente a uma oralidade bem elaborada com todas as regras gramaticais. Também existem preconceitos normativos, sendo que o *normal* exige apenas o uso corrente, real e comportamento, no entanto o normativo exige preconceito, ideal e reflexão consciente (BAGNO, 2012):

Nos processos sociais de tradução, essa hibridização fica patente nas diferentes normas que incidem sobre um texto traduzido desde sua produção pelo tradutor até sua impressão definitiva e chegada ao mercado. Entre esses dois polos, diversos agentes normativos

interferem na tradução, muitas vezes em franca oposição às opções iniciais do tradutor.

Segundo Costa (2012), a norma linguística constitui-se nos usos correntes, na linguagem comum aos diversos grupos sociais que formam uma comunidade linguística. Através da norma se identifica a importância de uma cultura. Os grupos sociais se caracterizam pela interação e o uso da linguagem para manifestar suas necessidades e sentimentos. Para os padrões habituais linguísticos é importante o desenvolvimento normativo da teoria linguística.

As variedades linguísticas estão interligadas com os aspectos socioculturais, geográficas, históricas e estilísticas, quando o emissor revela suas características sociais através da fala, o receptor avalia a naturalidade do emissor, toda língua comporta variações em função da identidade do emissor e do receptor; e das condições sociais de produção discursiva. O conhecimento de variações linguísticas impedem a ação pedagógica violenta de uma única norma prestigiada (CAMACHO, 2011).

Observa-se, geralmente, no senso comum a crença equivocada de que os falantes de variedades populares, como as examinadas acima, falam sem obedecer a regra alguma, o que é destituído de qualquer verdade científica. Desse modo, o que esses falantes fazem é não seguir, por desconhecimento, as regras da variedade culta escrita do português, segundo as quais a marcação de plural deve ser redundantemente marcada em todos os constituintes de uma locução nominal, como o que se vê em *umas três horas, as casas amarelas* etc., procedimento sintático chamado de regra de concordância nominal (CAMACHO, 2011).

Santana e Neves (2015), as variações linguísticas da língua portuguesa constituem a diversidade de línguas faladas no Brasil, que contribuem para a complexidade das diferentes falas. Saber identificar as variações linguísticas não é para desprestigiar, mas sim para respeitar e encantar-se com a riqueza da língua materna. Não se podem desprezar centenas de falantes por não seguirem a gramática. A proposta dos PCNs da Língua Portuguesa é de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro.

Segundo (GNERRE *apud* HORTA, 2016, p. 615), existe a lei de discriminatória, mas a maioria das pessoas não tem acesso ao código em que a lei é redigida e é vedado por falta de conhecimento de seu próprio direito. “A

começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”.

3.2. Da Linguística Aplicada ao Ensino e da Pedagogia

A linguística aplicada é uma ciência social que estuda a linguagem de caráter interdisciplinar. Assim, a linguagem é focalizada “em diferentes contextos e com diferentes propósitos comunicativos e internacionais”. A linguística aplicada tem seus objetivos mais relacionadas com as pesquisas em ensino e aprendizagem de línguas, traduções, interpretações e formações de professores, considerando que as teorias linguísticas se referem à visão de linguagem, da psicologia no ensino e da aprendizagem (PILAR; ROCA *apud* VILAÇA, 2010).

Para Sousa e Andrade (2016), verifica-se o reflexo de vários acontecimentos históricos evidentes nas temáticas e tendências da Linguística Aplicada, nascida da Segunda Guerra Mundial, pela necessidade da prática de comunicação entre aliados e inimigos de guerra, sendo indispensável um método que fosse eficaz e veloz. Em 1948, os desenvolvimentos da Linguística Aplicada deram início, “por conta do lançamento da revista *Language Learning: a Journal of Applied Linguistics*”. Cook (2008) demonstra a natureza multidisciplinar da Linguística Aplicada em três grupos:

Linguagem e Educação; Linguagem, Trabalho e Direito; e Linguagem, Informação e Efeitos. Dentro da primeira área, encontram-se educação de primeira língua e de línguas adicionais (segunda língua e línguas estrangeiras), linguística clínica e teorias de avaliação; a segunda área inclui: comunicação no ambiente de trabalho, planejamento da linguagem e linguística forense; por fim, a terceira área abrange a estilística literária, análise crítica do discurso, tradução e interpretação, design de informação e lexicografia.

A Linguística foi definida como uma disciplina, que envolve várias matérias e é estudada pelos pesquisadores como um conhecimento geral e substancialmente intelectual. Essas matérias, por sua vez, são entendidas como elementos essenciais de outras disciplinas que se relacionam com linguística. Entretanto a Linguística Aplicada (LA) é entendida como uma das matérias linguísticas cujo conteúdo pode aprimorar o trabalho prático naquelas disciplinas que incluem o uso da linguagem (PALMER *apud* COSTA, 2001).

Segundo Costa (2012), a Linguística Aplicada visa as relações programáticas com as práticas de ensino, contribuindo para a construção de um modelo mais adequado de formação continuada de educadores, designadamente, os professores de língua. A pedagogia linguística traz muitos benefícios no ensino dos conteúdos escolares.

As autoras Rodrigues e Rizzatti (2011) criam discussões teóricas epistemológicas sobre a Linguística Aplicada, para a habilitação dos professores de Língua Portuguesa, fortalecendo as bases teóricas metodológicas para o ensino e a aprendizagem da língua materna. Sendo que a perspectiva aplicacionista foi concebida no século XX, como área de interlocução com outras ciências, especialmente a antropologia, a sociologia e a filosofia da linguagem. As modalidades na escrita pelos alunos brasileiros da disciplina de Língua Portuguesa chegam a chamar de estado de artes pautadas nos usos sociais da linguagem, com o ideário de língua como objeto social dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

3.2.1. Pedagogia Culturalmente Sensível

Segundo Bortoni-Ricardo (2003), uma professora fez a pesquisa com crianças de quinta série em uma escola de classe trabalhadora, aplicando uma pedagogia culturalmente sensível, conseguindo muitos episódios com estratégias interativas. Na sala de aula, as crianças se apropriaram dos recursos da variedade e da língua padrão, assimilando novos estilos e competências comunicativas. As tarefas comunicativas da professora e dos alunos demonstraram que a professora desenvolve estratégias facilitadoras da aprendizagem e que, de fato os alunos estiveram assimilando de eventos monitorados do letramento. A oralidade é usada da variedade regional do português popular, a professora interage com a linguagem bastante usual nos momentos de oralidade. Os alunos produzem o texto coletivo, planejando oralmente o que vão escrever, de enunciados escritos e lidos que intercalam com os enunciados falados. Assim mesmo, se podem apreciar na citação seguinte:

Entre as estratégias de andaime usadas pela professora, três são recorrentes: a concessão da palavra aos alunos, que mantêm o piso conversacional, como falantes primários, durante uma grande parte do

tempo da aula, o fornecimento de modelos em língua padrão e as estratégias de ajuda, que podem ser da professora para os alunos ou entre estes. A pesquisadora constatou que todas essas estratégias contribuem para a implementação de padrões interacionais simétricos em sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2003, p. 129).

A pedagogia culturalmente sensível ocorre quando os alunos têm a oportunidade de usar as variedades linguísticas que conhecem e dominam para expressar-se mediante a escrita ou fala. O professor se esforça para assegurar uma comunicação sossegada entre seus alunos, permitindo que eles usem as variedades da língua que dominam. Os educandos se sentirão que suas línguas são acolhidas na sala de aula e em contrapartida eles aprendem a língua padrão (PREDIGER, 2015, p. 30).

Para Marques e Baronas (2015), há a necessidade de se abordar as variações linguísticas nas instituições escolares, para minimizar a ocorrência de preconceitos linguísticos. Há evidências dos estudos presentes das variações linguísticas dentro das escolas, mas ainda não são suficientes para lidar com os preconceitos linguísticos. A multiplicidade da língua portuguesa exige uma abordagem dessa variação nas escolas, de forma a evitar o estímulo ao preconceito linguístico. Assim, os alunos compreenderiam os diversos processos linguísticos, tendo em vista que os Parâmetros Curriculares Nacionais concordam com os modelos de correção estabelecidas pela gramática tradicional.

3.2.2. Método Paulo Freire

As versões de Brandão (2006) contadas por ele mesmo, o Método de Paulo Freire de Alfabetização de Adultos, deu início pela primeira vez em Mossoró, perto de Angicos, nos fundos do Nordeste, com a equipe do Serviço de Extensão Universitária da Universidade de Pernambuco, coordenada pelo professor Paulo Freire. Logo esse sentimento de amor à educação seria conhecido no mundo inteiro. Ali brotaram os sinais de afeto que o homem plantou no chão seco do sertão.

Nos começos dos anos 60, foi programada uma “Semana de Arte e Filosofia”, onde assistiram estudantes e educadores de todas as partes do Brasil.

Assim mesmo, o nome do Educador Pernambucano Paulo Freire ficaria internacionalmente conhecido como referência na área de educação.

Conta-nos Brandão que Crispiniano Neto, um professor e repentista notável do lugar, escreveu o “Programa da Semana” em cordel e abriu a cantoria:

De um a oito de maio
 Mossoró tem alegria
 De receber todo o povo
 Que pensa em democracia,
 Que é quando a terra se irmana
 Pra promover a Semana
 De Arte e Filosofia.
 Porém a Filosofia
 Que aqui estamos falando
 Não é daqueles que não
 têm: por quê, pra quê nem quando;
 É uma coisa real,
 Que fura como punhal,
 Ferindo quem está ditando.
 “A nossa filosofia
 Não tá suspensa no ar;
 Não é livro em prateleira
 Nem frase pra declamar.
 Filosofia pra gente
 É um jeito consciente
 Do povo se libertar” (BRANDÃO, 2006, p. 03).

Esse cordel mostra-nos a síntese de uma proposta educacional que envolve conhecimento de mundo, conhecimento prévio, criticidade e criatividade.

Para Plácido e Souza (2017) o Método de Paulo Freire usa a dialética no processo educacional de alfabetização de jovens e adultos, considerando aos educandos como sujeitos interlocutores na ação de ensinar e aprender com humildade. O Método Paulo Freire discorda completamente do Modelo Bancário que dissemina a educação tradicional, tratando ao educando como um simples depositário de conhecimento moderado pelo educador que não instrui para refletir, se não de aceitação e submissão do professor. Na perspectiva de Freire, o educador deve criar a consciência do estudante para inseri-lo em um senso crítico e autônomo, para mudar a realidade com as transformações que gerem a liberdade. A palavra é de suma importância para gerar conhecimento e obtê-lo. O educador planeja a aula de acordo com as palavras levantadas do educando, portanto (MOREIRA *apud* PLÁCIDO E SOUZA, 2017) refere-se a Freire como contrário a pedagogia do conteúdo, por não levar em conta o sujeito, levando em

consideração somente o conteúdo, ainda culpando ao professor do fracasso escolar.

Segundo Feitosa (1999), a contribuição de Paulo Freire à Educação de Jovens e Adultos, chamado “Método Paulo Freire”, teve repercussão do Método no processo de alfabetização no Brasil, com base de uma educação crítica e libertadora, tratando o analfabetismo como problema social. O Método Paulo Freire é de caráter humanista, com concepções de uma educação popular. O Método de Paulo Freire na alfabetização exigiu a superação da dicotomia entre teoria e prática.

No transcurso do ensino da Língua Quíchua pelo autor, na Universidade de Brasília, surgiu um fato inédito, quando a pedido de seus alunos que queriam aprender cantar na língua quíchua, o autor transcreveu uma canção de muita originalidade fonológica e de conteúdos metafóricos de doze parágrafos, mas seus alunos não conseguiram aprender, durante dois meses. Esse episódio fez pensar ao autor no Método de Paulo Freire, quando o discente precisa aprender algo de sua utilidade, como por exemplo o pedreiro primeiro aprendia a palavra TIJOLO e depois as letras, a palavra útil de sua profissão, ou seja, deve ser em poucas letras ou palavras, mas de grande conteúdo, então o autor ensinou apenas um parágrafo da canção em quíchua, os alunos aprenderam no momento, até que ficaram atônitos e queriam seguir cantando sem a cola do texto.

Assim mesmo, nessa perspectiva já que os alunos aprenderam com eficácia em um só parágrafo de uma canção em quíchua, se aplicará a Pedagogia de Expressão com a Metodologia Ludo Criativa, de Dinello (2012).

3.2.3. Método lúdico

Nesse trabalho, foi empregado, no curso de da Língua Quíchua, o método freiriano o qual será descrito a seguir:

Para que os alunos gravassem a letra e se apropriassem do ritmo e do sentido da canção, foi registrado inicialmente apenas um parágrafo da canção, porque os ânimos dos alunos eram de aprender a cantar em quíchua. Quando os alunos repetiam por várias vezes o pequeno parágrafo, de seis palavras, conseguiram aprender com muita facilidade e cantaram por cerca de três


minutos, todos ficaram surpresos ao verem que estavam cantando sem colinhas, inclusive marcando os passos ao ritmo da música. Quando o professor parou de cantar, ninguém se moveu do lugar apesar que já era a hora de sair. Entusiasmados, em vez de se despedirem, os alunos pediram para repetir a canção e marcar os passos, o professor aceitou ficar mais alguns minutos, inclusive incluindo e executando a *queña*, que é um instrumento típico e nativo da música quíchua, que dá para acompanhar nas melodias de canções indígenas.

A canção predileta dos alunos de quíchua foi a canção intitulada SIKWANKA (tucano), que é uma palavra metafórica:

sikw-anka
pequena águia
'tucano'

Figura 19-Música, canto e dança no letramento da Língua Quíchua:

Canto e dança (ludo criativo) no letramento da Língua Quíchua



Sikwanka	Tucano
Amazonas sikwanka	tucano de Amazonas
Amazonas sikwanka	tucano de Amazonas
-.-	
pitaq ñaupa purira?	quem andou antes por aqui?
pitaq ñaupa purira?	quem andou antes por aqui?
-.-	
sikwanka, sikwanka	tucano, tucano
sikwanka, sikwanka	tucano, tucano

Fonte: slide do ensino da Língua Quíchua

Os métodos pedagógicos são modelos teóricos criados para serem desenvolvidos nos currículos escolares. A inserção de métodos modernos e freirianos dão possibilidades de que os professores trabalhem com maior critério

de reflexão, de forma que os educadores e estudantes possam interagir com concepções inclusivas. Pimenta e Carvalho (2008) afirmam que o ensino e a aprendizagem dos conteúdos de uma matéria exigem ao professor o conhecimento específico e o domínio de elementos educativos para uma construção de conhecimentos coletivos. No século XVII Comenius, educador da Europa Central, publicou a “Didática Magna: Tratado da arte de universal de ensinar tudo a todos”, que incentivou a fundação da disciplina. Os intelectuais europeus estabeleceram grandes empreendimentos coletivos para explicação científica e racional do mundo, considerando a didática como um método de ensino para transmitir os conhecimentos racionais. Sendo assim, a Didática surge para contribuir para a percepção de um método de ensino capaz de ensinar tudo a todos. O ser humano por natureza é um projeto incompleto que está em constante mudança pelas necessidades históricas, como por exemplo, afetividades, ludicidades, estéticas e éticas, como cognitivas, espirituais, culturais, econômicas, sociais e políticas.

Os professores, internacionalmente realizam um conjunto de procedimentos para dirigir o ensino e aprendizado dos alunos, com os chamados de método ou metodologia de ensino. O aluno como sujeito de sua própria aprendizagem utiliza o método para se apropriar do conhecimento. Os professores compreendem os processos de ensino valorizando os procedimentos técnicos e conteúdos propostos nos currículos escolares (PIMENTA e CARVALHO, 2008).

Para fins deste trabalho foram usados vários métodos pedagógicos no ensino da Língua Quíchua, no Centro de Convivência dos Povos Indígenas da Universidade de Brasília, como o ensino de saudações, pronomes pessoais, os números naturais, as palavras lexicais mais usuais em quíchua e em outras línguas. A Língua Quíchua é gramaticalmente muito diferente ao Espanhol e Português, sendo sua morfologia linguística da palavra sufixal e aglutinante. As palavras formam-se por meio da adição à raiz de múltiplas partículas chamadas terminações ou sufixos. Como por exemplo na descrição de (CÓRDOVA E ZARIQUIEY, 2008, p. 36):

llaqta

‘povo’

llaqta-cha	'povinho'
llaqta-cha-yki	'teu povinho'
llaqta-cha-yki-chik	'seu povinho (de vocês)'
llaqta-cha-yki-chik-kuna	'seus povinhos (de vocês)'
llaqta-cha-yki-chik-kuna-manta	'desde seus povinhos (de vocês)'
llaqta-cha-yki-chik-kuna-manta-cha	'tal vez desde seus povinhos (de vocês)'

Durante o desenvolvimento do ensino da Língua Quíchua, foram aplicadas atividades com o recurso da multimodalidade e da expressão lúdica, usando as próprias experiências do professor. Com isso, os alunos além de aprenderem a língua pediram o ensino sociohistórico, sociolinguístico e sociocultural dos quíchuas, na perspectiva freiriana. Nesse sentido, o professor cedeu aos interesses dos alunos e juntos descobriram métodos inéditos no aprendizado da língua quíchua, como por exemplo, aplicou-se o método lúdico no ensino da Língua Quíchua, cantando e tocando alguns instrumentos musicais indígenas como *quena*, *charango* e *tambor*, assim os alunos aprenderam as palavras da Língua Quíchua.

Para Lima e Filho (2013), o método comunicativo é um procedimento usado para o ensino das línguas, focado ao significado das palavras para interagir entre os falantes, utilizando pragmaticamente das funções linguísticas, a fim de aprimorar o ensino e fortalecimento da interação com conteúdo “inseridos em contextos reais de comunicação para que ocorra a aquisição da língua alvo” (LIMA E FILHO, 2013, p. 01)

Segundo Portela (2006), o método comunicativo surgiu nos anos 60, com as novas tendências das aulas de línguas estrangeiras, em que os professores deveriam buscar distintos métodos para que os alunos estivessem adaptados. O foco principal é no sentido e na interação entre os sujeitos. O ensino comunicativo revela as necessidades dos alunos, experimentando as atividades relevantes e o real interesse dos educandos, para realizar as ações autênticas dos falantes. O método comunicativo possui algumas estratégias que auxiliaram na aprendizagem do aluno, “ou seja, desempenha uma sequência de atos como os de cumprimentar, socializar casualmente, experiências com auxílio de um objeto ou representação gráfica” (PORTELA, 2006, p. 53). O método comunicativo cria a oralidade em condições favoráveis na aquisição de uma nova

língua. Na abordagem comunicativa o professor se subordina seu comportamento deixando de ser o orientador nas necessidades de aprendizagem dos alunos na sala de aula.

Para Diatta (2016) na década de 70 surgiu o método de abordagem comunicativa, como uma alternativa em relação ao estruturalismo, que demonstrou seus limites na concepção no ensino das línguas estrangeiras e línguas segundas. Segundo (GEMAIN *apud* DIATTA, 2016, p. 27), a nova teoria de ensino “nasceu no momento em que se criticava, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a abordagem situacional e a gramática gerativa-transformacional, de Noam Chomsky”.

Lima (2014), apresenta os métodos comunicativos e os conceitos de primeira língua (L1) ou língua materna (LM), segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE). Definido que em comunidades bilíngues a L1 e L2 são adquiridos naturalmente, sendo que a Primeira língua ou língua materna aprende-se dentro do núcleo familiar e a segunda língua aprende-se no âmbito da sociedade, que são as línguas de sobrevivência ou de imposição do Estado. A língua estrangeira é a aprendizagem formal em uma sala de aula, com intuito de aprender pela vontade própria ou pela exigência do currículo escolar e o aluno não depende para sobreviver, porque não é uma língua oficial de seu país.

IV. DESCRIÇÃO ESTRUTURAL DA LÍNGUA QUÍCHUA

O objetivo deste capítulo é traçar breve panorama da estrutura da Língua Quíchua em geral e do Quíchua Ayacuchano em específico, no intuito de dar a conhecer as organizações fonético-fonológicas, ortográficas, morfológicas e sintáticas elementares que compõem o repertório gramatical – relação entre língua e estrutura, além de sua contraparte lexical – relação entre língua e cultura. Esse trabalho será relevante para o conhecimento da linguística em geral, para o conhecimento do próprio autor e para a aplicação posterior desse aprendizado, no curso de ensino de língua tratado no capítulo seguinte.

As referências do capítulo são: Pedro Clemente PERROUD (Redentorista) (1972), Cesar A. Guardia MAYORGA (1973), José Dionisio ANCHORENA (1874) e Roberta CORDEIRO (2014).

4.1. Gramática

Segundo Cordeiro (2014, p. 18), o estudo do conjunto de regras que formam o repertório sistemático da Língua Quíchua teve início em 1560, com a publicação de Domingo de Santo Tomás (1499-1570), em Valladolid, Espanha: “*Grammatica o arte de la lengua general de los incas de los reynos del Perú*”. A segunda publicação anônima surgiu em 1586, como resultado das atividades do jesuíta José de Acosta (1530-1598) e o terceiro do Concílio Limenho (1582-1583). Na sequência, surgiram os trabalhos de Gonzalez Holguin (1607), Alonso de Huerta (1616), Torres Rubio (1619), Roxo Mexia e Ocon (1648), Juan de Aguilar (1690) e Sancho de Melgar (1691).

4.1.1 Fonética e Fonologia

A fonética quíchua contempla o estudo dos sistemas estruturais das vogais, das consoantes com seus respectivos sons e dos acentos. E a fonologia quíchua compreende o estudo dos fonemas, dentro dos padrões dos sons produzidos pelos quíchuas da região. Nas linhas abaixo, segue a organização estrutural básica do Quíchua Ayacuchano.

Vogais, Consoantes e Acentos

Vogais – Segundo Perroud (1972, p. 07, 08), o sistema vocálico do Quíchua Ayacuchano se encerra no triângulo vocálico a—i—u. De fato, de acordo com outras fontes e o conhecimento próprio do autor, as vogais fundamentais do Quíchua Ayacuchano são: a—i—u. No entanto, os vogais e—o têm os seus sons neutralizados de “e” por “i” e de “o” por “u”. As semivogais w—y, se aproximam: “w” ao “u”, “y” ao “i”.

Consoantes – As letras consonantais em Quíchua Ayacuchano são: CH—H—K—L—LL—M—N—Ñ—P—Q—R—S—T. As outras letras do espanhol foram introduzidas mudando as grafias quíchuas, como por exemplo os nomes dos lugares: **Uqsapampa** (Oxapampa), **Quchapampa** (Cochabamba), **Kuntursinqa** (Condorsinca), **Qaqamarka** (Jajamarca), **Titiqarqa** (Titicaca) etc. A introdução de algumas letras da língua espanhola vem causando distúrbios na aquisição da escrita, como a troca de letras: L em vez de LL, O em vez de U, E em vez de I.

Acentos – Segundo Perroud (1972, p. 09), “em Quíchua, o acento cai impreterivelmente sobre a penúltima sílaba”, sem considerar a quantidade delas, nem a interferência das partículas aglutinantes, por isso poucas se acentuam na escrita. Entre essas últimas, isso ocorre quando expressam dúvidas e incertezas, como por exemplo, *chaynachá* (talvez seja assim), *qurichá* (talvez seja ouro).

A contagem para a separação na penúltima sílaba é necessária, porque as sílabas compostas de ditongos não se contam por duas sílabas, senão por uma só. Esses ditongos são: au, ay, wa, wi, como por exemplo, *rimay* (falar), o acento está no *í*.

As acentuações em últimas sílabas, ocorrem quando há interjeições e interrogativas, como por exemplo, *taitáy!* (Pai meu!), *mamáy!* (Mãe minha!), *yá!* (Já!), *imá?* (O que?).

Segundo Mayorga (1973, p. 39), o acento prosódico em Quíchua não deve ser marcado ou registrado ortograficamente. O acento em Quíchua é pouco usado, como em caso de partícula dubitativa “*chá*” *paychá* (ele deve ser), afirmativa “*yá*” *warmiyá* (é mulher), interrogação “*ri*” *chayrí?* (E depois?).

Ortografia Quíchua de Base Fonética

Mayorga (1973, p. 39) argumenta que “todos os signos ortográficos podem ser usados na Língua Quíchua, com a exceção da apóstrofe, trema, parênteses e hífen”, por ser essa uma língua aglutinante e, portanto, prescindir dessas marcas.

Em Quíchua, como em todas as outras línguas que não chegaram à expressão gráfica, o aspecto fonético tem exercido um completo domínio sem controle em muitas regiões, proliferando e imitando outras línguas que deram origem a muitos dialetos.

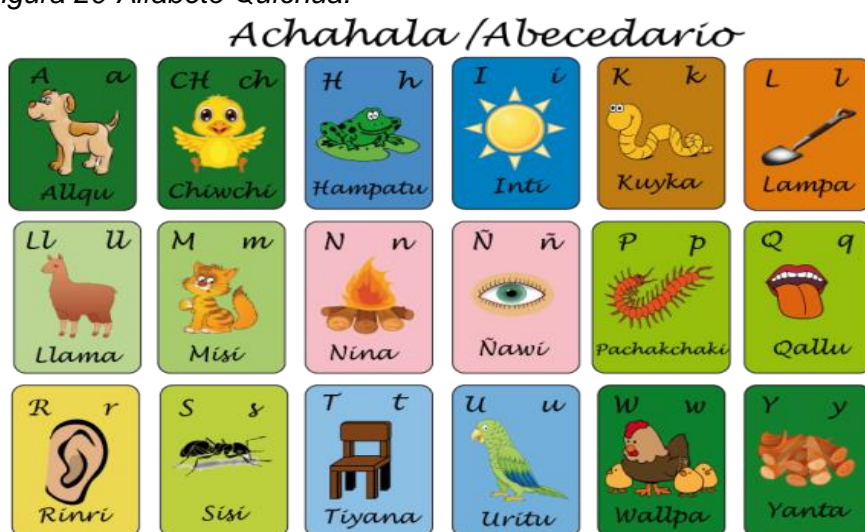
Nesse sentido, (ACOSTA *apud* MAYORGA, 1973) menciona que existiam 700 línguas nativas no Peru no Século XVI. Assim, o Quíchua teria interferências linguísticas fonológicas e lexicais ocasionadas pelo contato com essas outras línguas nativas. Dado que os conquistadores espanhóis ficaram em Cusco e Ayacucho, a influência do Espanhol foi aquela que causou mais a alteração em essa língua.

Algumas alterações fonéticas entre os quíchuas de Ayacucho, Cuzco e Huánuco podem ser observadas nestes exemplos: em Ayacucho, *ñuqa* (eu), em Cusco, *nuqa* (eu) e, em Huánuco, *yaa* (eu).

O alfabeto de Quíchua Ayacuchano consta das seguintes letras:

A-a, CH-cha, H-ha, I-i, K-ka, L-la, LL-lha, M-ma, N-na, Ñ-nha, P-pa, Q-qa, R-ra, S-sa, T-ta, U-u, W-wa, Y-ya:

Figura 20-Alfabeto Quíchua:



Fonte: <https://www.google.com/search?q=alfabeto+quechua&rlz=1C1CHBD:>

No quadro a seguir, são apresentadas palavras ilustrativas de cada letra do abecedário quíchua:

Quadro 1: Palavras em Quíchua

QUÍCHUA		TRADUÇÃO	
		ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
A	<i>Allqu</i>	perro	Cachorro
CH	<i>Chiwchi</i>	pollito	Pinto
H	<i>Hampatu</i>	sapo	Sapo
I	<i>Inti</i>	sol	Sol
K	<i>Kuyka</i>	lombriz	Minhoca
L	<i>Lampa</i>	pala	Pá
LL	<i>Llama</i>	llama	Lhama
M	<i>Misi</i>	gato	Gato
N	<i>Nina</i>	fuego	Fogo
Ñ	<i>Ñawi</i>	ojo	Olho
P	<i>Pachakchaki</i>	cien pies	cem pê
Q	<i>Qallu</i>	lengua	Língua
R	<i>Rinri</i>	oreja	Orelha
S	<i>Sisi</i>	Hormiga	Formiga
T	<i>Tiyana</i>	Silla	Cadeira
U	<i>Uritu</i>	Loro	Louro
W	<i>Wallpa</i>	Gallina	Galinha
Y	<i>Yanta</i>	Leña	Lenha

4.1.2. Morfologia

Segundo Perroud (1972), o sistema da Língua Quíchua é estudado de modo semelhante ao de outras línguas. As formas morfológicas e sintáticas são analisadas de acordo com o uso habitual de seus falantes de cada região, seus incrementos lexicais e suas variações, através da comunicação diária de seus habitantes. Nos parágrafos a seguir, serão apresentadas as classes de palavras, bem como aspectos da classificação e formação de palavras em Quíchua.

Classificação de Palavras

Artigo –em Quíchua geral, há só um artigo indeterminado: *Huk* (um ou uma), como por exemplo, *huk runa* (uma pessoa). Os artigos não determinam os gêneros e substantivos, mas há um meio de distinguir o gênero, quando se refere ao masculino para pessoa usa-se *qari* (homem) e para animal *urqu* (macho), quando se refere ao feminino para pessoa usa-se *warmi* (mulher) e para animal

china (fêmea). Como por exemplo, *qari warma* (menino), *warmi warma* (menina), *urqu allqu* (cachorro), *china allqu* (cadela).

Substantivo – O gênero é neutro para todos os substantivos, os nomes verbais do infinitivo, os participios passivos, os nomes de instrumentos, os participios que se transformam em adjetivos. Como por exemplo, *hatun rumi* (pedra grande), *wañuy* (a morte), *llamkanakuna* (instrumentos de trabalho).

Tratando-se de pessoas, o substantivo é comum para ambos gêneros: *runa* (determina tanto homem e mulher). Nos participios pessoais: *yachaq* (um sábio), *asiq* (quem ri). Nos pronomes pessoais: *ñuqa* (eu), *qam* (você), *pay* (ele). Nos pronomes interrogativos: *pi* (quem), *mayqin* (qual).

Quanto ao número, os plurais são formados de várias formas em Quíchua. Naturalmente acontece aumentando a partícula *kuna* ao singular; *runakuna* (os homens), *machukuna* (os idosos), *payakuna* (as idosas). Em caso de o adjetivo numeral ser mais que um: *tawa allqu* (quatro cachorros), *achka misi* (muitos gatos), *huk nananaq aya* (uma multidão de cadáveres).

Para indicar uma coletividade se repetem as palavras: *miski miski* (muito doce), *qura qura* (muita erva), *sara sara* (muito milho), *sacha sachá* (uma selva), *kusi kusi* (felicidade).

Neste ponto, é importante observar que, quando se falam de órgãos ou membros pareados com adjetivos qualificativos, não se usam o plural, senão o singular: *yana ñawi maqta* (moço de olhos pretos), *taksa maki paya* (idosa de mãos pequenas), *hatun chanka runa* (homem de pernas longas).

Adjetivo – Os adjetivos qualificativos, em Quíchua, são invariáveis. Exemplos: *suní kaspikuna* (paus cumpridos), *Machu runakuna* (homens velhos).

Os adjetivos comparativos de igualdade se formam aumentando os advérbios aos adjetivos, como nos exemplos seguintes: *qam hina hatun* (grande como você), *paywan hina tupu yachaq* (quem sabe como ele).

Os adjetivos comparativos de inferioridade, se formam aumentando os advérbios aos adjetivos positivos, como por exemplo: *paymanta pisi kallpayuq* (quem tem menos força que ele), *Urubamba mayum Apurímac mayumanta aswan pisim* (o Rio de Urubamba é menor que o Rio Apurímac).

Formam-se os adjetivos comparativos de superioridade aumentando os advérbios aos adjetivos positivos, como por exemplo: *hanmanta aswan hatun*

(mais grande que você), *alluquymi alluquykimanta aswan yuraq* (meu cachorro é um pouco mais branco que o seu), *atuqmi alluqumanta aswan ancha piña* (a raposa é muito mais bravo que o cachorro), *pumam atuqmanta aswan llumpay sua* (o puma é muitíssimo mais ladrão que raposa).

Os superlativos se formam de diferentes maneiras, a partir da duplicação do adjetivo positivo. Em caso que o adjetivo termina em vogal, aumenta-se uma “i”, como por exemplo, *yuraq yuraq* (branquíssimo), *yanai yanai* (pretíssimo). *Alluquymi ancha ancha piña* (meu cachorro é bravíssimo).

Segundo Mayorga (1973, p. 91), os adjetivos se classificam por sua origem e composição. De forma que os substantivos podem ser:

Primitivos: *puka* (vermelho).

Derivados: *pukachasqa* (vermelhecido).

Simples: *puka* (vermelho).

Compostos: *pukay pukay* (vermelhíssimo).

Os adjetivos compostos formam numerosos adjetivos qualificativos compostos, tomando como base nomes de diversas partes do corpo humano, aumentando os participios passivos, adjetivos e substantivos, usando o *sunqu* (coração), aumentando a um participio ativo formam adjetivos compostos que expressam a qualidade do participio, como próprio do caráter da pessoa:

manchaqsunqu (medroso),

machaqsunqu (bêbado consuetudinário),

llamkaqsunqu (trabalhador),

kuyapayakuqsunqu (compassivo),

putiqsunqu (melancólico),

kaqchaqsunqu (amedrontador),

timpuqsunqu (irritável, colérico).

Os adjetivos compostos de similar tendência significativa, formam-se aumentando *sunqu* a alguns adjetivos simples, como por exemplo, *allinsunqu* (bondoso), *hatunsunqu* (magnífico, orgulhoso), *piñasunqu* (irritável, raivoso).

Aumentando os substantivos a palavra *sunqu*, formam-se adjetivos compostos que expressam inclinação aos substantivos primitivos:

qulqisunqu (metalizado, avaro),

aqasunqu (amante de bebida alcoólica artesanal),

rumisunqu (insensível).

Aumentando a palavra *ñawi* (olho) em outros substantivos, formam-se outros adjetivos compostos: *anqasñawi* (de olhos azuis), *kusiñawi* (de olhos vivazes, alegres), *miskiñawi* (de olhos doces), *pikiñawi* (de olhos pequenos), *chaskañawi* (de olhos de luzeiro).

Aumentando a palavra *maki* (mão) em outros substantivos, formam-se outros adjetivos qualificativos compostos e em sentido figurado: *qillimaki* (de mãos sujos ou ladrona), *chuyamaki* (de mãos limpas ou honesta), *sampamaki* (de mãos fofas ou incapaz), *pumamaki* (de mãos de puma, forte).

Aumentando a palavra *siki* (glúteos ou traseiro), unindo a outros substantivos, formam-se outros adjetivos qualificativos compostos, com expressões de costumes: *puñuqsiki* (quem dorme muito), *tiaqsiki* (preguiçoso, ocioso), *chakisiki* (magro demais), *ispaqsiki* (criança que urina na cama).

Com outras palavras, formam-se os adjetivos compostos, como nos exemplos: *yuyaquma* (cabeça que lembra), *yachaquma* (cabeça que sabe), *chusaquma* (cabeça vazia), *miskisimi* (de palavras dóceis), *qamyasimi* (de palavras sem sabor), *ninaqallu* (língua de fogo, acusador), *pikichaki* (quem anda rápido), *llasaqchaki* (quem anda devagar), *kaspichaki* (de pernas magras).

Com o sufixo *sapa*, formam-se substantivos compostos de diversa significação qualitativa, quando se trata de adjetivos aumentativos, “*sapa*” equivale a “ão”: *ñawisapa* (olhão), *simisapa* (bocão), *rinrisapa* (orelhão), *wiksasapa* (barrigão), *umasapa* (cabeção), *kirusapa* (dentudo), *sikisapa* (bundão).

A aglutinação de *sapa* a outros substantivos primitivos, expressa abundância, como nos exemplos: *qulqisapa* (quem tem muito dinheiro, rico), *wirasapa* (quem tem muita grassa, gordo), *wawasapa* (quem tem muitos filhos), *rumisapa* (algo que tem muitas pedras), *rapisapa* (planta que tem muitas folhas), *wayllasapa* (cheio de matagais).

O acréscimo do sufixo *sapa* aos infinitivos de verbos relacionados com ações humanas forma adjetivos compostos da pessoa ao qual se aplica e indica muito do infinitivo: *llakisapa* (quem tem muitas penas), *yachaysapa* (quem tem muitos conhecimentos, sábio), *munaysapa* (quem faz o que quer), *rimaysapa* (quem fala muito, orador).

Os adjetivos qualificativos expressam as qualidades dos substantivos, como *sumaq kila* (formosa lua), *hatun pallqa* (galho grande). Esses adjetivos qualificativos se denominam em Quíchua de *sutichanichaq* (o que valora os nomes).

Os numerais em Quíchua são dez. Com eles formam-se todas as cifras superiores, com poucas exceções. Por exemplo, *chunka hukniyuq* (onze), o número dez fica em posição de dez, se acrescenta a partícula *niyuq* quando a raiz termina em consoante e *yuq* em vogal.

Quadro 2: Numerais em Quíchua

1 <i>huk</i>	21 <i>iskay chunka hukniyuq</i>
2 <i>iskay</i>	22 <i>iskay chunka iskayniyuq</i>
3 <i>kimsa</i>	23 <i>iskay chunka kimsayyuq</i>
4 <i>tawa</i>	30 <i>kimsa chunka</i>
5 <i>pichqa</i>	100 <i>pachak</i>
6 <i>suqta</i>	110 <i>pachak chunka</i>
7 <i>qanchis</i>	112 <i>pachak chunka iskayniyuq</i>
8 <i>pusaq</i>	200 <i>iskay pachak</i>
9 <i>isqun</i>	990 <i>isqun pachak isqun chunka</i>
10 <i>chunka</i>	1 000 <i>waranqa</i>
11 <i>chunka hukniyuq</i>	1 500 <i>waranqa pichqa pachak</i>
12 <i>chunka iskayniyuq</i>	1 900 <i>waranqa isqun pachak</i>
13 <i>chuka kimsayyuq</i>	2 020 <i>iskay waranqa iskay chunka</i>
14 <i>chunka tawayyuq</i>	10 000 <i>chunka waranqa</i>
15 <i>chunka pichqayyuq</i>	20 000 <i>iskay chunka waranqa</i>
16 <i>chunka suqtayyuq</i>	100 000 <i>pachak waranqa</i>
17 <i>chunka qanchisniyuq</i>	200 000 <i>iskay pachak waranqa</i>
18 <i>chunka pusaqniyuq</i>	1 000 000 <i>wara waranqa</i>
19 <i>chunka isqunniyuq</i>	900 000 000 <i>isqun pachak wara waranqa</i>
20 <i>iskay chunka</i>	1 000 000 000 <i>wara wara waranqa</i>

Os numerais ordinais em Quíchua são construídos com acréscimo da partícula *kaq* sucessivamente, como nos seguintes exemplos: *huk kaq wasi* (primeira casa), *iskay kaq wata* (segundo ano), *kimsa kaq churi* (terceiro filho), *tawa kaq runa* (quarta pessoa). Há também outras formas de expressões, por exemplo quando se trata de antiguidades e posições: *ñaupaq kaq punku* (a porta antiga), *ñaupaq riq* (quem vai no frete), *chaupi riq* (quem vai no meio), *qipa riq* (quem vai no último).

Os numerais coletivos se formam com a partícula *ntin*, quando os numerais terminam em vogais ou ditongos, como por exemplo, *chunkantin* (os dez juntos), *tawantin* (os quatro juntos). Quando os numerais terminam em

consoantes se formam com a partícula *nintin*, como por exemplo, *iskaynintin* (os dois juntos), *qanchisnintin* (os sete juntos).

Formam-se os numerais distributivos aumentando o sufixo *nka* ao numeral cardinal, quando os numerais terminam em vogais ou ditongos, como por exemplo, *tawanka tunasta sapakamaman quy* (dê a quatro *tunas* a cada um). Quando os numerais terminam em consoantes *ninka*, como por exemplo, *iskayninka naranjata sapakamaman quy* (dê a duas laranjas a cada um).

Os numerais múltiplos se formam com as partículas *kuti*, como por exemplo, *chunka kinsayuq kuti* (treze vezes), *tawa kutitam hamurqani* (eu tenho vindo quatro vezes).

Os pronomes pessoais em quíchua diferem que no espanhol e português, como no caso de *ñuqanchik* (nós inclusivo) que inclui a todo o grupo existente, no entanto *ñuqayku* (nós exclusivo) que inclui apenas uma parte do grupo existente.

Quadro 3: Pronomes pessoais em Quíchua

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Nuqa</i>	Yo	Eu
<i>Qam</i>	Tu	Tu
<i>Pay</i>	Él/ella	Ele/ela
<i>Nuqanchik</i>	Nosotros (as) (Inclusivo)	Nós (Inclusivo)
<i>Nuqayku</i>	Nosotros (as) (Exclusivo)	Nós (Exclusivo)
<i>Qankuna</i>	Vosotros (as)	Vós
<i>Paykuna</i>	Ellos/ellas	Eles/elas

Verbo – Em Quíchua, os verbos são flexíveis, havendo possibilidade de formação de numerosos novos verbos. Esses verbos podem ter complementos diretos e indiretos, como se vê nos quadros a seguir.

Quadro 4: verbos com complementos diretos

Pergunta	Sujeito	Verbo	compl. Direto
Imatam	ñuqa	qawani?	Wasita.
O que	eu estou	vendo?	A casa.
Qué	estoy	viendo?	La casa.
Imatam	warmi	yanun?	Aychata.
O que	a mulher	cozinha?	Carne.
Qué	la mujer	cocina?	Carne.

Quadro 5: Verbos com complementos indiretos

	Pergunta	Compl. Indireto
Wasiman yaykuni. Entro na casa.	Imaman?	Llantukuq.
Entro en la casa.	Fazer que?	Pegar sombra.
	Hacer qué?	Tomar sombra.
Pay takin. Ele canta.	Pipaq?	Waynampaq.
	Para quem?	Para a noiva.
Él canta.	Para quién?	Para la novia.

Preposição – Segundo Mayorga (1973), em Quíchua propriamente, a preposição não existe. O que existe, de fato, são posposições, como as partículas terminais em forma de sufixos. Assim sendo, não existem preposições separadas, como por exemplo a partícula “*pa*” que tem a propriedade de pertença e que se junta ao nome, como em *Carluspa wasin* (a casa de carlos), *wawapa ñawin* (os olhos da criança).

Conjunção – Em Quíchua, as conjunções estão representadas pelas partículas *wan* (e), *yuq* (e) e *pas* (e), constituídas pelas palavras que dão sentido no momento de construir a frase, ou por simples justaposição, como por exemplo: *alluquwan misiwani kanisunki* (o cachorro e o gato te morderam), *aychayuq papayuq hamusqanki* (você veio com carne e batata), *qampas ñuqapas takinchik* (você e eu cantamos), *qari warmi anyanakunku* (homem e mulher discutem).

Formação de Palavras

Em Quíchua, o estudo morfológico da formação de palavras compreende, na realidade, um estudo da morfofonologia dessa língua, uma vez que envolve o número de sílabas que compõem as unidades significativas ou morfemas que constituem os vocábulos. Assim, consideram-se as sílabas e as partículas como elementos das palavras. As sílabas formam as palavras primitivas com as partículas aglutinantes, entre elas ou com as palavras compostas para formar novas palavras.

A classificação das palavras segundo o número de sílabas segue formato e terminologia semelhantes aos do Espanhol, mudando apenas na quantidade de sílabas das palavras correspondentes em Quíchua:

Monossílabas são palavras que estão constituídas de uma só sílaba: *kay* (ser), *chin* (silencio), *quy* (dar), *pay* (ele).

Dissílabas são palavras que estão constituídas de duas sílabas, como em regra geral se estabelece com toda a palavra primitiva dissilábica: *ñuqa* (eu), *kallma* (galho), *hamuy* (vir), *qaqa* (rocha).

Trissílabas são palavras que estão constituídas por três sílabas: *chayani* (eu chego), *qurichay* (dourar), *qarqacha* (fenómeno que vira parecido à lhama, em caso de incesto).

Quadrissílabas são palavras que estão constituídas por quatro sílabas: *ñaqchakuni* (eu penteei), *tutamanta* (pela manhã).

Pentassílabas são palavras que estão constituídas por cinco sílabas: *yachachichkaya* (vai ensinando), *maqanakuyipi* (estar na luta).

Segundo Anchorena (1874), as palavras em Quíchua podem conter de uma até vinte ou mais sílabas, assim mesmo, podem-se encontrar mais de um diminutivo (que em algumas significam mais carinho no momento da conversação). Muitas vezes, as palavras não têm as traduções exatas em Espanhol nem em Português ou outras línguas. As traduções são hipotéticas ou aproximadas para dar sentido, como por exemplo na palavra: *kamachinakuichakunapurallamantapuniraqtaqchumari* (e assim, pois ainda, todavia, precisamente de entre os conselhinhos).

Como em caso dessa última palavra *conselhininhos*, o tradutor se sente obrigado a mostrar a possibilidade da escrita e sentido da palavra. Observam-se os exemplos a seguir:

ka
'e'

ka-ma
'até'

ka-ma-chi
'mandato'

ka-ma-chi-na
'mandatário'

ka-ma-chi-na-kui
'conselho'

ka-ma-chi-na-kui-cha
'conselhinho'

ka-ma-chi-na-kui-cha-lla
'conselhinho'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na
'conselheiros'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-lla
'conselheiros somente'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-lla-man
'só aos conselheiros'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-lla-man-ta
'só dos conselheiros'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-lla-man-ta-wan
'e só também dos conselheiros'

Ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta
'só de entre os conselheiros'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-wan
'e também de entre os conselheiros'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni
'só precisamente de entre os conselheiros'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq
'só precisamente de entre os conselheiros ainda'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq
'ainda, todavia, só de entre os conselheiros precisamente'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq-chu
'e ainda, todavia, só e precisamente de entre os conselheiros'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq-chu-ma
'e assim, ainda, todavia, precisamente de entre os conselheiros'

ka-ma-chi-na-kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq-chu-ma-ri
'*kamachinakuichakunapurallamantapuniraqtaqchumari*'
'e assim, pois ainda, todavia, só e precisamente de entre os conselheiros'.

4.1.3 Sintaxe

Segundo Mayorga (1973, p. 342), a sintaxe em Quíchua, acontece ao igual que em outras línguas, compreende o estudo das estruturas gramaticais,

determinando as relações dos elementos de uma sentença, com a inclusão de estudo das partículas aglutinantes.

Estrutura da Oração

O Quíchua difere do Espanhol e do Português posto ser uma língua aglutinante, enquanto as demais são flexionais. Na sua estruturação interna, o Quíchua apresenta características diferenciadas de organização e colocação do substantivo, objeto, verbo e das partículas aglutinantes, que são aderidos às palavras em forma de sufixos, prefixos e desinências.

O princípio fundamental da construção Quíchua realiza-se antecipando o subordinado a seu principal ou subordinante, pondo primeiro indeterminado e determinante, como pode ser visto em:

Llaqtata richkani.

(literalmente: para a cidade eu estou indo): OSV.

(em português: Eu estou indo para a cidade): SVO.

Urpipa waqaynin uyariqmi mayuta rini.

(literalmente: da pomba seu canto ouvir ao rio eu vou).

(em português: Eu vou ao rio ouvir o canto da pomba).

Pelo que se pode ver, em Quíchua as partes da oração são construídas ao contrário do português: acaba-se por onde se começa e começa-se por onde se acaba:

Hatunmi wasi.

(literalmente: é grande a casa).

(em português: a casa é grande).

Segundo Perroud (1972), em Quíchua, as partes essenciais da oração são colocadas ao final, com seus complementos antes delas. A ordem é invariável, ao princípio o sujeito, ao fim o predicado: *runa rin* (o homem vá).

O complemento do sujeito o precede sempre: *machu runa rin* (o homem velho vá), *llaqtaykupa machu runa rin* (o homem velho de nosso povo vá),

llaqtakupa machu mana qawaq runam rin (o velho homem cego de nosso povo vá).

O complemento do predicado o precede sempre: *machu runa wasiykiman rin* (o velho homem vá a tua casa).

Os complementos circunstâncias se colocam um na sequência do outro, sempre antes do verbo, guardando a ordem lógica: *machu runa llaqtakumanta wasiykuman rin* (o velho homem vá de nosso povo a tua casa).

As orações de verbo copulativo se formam com o verbo *kay* (ser): *yayay apu kasqam karqa* (meu pai foi juiz).

As orações negativas se formam das afirmativas através das partículas *mana* e *chu*. *Mana* coloca-se antes da parte negada e *chu* depois do verbo: *manam rikunichu* (não vejo).

As orações proibitivas constroem-se com as partículas proibitivas *ama* e *chu*, como nos exemplos: *ama rurankichu* (não o faz), *kay ñanta ama purinkichu* (não andes por este caminho).

As orações interrogativas se formam com a partícula *chu*, colocando no final do verbo: *hamunkichu?* (você vem?), *churikichu?* (é teu filho?).

Formam-se orações dubitativas pospondo as partículas *cha* e *icha*: *wasiykiman paqarin risaqcha* (talvez eu irei para sua casa amanhã), *ichach wasiykiman paqarin risaq* (talvez eu irei para sua casa amanhã).

Concordância Nominal e Verbal

Sobre a concordância nominal, Mayorga (1973) afirma que, em Quíchua, o artigo determinado não concorda com o substantivo. Também não existem concordâncias entre os substantivos e os adjetivos nem entre os gêneros e números, porque as orações são invariáveis:

Sumaq warmi (formosa mulher).

Sumaq warmikuna (formosas mulheres).

Sumaq inti (formoso sol).

Sumaq killa (formosa lua).

Sumaq pisqukuna (formosos pássaros).

Essa mesma regra é aplicada aos adjetivos substantivados da oração, como o infinitivo e o particípio ativo:

Miski waylluy (doce amor).

Miski wayllukuna (doces amores).

Allin yachachiq (bom professor).

Allin yachachiqkuna (bons professores).

Quanto à concordância verbal, observa-se que, na Língua Quíchua, o verbo e o sujeito concordam em número e pessoa: *warmikuna waqanku* (as mulheres choram). Quando a ação é realizada por todos os sujeitos em uma oração, o verbo é usado em plural: *quwi, wallpa, allqu mikunku* (preá, galinha e cachorro comem).

4.2. Léxico

Zea (2014), assegura que a Língua Quíchua tem sofrido muitas alterações e empréstimos lexicais, principalmente do Espanhol, língua dos colonizadores. Assim como as palavras Quíchuas foram incorporadas aos dicionários espanhóis, a partir das primeiras conquistas, como por exemplo: *hamaca, llama, papa, chuño, durazno* e tantas outras procedentes da América indígena. Assim mesmo, foram emprestadas as palavras espanholas arbitrariamente, como no uso dos cinco vogais nos nomes pessoais.

4.2.1. Nomes

Nesse subitem, serão compostos quadros de itens do repertório lexical da Língua Quíchua – nomes de partes do corpo humano, animais, aves, metais, fenômenos da natureza, plantas, cores, atividades humanas, entre outros, escritos em Quíchua e seguidos pela tradução em Espanhol e Português:

Quadro 6: Partes do corpo humano

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Sapra</i>	Barba	Barba
<i>Simi</i>	Boca	Boca
<i>Marqay</i>	Braço	Braço
<i>Chukcha</i>	Cabello	Cabelo
<i>Uma</i>	Cabeza	Cabeça
<i>Uya</i>	Cara	Rosto
<i>Urku chukcha</i>	Pestaña	Sobrancelha
<i>Sunqu</i>	Corazón	Oração
<i>Waqta tullu</i>	Costilla	Costela
<i>Kunka</i>	Cuello	Pescoço
<i>Kiru</i>	Diente	Dente
<i>Millputi</i>	Esófago	Esófago
<i>Wasa</i>	Espalda	As costas
<i>Urku</i>	Frente	Frente
<i>Amuqllu</i>	Glándula	Glândula
<i>Kichpan</i>	Hígado	Fígado
<i>Qachpan</i>	Pulmón	Pulmão
<i>Rurun</i>	Riñón	Rim
<i>Chunchuli</i>	Intestino	Intestino
<i>Hatun chunchuli</i>	Intestino grueso	Intestino grosso
<i>Tullu</i>	Hueso	Osso
<i>Rikra</i>	Hombro	Ombro
<i>Wiqi</i>	Lágrima	Lágrima
<i>Qallu</i>	Lengua	Língua
<i>Maki</i>	Mano	Mão
<i>Raukana</i>	Dedo	Dedo
<i>Uñan raukana</i>	Meñique	Mendinho
<i>Sinqa</i>	Nariz	Nariz
<i>Anku</i>	Nervio	Nervo
<i>Chilina</i>	Médula	Medula
<i>Ñawi</i>	Ojo	Olho
<i>Puputi</i>	Ombigo	Umbigo
<i>Rinri</i>	Oreja	Orelha
<i>Ñawi qara</i>	Párpados	Pálpebras
<i>Qasqu</i>	Pecho	Peito
<i>Qichipra</i>	Pestaña	Cílio
<i>Chaki</i>	Pie	Pé
<i>Qara</i>	Piel	Pele
<i>Ñawi ruru</i>	Pupila	Pupila
<i>Kakichu</i>	Quijada	Mandíbula
<i>Muqu</i>	Rodilla	Joelho
<i>Tuqay</i>	Saliva	Saliva
<i>Yawar</i>	Sangre	Sangue
<i>Wallwa</i>	Axila	Axila
<i>Kuchus</i>	Codo	Cotovelo
<i>Sillu</i>	Uña	Unha
<i>Siki</i>	Trasero	Glúteos
<i>Ispay puru</i>	Vejiga	Bexiga
<i>Suka</i>	Vena	Veia
<i>Wiksa</i>	Barriga	Barriga
<i>Wiksa uku</i>	Ventre	Ventre
<i>Ñuñu</i>	Senos	Seios

Quadro 7: Animais e insetos

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Misi</i>	Gato	Gato
<i>Usqu</i>	Gato montes	Gato do mato
<i>Sisi</i>	Hormiga	Formiga
<i>Sacha kuchi</i>	Jabalí	Javali
<i>Puma</i>	Jaguar	Puma
<i>Sukullukuy</i>	Lagartija	Lagartixa
<i>Piki</i>	Pulga	Pulga
<i>Usa</i>	Piojo	Piolho
<i>Chía</i>	Liendre	Lêndea
<i>Kuika</i>	Lombriz	Minhoca
<i>Uru</i>	Insecto	Inseto
<i>Nina uru</i>	Luciérnaga	Vaga-lume
<i>Pillpintu</i>	Mariposa	Borboleta
<i>Chipi</i>	Mono	Mono
<i>Chuspi</i>	Mosca	Mosca
<i>Ustu piki</i>	Nigua	Bicho-de-pé
<i>Ukumari</i>	Oso andino	Urso andino
<i>Chíta</i>	Oveja	Ovelha
<i>Mapa ruraq</i>	Abeja	Abelha
<i>Atuq atuq</i>	Alacrán	Escorpião
<i>Uywa</i>	Animal doméstico	Animal doméstico
<i>Llika uru</i>	Araña	Aranha
<i>Kusikusi</i>	Araña de agua	Aranha de água
<i>Waywaku</i>	Ardilla	Esquilo
<i>Kirkinchu</i>	Armadillo	Tatu
<i>Waylis</i>	Avispa	Marimbondo
<i>Uña</i>	Mamífero bebé	Mamífero bebê
<i>Katari</i>	Boa	Anaconda
<i>Apanquray</i>	Cangrejo	Caranguejo
<i>Churu</i>	Caracol	Caracol
<i>Aycha mikuq</i>	Carnívoro	Carnívoro
<i>Kuchi</i>	Cerdo	Porco
<i>Pachaq chaki</i>	Ciempies	Ciem pies
<i>Luichu</i>	Ciervo	Veado
<i>Quwi</i>	Cuy	Preá
<i>Unchuchuku</i>	Comadreja	Doninha
<i>Kuntur</i>	Condor	Condor
<i>Chiuchi</i>	Pollito	Pintinho
<i>Tawa chaki</i>	Cuadrúpedo	Quadrupedo
<i>Aka tanqa</i>	Escarabajo	Besouro
<i>Apasanqa</i>	Tarántula	Tarántula
<i>Ukucha</i>	Ratón	Rato
<i>Allqu</i>	perro	Cachorro
<i>Challwa</i>	Pez	Peixe
<i>Kaira</i>	Rana	Rã
<i>Ultu</i>	Renacuajo	Girino
<i>Hampatu</i>	Sapo	Sapo
<i>Amaru, waska uru</i>	Serpiente	Cobra
<i>Sacha waka</i>	Tapir	Anta
<i>Charapa</i>	Tortuga	Tartaruga
<i>Qara chupa</i>	Zarigüeya	Gambá
<i>Atuq</i>	Zorro	Raposa
<i>Llama</i>	Llama	Lhama

Quadro 8: Aves

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Pisqu</i>	Ave	Ave
<i>Tuku</i>	búho	Coruja
<i>Killinchu</i>	Cernícalo	Peneireiro
<i>Anka</i>	Gavilán	Águia
<i>Wayanay</i>	Golondrina	Andorinha
<i>Pichiusa</i>	Gorrión	Pardal
<i>Runtu</i>	Huevo	Ovo
<i>Qisa</i>	Nido	Ninho
<i>Rikra</i>	Ala	Asa
<i>Urpi</i>	Paloma	Pombo
<i>Nuñuma</i>	Pato	Pato
<i>Yutu</i>	Perdiz	Perdiz
<i>Qinti</i>	Picaflor	Beija flor
<i>Tupsa</i>	Pico	Bico
<i>Mallqu</i>	Pichón	Filhote de pombo
<i>Pura</i>	Pluma	Pena
<i>Kullku</i>	Tórtola	Rolinha
<i>Chiwaku</i>	Zorzal	Mirlo

Quadro 9: Metais

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Isku</i>	Cal	Cal
<i>Anta</i>	Cobre	Cobre
<i>Llipipipiq rumi</i>	Diamante	Diamante
<i>Qumir rumi</i>	Esmeralda	Esmeralda
<i>Yuraq titi</i>	Estaño	Estanho
<i>Qillay</i>	Hierro	Ferro
<i>Quri</i>	Oro	Ouro
<i>Nina chispa rumi</i>	Pedernal	Pederneira
<i>Qulqi</i>	Plata	Prata
<i>Kachi</i>	Sal	Sal
<i>Qullpa</i>	Salitre	Salitre
<i>Qullpasapa</i>	Sulfuroso	Sulfuroso
<i>Qispi rumi</i>	Vidrio	Vidro
<i>Pachas</i>	Yeso	Gesso

Quadro 10: Plantas

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Uchu</i>	Ají	Pimenta
<i>Waranqu</i>	Algarrobo	Alfarroba
<i>Sacha</i>	Árbol	Árvore
<i>Taksa yura sachá</i>	Arbusto	Arbusto
<i>Sacha sachá</i>	Bosque	Bosque
<i>Wiru</i>	Caña	Canha
<i>Suqus</i>	Bambú	Bambu
<i>Qara</i>	Cáscara	Casca
<i>Wayta-sisa-tika</i>	Flor	Flor

<i>Rapi rapi</i>	Follaje	Folhagem
<i>Raki raki</i>	Helecho	Samambaia
<i>Qura</i>	Hierba	Erva
<i>Rapi</i>	Hoja del árbol	Folha da árvore
<i>Purutu</i>	Frejol	Feijão
<i>Ruru-wayu</i>	Fruto, semilla	Fruto, semente
<i>Sara</i>	Maíz	Milho
<i>Itana</i>	Ortiga	Ortiga
<i>Yura</i>	Planta	Planta
<i>Sapi</i>	Raíz	Raiz
<i>Kallma</i>	Rama	Galho
<i>Sachapa nwiqin</i>	Resina	Resina
<i>Matara</i>	Totora	Taboa
<i>Uku yunka</i>	Selva virgen	Selva virgem

Quadro 11: Fenômenos da natureza

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Chirapa</i>	Arco iris	Arco íris
<i>Hanaqpacha</i>	Cielo	Céu
<i>Inti</i>	Sol	Sol
<i>Killa</i>	Luna	Lua
<i>Quyllur</i>	Estrella	Estrela
<i>Rupay</i>	Calor	Calor
<i>Chiri</i>	Frío	Frio
<i>Puyu</i>	Nube	Nuvem
<i>Para</i>	Lluvia	Chova
<i>Riti</i>	Nieve	Neve
<i>Puqy mita</i>	Otoño	Outono
<i>Tarpuy mita</i>	Primavera	Primavera
<i>Rupay mita</i>	Verano	Verão
<i>Chiraw mita</i>	Invierno	Inverno
<i>Llipya</i>	Relámpago	Relâmpago
<i>Illapa</i>	Rayo	Raio
<i>Ipu para</i>	Garúa	Garoa
<i>Taqrapa</i>	Trovan	Trovão
<i>Mayu</i>	Rio	Rio
<i>Hallka, sallqa</i>	Puna	Puna
<i>Wayra</i>	Viento	Vento

Quadro 12: Cores

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Tullpukuna</i>	Colores	Cores
<i>Puka</i>	Rojo	Vermelho
<i>Yana</i>	Negro	Preto
<i>Yuraq</i>	Blanco	Branco
<i>Anqas</i>	Azul	Azul
<i>Qillu</i>	Amarillo	Amarelo
<i>Qumir</i>	Verde	Verde
<i>Uqi</i>	Plomo	Cor de chumbo
<i>Paqu</i>	Dorado	Dourado
<i>Yana anqas</i>	Azul oscuro	Azul escuro
<i>Qamya anqas</i>	Celeste	Azul claro
<i>Quyuy</i>	Verde oscuro	Verde escuro
<i>Qusni</i>	Gris, color de humo	Cinza, cor de fumaça
<i>Qamya qillu</i>	Crema	Creme
<i>Yana puka</i>	Guinda	Cor de gelo
<i>Nina puka</i>	Naranja	Laranja
<i>Qamya puka</i>	Rosado	Rosa
<i>Kulli</i>	Morado	Roxo
<i>Allpa llimpi</i>	Marrón	Marrom

4.2.2. Expressões vocabulares

Neste subitem final, reúnem as expressões vocabulares coletadas do livro do padre Perroud (1972, p. 45, 46, 68). Nos quadros subsequentes, apresentamos as expressões gerais de saudações, expressões idiomáticas proverbiais, interjeições e estados emocionais:

Quadro 13: Expressões gerais de saudações

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Rimaykuyki!</i>	¡Buenos días, tardes, noches!	bom dia, tarde, noite!
<i>Allinllachu taytay?</i>	¿Cómo está usted?	Como está o Senhor?
<i>Allinllachu mamay?</i>	¿Cómo está usted?	Como está a Senhora?
<i>Allinllam!</i>	¡Yo estoy bien!	Eu estou tudo bem!
<i>Imataq sutiki?</i>	¿Cómo se llama usted?	Como é seu nome?
<i>Maymantam kanki?</i>	¿De dónde eres?	De onde é o senhor?
<i>Yaykukamuy!</i>	¡Pase para dentro!	Passe para adentro!
<i>Tiyaykuy!</i>	¡Síntese!	Sente-se!
<i>Perumantam kani!</i>	¡Yo soy del Perú!	Eu sou do Peru!
<i>Tupananchikama!</i>	¡Nos vemos!	A gente se vê!
<i>Paquarinkama!</i>	¡Hasta mañana!	Até amanhã

Quadro 14: Expressões de interjeições e estados emocionais

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Kausachun!</i>	¡viva!	viva!
<i>Haku!</i>	¡vamos!	vamos!
<i>Makiykita uqariy!</i>	¡Levanta la mano!	Levante a mão!
<i>Makiykita uraykachiy!</i>	¡Baja la mano!	Baixe a mão!
<i>Uyariy!</i>	¡Escucha!	Escuta!
<i>Upallay!</i>	¡Silencio!	Silêncio!
<i>Amayhina kaspá!</i>	¡Por favor!	Por favor!
<i>Qaway!</i>	¡Mira!	Olha!
<i>Yachachiway!</i>	¡Enséñame!	Me ensina!
<i>Achalau!</i>	¡Qué bonito!	Que lindo!
<i>Quri sunqu!</i>	¡Corazón de oro!	Coração de ouro!
<i>Chiu!</i>	¡Psiu!	Psiu!
<i>Ichachu!</i>	¡Tomara!	Tomara!
<i>Kanqacha!</i>	¡Ojalá!	Oxalá!
<i>Upallay!</i>	¡Silencio!	Silêncio!
<i>Ah!</i>	¡Ah!	Ah!
<i>Auu!</i>	¡Hola!	Ola!
<i>Chayllayta!</i>	¡Socorro!	Socorro!
<i>Allin!</i>	¡Ótimo!	Ótimo!
<i>Ananau!</i>	¡Ay!	Ai!
<i>Qanra!</i>	¡Mal!	Mau!
<i>Wakala!</i>	¡Apesta!	Fede!
<i>Qallukuq!</i>	¡Sacar lengua!	Quem tira a língua!
<i>Pakpakañawi!</i>	¡De ojos imponentes!	De olhos imponentes!
<i>Sunquqa!</i>	¡Persona maravillosa!	Pessoa maravilhosa!
<i>Imaysunqulla!</i>	¡Pobrecito!	Colitadinho!
<i>Atakatay</i>	¡Qué horror!	Que horror!
<i>Alalau!</i>	¡Qué frío!	Que frio!
<i>Akachau!</i>	¡Qué calor!	Que calor!
<i>Achacay!</i>	¡Wau!	Uau!
<i>Añallau!</i>	¡Qué rico!	Que delícia!
<i>Atataw!</i>	¡Qué asco!	Que nojo!
<i>Atatay!</i>	¡Qué lindo (a)!	Que lindo (a)!
<i>Munaycha!</i>	¡Qué hermoso (a)!	Que formoso (a)!
<i>Yuyariy!</i>	¡Extrañar!	Saudade!

Quadro 15: Expressões idiomáticas proverbiais

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Ninaqa Iliutam rupayta tukun.</i>	Donde pasa el fuego, quema todo.	Onde passa o fogo, queima tudo.
<i>Simillanchikmi kuyachikuqpas chayna chiqnichikuqpas.</i>	De acuerdo de lo que decimos, somos queridos u odiados.	De acordo com o que dizemos, somos queridos ou odiados.
<i>Miski simi runaqa kuyasqas.</i>	Persona de palabra dulce es muy apreciado.	Pessoa de palavra doce é muito apreciado.
<i>Qatqi simi runaqa chiqnisqas</i>	Persona de palabra hiriente es muy odiado.	Pessoa de palavra horrível é muito odiado.
<i>Qamyá simi runaqa mana kuyasqas mana chiqnisqas</i>	Persona de palabra normal, no es querido ni odiado.	Persona de palavras normal, não é querido nem odiado.

V. APLICAÇÃO EDUCACIONAL - O CURSO DE QUÍCHUA COMO L2 NO BRASIL

A Língua Quíchua ministrada pelo autor e as outras Línguas Indígenas Tupi, Baniwa e Tikuna foram reivindicadas junto aos outros acadêmicos indígenas da Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2018, como curso de extensão na UNB Idiomas, que começou a ser ofertado gratuitamente para o público em geral, a partir do segundo semestre de 2018. O curso foi intitulado: “As Línguas Indígenas e suas Diversidades” com 45 horas-aula como segunda língua L2, em convênio com a UNB Idiomas, que em contrapartida ofereceu o curso de Inglês Instrumental gratuito e exclusivo para os alunos indígenas da Universidade de Brasília. Todas essas línguas são ministradas no Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas da Universidade de Brasília (Maloca). Atualmente o curso de Línguas Indígenas e suas Diversidades, está sendo oferecido com cerca de 60 alunos matriculados por semestre.

O curso dessas línguas indígenas criou muitas expectativas nos estudantes, pelo que o ministrante da Língua Quíchua, reuniu-se com os educandos, onde descobriram-se as verdadeiras necessidades e interesses dos alunos, pelo que se adaptaram certos métodos apropriados para atender satisfatoriamente o ensino desse curso. Os alunos queriam aprender as palavras básicas do dia a dia, músicas, canções, danças, a cultura e ancestralidades. Nessas condições se aderiu os métodos do ensino da Língua Quíchua em três partes: o feedback da aula anterior, o desenvolvimento da aula do dia, a fixação fonológica e lexical através da música, canção e dança.

Nesse sentido, refletimos de forma análoga à perspectiva adotada por Ribeiro (2019, p. 270), quando pondera que os professores de Português deveriam buscar os verdadeiros interesses dos alunos, dentro das práticas educativas:

Nossos alunos frequentemente se queixam de não gostar de Português e, tanto na vida acadêmica quanto na vida profissional, não dispõem de segurança no uso da língua. Essa queixa se constitui no grande equívoco que a escola necessita resolver com urgência. Entendemos que não é da língua Portuguesa que os nossos alunos não gostam, e sim da maneira como lhes ensinamos a modalidade

escrita formal dessa língua. De certa forma, esse ensino não lhes garante o instrumento necessário para o domínio da norma padrão e tampouco lhes oferece subsídios para o desenvolvimento de sua competência comunicativa. Logo, não podemos negar a premente necessidade de pensarmos em uma formação que torne os professores de Português aptos a uma prática educativa voltada para os reais interesses do estudante.

Dentro do ensino da Língua Quíchua, o autor adaptou a pedagogia da expressão ludo criativa, “*Pedagogía de Expresión Metodología Ludocreativa*”, o método criado por Dinello em 2012. Esse método consiste em que o aluno aprende a segunda língua L2 alegremente por meio da música, canto e dança, assim, atuando ludicamente, apropriando-se da segunda língua pela interação de corpo e espírito, ainda fortalecendo os músculos do corpo e os músculos irrisórios durante os movimentos da dança.

Esse método do ensino da Língua Quíchua poderá ser aplicado em outras regiões do Brasil, cumprindo o papel de minimizar os impactos do preconceito linguístico das línguas indígenas ou ditas minoritárias. O ato de ensinar as Línguas Indígenas e suas Diversidades, para todas as crianças nas escolas públicas, mostra a importância das mesmas e de seus falantes, criando o respeito recíproco entre as crianças indígenas e não indígenas, a harmonia, paz e tranquilidade das crianças em geral.

5.1. Métodos, Estratégias e Atividades Aplicadas em outros Cursos de Quíchua

Os métodos dos cursos de quíchua em geral, ainda são bastante escassos por diversas razões, não há materiais suficientes escritos e publicados, em principais livrarias nem mídias sociais. Há poucos livros, artigos, jornais etc. Presume-se que são devido à insuficiência dos materiais didáticos da Língua Quíchua, por falta de inclusão de verbas pertinentes das políticas públicas dos estados. Há muitas variantes da Língua Quíchua em diferentes regiões e países, ou seja, cada livro ou método é diferente do outro, em sua definição morfológica, fonética e em alguns casos lexicais. Não existem projetos específicos para a produção de matérias de ensino da Língua Quíchua. As divergências dos autores são constantes pela diversificação dessa língua, como por exemplo, entre os escritores de métodos da Língua Quíchua não há consensos nem acordos no

uso dos cinco vogais ou três. No entanto o preconceito linguístico, étnico e racial continua.

As variações dos outros cursos da Língua Quíchua são diversas, sendo os mais notórios: Quíchua Boliviano, Quíchua Equatoriano e Quíchua Peruano que a sua vez se divide em Quíchua Ancashino, Quíchua Huancaíno, Quíchua Chanca e Quíchua Cusqueño. A estratégia do autor desta dissertação foi a de unificar a essas diversidades da Língua Quíchua, aplicando no ensino dessa língua com as atividades em uma perspectiva geral. Já que a maioria das Línguas Quíchuas da América do Sul são pronunciadas com três vogais, pelo que o autor aplicou no curso com três vogais. Inclusive se aderiu a recomendação para os falantes da Língua Quíchua: “quando o indivíduo fala na Língua Quíchua, deveria pensar apenas com três vogais e quando fala o Espanhol deveria pensar com cinco, por último deveria pensar que cada língua falada é outra e diferente”.

Os métodos, estratégias e atividades aplicadas em outros cursos da Língua Quíchua foram unificados com o intuito de simplificar e dar segurança aos alunos, na perspectiva que todas as Línguas Quíchuas são corretas, para que os estudantes aprendam a Língua Quíchua Geral e poderá comunicar-se em qualquer região ou país. Já que a maioria das Línguas Quíchuas são muito parecidas, na sua estruturação gramatical, com alguns alofones a mais ou menos, com algumas partículas a mais ou menos. Quanto mais se aumentam os sufixos em forma de partículas, as palavras quíchuas se enriquecem e se convertem em mais dóceis e abraçadoras. A Língua Quíchua em geral é uma língua viva, que dá para estruturar palavras agradáveis no momento da conversa, assim sendo uma língua inclusiva com qualquer forasteiro dentro do mundo andino quíchua.

5.2. Estratégias e Atividades Orais e Escritas Aplicadas ao Curso de Quíchua

Os planos de aulas da Língua Quíchua são preparados com a estratégia de satisfazer as necessidades dos alunos, desde uma perspectiva mais simples e com palavras mais usuais, como são as de saudações, pronomes interrogativos e os números cardinais. No momento de aprendizagem da

oralidade são repetidas as palavras fonema por fonema, quantas vezes sejam necessárias, inclusive suprindo os pedidos individuais de cada aluno. Se aplicou o método ludo criativo, no ensino da Língua Quíchua, através da música, canção e dança. Assim é, os estudantes aprenderam a Língua Quíchua, interagindo com a música, cantando e dançando. As palavras quíchuas foram apresentadas em um só parágrafo de cerca oito palavras, com mensagens contextualizadas e decifradas suas significâncias respetivamente, onde os alunos expressam seus conhecimentos na Língua Quíchua, aprendendo alegremente, através da música, canção e dança.

Por meio desses métodos ludo criativos e aplicados na Língua Quíchua, os alunos sentiram a cosmovisão indígenas e sua interação recíproca com o meio ambiente, como por exemplo, quando interagiram por intermédio da música, canção e dança para o tucano (ave sagrada da região), as letras da canção intitulada: “Amazonas Sikwanka”, passa a mensagem, onde há uma conversa entre o sujeito e o tucano. Cada aluno sente uma felicidade ao ter aprendido a Língua Quíchua, a contextualização da canção, inclusive experimentando o ritmo da música e seus movimentos dentro de uma pequena coreografia.

Dinello (2012) afirma que o propósito da expressão na educação é oferecer às crianças e jovens, a oportunidade de descobrir sua própria criatividade com a finalidade de desenvolver suas potencialidades, inclusive dialogando com seus companheiros e seus professores. As práticas lúdicas são indispensáveis para que as crianças e jovens, apreendam através dos ensaios alegremente e com ampla liberdade, associando seu próprio sentido imaginário de seus novos conhecimentos. A expressão é aquela manifestação do ser que tem vida, em que cada indivíduo tem suas próprias características pensamentos e ideias, ou seja, ela é intrínseca ao ser humano, e o sujeito fixa sua personalidade e sua importância perante a sociedade. O impulso lúdico cria na pessoa o caráter de alegria, intensificando as forças instintivas da vida e o reencontro do indivíduo consigo mesmo. Durante o movimento do corpo com alegria, o sangue recorre nutrindo todo o organismo e organizando os estímulos vitais do sujeito. As atividades de expressão ludo criativas refletem nos dramas, sonhos, temores, projetos e perspectivas do indivíduo. O docente compreende

a maior aspiração de seus alunos de chegar mais longe em seus propósitos. Através da expressão musical, aprecia-se as estruturas primárias da linguagem comunicativo, como é o próprio alfabeto de cada língua. A significação das danças e cantos do folclore e trajetória de um povo, permitem compreender a história pessoal, além do dato biográfico do nascimento.

Os métodos e estratégias aplicados no Curso da Língua Quíchua, na Universidade de Brasília são multimodais, por vários motivos, já que as Línguas Indígenas não são reconhecidas como tantas outras línguas estrangeiras, por essa causa, cria muitas expectativas e curiosidades nos alunos matriculados nas Línguas Indígenas e suas Diversidades. Os alunos querem saber sobre as Línguas Indígenas: seu troco linguístico, si se ora na língua indígena antes de começar as atividades? Como se pronúncia? Como se escreve e canta? Qual é sua origem e etimologia dessa língua? Quantos alfabetos possui essa língua? Se há números cardinais e ordenais nessa língua? Etc.

Por esse motivo, forma aplicados métodos diversos, correspondendo às expectativas dos estudantes, com a atuação dos professores das Línguas Indígenas em grupo ou individualmente, como por exemplo, a primeira aula se começou com uma prece à mãe natureza, pedindo a autorização para começar a atividade do dia, na Língua Tupi em baixo de uma árvore, perto da Maloca da UNB. Na primeira aula da Língua Quíchua, em segundo semestre de 2018, demonstrou-se os slides do povo quíchua, no histórico, social, cultural e linguístico.

Na figura a seguir se pode apreciar um slide apresentado na aula de línguas indígenas e suas diversidades de 2018:

Figura 21-Chamando espíritos da natureza:

COMEÇA A AULA CHAMANDO OS ESPIRITOS DA NATUREZA

Yby Karaíba!	Yby Xasy!	Yby Tupy!	Yby Yamadu!
Yby Karaíba!	Yby Xasy!	Yby Tupy!	Yby Yamadu!
Yby Karaíba!	Yby Xasy!	Yby Tupy!	Yby Yamadu!
Terra santa!...?	Terra mãe!...?	Terra seres!... ?	Terra criação!...?




p. Pte 2019-10-02 at 11:1

Fonte: slide apresentado na primeira aula de Quíchua no primeiro semestre de 2019

Na seguinte imagem aprecia-se o título dos slides, no ensino da Língua Quíchua.

Figura 22-Apresentação de slides:



Fonte: slide apresentado na primeira aula de Quíchua no segundo semestre de 2018

A oralidade e as práticas da escrita são realizadas simultaneamente nas aulas do dia, como no estudo das saudações na Língua Quíchua, os alunos praticaram a pronúncia e a escrita das palavras quíchuas com suas respectivas significados e traduções.

Quadro 16: As saudações na Língua Quíchua

1P, 2P	EM PORTUGUÊS	EM ESPANHOL	EM QUÍCHUA
1P	Bom dia	Buenos días	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa tarde	Buenas tardes	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa noite	Buenas noches	<i>Rimaykuyki</i>
2P	Bom dia	Buenos días	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa tarde	Buenas tardes	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa noite	Buenas noches	<i>Rimaykuyki</i>
1P	Como você está?	Cómo está usted?	<i>allinllachu?</i>
2P	Muito bem! E você?	Muy bien! Y usted?	<i>Allinllam! Qamri?</i>
1P	Eu também estou muito bem!	Yo tambien estoy muy bien!	<i>Allinllam!</i>
2P	Como é seu nome?	Cómo te llamas?	<i>Imataq sutiki?</i>
1P	Meu nome é David!	Mi nombre es David!	<i>Ñuqapa sutiyyqa Davidmi?</i>
2P	Meu nome é Elsa!	Mi nombre es Elsa!	<i>Ñuqapa sutiyyqa Elsam!</i>
1P	Obrigado!	Gracias!	<i>Pay!</i>
2P	De onde é você?	De dónde eres?	<i>Maymantam kanki?</i>
1P	Eu sou de Peru	Yo soy del Peru	<i>Perumantam kani ...</i>
2P	Até amanhã	Hasta mañana	<i>Paqarinkama</i>
1P	Até a próxima	Hasta la próxima	<i>Tupananchikama</i>
2P	Até a próxima	Hasta la próxima	<i>Tupananchikama</i>
1P	Até outro dia	Hasta outro dia	<i>Quk punchawkama</i>
2P	Até outro dia	Hasta outro dia	<i>Quk punchawkama</i>
1P	Eu desejo todo de bom para você!	¡Que te vaya muy bien!	<i>Qamña allinlla!</i>
2P	Eu desejo todo de bom para você!	¡Que te vaya muy bien!	<i>Qamña allinlla!</i>

Quadro 17: vocabulários de saudações

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
<i>Rimay</i>	Hablar	Falar
<i>Allin</i>	estar bien	estar bem
<i>Qam</i>	Tú	Você
<i>Ima</i>	Qué	que, como
<i>Suti</i>	Nombre	Nome
<i>Ñuqa</i>	Yo	Eu
<i>Yaykuy</i>	Entrar	Entrar
<i>Wasi</i>	Casa	Casa
<i>Pay</i>	él, gracias	ele, obrigado
<i>Uku</i>	Dentro	Dentro
<i>Maymanta</i>	de donde	de onde
<i>Paqarin</i>	hasta mañana	Amanhã
<i>Tupay</i>	Encontrar	Encontrar
<i>Huk</i>	un, otro (a)	um, outro (a)
<i>Punchau</i>	Día	Dia

A continuação demonstra-se uma das aulas, aplicadas na Língua Quíchua, no dia 06 de outubro de 2018, onde o ensino dos pronomes pessoais, iniciam-se separadamente dos objetos e verbos, em seguida mostrou-se as estruturas gramaticais:

Aula de Quíchua: Maloca, 06 de outubro de 2018

Ementa:

- Pronomes pessoais
- Lista de verbos infinitivos em quíchua
- Conjugação de pronomes pessoais com os verbos ser ou estar
- Lista de naturalidades

Quadro 18: Pronomes pessoais

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
Ñuqa	Yo	Eu
Qam	Tú	Tú
Pay	él/ella	ele/ela
Ñuqanchik	nosotros (a) (inclusivos)	nós (inclusivos)
Ñuqayku	nosotros (as) (exclusivos)	nós (exclusivos)
Qamkuna	Vosotros	Vós
Paykuna	ellos/ellas	eles/elas

Quadro 19: Lista de verbos infinitivos em quíchua

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
Takiy	Cantar	Cantar
mikuy	Comer	Comer
rimay	Halar	Falar
yaykuy	Entrar	Entrar
Tupay	encontrar (encontrar-se)	encontrar (encontrar-se)
Qilqay	Escribir	Escrever
Ruway	Hacer	Fazer
Kuyay	Amar	Amar
Waqay	Llorar	Chorar
Tusuy	Bailar	Dançar
Upyay	Beber	Beber
Puñuy	Soñar	Sonhar
pukllay	Jugar	Brincar
chiqniy	Odiar	odiar
Uyariy	Escuchar	Ouvir
Munay	Querer	Querer
Asiy	Reír	Rir
musquy	Pesadilla	Pesadelo
llamkay	Trabajar	Trabalhar
Rikuy	Ver	Ver
kawsay	Vivir	Viver
Kay	ser, estar, haber, tener y existir	ser, estar, haver, ter e existir

Quadro 20: Conjugação de pronomes com os verbos em quíchua

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
Taki ñuqa takini qam takinki pay takin ñuqanchik takinchik ñuqayku takiniku qamkuna takinkichik paykuna takinku	Canto yo canto tú cantas él/ella canta nosotros (as) cantamos (incl.) nosotros (as) cantamos (excl.) vosotros (as) cantáis ellos/ellas cantan	Canto eu canto tu cantas ele/ela canta nós cantamos (incl.) nós cantamos (excl.) vós cantais eles/elas cantam
Miku ñuqa mikuni qam mikunki pay mikun ñuqanchik mikunchik ñuqayku mikuniku qamkuna mikunkichik paykuna mikunku	Come yo como tú comes él/ella come nosotros (as) comemos (incl.) nosotros (as) comemos (excl.) vosotros (as) coméis ellos/ellas comen	Come eu como tu comes ele/ela come nós comemos (incl.) nós comemos (excl.) vós comeis eles/elas comem
Kuya ñuqa kuyani qam kuyanki pay kuyan ñuqanchik kuyanchik ñuqayku kuyaniku qamkuna kuyankichik paykuna kuyanku	Ama yo amo tú amas ele/ela ama nosotros (as) amamos (incl.) nosotros (as) amamos (excl.) vosotros (as) amáis ellos/ellas aman	Ama eu amo tu amas ele/ela ama nós amamos (incl.) nós amamos (excl.) vós amais eles/elas amam

Quadro 21: Lista de naturalidades

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
Brasilmantam	de Brasil	de Brasil
Sobradinhomantam	de Sobradinho	de Sobradinho
Taguatingamantam	de Taguatinga	de Taguatinga
Perumantam	de Perú	de Peru
Espanhamantam	de España	de Espanha
Bahiamantam	de Bahía	de Bahia
Rio de Janeiromantam	de Rio de Janeiro	de Rio de Janeiro

5.2.1. Estratégias de Interação entre Estudantes

Em cada aula da Língua Quíchua há várias interações diretas entre os alunos e o professor, priorizando as palavras mais comuns, como das saudações que são repetidas pelas vezes que sejam necessárias. A aula é dividida em quatro momentos: No primeiro momento os alunos se apresentam na Língua Quíchua, ajudados pelo professor na introdução e logo se apresentam individualmente. No segundo momento os alunos preenchem os exercícios como o feedback da aula anterior. No terceiro momento os alunos copiam a aula do dia e interagem com

o professor, da mesma aula o professor deixa alguns exercícios para a próxima aula. No último momento finalizam interagindo com uma música, cantando e dançando, no ritmo da música típica quíchua e as letras também na Língua Quíchua, com mensagens e explicações desde o ponto de vista ancestral.

Segundo Dinello (2012), a interação entre os sujeitos e os objetos enriquecem na integração de diferentes áreas de expressão, que é o fundamento para articulações de diferentes matérias do conhecimento epistêmico. O educador pode propor situações abertas de interação, para que os educandos descubram o prazer de aprendizagem e seus benefícios, onde surgem ideias e opiniões sistematizados para o conhecimento científico. As interações são frutíferas de diversidades apresentadas pela heterogeneidade dos alunos, superando as contendas pedagógicas, articulando desde a expressão à compreensão de valores humanos, à sensibilidade de princípios estéticos.

A continuação apresentamos algumas fotos e vídeos como exemplos mais usuais da interação.

Figura 23-Crianças em aula de Quíchua:



Fonte: blob:<https://web.whatsapp.com/ed373370-417a-4822-a5ff-66a3fb96df92>

O vídeo gravado em uma escola pública, no letramento da Língua Quíchua com música, canção e dança, onde as crianças aprenderam a interagir:



WhatsApp Video
2019-10-30 at 06.15.4

Fonte: blob:https://web.whatsapp.com/ed373370-417a-4822-a5ff-66a3fb96df924

A aplicação dos métodos diversos, de acordo com as recomendações de sua orientadora e a toma de disseções junto aos mesmos alunos interessados, vem produzindo efeitos positivos na ministração da Língua Quíchua. Nessa perspectiva, os métodos tradicionais deveriam ser pensados em modificar, nas matérias que dificultam a aprendizagem dos alunos dentro das redes públicas da educação brasileira. Os Projetos Políticos Pedagógicos deveriam ser constituídos de acordo com as reais necessidades de cada escola, inclusive na inteira satisfação dos estudantes.

Ribeiro (2019) afirma que, se os alunos não entendem a sua língua, isso repercute na sua vida acadêmica e profissional, porque a modalidade de ensino é inadequada, pelo que a escola precisa mudar. O atual método do ensino não lhes dá garantia do domínio da norma padrão da Língua Portuguesa. Por isso, há a necessidade de formar professores para atender às verdadeiras necessidades dos alunos, conforme assegura Ribeiro (2019, p. 270): “Em vista disto, é mister que se preparem professores aptos a uma prática educativa voltada para os reais interesses do estudante que é um falante natural da língua.”

Assim entendendo, o autor desta dissertação aplica várias modalidades no ensino da Língua Quíchua, para que os alunos aprendam a língua, o contexto cultural, a música e a canção, interagindo alegremente. As expressões faciais e os movimentos corporais complementam com o equilíbrio emocional e didático dos alunos.

5.2.2. Atividades com Gêneros Textuais

Os gêneros textuais da Língua Quíchua são apresentados por poucos escritores quíchuas ou quichuistas. As histórias, contos, lendas, mitos e poesias existentes na Língua Quíchua são contadas oralmente e escassamente

redigidas. Se postaram para os alunos da Língua Quíchua, uma coletânea da leitura quíchua no grupo criado no WhatsApp, sendo a maioria desses materiais nas Línguas Quíchua e Espanhol. Os géneros existentes foram mostrados por alguns escritores, antropólogos e etnólogos. Segundo Arguedas (2011), o etnólogo mais reconhecido da Língua Quíchua é José Maria Arguedas, do Peru, quem escreveu muitos romances, lendas e mitos. A continuação se redige o mito seguinte:

Huatuscalla y Ccasir

Huatuscalla e *Ccasir* são duas montanhas vizinhas frente a frente, a aproximadamente a vinte quilômetros da cidade de Huanta, Ayacucho-Peru. A montanha *Huatuscalla* é uma das mais altas e poderosas da região, que dá cobertura a várias aldeias entre elas da aldeia de *Condorsincca*. Quando as pessoas chegam até seu pico mais alta, nunca mais retornam, porque a montanha as engole. No entanto, por primeira vez os engenheiros traçaram linhas no meio dessa montanha para construir uma estrada, que passaria para outras aldeias e começaram com a obra. Com essa construção a montanha *Huatuscalla* sentiu-se debilitada, apesar que se defendia desabando os pedaços de suas rochas todas as noites, para destruir a estrada construída durante o dia. Uma noite os habitantes da região escutaram à montanha *Huatuscalla* pedindo conselhos à montanha *Ccasir*: “estou-me sentindo muito ferido com as escavações dos homens, que quase já estão atingindo meu coração”. A Montanha *Ccasir* respondeu: “não fica mais, pois só você tem que desabar todas tuas rochas até o fim”. Em um outro dia, a montanha *Huatuscalla* disse: “não consigo mais, já tocaram meu coração, agora me roubarão meu tesouro”, e, a montanha *Ccasir* respondeu: “não sejas tonto, não te deixes roubar tuas riquezas, manda-as para mim, que eu as guardarei”. Efetivamente, isso aconteceu essa noite: “exatamente à meia noite as duas montanhas ficaram frente a frente, ambas em sincronia e em simetria suas portas se abriram, assim, estendeu-se uma longa ponte, onde apareceram misteriosos soldados com uniformes vermelhos e trasladaram todas as riquezas, da montanha *Huatuscalla*, para a montanha *Ccasir*, carregando em lhamas. Concluído o trabalho sumiu a

ponte e fecharam-se as portas das duas montanhas”. Desde esse dia a montanha *Huatuscalla* ficou com muita ira e na tentativa da vingança desabou-se em novembro de 1945, obstruindo o *Rio Mantaro*, e causando uma das catástrofes mais grandes da região, pelo seu rompimento e a enchente.

Música

As músicas indígenas quíchuas são diversas em seus ritmos musicais. Essas músicas são muitas apreciadas pelos indígenas nativos do mesmo lugar e de outras aldeias, mas são desprezados por supostos brancos, que as consideram inferiores pelo que a maioria estão com letras na Língua Quíchua, as músicas indígenas quíchuas estão espalhadas por todos os andes da América do Sul. As letras de suas canções mais nativas, são metafóricas, sendo cantadas para todas as faixas etárias, porque as metáforas são interpretadas de diferentes maneiras, inclusive de acordo com as necessidades do meio ambiente e as faixas etárias das crianças e jovens são interpretadas.

Há uma gama de diversidades musicais quíchuas e ameríndias, que interagem entre as músicas indígenas nacionais e de outros países, como por exemplo o povo *Huni Kuin* (Kaxinawá) vive em terras brasileiras do Acre e no Peru. Com sua “riqueza se manifesta em sua diversidade musical e nos mitos”. (COLLET, 2014, p. 64).

A continuação demonstramos as músicas e canções seguintes:

Quadro 22: PUKLLAY (Canção em quíchua) de José María Arguedas

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
Paraisancus mayu ríu caudalusu aman pallkankichu kutimunaykama vueltamunaykama	Rio Paraisancos, caudaloso rio, no abras de bifurcar hasta que yo regrese hasta que yo vuelva.	Rio Paraisancos, caudaloso rio, não haverás te bifurcar até que eu regresse, até que eu volte.
Pallarkuptikika ramarkuptikika challwacha sakiskaypin pipas challwaykuspa usuchipuanman.	Porque, se bifurcas, se te extiendes en ramas, tus pececitos que dejé serán pescados por alguien desprotegidos serán.	Porque, se bifurcas, se te estendes em ramas, teus peixinhos que deixei serão pescados por alguém desprotegidos serão.

Módolo (2007, p. 149, 150), considerando que quando se estudam os textos musicais do período colonial andino, algumas canções quíchuas foram

adaptadas pelos sacerdotes espanhóis, para cânticos religiosos, como uma apropriação cultural. Consequentemente várias canções quíchuas, converteram-se em hinos incas, com seus textos trocados e atualmente são cantados na adoração de Deus ou do menino Jesus.

Em seguida mostra-se duas canções com textos de uma ótica cristã:

Llama michiq (é viagem até o Belém, para adorar ao menino jesus):

*“Llama michiq, samiyuq runa,
hakuchu Belen portلمان.
Belen portلمان chayaykuspa
kamaqninchista kusichisun”.*
“Homem pastor de lhamas,
vamos ao portal de Belém.
Quando chegarmos ao portal de Belém
alegraremos o nosso Criador”.

Hanaq pacha (desde o céu):

*Uyariway muchasqayta
Diospa rampan, Diospa maman
Yuraq tuqtu hamanqayman
Yupasqalla qullpasqayta
Wawaykiman suyusqayta
Rikuchillay.*
Escuta minha adoração
Guia de Deus mãe de Deus
Branca pomba, alva flor de açucena
Considere meu choro
Ao teu filho, meu desejo
Faz saber.

As músicas indígenas quíchuas são incalculáveis quantitativamente, que se estendem por todo o horizonte nos povos e países andinos, entre diferentes ritmos e variedades musicais. Dentro de um ritmo poder estar inseridos centenas ou milhares de músicas, como é o popular *Huayno* que perpassa por todos os povos e países que falam a Língua Quíchua, depois há músicas quíchuas de cada país, além do *Huayno*, como no Equador o famoso *Sanjuanito*, no Peru *wakawaka*, na Bolívia o famoso *Tinku* etc.

Na continuação são apresentados os instrumentos musicais andinos.

Figura 24-Instrumentos musicais andinos:



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Instrumentos_andinos.jpg

Algumas músicas andinas são anônimas, por sua existência milenar e ultrapassam as fronteiras do mundo quíchua, como é a intitulada *Condor Passa* (o voo do condor, que ânsia a liberdade). Essa música da obra teatral foi composta pelo compositor peruano Alomias Robles, no pentagrama musical em 1913. O condor passa originalmente compreende de três ritmos musicais, como são: *Box Incaico* (de ritmo lento), *Pasacalle* (de ritmo intermédio) e *Huayno* (de ritmo rápido). Sendo internacionalizado essa música por “Simon e Garfunkel que gravaram uma versão desta canção em 1970, para a internacionalização da melodia” (FERRÃO, 2011, p 01).

Literatura Tradicional

O escritor Ayacuchano, bilingue da Língua Quíchua e Espanhol, Cavero (2017, p. 14, 25), tem recopilado e replicado algumas tradições quíchuas da região, de versões originais orais e atualmente redigido no seu livro “Trinos del Alba”, que a continuação demonstramos em alguns de seus poemas em Quíchua, Espanhol e Português:

Quadro 23: No primeiro poema o escritor conversa com o sapinho

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
HUAMPATUCHA	SAPITO	SAPINHO
<i>Uchku wasichayuq hampatucha, qachqa wasacha takiq uyacha pawaykachaq quyllur ñawicha tinya wiksacha.</i>	Sapito que moras em los agujeros de las trochas, eres hermoso y panzoncito de ojitos estrellados carita de buen cantor.	Sapinho que você mora nas cavernas das rochas, você é formoso e barrigudinho de olhinhos estrelados com carinho de bom cantor.
<i>Ruk tuk tuk, ruk tuk tuk nispaykim, kusikuyllapaqña takinki parata musyaykuspa achka mikuyniyuq watata willakunki.</i>	Ruk tuk tuk, ruk tuk tuk alegre canturreas junto a la lluvia, que nos acarreará abundante manjar.	Ruk tuk tuk, ruk tuk tuk de alegre cantoria junto à chuva, que nos trazerem abundante manjar.
<i>Manam llapaykuchu kuyaykiku tikrapakuspa, asipakuspa purinaykipaq kanmi lluqlla mayu hina runakuna qaqaman wischusuqniki munaqkuna.</i>	Muchos te queremos caminas haciendo piruetas, otros tienen ojeriza y te exterminan con manos asesinas.	Muitos te queremos, você caminha fazendo piruetas, outros têm mal olhar de você e te exterminam com mãos assassinas.

Quadro 24: No segundo poema o escritor conversa com a florzinha

EM QUÍCHUA	EM ESPANHOL	EM PORTUGUÊS
PURUN WAYTACHA	FLORCITA SILVESTRE	FLORZINHA SILVESTRE
<i>Ritikunapa puka punchuchan qaqapa wawan puriqkunapa kusikuinin wakchapa aya pampanan.</i>	Rojo poncho de las nieves hija de la montaña alegría del caminante mortaja del campesino.	Vermelho poncho das neves, filha da montanha, alegria do caminhante, mortalha do campesino.
<i>Hanaqpachapim sisanki parawan, parakunawan, mayukunawan, kunturkunawan kuskanchakuspa.</i>	Vives em el cielo donde el arco iris, la lluvia, los rios y condores viven hermanados.	Você mora no céu, onde o arco iris, a chuva, os rios y condores vivem na irmandade.

Outros

Na Língua quíchua há muitos poemas, poesias, contos, lendas, estórias, fábulas, ditados, frases e piadas, que ainda não foram escritas, porque a maioria dos verdadeiros quíchuas ou nativos não são alfabetizados. Esses gêneros geralmente são passados oralmente de pessoa a pessoa ou contadas em reuniões familiares pelos anciãos e amigos:

Quadro 25: Entre outros escreve-se algumas piadas (CAVERO 2017)

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Qullqitam quni kutichiwampaq pusaq chunka watayuqkunapaq, taytanpa taytanwan kuska hamuptin. Hi hi hi hi hi hi.</i>	Presto dinero a mayores de 80 años, acompañado por su abuelito. Ja ja ja ja ja ja ja.	Presto dinheiro a maiores de 80 anos, acompanhado por seu avô. K k k k k k k k.

Quadro 26: Poemas em quíchua (recopilados pelo autor desta dissertação) o primeiro poema

Awas Sisa	A Flor de Fava
Awaspas sisansi yanata yuraqta, sisipas riqsinsi sachapa rurunta. -.- Chaychus mana ñuqa yanayuq kallayman, urpichus kusiqa kausarinallayman.	A fava floresce branquinha pretinha, a formiga conhece o fruto da arvore que é amarelinha. Então, porque eu não posso ter um (a) parceirinho (a), para ser como o pombo (a) alegre e viver nesse amor.

Quadro 27: O segundo poema

Taytamama Atuq	Pais Raposas
China atuq wachan kimsanta wawata, urqunñataq yachan, kusi sunqu kayta. -.- Utqaytas purinku Mikuytas maskamuq, aychatas tarinku chaytas chayachimuq.	A raposa deu crias três filhotes, o raposo pai soube da notícia, e seu coração bate forte de alegria. Apresam-se em busca de comida, encontraram a carne e trouxeram a tempo.

Quadro 28: O terceiro poema

Yarqay	A Fome
Wiksa qauqauyakuq u-ma yu-ya-ri- chiq : chay mikuy mañakuq chupiwán quntachiq. -.-	A barriga faz barulho e faz lembrar à cabeça: “já é hora de comer”, sopa saborosa inche o bucho.
Tunasta mikumuy! Tunwista suqumuy! Yakunta kachumuy! Sarata rakramuy! -.-	Coma a tuna! Chupa o tumbo! Masca a batata yacón! Engole o milho!
A-qu-ta a-ku-muy! Rumita kanimuy! Sachata haqchimuy! Qurata hankimuy!	Coma a areia (metafórica)! Masca a pedra (metafórica)! Masca a árvore (metafórica)! Coma a erva (metafórica)!

Frases na Língua Quíchua:

Mayorga (1973, p. 328-338):

Takiriy: ‘cante um pouco’.

Sumaq sunqu: ‘pessoa agradável, de energia positiva e de bom coração’.

Kuyakuypas yachaypaqsi, mana yachaqa usuchinsi: ‘o amor é para quem sabe, quem não sabe o perde’.

Qunqaspaqa qunqasqaykim, saqispaqa saqisqaykim, pampayniy patachapi, wiñaypaq: ‘de esquecer tenho que esquecer-te, de deixar tenho que deixar-te, mas será na beira de minha tumba, para sempre’.

Manchaymanchaykunamantapas, wañuymi aswan manchay: ‘de todos os medos, o que mais assusta é a morte’.

Churiykita kuyaspaqa, kуска purikuy: ‘se você ama a seu filho, ensine andar junto a você’.

Nanaywan, llamkaywan sunqu kallpachakun: ‘com dor e trabalho, o homem se fortalece’.

Llullataqa huk kutillam iñinchik: ‘ao mentiroso só se crê uma vez’.

Chiqallanta rimaspa, runa qapaqchakun: ‘falando a verdade, a pessoa se faz poderoso’.

Llullakuptiyqa, pachamama millpuwachun: 'se eu mentir, a terra me engole' (juramento quíchua).

Chiqniyqa, chiqniymanmi apakun: 'o ódio conduz ao ódio'.

Kuyakuqa, kuyakuymanmi apakun: 'o amor conduz ao amor'.

Sunquypi apasqayki wiñawiñaypaq: 'você ficará em meu coração para sempre'.

Allinta muquta akllay, allin rurun kanampaq: 'para você ter um bom fruto, semeia a melhor semente'.

Awqakunataqa kuyaywanmi atipanchik: 'com amor se vence ao inimigo'.

Atividades com Ações Manuais Típicas

As ações manuais típicas dos quíchuas de Ayacucho são diversas, como a produção manual da agricultura familiar, as tecelagens de roupas com iconografias ancestrais e artísticas, os bordados com desenhos artísticos e ancestrais, a fabricação dos têxteis originalmente produzidos em um tear de cintura da pessoa, fabricação de moveis de madeira, fabricação de panelas de barro, utensílios de cozinha, como os instrumentos musicais nativos de *quena* (flauta de bambu andina), *charango* (violão em miniatura), *tinya* (tambor pequeno) e *pinkullu* (flauta de dois metros de madeira), *zampoña* (flauta-pan) etc. Originalmente os quíchuas da região vestiam-se com as roupas tecidos por eles mesmos, inclusive trocando as roupas com outros produtos, animais e artesanatos, onde não existiam espécies de dinheiro.

Os fabricantes artesanais de roupas em Ayacucho, produzem a arte manual dentro das tecelagens, usando seus desenhos, desde a cosmovisão andina. As artes ou desenhos dentro das tecelagens são: os signos da natureza como o sol, a lua, arco íris, como as aves, condor, beija-flor, a águia, como os animais, lhamas, alpacas e pumas, como as flores de cactos, rosa, como os insetos, aranhas, abelhas, como os *queros* (copos andinos de cerâmicas) e *aribalos* (embases andinos de cerâmica). Todos esses desenhos nas tecelagens são interpretativos positivamente, durante o uso desses produtos. A fabricação artesanal de um vestuário pode levar algumas semanas, meses e até anos, de acordo com os motivos da arte.

Figura 25-Tecido com desenhos de lhamas, alpacas, pumas, queros e aribalos em Ayacucho:



Fonte: <https://www.taporonde.com/spot/conheca-as-belezas-de-ayacucho-no-peru/>

Entre as atividades manuais da região de Ayacucho, há as tecelagens de iconografias, os *punchus* (ponchos) coloridos, *llikllas* (mantas) coloridas, *chumpis* (fitas para amarrar a cintura) e *chullus* (tocas andinas contra o frio). Os procedimentos da tecelagem desses artesanatos são feitos pelos mesmos quíchuas, desde a recollecção das lãs de lhamas, vicunhas, alpacas, ovelhas e algodões. A recollecção das tintas naturais é, das árvores, terras e insetos. A fiação das lãs nos fusos, tingimentos e a montagem das *kallwas* (teares de cintura), todos feitos manualmente e com os materiais naturais da região. Também há muitos artesanatos de madeira, barro e gesso.

Figura 26-A iconografia em um tecido:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GorXUQIHm6w>

O poncho é uma das vestimentas tradicionais da América do Sul. A sua tecelagem é de lã de *lhama*, *alpaca*, *vicuña*, ovelha e algodão, originalmente tecido a mão em uma *callwa*. O tingimento dos fios do poncho é a base de tintas naturais da região. O principal material da tinta é da árvore *nugal* (o árvore de nogal), de essa árvore fabricam-se, todos os derivados da cor marrom, desde as mais claras, até as mais escuras, usam-se as raízes, cascas, troncos, folhas e frutos, ainda para que o poncho seja mais atrativo, fabricam-se com uma infinidade de cores de outras plantas, insetos como a *cuchinilla* e terras da região. O ensino da fabricação do poncho, começam desde idades muito tenras, onde as crianças se aproximam, ajudando e brincando junto aos expertos dessa arte da tecelagem manual. Dependendo qual tipo de lã foi usado pode variar o calor que produz no momento de vestir e para vestir também sempre é necessário deixar um buraco no meio.

Figura 27-Um quíchua tecendo o poncho e ensinando às crianças:



Fonte: <https://www.google.com/search?q=ponchos+de+ayacucho&rlz=1C1CHBD>:

Liklla é uma manta na Língua Quíchua, originalmente foi tecida manualmente de lã de lhama, alpaca e algodão. Os procedimentos de tecelagem da manta são muito parecidos com os de poncho. Os tamanhos entre ponchos e mantas são diferentes, as mantas são menores e costuradas pelo meio, para poder carregar o peso suficiente que o homem consegue levar. Na tecelagem de manta deixa-se no meio um espaço de uma só cor para o bordado, que logo é feito manualmente primando as cores básicas. O custo da manta pode variar de acordo com os materiais, os desenhos da tecelagem e os bordados, desde as escritas de nomes das pessoas e os bordados muito sofisticados.

Figura 28-Likllakuna- mantas típicas de Ayacucho:



Fonte: <https://gramho.com/media/2036794196720732760>:

Chumpi é um cinto largo de tecido artesanalmente, feita de lãs de lhama, alpaca, vicunha e algodão, com desenhos iconográficos ao gosto do cliente ou mercado. O *chumpi* serve para amarrar a cintura das pessoas adultas, sejam mulheres ou homens, com a finalidade de sustentar a coluna vertebral reta e evitar o desgaste entre as vértebras, quando a pessoa trabalha agachado, evitando as dores nas costas, algumas vezes usa-se também como enfeite entre os ombros. Outra finalidade que tem esse cinto é para amarrar as crianças recém-nascidas de até dois anos, para evitar que elas se aranhem o rosto e também para não desbarrancarem nas ladeiras, já que os andes quase sempre apresentam riscos por seus precipícios, quando as crianças apenas sabem caminhar.

Figura 29-Fabricação de chumpi:



Fonte: <https://dissolve.com/stock-photo/Weaving-traditional-patterns-Amaru-community>:

Chullukuna são as tocas que cobrem toda a cabeça e as orelhas, para proteger do intenso frio dos andes, são tecidos manualmente com muitas cores desenhados suas iconografias com cinco tricôs em sua manipulação circular. A escolha de lã depende, para que temperatura se deve tecer, se for a lã de alpaca será a mais quente e pode ser usado em temperaturas baixas do 0° C., ou seja, mesmo esteja nevando lá nas cordilheiras.

Figura 30: três amostras de chullukuna



Fonte: <http://maryjanemucklestone.com/page/72/>

A arte de tapeçaria manual de Gregório Sulca, no Ayacucho é internacionalmente conhecida. Gregório Sulca é artista e antropólogo de origem quíchua ayacuchono, quem ocupou o primeiro lugar no III BIENAL INTERCONTINENTAL DE ARTE ANCESTRAL O MILENARIA INDIGENA. A continuação apresentamos na seguinte imagem uma de suas obras na Perspectiva Cônica “Tapeçaria a Portada do Sol”.

Figura 31-Arte em tapeçaria:



Fonte: <https://tallerayllus.ruraqmaki.pe/index.php/producto/portada-del-sol>

As cerâmicas de barro são usadas pela maioria das famílias quíchuas em Ayacucho. La fabricação da cerâmica é bem diversificada, pelo que se

fabricam as panelas de diferentes tamanhos e com diferentes funções, desde as mais pequenas médias e grandes. Lexicalmente podem levar também os nomes das panelas de barro de acordo com suas formas e utilidades, por exemplo a *kallana* (panela de barro achatada, com a boca de forma ovoide), para proteger os alimentos ou grãos que estouram com o calor do fogo, no momento de torrar ou processar os mesmos.

A **panela *kallana*** é de muita utilidade para toda a família quíchua em Ayacucho, já que tem a função de baixar o teor tóxico dos grãos secos e deixar processados, pela cocção e desidratação dos alimentos naturalmente, para sua conservação dos mesmos por muito tempo e serem usados pelos viajantes de grandes distâncias.

Figura 32-Kallana de barro:



Fonte: <https://fr-fr.facebook.com/476559975806428/photos/a.1147897862005966/>

Urupu (cântaro de barro de grande porte) é para fermentar a chicha (a bebida natural dos quíchuas) de produtos naturais como de frutas e grãos torrados da região, em grandes quantidades. A chicha do *urpu* pode ser servida para centenas de visitantes a vontade nas principais festas da região de Ayacucho e adjacentes.

Figura 33-As panelas de cerâmicas ou de barros de Ayacucho:



Fonte: http://ceramicasharon.blogspot.com/2017/09/la-ceramica-de-aco_4.html

Artesanato

Os Retábulos de Ayacucho são construídos artesanalmente de madeira e gesso: de madeiras são as caixinhas em miniaturas e ainda mais pequenos os objetos de gesso, que são colocados dentro dos compartimentos, com diversos motivos ancestrais, mas também religiosos cristãos, por sua fácil comercialização desse artesanato.

Figura 34: Retábulo Ayacuchano:



Fonte: <https://hi-in.facebook.com/Miami.Internacional/photos/retablo-ayacucho>:

Culinária

Na culinária destacam-se vários pratos da região de Ayacucho, como o *Quwi chaktadu* (a carne do preá, frito com as batatas amarelas e saladas), *pachamanka* (comida preparada em baixo da terra, com muitas verduras e carnes ao gosto) e *puka pikanti* (prato vermelho, preparado com batatas, verduras e carnes).

Quwi chaktadu (cuy chactado) é a carne de preá, uma das principais pecuárias da região de Ayacucho, por sua facilidade de criação e comercialização. A carne desse animal é ancestralmente conhecida como remédio e alimento. A maioria das famílias criam esse animal na cozinha, pelo que as famílias cozinham com a lenha e a fumaça é a que purifica o ambiente dos preás, deixando limpos de moscas, larvas e parasitos.

Figura 35: um prato típico de preá:



Fonte: <https://wapa.pe/hogar/1285870-fiestas-patrias-prepara-cuy-chactado-recetas-comida-peruana-gastronomia>

Pachamanka (pachamanca) é derivado de duas palavras *pacha* (terra) e *manka* (panela), significa panela em baixo da terra ou refeição preparada em baixo da terra, atualmente é uma das mais representativas da gastronomia peruana. Prepara-se com os tubérculos, a oca, a batata e as favas, acompanhado de qualquer tipo de carne. A *pachamanka* é elaborada principalmente para agradar os hóspedes. Como também é elaborada em festas

tradicionais, casamentos, aniversários e reuniões familiares. A sua origem é milenar, pois já foi usada em várias culturas Pré-Incas.

Figura 36-Uma pachamanka no casamento:



Fonte:<http://www.shalomplus.com.pe/dia-nacional-de-la-pachamanca-estas-son-las-variedades-de-este-potaje-ancestral/>

Outros

Remédios – na região dos quíchuas de Ayacucho há diversos remédios naturais, desde as comidas, ervas, arvores, cortiças e raízes. Os remédios em comidas encontram-se nos grãos, como no grão de bico que é considerado como um diurético natural, alguns tipos de milhos que são diuréticos naturais, o *chuño* (batata congela seca) é antibiótico natural e anticanceroso do estomago, algumas batatas são antibacterianas, as folhas de *quicnua* são antibióticos naturais e anticancerígenos, as folhas do mastruz são antibióticos naturais e anti-vermes, *misi sillu* (unha de gato) é antibiótico natural etc.

Chuño branco é elaborado das batatas comuns, a partir de um congelamento natural nas cordilheiras que se situam a -10° C, depois da gelada é pisada as batatas no dia seguinte para descascar e imediatamente colocadas em um saco dentro d'água para manter a cor branca. Em seguida é enterrado em uma lama de muita humidade por um mês e três dias, depois desse tempo é

cheirado e calculado pelos expertos químicos naturais, e, é posto ao sol para seu secamento e seu consumo, como comida e antibiótico natural.

Figura 37-Amostra de chuño negro e blanco:



Fonte: <https://www.zmescience.com/medicine/nutrition-medicine/chuno-taters/>

As ervas medicinais naturais são diversas, que são encontradas dentro dos matorrais, mas também algumas precisam ser plantadas especificamente e ter muito cuidado com elas, como a *kuka* (é a coca, a planta sagrada dos quíchuas, por conter as nutrientes mais diversas que complementam ao corpo humano) é uma folha muito sensível às doenças, parasitos, inclusive no conviveu com outras ervas, ou seja, sempre deve estar afastado de outras más ervas, caso contrário ela emagre-se e morre. Os quíchuas além de limpar as más ervas à coca, fazem pequenas festinhas, como cantando e dançando ao ritmo das músicas quíchuas e com seus contextos, que alegram elas para que se sentiram contentes e finalmente ficassem *makuti* (gordinhas), uma das canções é intitulada: “*kuca quintucha ruyru rapischa* (coca de folhinhas arredondadas)”.

Assim é, os quíchuas cantam para todo tipo de alimentos que se plantam e também para os animais. O respeito dos indivíduos, animais e plantas são contínuos e quase sempre são comemorados nos momentos menos pensados. Na cosmovisão do povo quíchua existem as práticas de interações simultâneas e em sincronia com todos os seres do universo. Nessa perspectiva acreditasse

que todos seres têm vida, alma-espírito, como as três dimensões da vida: *hanap pacha* (o céu e os seres que habitam nele), *kay pacha* (todos os seres que habitam a terra) e *uku pacha* (todos seres que habitam em baixo da terra), são expressões de um iconógrafo de Cusco, Peru (PAUCARTAMBO, 2011).

Figura 37: as folhas e o chá de coca



Fonte: <https://raizesdomundo.com/folha-de-coca/>

As plantas medicinais curam desde a gripe, até o espírito da pessoa, como o *Ayahuasca*. Há também muitos alimentos usados como medicina e afrodisíacos, como a *maka* (maca peruana, conhecida como o viagra natural e antioxidante), assim, há uma diversidade de comidas quíchuas usadas como medicinas e antioxidantes naturais. O ditado quíchua: “mikuyllam hampipas unquypas, a saúde depende de como se come”.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de Quíchua Ayacuchano e sua contextualização panorâmica, sociohistórico, linguístico e educacional, foi desenvolvido a partir da introdução com o memorial do autor, redigida em primeira pessoa, para expressar sobre seu povo quíchua. Fundamentação sobre a teoria da linguística e as variações linguísticas de forma geral, a descrição estrutural da Língua Quíchua. Assim mesmo, a aplicação educacional do curso da Língua Quíchua como L2 no Brasil.

O autor descreveu sua autobiografia, desde sua infância até a atualidade, onde demonstrou como é a pedagogia quíchua, onde as crianças aprendem brincando e ajudando a seus pais. Os conhecimentos são adquiridos para a sobrevivência dentro das aldeias. As crianças desde idades muito tenras participam nos trabalhos manuais dos pais, fortalecendo suas habilidades físicas e mentais. Os ensinamentos dos pais são mais práticos e ludo criativos, onde as crianças participam das *minkas* e *qachwas* (trabalhos coletivos diurnos e noturnos, realizados com muitos ritmos musicais, danças, cantos e culinárias). A educação indígena quíchua é bastante diferente ao da cidade, tanto linguisticamente e socialmente. As crianças quíchuas de ambos gêneros, já aprenderam quase tudo com cerca de dez anos de idade, desde catar lenha, cozinhar e processar os alimentos para sua conservação por muitos anos, para as épocas de secas.

Foi contextualizado o panorama sociohistórico da Língua Quíchua em geral, sobre a cultura e seus habitantes que integram todas as regiões e países. A Língua Quíchua é historicamente milenar e superior com seus falantes quantitativamente que as outras línguas indígenas da América do Sul. Há aproximadamente dez milhões de pessoas que falam a Língua Quíchua entre os nativos e bilíngues. Demonstrou-se o surgimento da Língua Quíchua, assim, a possibilidade de existência da escrita textual e o sistema numérico, o trato que deram os colonizadores dessa língua e seus falantes, principalmente no Peru e Ayacucho. Foi demonstrado seu desenvolvimento do povo quíchua, seus costumes, formas de vida de seus habitantes, sua alimentação e suas culinárias.

A fundamentação teórica da linguística foi tratada, para o conhecimento geral do público alvo, sobre os contatos linguísticos e as interferências linguísticas, influências e empréstimos, que atravessaram a maioria das línguas do mundo, que também acontecem as mudanças e variações linguísticas. A pedagogia culturalmente sensível é quando os alunos praticam as línguas variantes, na forma de escrita ou falada dentro da sala de aula e sem prejuízos, nas escolas inclusivas.

Na descrição estrutural da Língua Quíchua, foram abordados conceitos gramaticais, fonéticas e fonológicas. Foram tratados o uso das vogais, consoantes, acentos e signos ortográficos da Língua Quíchua. As formas morfológicas da Língua Quíchua variam de acordo de seus falantes de cada região, inclusive diminuindo ou incrementando lexicalmente. As palavras da Língua Quíchua foram traduzidas, como nomes de animais e insetos, interjeições e estados emocionais, expressões de saudações.

Este trabalho tem como resultado, além da própria imersão do autor no contexto linguístico da sua língua materna, o fato de motivar outros indígenas ao conhecimento da estrutura de sua língua e, no aspecto didático, a aplicação educacional do curso da Língua Quíchua como segunda língua L2 no Brasil, iniciado no segundo semestre de 2018, juntamente com outras línguas indígenas do Brasil, dentro da Universidade de Brasília. Os métodos e estratégias aplicados nesses cursos começaram como um laboratório de ensino das Línguas Indígenas. Assim, foram encontrados métodos e aplicados, na interação recíproca dos professores e alunos, que deu origem ao emprego de métodos ludo criativos, como “a pedagogia da expressão ludo criativa”, que consiste na aprendizagem da segunda língua L2 com alegria, por meio da música, do canto e da dança.

O respeito e reconhecimento sóciohistórico, linguístico e cultural, dos quíchuas e os outros povos originários são imprescindíveis, para a convivência harmoniosa sem preconceito étnico racial, na compreensão de que o mundo é único para todos, como o sol brilha para todos e a chuva molha a todos.

Entendendo este trabalho não como uma conclusão, mas como parte de um processo para dar início à outra etapa que venha contribuir para a inclusão dos povos, para a valorização da língua e da identidade dos quíchuas,

encerramos esta etapa com um poema, cuja poética dos versos, livre e espontânea nos remete diretamente aos cantos quíchuas:

[...]
 A partir de hoje
 isso acabou
 há que se esquecer completamente
 Ladrão homens ladrões
 Onde estão nossas fazendas
 onde estão nossos animais
 Hoje não estamos mais
 como no passado
 não estamos mais delirando
 nem dormindo
 Hoje começamos a acordar completamente⁶⁵

Não estamos delirando, nem dormindo. Estamos prontos para ensinar ao nosso povo a força da nossa língua!

Suwa suwarunakuna
 Maytaq chakrayku
 maytaq uywayku
 Suwa allqu mistikuna
 kunan makiykupi wañunkichis
 Kunan manañan
 ñaupañachu kayku
 manañan muspaykuchu
 ni puñuykuchu
 Kunanqa allintam rikcharyku
 Karahu

⁶⁵ Tradução livre de um fragmento de os "versos de desprezo dos índios contra os Mistis", pronunciados no contexto violento confronto entre proprietários de terras e Camponeses de Cusco. AGUIRRE, Dida: "Poemas quíchuas", en Mundo Andino, n. 2, 7, Huancayo, marzo 1983.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Dida: "**Poemas quechuas**", en Mundo Andino, n. 2, 7, Huancayo, marzo 1983.

ANCHORENA, José. **GRAMÁTICA QUECHUA Ó DEL IDIOMA DEL IMPERIO DE LOS INCAS**. Imprenta del estado calle de la rifa N. 58, 1874.

ARGUEDAS, Sybila. **MITOS, LEYENDAS Y CUENTOS PERUANOS**. Impreso en el Perú. Los frutales 344, Lima 3 – Perú, 2011.

ALKMIN, Tânia. **Introdução à Linguística**, 1987. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/97332338/Sociolinguistica-Tania-Alkmim>. Acesso em: 17 de out. 2018.

ALKMIN, Tânia. **Sociolinguística**, 2017. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/RaquelBenaion1/sociolinguistica-tnia-maria-alkmin>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

BAGNO, Marcos. **Norma Linguística, Hibridismo e Tradução**, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf. Acesso em: 18 de out. 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella. **Processos interativos em sala de aula e a pedagogia culturalmente sensível**. (UnB), 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/1141-2768-1-PB.pdf>. 30 de nov. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**, 2006. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/1/FPF_PTPF_12_102.pdf. Acesso em: 18 de nov. 2018.

BUZZOCHI, Aldo. **O ataque da norma culta**, 2011. Disponível em: https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/87122/mod_resource/content/1/Ataque_da_norma_culta.pdf. Acesso em: 12 de nov. 2018

CAMACHO, Roberto. **Norma culta e variedades linguísticas**, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf. Acesso em: 28 de out. 2018

CARRÉ Enrique. **Los Señoríos Chancas: Historia Mitos y Leyendas**, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/9949-39378-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 de ago. 2018.

CAVERO, Rómulo. **Trinos del Alba: Poemario Quechua-Castellano**, 2017. Grupo Editorial Arteidea E.I.RI. Calle La Personalidad, Mz II-4lote 32, Urb. Pro 1ra. Etapa, Los Olivos, Lima.

CALVET, Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 3. ed... Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COLLET, Célia. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Rio de Janeiro, Livraria; Laced, 2014. Disponível em: http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2017/05/Anexo122_Quebrando-preconceitos-Livro-versao-online.pdf. Acesso em: 12 de ago. 2019

COOK, G. **Applied Linguistics**. Oxford Introductions to Language Studies. Oxford University Press: 2008.

CORDEIRO, Roberta. **Quatro Séculos de Gramaticografia quéchua Emergência e Desenvolvimento da Categoria de Caso Nominal em Perspectiva Historiográfica**, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-30092014-184734/publico/2014_RobertaHenriquesRagiCordeiro_VCorr.pdf. Acesso em: 12 de fev. 2019.

CÓRDOVA, Gavina; ZARIQUIEY, Roberto. **Qayna, kunan, paqarin**. Una introducción práctica al quechua chanca. Impreso en Perú. Primera edición: marzo de 2008. Disponível em: <http://textos.pucp.edu.pe/pdf/1707.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

COSTA, Geisa. **Norma linguística e realidade sócio-histórica do português popular do brasil**, 2012. Disponível em: http://www.lettramagna.com/artigo19_XII.pdf. Acesso em: 12 de out. 2018

COSTA, G.S. **Breve histórico da linguística aplicada**, 2001. Disponível em <http://www.giseldacosta.com/wordpress/wp-content/uploads/2015/04/2184332-Breve-historico-da-linguistica-aplicada.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2018.

COUTO, Hildo. **Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

COUTO, Hildo. **Contato intralinguístico: da interação à gramática** / Hildo Honório de Couto. 2. ed. –Brasília: Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília: 2017.

DIATTA, Abdoulaye. **Abordagem Comunicativa e Avaliação no Processo de Ensino/ Aprendizagem de Português Língua Estrangeira no Senegal**, 2016. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25082/1/ulfl219386_tm.pdf. Acesso em: 27 de nov. 2018.

DINELLO, Raimundo. **Pedagogía de Expresión Metodología Ludocreativa**, 2012. Disponível em: <https://www.camaradellibro.com.uy/wp-content/uploads/2012/03/Pedagog%C3%ADa-Expresi%C3%B3n-Ludocreativa.pdf>. Acesso em: 01 de nov. 2019.

ERNEST, Renan. **O que é uma nação?** 1997. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em: 17 de out. 2018.

FEITOSA, Sonia. **MÉTODO PAULO FREIRE Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação**, 1999. Disponível em: file:///C:/Users/Home/Downloads/FPF_PTPF_07_0004.pdf. Acesso em: 17 de nov. 2018.

FARACO, Carlos. **Norma Culta Brasileira: Desatando alguns Nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. 200 p.

FERRÃO, Jorge. **El Cóndor Pasa: Género Zarzuela**, 2011. Disponível em: https://moodle2.externatochampagnat.pt/pluginfile.php/2122/mod_label/intro/ficha_condor.pdf. Acesso em: 12 de nov. 2019.

FERNANDES, Márcia. **LÍNGUA E DIALETO: uma discussão teórica sobre a variação e o preconceito**, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/1202-1534-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2018.

FLORES, Alberto. O galo da madrugada contra a coruja de minerva – uma recepção criativa de G. W. F. Hegel. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32207/1/2018_art_avflores.pdf. Acesso em: 11 de ago. 2018.

FREITAS, Marco. **Língua: uma faca de dois gumes**, 2014. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/048.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2018.

GORDON Mcewan. **Some Formal Correspondences between the Imperial Architecture of the Wari and Chimu Cultures of Ancient Peru**, 1990. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication_Wari_and_Chimu_Cultures_of_Ancient_Peru](https://www.researchgate.net/publication/Wari_and_Chimu_Cultures_of_Ancient_Peru). Acesso em: 13 de out. 2018.

HITZ, Nilse D. **LÍNGUAS EM CONTATO: INTERFERÊNCIAS, DIAGNOSE DE ERRO E ENSINO**. Campus de Marechal Cândido Rondon, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1065-4.pdf>. Acesso em: 11 de ago. 2018.

HOOKS, B. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 1994.

HORTA, Bruno. **Sociolinguística em sala de aula: visão e postura docente ante as variedades desprestigiadas dos Portuguêss**, 2016. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/dossie/palimpsesto23dossie09.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2018.

INDD, História. Zona Andina: **O Império dos Incas**. História das Américas, 2012. Disponível em: http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16110716022012Historia_das_Americas_I_aula_6.pdf. Acesso em: 18 de ago. 2018.

INEI, Instituto Nacional de Estadística e Informática. **Censos Nacionales 2007**. Dirección Nacional de Censos y Encuestas. Lima, enero de 2009. Disponível em: https://www.inei.gob.pe/media/MenuRecursivo/publicaciones_digitales/Est/Lib0789/Libro.pdf. Acesso em: 26 de ago. 2018.

LIMA, Nayara; FILHO, Marcelo. **A abordagem comunicativa no processo de aquisição de língua inglesa**, 2013. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013010917.pdf>. Acesso em: 30 de nov. 2018

LIMA, Tamara de. As crônicas de índias e os primeiros relatos da conquista do tawantinsuyu. **Revista Crítica Histórica**, 2014. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/205/AS%20CR%C3%94NICAS%20CONQUISTA%20DO%20TAWANTINSUYU.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2018.

MARQUES, Taciane; ALMEIDA BARONAS, Joyce. **Pedagogia da Variação Linguística: por uma abordagem heterogênea da língua a fim de minimizar o preconceito linguístico**, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/20340/16563>. Acesso em: 30 de nov. 2018.

MAYORGA, César. **Gramática Kechwa**, 1973. Ediciones los Andes, Librería Distribuidora Santa Rosa. Jr. Apurímac 375, Lima – Peru.

MELATTI, Cezar. **População Indígena**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie345empdf.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

OLIVEIRA, Ana Maria. **Acesso ao léxico e alternância de línguas em bilingues**, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61796179.pdf>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

OLIVEIRA, David. **Pachamama, Paqarina e Pachakamaq: Uma perspectiva religiosa quíchua sobre natureza e religião**. Dialnet, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/Dialnet-PachamamaPaqarinaEPachakamaq-6342756.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2018.

- OLIVEIRA, Mirian. **Língua: Instrumento de exclusão e inclusão sociais**, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/3460-12725-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 de out. 2018.
- PAUCARTAMBO, David. **Iconografía de los Textiles Cuzqueños**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GorXUQIHm6w>. Acesso em: 15 de set. 2018.
- PEREIRA, Paulo. **Aspectos morfossintáticos da marcação de posse nominal em línguas ameríndias**. Universidade estadual de campinas instituto de estudos da linguagem, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/320924>. Acesso em: 15 de set. 2018.
- PERROUD, Clemente. **GRAMÁTICA QUECHWA: Dialecto de Ayacucho**. Editorial Universo S.A. Av. Nicolás Arriola 2285, La Victoria, Lima, Perú, 1972.
- PIMENTA, Sônia; CARVALHO, Ana Beatriz. **Elementos da didática: Os diferentes métodos de ensino**, 2008. 244 p. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Didatica_Ensino_Geografia/Di_En_Geo_A02_MZ_GR_2912_08.pdf. Acesso em: 29 de nov. 2018.
- PLÁCIDO, Lara; SOUZA, Tiago. **O Método Paulo Freire: Primeiras Aproximações**, 2017. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/psR18Fk8vYsjPac_2018-3-17-11-34-46.pdf. Acesso em: 16 de out. 2018.
- PORTELA, Keila. **Abordagem comunicativa na aquisição de língua estrangeira**, 2006. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/expectativa/article/viewFile/84/294>. Acesso em: 30 de nov. 2018.
- PREDIGER, Angélica. **O desenvolvimento de um projeto de educação linguística para o ensino-aprendizagem de alemão a partir da pluralidade linguística e cultural dos alunos**, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication_da_pluralidade_linguistica_e_cultural_dos_alunos. 19 de nov. 2018.
- RIBEIRO, Ormezinda Maria. A Pedagogia da Expressão e o ensino de Língua Portuguesa: um desafio à criatividade. In: (orgs.) In: ANDRADE, M. E. S. F.; HOELZLE, J. M. L. R.; CRUVINEL R. C. (Orgs.) **(Trans)Formação de professores de línguas: demandas e tendências da Pós-Modernidade**. Campinas: Pontes, 2019.
- ROCHA, Nildicéia. **Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira**. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/10426/pdf>. 15 de out. 2018.
- RODRIGUES, Aryon. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1986.
- RODRIGUES, Aryon. **As Línguas Gerais Sul-Americanas**. Universidade de Brasília, 1996.
- RODRIGUES, Rosângela; RIZZATTI, Mary. **Linguística aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: LLV/ CCE/UFSC, 2011.
- RODRIGUES, Ulisdete. **Fonologia do Cabo-Verdiano: Das Variedades Insulares à Unidade Nacional**. Universidade de Brasília. Brasília, BF., 2007.
- RODRIGUES, Ulisdete. **Na Singular Primeira Pessoa: Contato, Variação e Mudança no Cabo Verdiano**. Universidade de Brasília. Brasília, DF., 2018.

- SANTANA, Jessé; NEVES, Maria. **As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente**, 2015. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium48/6.pdf>. 29 de out. 2018.
- SANTANA, Joelton. **O papel da interlíngua na compreensão do desenvolvimento da competência comunicativa em língua inglesa do aloglota**, 2011. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/10/13122011122830.pdf>. 19 de nov. 2018.
- SANTOS, Glaucia. **Contato Lingüístico na Região de Fronteira Brasil/Uruguai: A Entoação Dialetoal em Enunciados Assertivos e Interrogativos do Português e do Espanhol**, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/glauciafelisminodossantosmestrado.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2018.
- SANTOS, Marcos. **Sociolinguística, teoria social e padronização linguística**, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323718677_Sociolinguistica_teoriasocial_e_padronizacao_linguistica. Acesso em: 22 de out. 2018.
- SCHMIDT, Paulo. **O uso dos quipus como ferramenta de controle tributário e de accountability dos incas**. REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO DE NEGÓCIOS, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgn/v19n66/1806-4892-rbgn-19-66-613.pdf>. Acesso em: 29 de ago. 2018.
- SEVERO, Cristine. **A invenção Colonial das Línguas da América**, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n1/1981-5794-alfa-60-1-0011.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2018.
- SILVA, Thaís. **Fonética Fonologia do Português: Roteiro de estudos e guia de exercícios**, São Paulo, 1999.
- SOUSA, Adriano; ANDRADE, Júlia. **Linguística aplicada: um percurso histórico**. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/5823-21884-1-PB.pdf>. Acesso em: 29 de nov. 2018.
- SOUTO, Layla Cristina. **Português brasileiro e alemão em contato em duas comunidades virtuais**, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/270-852-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 de nov. 2018.
- VILAÇA, Márcio. **O que é linguística aplicada? Uma introdução**, 2010. Disponível em: <http://ensinoatual.com/blog/?p=703>. Acesso em: 31 de out. 2018.
- VIOTTI, Evani. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXT0_BASE_VERSAO_REVISADA.pdf. Acesso em: 19 de out. 2018.
- YANEZ, Consuelo; JARA, Fausto. **Nukanchik Llaktapak Shimi**. Pontificia Universidad Católica del Ecuador: Instituto de Lenguas y LOinguística, 1982.
- YATACO, Juan. **Revisión de las evidencias de Pikimachay, Ayacucho, ocupación del Pleistoceno Final en los Andes Centrales**, 2011. BOLETÍN DE ARQUEOLOGÍA PUCP / N.º 15. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletinarqueologia/article/viewFile/9084/9494>. Acesso em: 01 de set. 2018.
- YATACO, Miryam. **Quechua language I (socio) linguistics, history, ecology of language & pedagogical implications**, 2010. Disponível em: http://www.linguisticrights.org/miryamyataco/The_Quechua_Language_sociolinguistics_ecology_of_language.pdf. Acesso em: 01 de set. 2018.

ZEA, Ruth Marilyn. **El préstamo lexical del castellano en el quechua ayacuchano**, 2014. Disponível em: http://cybertesis.unmsm.edu.pe/bitstream/handle/cybertesis/4606/Yancce_zr.pdf?sequence=1&isAllowed=y.pdf. Acesso em: 26 de set. 2019.

PARTE II - VERSÃO EM ESPANHOL

I. INTRODUCCIÓN

1.1. Memorial del autor

Yo nací en una aldea donde mis padres fueron indígenas quichuas, exclusivamente quichua hablantes y analfabetos, pero de ellos recibí los primeros conocimientos pedagógicos en la casa y en el idioma quichua. A la edad de 12 años, ya había aprendido todo lo necesario para la sobrevivencia en la aldea, desde recolectar leña, cocinar, tejer poncho y manta con colores de arcoíris, sembrar y cosechar todo tipo de cereales de la región, leer el tiempo a través de las estrellas y del sol, reconocer más de 50 tipos de maíz y papas con sus respectivos usos, reconocer más de 50 tipos de plantas medicinales con sus respectivas posologías, aprender más de 50 canciones quichuas con sus respectivos significados y utilidades, damos utilidades a las canciones cuando pisamos sobre las espigas de los trigos en *qachwa* (trabajo nocturno colectivo y gratuito), cantamos fuerte y rápido canciones de zapatear, porque las espigas del trigo son duras, pero cuando pisamos sobre las arvejas, bailamos suave, porque las pajas son frágiles.

Figura 1-La pisada en el trigal en qachwa en la noche:



Fuente: <https://www.youtube.com/watch?v=oxgUIIY72Qo>

Esas actividades realizábamos entre adultos y niños, donde los niños participábamos de acuerdo con nuestras posibilidades o ya visualizábamos y

entrenábamos en nuestras mentes las coreografías de las danzas, así escuchábamos las melodías de las canciones armoniosas y agitadas, incluso las embarazadas decían que sus barrigas se movían más con esos ritmos.

La aldea donde nací se llama *Condorsincca* (pico de cóndor), en el Distrito de *Luricocha* (pozo rodeado de arbustos y loros), en la provincia de Huanta, Departamento de Ayacucho, Perú. Soy licenciada en pedagogía. Estudié la escuela primaria en *Paccayhuaycco* (lugar de escondite) y la escuela secundaria en el Centro Educativo Gonzalez Vigil en Huanta, Perú. Tomé los cursos de guitarra, charango y quena en Casona en la UNMSM (Universidad Nacional Mayor de San Marcos) en Perú. También tomé el curso de idioma sueco en SFI (*Svenska För Invandrare*) en la Academia *Eductus Nacka* en Estocolmo, Suecia.

En mi infancia, caminaba junto con mis compañeritos quichua s a la escuela de la aldea de *Paccayhuaycco*, que estaba a unos 10 kilómetros desde la aldea de *Condorsincca*. Solo había una escuela, con un aula grande desde primero año hasta quinto año, donde enseñaban desde el alfabeto y los números. La enseñanza era insatisfactoria por el español, porque no había traductor de quichua a español.

Figura 2: La primera escuela del autor:



Fuente: https://www.google.com/se=escuela+ayacucho&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR870:

El transcurso del camino a la escuela era muy placentero para nosotros, los niños, porque todo lo que venía en nuestra frente cogíamos y comíamos como las *tunas*, *tumbos*, *granadillas* y *guindas* (frutas andinas). El recorrido a la escuela era cerca de dos horas de caminata, por lo que, nos levantábamos a las 4 de la mañana, para preparar nuestro desayuno y el almuerzo juntos, porque la clase en la escuela comenzaba a las 8 de la mañana y terminaba a las 5 de la tarde. Comíamos alimentos bien fuertes en la mañana, como el *siccuy patachi* (sopa preparada con cecina, trigo, maíz, haba y arveja, todos con cáscaras) y de fiambre llevábamos los granos secos y tostados, como *cancha* (maíz blanco tostado) con queso, *caputo* (haba tostada), *añas kankas* (cecina de carne de caza), *chankaka* (chancaca de magué) y *machka* (seriales tostadas, molidas y mezcladas con la chancaca de magué). Eses mismos granos secos, tostados y molidos, son alimentos de conservas, usados por los viajeros, que caminan por muchos días y de mucha distancia a pie, como, por ejemplo, desde condorsincca para lima, que lleva cerca de dos semanas de caminata.

Figura 3: Las frutas típicas de Condorsincca, los tumbos:



Fuente: <https://gofresh.pe/products/tumbo-x-500-gr>:

Los malestares de mi infancia comenzaron, cuando mi padre frecuentó a la ciudad de los civilizados de Huanta, en los domingos él escuchaba la misa de la iglesia católica, donde el cura predicaba la perfección humana, después de mi padre regresaba a la aldea con mucha ira, porque con los mensajes que él aprendía sus hijos no éramos perfectos, por lo que él compraba un látigo especial de tres puntas con nudos en los extremos y de cuero muy duro, luego hacia bendecirlo con el padre de la iglesia con el agua bendita. El látigo tenía tres puntos en honor del padre, espíritu y santo, que quita los pecados. Mi padre me en verdad me golpeaba con ese látigo bendecido, para corregirme de mis pecados. Lo que me hacía chillar eran los nudos de los extremos del látigo, porque mi padre pobre padre no lo notaba de esos malditos nudos, sin embargo, mi madre sí, desde muchas millas, saltaba para defenderme, inclusive tan pronto mi padre dormía, ella se las daba para los perros el látigo bendecido, porque ella me aceptaba con mis pecados naturalmente.

En la aldea todo era natural, la naturaleza ofrecía lo suficiente para la sobrevivencia e inventar nuestras herramientas de madera, piedra y arcilla. Inventamos los juguetes más sofisticados con arcilla y madera. El médico de los animales y la familia era mi padre, asistía desde el parto hasta la fractura ósea en el cuerpo de algún niño de la aldea, que de repente caía de un *wayllunka* (columpio de cuerda hecho a mano y atado al árbol gigante para volar en el aire, alrededor de 10 a 30 metros de distancia): "los huesos de cualquier niño escuecen e incitan a tomar el vuelo, caerse y romperse" (el refrán quichua). Para conocer las fracturas o fisuras de los huesos, mi padre las diagnosticaba con las manos, porque las radiografías dactilares eran mucho más efectivas y rápidas en la aldea. Las ventajas eran, en que no se perdía el tiempo en viajar al hospital de la ciudad, era tratar a los enfermos en el acto. Un chamán cura por contacto físico impartiendo la energía cósmica y mental sobre la herida, complementando con las hierbas hervidas para bañarlas y esterilizarlas, siempre que el paciente participe con su espiritualidad y obedeciendo todas las pautas, su recuperación siempre es satisfactoria. Después de un accidente, el hueso roto o la herida del paciente son diagnosticados y tratados inmediatamente en los primeros minutos por el chamán. Sin embargo, cuando la persona herida es llevada hacia la ciudad, tardaría uno o dos días, por lo que el médico del hospital no tiene muchas

posibilidades de curación, ya que la herida estaría en estado de descomposición, a menudo el médico sugiere amputar el órgano necrótico, para evitar la infección generalizada.

Mi padre me enseñó desde la lectura de las estrellas hasta cómo usar hierbas para curar personas y animales, cómo hacer la casa con paredes de barro, el techo con *ichu* (paja del campo), la cuchara de madera y la olla del barro, cómo cultivar el maíz, la papa, la oca y el olluco, con *chaki taklla* (instrumento para perforar el suelo, pisando con el pie y colocar las semillas allí); fabricar el azúcar de magué-*paqpaupi* (un tipo de cactus grande con forma de aloe que produce aproximadamente un litro de *upi* (esencia líquida dulce) cada día, primero se perfora en una de las hojas gruesas formando una hendidura en el tronco; sacar la piedra azul de una roca, a una distancia de cerca 15 km para comer y también para curar las heridas y contusiones de personas y animales.

Figura 4: Magué-paqpaupi o Agave Andino:



Fuente: <https://www.elcomercio.com/tendencias/dulce-cabuyo-salasaka-tungurahua-intercultural.html>:

Mi padre me enseñaba a interpretar las manifestaciones de la floresta, como cuando el zorro cantaba en agosto, significaba que ese año iba ser seca, por lo que era hora de preservar los alimentos para el sustento hasta el próximo año. Luego había la danza del cóndor en agosto, eso significaba la abundancia

y estaba a punto de comenzar a plantar. Cuando el *chusiq* (pequeño pájaro nocturno que acompañaba a las almas benignas y malignas) cantaba, era cuando regresaba algún ser querido nuestro y cerca de su aniversario después de su fallecimiento, por lo que le faltaba el perdón o simplemente quería deleitar de alguna comida o bebida que en vida le gustaba, por eso en esa noche siempre colocamos esos alimentos, bebidas y ofrendas, que toda familia sabe que le gustaba a ese actual alma, finalmente nos despedimos con mucha música y canto quichua .

Nuestros padres quichua s nos enseñan cómo comunicar con los animales en las aldeas andinas, cómo transmitir la expresión con sensibilidad a cualquier animal y ser identificados por ellos para tratar el uno con el otro: los cuyes (conejiños de India) saben perfectamente saludar cuando alguien llega a la casa, pues ellos chillan levantando sus cabecitas; las llamas pueden hacer un poco de ruido desde el interior de sus bocas como si realmente quisieran hablar y los burros saben rebuznar a cada encuentro con sus dueños e incluso con su pareja.

Figura 5-Quwi-cuy en la imagen siguiente:



Fuente: <https://agraria.pe/noticias/peru-es-el-mayor-exportador-mundial-de-carne-de-cuy-particip-19294>.

Nosotros los quichua s, también hemos aprendido a encontrar plantas condimentarias silvestres en el monte por el olor, por lo que algunas ventajas ya las tenemos, por lo que la mayoría de esas plantas huelen a algunos kilómetros de distancia, como el *rupaywachi*. (hierba típica de los quichua s, que se coloca en sopa de cebada), *wakatay* (hierba típica de los quichua s, para sazonar la carne) y anís andino (hierba típica de los quichua s, que se coloca en el fondo de la olla cuando se cocina las humitas).

Actualmente conozco las dos caras de la cultura indígena y blanca, que no son tan fáciles de conciliarlas, porque el indio tiene las raíces muy profundas, su identidad, su cultura, su idioma. El indio siempre cargado de una energía de la Pachamama (madre tierra), es como una luz andante, aparece por todas partes, el problema es cómo lidiar con esa responsabilidad, ya que la sensibilidad del indio es intocable, que por su ingenuidad fue engañado en muchas oportunidades y recibió una herencia de opresión de más de cinco siglos, cualquier acto positivo en beneficio de los demás es plausible e impregnado hasta el alma del otro, por el mismo hecho cualquier error es trágico y es repugnante (un indio debería ser perfecto, pero es igual que cualquiera), sólo los psicolingüistas y psicólogos para explicar mejor.

Las culturas del primer mundo, como Escandinavia y Andina son similares con sus respectivas cualidades de vida que van a la par. Siendo la media de vida en ambas latitudes de aproximadamente 80 años, todavía algunos habitantes pasan de 100 años. Los escandinavos cuidan sus vidas por el conocimiento científico y los andinos cuidan sus vidas por el conocimiento ancestral. Algunos escandinavos comen productos ecológicos y se curan a través de ellos, y algunos andinos comen los productos ecológicos producidos por ellos mismos y saben cuáles son los alimentos que previenen de las enfermedades, como por ejemplo, masticando la coca se protegen de las enfermedades óseas, comiendo el maíz descascado con ceniza, evitan el cáncer de estómago y la gastritis; tomando té de cebada o emoliente, se previenen de infecciones urinarias, consumiendo antibióticos naturales como limón, ajo, jengibre, sal azul se curan del virus de la gripe y de otras bacterias.

Ahora entiendo en la sociolingüística y en la psicolingüística, que la cultura y el idioma se convierten en híbridas en contacto con la otra. La mayoría de los

pueblos indígenas sudamericanos han sido impuestos sus culturas, creencias y religiones por sus colonizadores y sus catequizadores jesuitas. Así, mezclamos la religión católica con nuestras religiones andinas, por ejemplo, cuando llevábamos nuestra *haywarikuy* (ofrenda que se ofrece de los mejores productos del año como frutas, seriales y flores), a la montaña *Apu Rasuwillka* (la montaña diosa más cercana, quien nos protegió de todo), en agradecimiento por la buena producción agropecuaria de ese año, creyendo que ella ayudó a intensificar la lluvia, entonces el pago consiste en la elección de los mejores productos del año y colocados en una cesta bien adornada con las flores más bonitas y olorosas. Luego enterramos esa ofrenda, bajo esa montaña en la tierra sagrada, primero rezando el “Padre Nuestro”, arrodillados delante a una de las cuevas. Pues, son pocos los pueblos quichua s que se imponen a las creencias occidentales, como algunos curanderos o chamanes y otras etnias que nunca han tenido contacto con los blancos, la mayoría mantiene su originalidad de sus culturas y creencias.

Figura 6: La imagen de la montaña Apu Rasuwillka:



Fuente: [https://alchetron.com/Rasuwillka-\(Huanta-La-Mar\)#demo](https://alchetron.com/Rasuwillka-(Huanta-La-Mar)#demo):

Por lo tanto, a la medida que avanzamos con nuestros estudios primarios, secundarios y superiores, habiendo la necesidad de emigrar a las grandes ciudades, dejando nuestros conocimientos ancestrales, aun sintiendo mucho miedo de cometer errores ante los paradigmas de la nueva cultura. Al principio no nos damos cuenta de que llevamos una maleta llena de conocimientos y que tenemos raíces profundas interconectadas directamente con la *pachamama* y los parientes, tenemos nuestra propia cultura, expresión corporal, hablamos con cuerpo y alma, transmitimos serenidad y honestidad lo que nuestros ancestros enseñaron, tenemos nuestras propias músicas, vestimentas y culinarias.

Cuando fui a asistir a los seminarios y defensas de tesis de indígenas en la Universidad de Brasilia—UNB, me llamó la atención el hecho de mi orientadora Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro percibir y expresar, durante su participación en una banca de una indígena, que hay una modalidad diferente en el discurso del indígena, pues la habla sale del cuerpo, con un mensaje que llega en el alma del otro. Así fue el 15/08/2018, en el Athos Bulcão de la UNB, donde la conferencista indígena, Celia Xakriabá habló con un lenguaje desde su ancestralidad y espiritualidad, alcanzando el escalofrío de sus oyentes, ¡haciendo llorar de emoción a la mayoría de sus oyentes!

Constaté que algunos miembros de la academia tienen sensibilidad para comprender no sólo los aspectos lingüísticos, sino también el lenguaje corporal indígena, me animó a proponer un trabajo orientado a la enseñanza de mi lengua materna, la cual aprendí a hablar en mi pueblo, pero en ella no pude ser alfabetizado en la infancia, debido al prejuicio con respecto a los hablantes de quichua que todavía rige en mi país de origen.

Así que decidí ignorar los dolores de la herida cicatrizada superficialmente que aún me provoca y sumergirme en ese universo lingüístico y cultural que evoca mis raíces, mi historia personal y la historia de mi pueblo e invertir en la posibilidad de valorar mi idioma, mi cultura y mi pueblo a través de la investigación que lleva a la enseñanza.

1.2. Presentación del estudio

El presente trabajo está dirigido para el público lector lingüistas, antropólogos, sociólogos y profesionales que quieran enriquecer sus

conocimientos en los campos del lenguaje, cultura y sociedad. El idioma quichua, como medio de comunicación, representa una de las culturas más desarrolladas en el Continente Americano, como la cultura Inca y pre-Inca, así como las culturas mayas, aztecas, occidentales y orientales, que existían hace miles de años y que eran altamente evolucionadas. Según Oliveira (2017), los quichuas fueron los principales agentes del imperio incaico, que utilizaron el idioma quichua como idioma oficial, difundiendo por todo el *Tawantinsuyu*. Ese término representa las cuatro regiones unidas del sur de Colombia hasta Río Maule de Chile, con la administración política, cultural y lingüística de los Incas. Tales regiones tenían organización Inca y eran administradas desde Cusco.

En el siguiente mapa se puede ver la distribución geográfica de *Tawantinsuyu*:

Figura 38-distribución geográfica del *Tawantinsuyu*:



Fuente: <https://www.google.com.br/tawantinsuyu>.

La palabra quichua ha sufrido muchas modificaciones morfológicas en el transcurso de su estudio, traducción y su interpretación fonológica, el más

original es *qichwa*, luego *Kichwa*, quichua y quichua, pero el propio idioma es *runa Simi*, (*runa* significa persona y *Simi* significa boca). Es similar al español, donde el español es el gentilicio y su idioma es el castellano. En la actualidad, el idioma quichua es una de las familias de otros idiomas indígenas de América del Sur.

Los Incas, además de la difusión del idioma quichua por el inmenso horizonte andino, destacaron también en ingeniería agropecuaria y arquitectura, construyendo varios templos en Cusco y adyacentes, una de las construcciones más reconocidas es Machu Picchu, clasificada como una de las siete maravillas del mundo. Ellos fueron originarios de las regiones entre el Lago Titicaca y la ciudad de Qosqo, en Perú. Se presume que la civilización Inca remonte entre los siglos XIII y XV de la era cristiana, alcanzando aproximadamente 20 millones de habitantes, la invasión española casi exterminó con ellos en el siglo XVI, los que huyeron o se sometieron, Quedaron unos dos millones.

En la imagen se puede apreciar una de las siete maravillas del mundo Machu Picchu:

Figura 39-Machu Picchu: es una de las siete Maravillas del mundo:



Fuente: <https://www.todoestudo.com.br/historia/incas>

Según Aryon Rodrigues (1986), el idioma quichua y aimara es del mismo tronco llamado *Quichumara*. El idioma quichua es un conjunto de dialectos por

la región central en el paralelo 11°S, norte y sur de Perú, por el norte se extiende por los andes peruanos, ecuatorianos y amazónicos y por el sur se extiende por los andes del Perú, Bolivia, el noroeste de Argentina y Chile.

Actualmente hay cientos de idiomas indígenas en el continente americano, entre ellos el idioma quichua es hablada por cerca de 10'000,000 de habitantes quichua s en varios países de América del Sur. Muchas palabras del idioma quichua son originarias de los andes y pasaron a otros idiomas a través del español.

1.2.1 Justificación y objetivos

Los estudios que se han desarrollado sobre el idioma quichua son importantes para el conocimiento de su historia, para las teorías sobre préstamos de otros idiomas que toman en consideración, los componentes sociales y culturales de otros pueblos y sus idiomas. Según Couto (1996), los idiomas que pasan por contacto “intensivo” se transforman en otros idiomas y demuestran la diversidad lingüística que hay en el mundo. Así ha sucedido con el idioma quichua, que se ha diversificado en muchos idiomas regionales.

Siendo así, las investigaciones y estudios sobre los idiomas indígenas sudamericanas, tienen mucho que contribuir a las teorías de los cambios lingüísticos en contacto con los otros idiomas tradicionales, tanto las motivadas por factores internos, en cuanto a las motivadas por contacto. Por esta razón, entre otros aspectos, deben estudiarse las transferencias e interferencias lingüísticas con los demás idiomas en situaciones en contacto.

La relevancia de la enseñanza del idioma quichua como segundo idioma en América del Sur, es para entender la verdadera historia y su contribución significativa en la sociedad mundial. Así, conocer sus aportes sociolingüísticos de palabras con denominaciones propias desarrolladas en el idioma quichua , como en la domesticación agrícola de decenas de nombres propios de maíz, la quinua, como de la papa, como del ananá, la piña, el maní, la papaya, la calabaza, la yuca, el aprovechamiento de varias plantas medicinales nativas como la *coca*, *mate*, *ayahuasca* y *uña de gato*, el grupo de los animales como la *llama*, la *alpaca*, la *vicuña*, el *cuy* y el *puma*, en los aves como el *cóndor* y *Huamán*, en los cereales como la *tarwi* y *kiwicha*, en los tubérculos como la papa,

yacon y *maca*, en los alimentos procesados como *charque*, *cancha*, *mote* y *Chuño*, en las enfermedades como *soroche*, *chocaque* y *ipo*. El idioma quichua también se apropia de algunas palabras del español.

Figura 9: La cosecha de quinua se aprecia en la imagen siguiente:



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/comida/1237334-quinoa-e-eleita-produto-do-ano-pela-fao.shtml>.

El idioma quichua es representante legítimo de la Cultura Inca y Preinca, porque los Incas la utilizaron como instrumento de comunicación y difundieron ese idioma por todo el *Tawantinsuyu*. Actualmente el idioma quichua está inmerso en la mayoría de los países sudamericanos, por eso es de gran relevancia su aplicación educativa para el conocimiento socio-cultural, histórico y lingüístico, como la consecuente difusión de esos conocimientos en otros territorios e idiomas.

Como es sabido, para ilustrar lo dicho anteriormente, los idiomas indígenas contribuyen desde tiempos remotos con la difusión de sus elementos culturales y costumbres, por ejemplo, nombres de lugares, personas, plantas e instrumentos musicales nativos, como las artes, canciones, danzas y cantos, con diversidades de nombres de las culinarias nativas, relacionados a la salud (la comida es sinónimo de alimentos preventivos y nutritivos).

Habiendo presentado la justificación, se exponen los objetivos de esta tesis. En primer lugar, se destaca que este trabajo tiene como objetivo principal contribuir al conocimiento histórico, social, lingüístico y educativo del idioma

quichua. A partir de este compuesto de varios aspectos emparejados, organizar un curso para fomentar la enseñanza de quichua como segundo idioma en Brasil, específicamente para hablantes del portugués brasileño, en la región central del país, donde se encuentra la Universidad de Brasilia-UNB.

En segundo lugar, se destacan como objetivos específicos los siguientes puntos:

a) narrar la historia del pueblo quichua y de este modo, investigar los orígenes y teorías relativas del idioma quichua, desde tiempos remotos hasta la actualidad;

b) describir estructuras lexicales y gramaticales de origen quichua, buscando especificar el quichua peruano, especialmente la variedad ayacuchana o quichua ayacuchano, en contraste con el portugués brasileiro;

c) revisar la literatura antigua y actual sobre enseñanza del idioma quichua como primer idioma y como segundo idioma en el Perú y Ayacucho;

d) elaborar un curso para la enseñanza de quichua como segundo idioma, para hablantes de portugués de primer idioma, partiendo de diversos métodos, desde ese punto en adelante, reflexionar sobre la elaboración futura de método propio.

1.2.2. Estructura del trabajo

Ante las justificativas dadas y para alcanzar los objetivos propuestos, este trabajo estará organizado en seis partes estructurales:

El primer capítulo introduce el estudio actual a través de la presentación del memorial del autor en primera persona, por tratarse de una exposición con una visión personal del investigador hablante nativo de quichua, en este sentido trae elementos peculiares de la región de los Andes, que demuestra hechos originales, para el conocimiento sociocultural y su diversidad ancestral. A continuación, se presentan las justificativas y los objetivos del estudio.

El segundo capítulo trata de la contextualización sociohistórica del idioma quichua en América del Sur, el surgimiento de ese idioma, su extensión geográfica dentro de los países sudamericanos y sus pueblos en contacto. Desde los tiempos antiguos hasta actuales, visualizando sus diversidades lingüísticas y sus estructuras geopolíticas.

El tercer capítulo trata, primero, de la fundamentación teórica de temas de la Lingüística del Contacto y de la sociolingüística compondrán la base para el estudio del quichua, a comprender: contacto lingüístico y sus resultados, idioma y dialecto, diglosia y bilingüismo, code-switching, transferencia e interferencia lingüística, variación y cambio lingüístico, norma lingüística, variedades desprestigiadas y estandarización. En la secuencia, contempla temas relacionados con la Lingüística aplicada y Educación, enfocando las pedagogías y métodos educativos existentes.

El cuarto capítulo desarrolla la composición estructural del idioma quichua, la parte gramatical de la fonética y fonología, morfología y sintaxis en general, además de describir la parte lexical del sistema lingüístico del quichua ayacuchano. Entre estos elementos se incluyen: el sistema segmentar silábico y acentual, morfosintaxis en la visión general, formación del vocabulario, préstamos y funciones, relación de palabras culturales y de la sociedad, nombres de objetos, animales, colores, fenómenos de la naturaleza y actividades humanas, expresiones interactivas y expresiones de vocabularios típicos en el idioma quichua.

El quinto capítulo comprende, en primer lugar, la temática de la Aplicación Educativa del conocimiento socio estructural estudiado hasta aquí. Así, tratará la revisión de la literatura y educación del idioma quichua del Perú como idioma materno, envolviendo las cuestiones relacionadas a la convivencia entre variedades de quichua y el español peruano y la enseñanza regular de ese idioma frente a las variedades lingüísticas coexistentes. Además, se abordarán cuestiones relativas a la enseñanza de quichua como segundo idioma. En segundo lugar, el estudio tratará de la composición del material didáctico para la enseñanza del quichua como segundo idioma, presentando métodos, estrategias y actividades específicas: estrategias de interacción entre estudiantes, actividades con géneros textuales, música folklórica y actual, películas y literatura tradicional, actividades con acciones manuales típicas como artesanía, culinaria con diversos productos y platos, remedios y temas de la espiritualidad andina.

El sexto capítulo abarcará el resumen general sobre el idioma quichua de esta tesis, su historia, su lenguaje, así como la aplicación educativa de ese

conocimiento al curso de quichua como segundo idioma en el Brasil. Después, traerá las consideraciones finales del trabajo como un todo.

II. CONTEXTUALIZACIÓN SOCIOHISTÓRICA

2.1. El Quichua en Sudamérica

El quichua (originalmente qichwa), además del gentilicio y quichua significa también el territorio andino de gramados e de arbustos cortos, que posibilita el fácil desplazamiento de los quichuas, que caminan hasta miles de kilómetros de ida y vuelta, encontrándose con otros pueblos quichuas e incluso con muchas otras etnias de otros idiomas. La comunicación es fácil por el contacto continuo con los otros quichuas, dentro y fuera del medio geográfico del *Tawantinsuyu*, de esta manera los quichuas interactúan con otros pueblos en el intercambio sociolingüístico, sociocultural y sociohistórico. Según Calvet (2002), confirma que la lingüística es la misma sociolingüística, como, las actitudes lingüísticas poseen un profundo arraigo social.

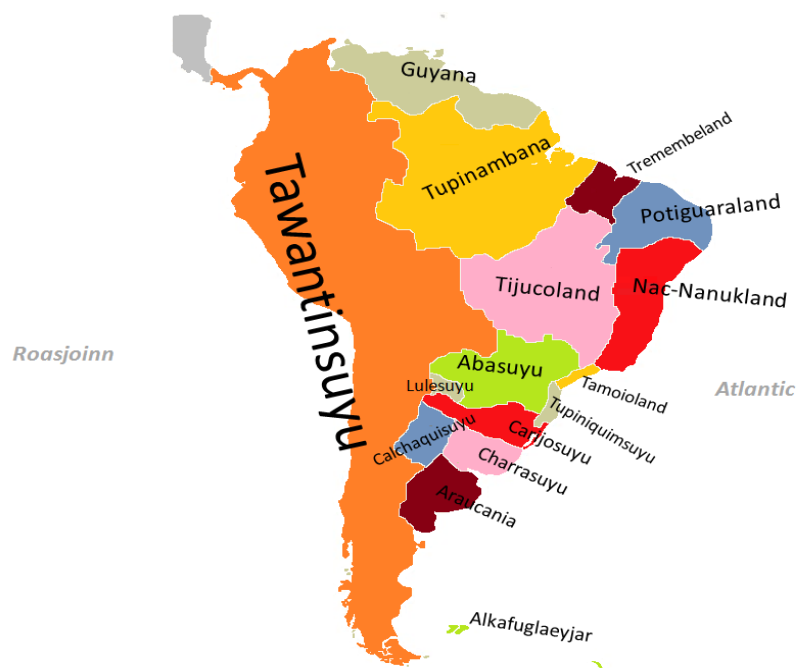
Indd (2012) afirma que el idioma aimara y quichua fueron los idiomas más desarrolladas en la época en que fue fundada la ciudad de Cusco (el ombligo del mundo), por Manco Cápac y Mama Ocllo. El pueblo quichua fue administrado política y lingüísticamente por los Incas hasta la llegada de sus colonizadores. En todo el territorio de *Tawantinsuyu*, las 4 regiones centradas en la Cordillera de los Andes, incluyendo la mayor parte del actual Ecuador y Perú, sur y oeste de Bolivia, noroeste de Argentina, norte de Chile y sur de Colombia se hablaba quichua. Hay varios vestigios de que los Incas usaban la oralidad y la escritura a través de los *Quipus* (hilos de varios colores y con diferentes nudos de diferentes formas, que describían los textos). En quichua existen palabras y nombres de la escritura y de los profesionales: *Wiracochas* (catedráticos, sabios o dioses), *amautas* (profesores), *Chaski* (cartero, que llevaba los documentos en forma de *Quipus*), *Yachay Wasi* (escuela o universidad), *pukllay Wasi* (lugar de jugar o jardín de infantes) y *qilqay* (escribir).

Los incas eran considerados los señores de los Andes. El sol era su ancestro común, adorado como el intermediario entre el cielo y la tierra. La ciudad del Cusco representaba el centro del Imperio, la montaña sagrada de los antiguos; el corazón geográfico, religioso, político, económico, militar, cultural y lingüístico de los quichuas (INDD 2012, p. 90).

El idioma quichua fue difundido oficialmente por los incas, junto con la expansión de los territorios divididos en cuatro regiones para la administración política, el *tawantinsuyu* (ver mapa en el cap. I). Según Oliveira (2017), las evoluciones religiosas y culturales de los incas fueron inclusivas, lo que dio a las personas un sentido de la vida, brindando capacitación profesional en las jurisdicciones a las que llegaron, administrando desde la ciudad de Cusco (Centro del Universo Inca), utilizada como un medio Idioma quichua en todas las comunidades andinas altas y bajas hasta el siglo XV.

Tawantinsuyu, con su división de países, se encontraba dentro de Perú, Bolivia, Ecuador, el sur de Colombia, el norte de Chile y el noroeste de Argentina, donde los pueblos indígenas continúan hablando el idioma quichua, con algunas variaciones lingüísticas.

Figura 10: Eso puede observarse en ese mapa:



Fuente: <https://www.google.com.br/search?rlz=1C>

Sin embargo, se constató que el idioma quichua está incorporado en varios lenguajes indígenas brasileras, porque hubo difusión, esparcimiento de las variedades del quichua en Brasil. En el Amazonas, Alto y Bajo Solimones,

Cabral (1995), “identificando qué variedad de quichua y en qué momento de la historia del idioma *kokáma* habría influenciado de la primera sobre esta última”.

Pereira (2016) nos informa que en la parte Central de los Andes, desde las tierras altas de Perú, Bolivia, Chile y Argentina, se hablan el idioma quichua y aimara. También se hablan en el norte de la Amazonia de Venezuela, Brasil, Guinea Inglesa, Surinam y Guayana Francesa, recurriendo a las partes inferiores del río Amazonas, hasta el norte del Mar Caribe. Por esas regiones, los idiomas indígenas en contacto, se mezclan entre ellas. Como ejemplo tenemos el *Karibe*, *Arawak*, *Yanomami*, *Tupi-Guarani* y muchos idiomas criollos, formadas por el contacto con los idiomas europeos, amazónicas y africanas.

Pereira (2016, p. 35), en las líneas siguientes, ofrece una visión general de este contexto en los Andes Central (AC):

Esta región abarca desde las tierras altas de Perú, pasando por Bolivia, por el desierto de Atacama, en Chile, además de parte de Argentina. En esta región se hablan los lenguajes indígenas de las familias Quichua y Aymara, además de otras familias menores, como Uru-Chipaya y Hibito-Cholón. Oeste de la Amazonia (como OAm): Esta es la región que comprende los territorios del oeste de Brasil, de Colombia y de parte de los Andes venezolanos, rodeados por la selva amazónica, además de la porción norte peruana y boliviana, en la altura del río Madre de Dios (Perú). Entre las familias lingüísticas esparcidas por ese territorio, están Arawak, Pano, Tukano, Jívaro, entre otras, además de algunas familias menores, como la peba-Yaguan, la Cawapana, etc.

Según Melatti (2004, p. 16), “los idiomas *Axaninca*, *piro*, *Maxiguenga*, *kokáma* y *Amuexa* son habladas por pueblos indígenas que viven en la Amazonia peruana”. Los hablantes del piro y del *Axaninca* de Perú, migraron al estado brasilero de Acre. Así el idioma quichua se disemina en los territorios vecinos, expandiéndose en otros países y pueblos en contacto.

Según Schmidt (2016), las primeras leyes dirigidas a la extinción de los Quipus fueron creadas en el Tercer Concilio de Lima, en 1583”. Hay pruebas contundentes que existían los profesores, alumnos, escuelas y universidades en el período de los incas, porque existen nombres de las profesiones e instituciones, en donde se enseñaban: *Yachay*-saber, *qillqay*-escribir un mensaje, *Yachaq*-alumno, *Amauta*-profesor, *Wirakucha*-catedrático o algún ser superior, *Yachaywasi*-escuela, universidad. Chasqui era el cartero que corría de

un pueblo a otro llevando los documentos en Quipus-nudos en hilos coloridos y volvía trayendo otros documentos.

A partir del siglo XVI, los quichuas y otros pueblos de América fueron hostilizados y tuvieron sus culturas transformadas, de acuerdo con los intereses de sus colonizadores, aniquilados los sabios de la época y quemados los Quipus (documentos). Por eso, son difíciles las comprobaciones para los investigadores, y esa situación despierta muchas incógnitas, como se hace en esta ocasión de la escritura de este capítulo: cómo saber con exactitud las historias y las cronologías. ¿Los acontecimientos precoloniales?, ¿En quién creer, en los antepasados ancestrales que comentan oralmente o en la ciencia y los libros escritos por sus colonizadores?

Severo (2016, p. 19) refuerza parte del párrafo anterior cuando indaga:

(...) el período colonial en América, entre los siglos XVI y XIX, produjo una profusión de instrumentos lingüísticos, así como traducciones de textos y géneros cristianos a idiomas indígenas, que pueden tomarse como signos coloniales.

Para Flores (2018, p. 124), la “América Indígena, tanto la precolombina (12 de octubre de 1492) como la *precabraliana* (22 de abril de 1500), será convertida en el lugar por excelencia de la contradicción dialéctica”. En que los pueblos indígenas sudamericanos en el siglo XXI, se creen que viven en un mundo al revés, que en el idioma quichua se llama *Pachacuti* (vuelta del mundo).

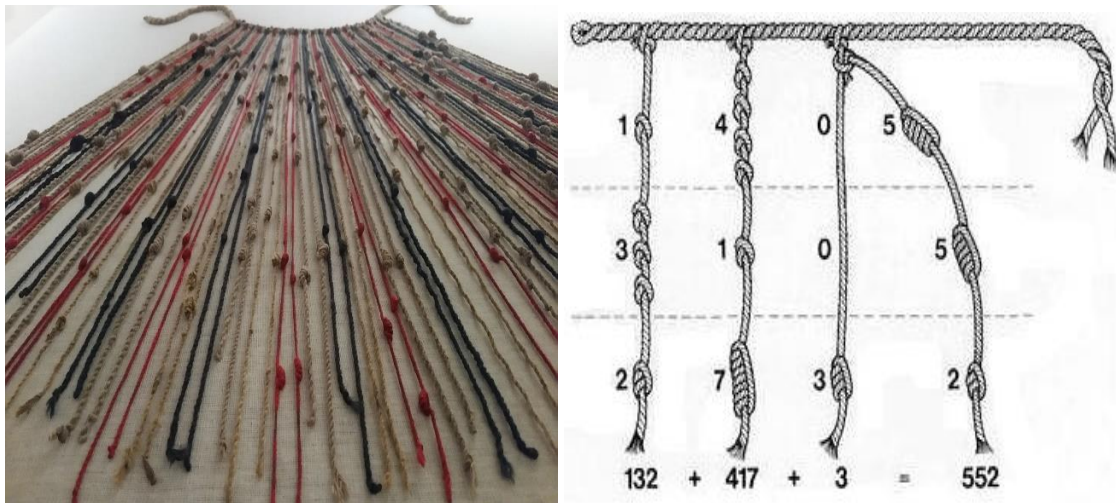
Además de las pérdidas de las riquezas culturales, se han comprobado las transformaciones sociolingüísticas y neurolingüísticas, tanto en la oralidad y la escritura, como el cambio de vocales “y” por “i”, “o” por “u”, inclusive viceversa, por las inseguridades causadas por la falta de estudios en los propios idiomas, según Hitz (2008), “a través del análisis de los errores de los alumnos quedan evidentes los factores socio ecológicos que interfieren en la escritura de los alumnos”.

2.1.1. El surgimiento del Idioma Quichua

Sobre el surgimiento del idioma quichua, todavía hay muchas controversias, como consecuencia por la quema de archivos de los Quipus (documentos incaicos), que fueron destruidos por los conquistadores. Las

personas que sabían leer esos documentos fueron exterminadas, por haber sido reconocidas por sus títulos que llevaban en las orejas, usando como aretes de maderas especiales, de tamaños diferentes según su graduación educativa. Cuando terminaban la educación primaria llevaban un arete muy fino, de secundaria un arete normal, en el superior el grosor ya era mayor y el de los catedráticos aun eran más gruesos. Por eso, los Quipus sólo han sido descifrados los códigos referentes a los números. Hay vestigios en que las palabras en el idioma quichua, fueron desarrolladas desde hace cerca de 15.000 años a.C., como, por ejemplo, en la gruta de Pikimachay, en el departamento de Ayacucho:

Figura 11: Textos en nudos (quipus) Figura 12: Números en nudos (quipus)



Fuente: <https://www.google.com.br/search?q=quipus>.

En la Gruta de *Pikimachay*, Ayacucho se encontraron huesos humanos junto a huesos de cuy, lo que demuestra que el hombre habría domesticado el cuy. Ese mismo hombre habría sido enterrado por un trozo de la cueva que se derrumbó, (YATACO, 2011, p. 247):

Los lugares arqueológicos de Pacaicasa y Ayacucho, la cueva de *Pikimachay* constituyeron las viviendas más controvertidas en el Pleistoceno final, con supuestos contenidos de los restos de la actividad humana más antigua de los Andes Centrales. Debido a las pocas publicaciones sobre las evidencias de estos descubrimientos, las herramientas líticas y óseas reportadas, se instauran en una revisión de los restos con objetivos de evaluarlos los detalles. De manera específica, que podrían estudiarlos las reminiscencias

guardadas en el Museo de la Arqueología y Antropología de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, las soluciones preliminares documentaron tecnologías líticas, incluso de los huesos y signos en el corte antropogénico. La verificación con el radio carbónico del datado procedente en el área de Ayacucho, marcó un período entre 15.781 y 14.886 a.C.

Según Perroud (1972, p. 05), el idioma quichua o llamado también como runa-Simi (el lenguaje del hombre). Los datos históricos muestran que la llegada de los primeros hombres a América del Sur, fue a Andawaylas (primera capital de Perú), a lo largo de los ríos Amazonas, Ucayali y Apurímac. Posteriormente, los habitantes fueron invadidos por los chankas expandiéndose hacia otros estados, compuestas por los estados de Ayacucho, Huancavelica y Apurímac. Por eso, la discreción estructural del idioma quichua habría comenzado en esa región y difundido para otras, inclusive para otros países, naturalmente sufriendo las interferencias lingüísticas por el contacto de otros lenguajes indígenas.

Antes de la llegada de los Incas al Cusco, el idioma quichua ya estaba diseminada por las extensas comarcas del futuro *Tawantinsuyu* (los Cuatro Estados Unidos, constituidos por los Incas), por la inmigración de los mismos quichuas. Cuando el Inca *Huayna Cápac* llegó a Ecuador, los habitantes de muchas regiones ya hablaban quichua. Los Incas continuaron difundiendo el idioma quichua por todo el Imperio del Arco Iris.

Figura 13- La bandera de los incas (*wiphala*) con siete colores de arco iris:



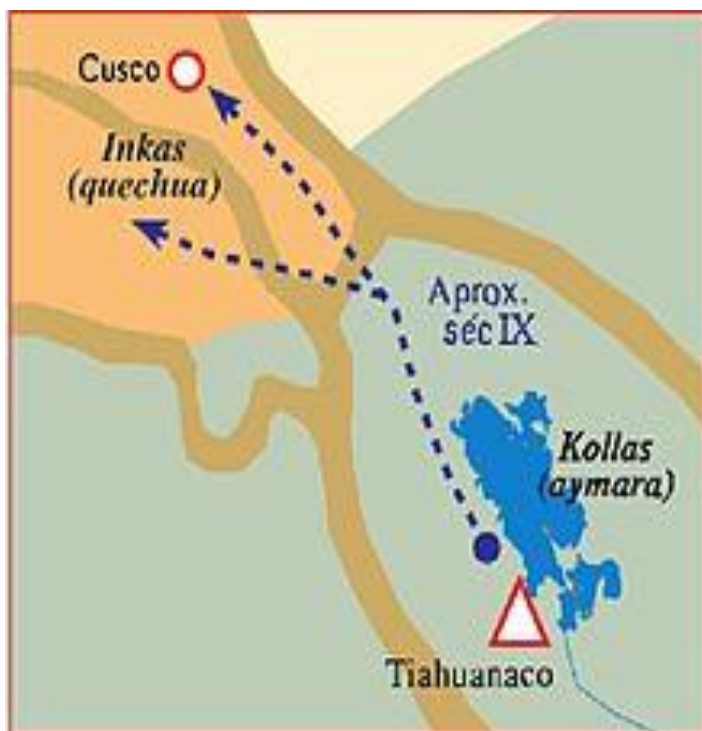
Fuente: https://www.google.com/search?rlz=1C1GGRV_enBR752BR752&biw=1242&bi:

Yataco (2011), La existencia del idioma quichua antes de la formación del Imperio incaico, fue comprobado por varios antropólogos y expertos, muchas denominaciones de objetos, animales y culturas Preincas se han encontrado en el idioma quichua en esta región, como en la cultura *Huari*, *Huamanguilla*, *Pacaicasa* y *Huarpa*. A partir del siglo XIII, los Incas difundieron el idioma quichua por todo el Tawantinsuyu. El idioma quichua entre los indígenas se denomina: runa Simi (lenguaje humano).

El quichua es una de las familias de los idiomas indígenas de América del Sur. Su tronco lingüístico fue desarrollado junto con el idioma aimara. Los habitantes de Cultura Huanca, situado en el departamento (estado) de Junín, Perú, ya hablaban quichua antes que los incas. De este modo, hay muchos vestigios encontrados en la Cultura chanca, que actualmente están situados en los departamentos de Huancavelica, Ayacucho y Apurímac, en Perú.

En el siguiente mapa de demostración, hay indicios de que los incas y los quichuas ya existían en el siglo IX, entre el lago Titicaca y la ciudad de Cusco:

Figura 14-Mapa:



Fuente: <https://www.google.com.br/quichua>.

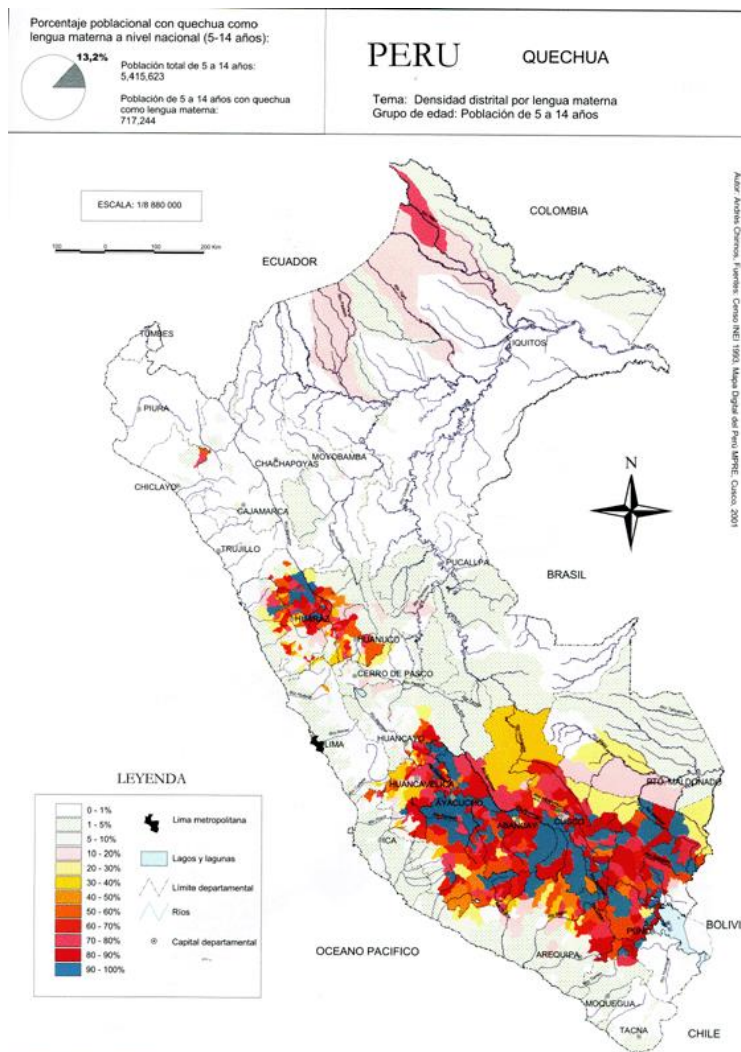
Melatti (2014, p. 15) completa esa cláusula con la siguiente información:

La familia quichua y la familia aimara generalmente están reunidas en un baúl llamado quechumara. Sin embargo, Paul Heggarty, en su sitio web quechua, también respaldado por otros académicos, afirma que, en el estado actual del conocimiento, aún no se puede decidir si los paralelos entre quichua y aimara se deben a un origen común o a convergencias derivadas de su existencia vecina espacial.

2.1.2. El Idioma Quichua en el Perú

Los habitantes que hablan el idioma quichua en su mayoría se encuentran en Perú, como se muestra en el siguiente mapa:

Figura 15-Mapa:



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+del+peru+quechua&rlz:>

La población quichua peruana comprende el mayor porcentaje en su territorio del antiguo *Tawantinsuyu*, como en la siguiente cita:

Alrededor del 50% de la población peruana es indígena, de ascendencia predominantemente quechua y aymara. Los habitantes de las montañas, indígenas y campesinos, se distinguen por la conservación de las tradiciones ancestrales, por comunicarse en quechua y por su cosmovisión. Ellos aman profundamente la tierra, se definen a sí mismos como parte de ella y, por lo tanto, continuamente le ofrecen ofrendas para honrar su origen, así como las fuerzas de la naturaleza y los dioses. Junto a Inti, el Sol, la Pachamama, la Madre Tierra, forman sus principales deidades. Inti fecunda, Pachamama Germina (INDD, 2012, p. 145).

En el Perú, INEI (2009) calculó aproximadamente 60 etnias, incluyendo las trece familias lingüísticas quichuas, con registros geográficos y cartográficos para estudios antropológicos. Para este estudio fueron visitadas 1786 comunidades indígenas peruanas, encontrando la mayoría de las diversidades étnicas en las regiones amazónicas. Las familias lingüísticas agrupadas en estas regiones componen el total de sesenta etnias, según estudios antropológicos, descritos por INEI (2009, p. 07):

Amuesha, Asháninka, Ashéninka, Caquinte, Chamicuro, Culina, Matsiguenga, Nomatsiguenga, Piro y Resígaro (Familia Arahua); Chayahuita y Jebero (Familia Cahuapana), Amarakaeri, Arazaeri, Huachipaeri, Kisamberi, Pukirieri, Sapitieri y Toyoeri (Familia Harakmbut); Bora, Huitoto-Meneca, Huitoto-Murui, Huitoto-Muiname y Ocaina (Familia Huitoto); Achual, Aguaruna, Candoshi-Murato, Huambisa y Jíbaro, (Familia Jíbaro); Amahuaca, Capanahua, Cashibo-Cacataibo, Cashinahua, Cujareño, Isconahua, Mayoruna, Morunahua, Parquenahua, Pisabo, Marinahua, Mastanahua, Sharanahua, Shipibo-Conibo y Yaminahua (Familia Pano); Yagua (Familia Peba-Yagua), Lamas, Quichua y Kichwaruna (Familia Quechua); Aguano, Ticuna y Urarina (Familia Sin clasificación); Esce'Ejja (Familia Tacana); Muniche, Orejón y Secoya (Familia Tucano); Cocama-Cocamilla y Omagua (Familia Tupi-Guaraní); Arabela, Iquito y Taushiro (Familia Zaparo).

2.2. El Quichua en Ayacucho

Ayacucho representa una de las culturas más antiguas de América del Sur llamada Cultura chanca. Según Carré (2015), el quichua ayacuchano o chanca, tuvo su estructura gramatical similar a la de otras regiones andinas del Perú, por el Norte en Ecuador, en varias provincias, por el Sur en Bolivia y por el Norte en Argentina, también en varias provincias.

De acuerdo con Yataco (2010), Ayacucho se encuentra entre los primeros cuatro lugares en la distribución porcentual de los hablantes quichuas del Perú, como se ve en la tabla descrita a tabela descrita a seguir:

Tabela 1:

Ayacucho	80%
Apurimac	76%
Huancavelica	66,5%
Cusco	63,2%

Fuente: https://www.academia.edu/2396270/The_Quechua_Language_sociolinguistics:

Básicamente, en términos estructurales, el quichua ayacuchano se caracteriza por el uso de tres vocales a, i, u; aunque los cronistas y los escritores *quichuistas* escribieron con las cinco vocales a, e, i, o, u. Así mismo, los niños se acostumbran a hablar su primer idioma quichua, pronunciando con “u” al vez de “o”, con “i” al e vez de “e”, o sea, pronunciando dedo = *didu*, Pedro = *Pidru*. Esto, sin duda, causa muchos traumas psicolingüísticos a los niños quichuas. Los niños quichuas cuando comienzan a frecuentar a la escuela, donde la enseñanza es solamente en idioma español, se confunden a menudo con esas vocales y sufren bullying por parte de sus compañeritos de la ciudad. En Ayacucho, cuando un niño quichua se equivoca en hablar de algún término del quichua, los otros lo llaman de *Chutu*, que es sinónimo de indio o ignorante. Ese apodo *chutu* causa igual o más constreñimientos a los niños quichuas, que llamar ignorantes, porque la palabra chuto es discriminatorio y rotulador de la etnia.

La autora ecuatoriana, Consuelo Yanez (1982), también utiliza solamente tres vocales en su libro titulado: “*Nukanchik Llaktapak Shimi*”. En ese sentido, el quichua Ayacuchano es comprensible por mayoría de los pueblos quichuas del Perú y otros países. En este trabajo, se ha observado las variaciones lingüísticas fonológicas del idioma quichua y las diferencias ortográficas escritas en cada región. Por ejemplo, la frase anterior entre comillas, en quichua Ayacuchano es: “*Ñuqanchik Llaqtapaq Simi*”, traduciendo las palabras significan exactamente

iguales, inclusive los sonidos son muy similares, pero ya son considerados como las palabras del quichua ecuatoriano.

2.2.1. La Región de Ayacucho

Ayacucho es uno de los departamentos del Perú, situado en el sur del país, con cerca de 700 mil habitantes, siendo la mayoría de sus habitantes quichua hablantes de español o bilingüe de quichua y español. Ayacucho se encuentra en las coordenadas, "13° 9' 47" S "74°13' 28" O, con un área total de 43 821.08 km², con una altitud que varía entre los 500 hasta los 5.000 metros.

En el mapa abajo, se puede ver el estado de Ayacucho:

Figura 16-El Departamento de Ayacucho:



Fuente: <https://www.google.com.br/search?q=Ayacucho>.

En la región de Ayacucho, se encuentran vestigios de desarrollo humano más antiguo de América del Sur, donde se han encontrado los huesos humanos y de cuyes, desde aproximadamente 20.000 años a.C., en zonas arqueológicas de *Pacaicasa*, *Pikimachay Wari* y *Pokra*, tanto en los nombres de lugares y objetos en el idioma quichua, como pecuarios y agrícolas, en las grutas de *Pikimachay*. Conforme a Gordon (1990, p. 02):

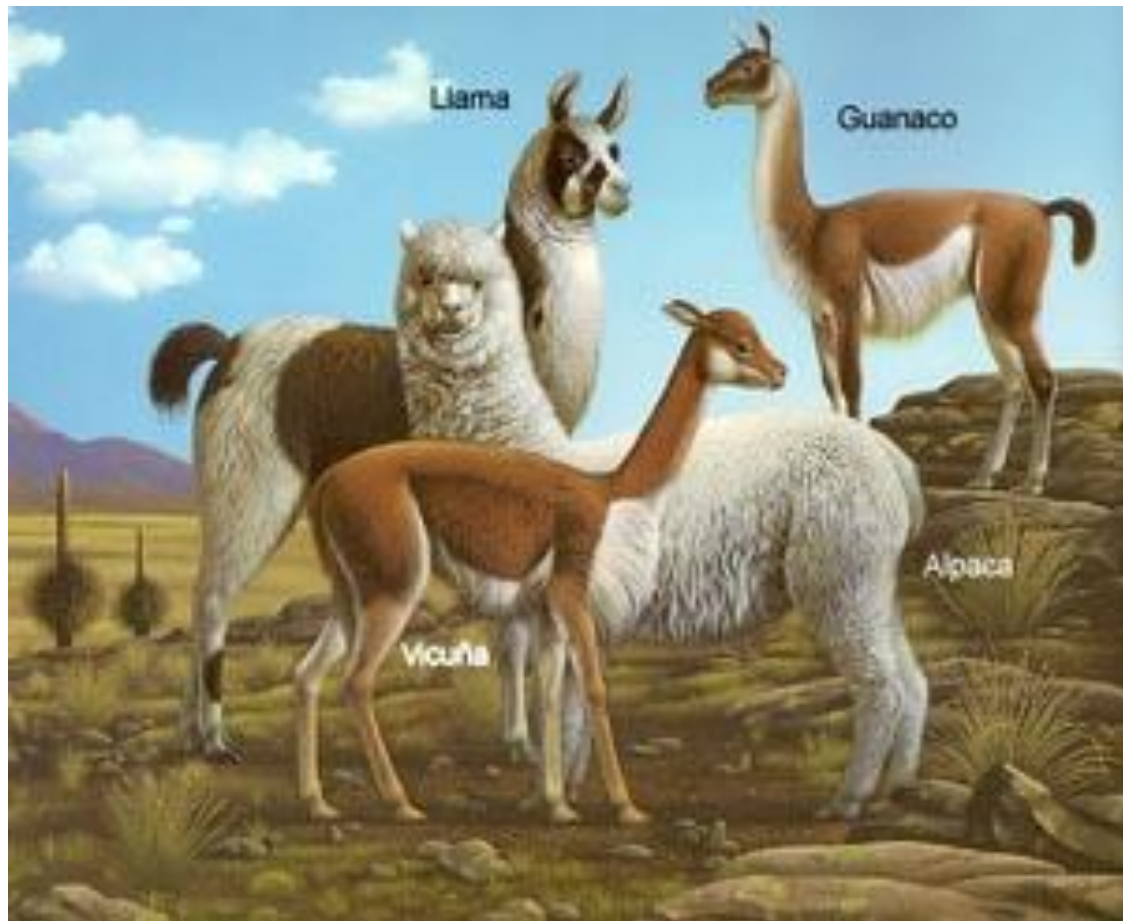
En un análisis arquitectónico de los lugares administrativos imperiales de Wari y de la arquitectura de la ciudad de Chan Chan, capital del imperio Chimú de la costa norte peruana, se encuentran notables similitudes. Los cambios arquitectónicos desde los centros ceremoniales dominados por el Chanco de Pirámides de la Cultura Moche (100 A. C.-650 d.C.), en la forma de la ciudad del Período Intermedio tardío Chimú (900-1476 D. C.), se puede observar una imitación consciente del estilo prestigioso imperial Wari. Esta investigación demuestra que el resultado es probable, sin embargo, tenía una imitación de la cultura Wari.

Ayacucho goza del privilegio de mucha diversidad cultural, agropecuaria, artesanal y alfarería, por razones de sus variaciones de altitudes, de montañas y climas, que varían desde -10°C hasta 40°C., desde las cordilleras de los andes hasta las zonas selváticas. De esta manera, sus paisajes geográficos y cartográficos son diversos.

En sus montañas más altas el frío es intenso, por lo que sus producciones ganaderas y agrícolas se diferencian según sus altitudes y husos. De esta forma, se crían animales que tienen las lanas más gruesas en los lugares de climas aproximadamente 0°C., como llamas, alpacas, vicuñas y guanacos; se plantan una variedad de papas, habas, cebadas entre otras las que se adaptan al clima de esos lugares.

Los habitantes de esos lugares más altos también construyen sus casas de pared de tierra bien gruesa con una sola puerta y sin ventanas, las vestimentas son de lanas de llamas, alpacas y tejidas a mano. Además de la ropa, se tejen también los ponchos y mantos bien gruesos para cubrirse el cuerpo entero, que, en el momento del uso, se sienten como unas paredes finas sobre la espalda o las piernas. Así mismo, forman parte de la artesanía por sus características coloridas e incluso con nombres insertados en el tejido. Apenas los animales que tienen las lanas gruesas se adaptan a ese ambiente:

Figura 17-Los animales de la región:



Fuente: <https://www.google.com.br/search?q=ayacucho+camelídeos:>

Los quichua s ayacuchanos también producen y disfrutan de artes, música, bailes y otras actividades culturales. Los ritmos musicales de cada territorio son propios, incluso distinguiéndose entre las aldeas con sus vestimentas bien coloreadas y sus instrumentos musicales diferentes. Sin embargo, sus cocinas cambian entre las aldeas también. Por cada motivo se utilizan los ritmos musicales, como sus comidas acompañan esos motivos. Para los quichuas ayacuchanos la presencia de más cantidad de grupos folclóricos y variedades lingüísticas, significan una buena fiesta y se ofrece toda la alimentación gratuita, cuando comparecieron más de 50 grupos diferentes en una fiesta, entonces es considerada como la mejor del año.

2.2.2. La Aldea de Condorsincca

Condorsincca es la aldea del autor de esta tesis. El significado completo es el pico del cóndor, porque el sufijo *sincca* significa nariz y pico tratándose del animal. Esta aldea en los andes, contaba con unos sesenta y cinco habitantes, exclusivamente quichua hablantes. Está ubicada a 2 800 metros de altitud dentro del Distrito de Luricocha, Provincia de Huanta, Departamento de Ayacucho, Perú. También tiene uno de los privilegios de tener contacto con el río Mantaro, que es el mayor generador de la hidroeléctrica del Perú y una de las vertientes del río más caudaloso del mundo el Río Amazonas.

En el pueblo de Condorsincca, los Tunas son frutos de cactus que abundan en demasía. De esas frutas que sobran se exportan a otros pueblos, por medio de transportes de llamas, asnos y mulos de mucha más altitud entre 4000 y 5000 metros, donde ya no hay más frutos, pero hay otros productos igualmente sabrosos y apreciados en el mundo andino. Otro detalle: no hay dinero por medio de estas transacciones única y exclusivamente se intercambian entre los diferentes productos, a través de *Tiri* o *truiki*, una especie de medida.

Figuras 18-En las fotos se aprecian la aldea de Condorsincca:



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=huatuscalla>:

La montaña *Huatuscalla* es una de las principales deidades de la aldea de Condorsincca con cerca media docena a más, entre objetos, plantas y animales.

Algunos ejemplos de esto: llevar una artesanía de la madera de *qasi* que la protege a su portador de cualquier maldad. *Qatun-Rumi*, no subir sobre esa piedra con poderes, porque, si juegas encima de ella puede hacer daño. La sauna de eucalipto hace la limpieza de la casa “limpieza espiritual y física”. Cuando un cóndor va a danzar sobre la aldea es de buen augurio, porque la producción ganadera será buena. Cuando el colibrí bate las alas en un solo lugar estático bendice a la aldea. Cuando un *killinchu* pasa cerca de la casa, deja un buen augurio durante el día. Cuando nacen las ovejas, cuyes y pollitos negros significan salud y alegría, porque curan cualquier enfermedad. También existen los buenos amuletos, como encontrar una hoja de coca entera y redonda se debe guardar, porque eso significa el *quintu*, hoja de la suerte. Si la persona quiere conseguir su pareja, debe llevar en el bolsillo un *wayruru* y lo conseguirá cuanto antes.

Las principales fuentes pecuarias de la región son los cuyes, que cada familia llega a criar alrededor de 500 y aumenta gradualmente. La ventaja de criar a esos animales es que son fáciles de transportar y comercializar por precios asequibles. Su reproducción de cada madre y por gestación es en promedio de cinco cuyes por mes. Los platos se preparan en los días festivos y conmemorativos. Uno de los platos más apreciados es en la pachamanca. Cuando un quichua de Condorsincca recibe a un huésped con un plato de cuy, significa que fue bien aceptado.

Los tejidos de ponchos y mantas son exclusivamente artesanales y manuales. Los procedimientos comienzan desde la elección de las lanas, las tintas naturales de las plantas, insectos en la penca de la tuna cochinilla, de acuerdo con la mezcla de los otros productos se pueden hacerse cerca de diez colores. El Nogal es aprovechado para hacer varios colores, utilizando el tronco, corteza, frutos y las hojas.

En las actividades culturales nocturnas, los quichuas de Condorsincca, casi siempre las noches quedan cortas, porque acostumbran a mezclar los trabajos comunales y colaborativos, con las artes musicales y las actividades solidarias que priman por allí, a través de las *qachwas* y *minkas*, con la ejecución de voces de harawi y otros cantos referentes a las actividades principalmente en la cosecha de seriales y granos, con la ejecución de los instrumentos nativos

como quenas, tinyas , charangos y bombos . Los trabajos se realizan con muchos chistes, utilizando el tiempo fresco y la luz de la luna, para pisar los granos que contienen las pajas como arvejas, trigos, cebadas, habas entre otros. En estos trabajos colectivos no hay ningún dinero por medio, pero al contrario los colaboradores expertos de la cocina llevan comidas más exóticas posibles, bebidas típicas de maíz negro y blanco, chicha-de-hora, comidas típicas de trigo *pikanti* , *Puka-pikanti* , arvejas verdes *tiqti* y habas *wiqu-pikanti*.

En las actividades culturales diurnas, vespertinos e nocturnas en la aldea de Condorsincca, se realizan los trabajos comunitarios y solidarios, conmemorados con cantos nativos, instrumentos musicales nativos e incorporados, algunas como el violín y arpa:

Yarqa-aspiy es la construcción de una acequia para llevar agua a la aldea, la actividad comienza con el harawi, que es una manera de invitar fácil y práctico. Harawi es un canto típico, donde dos mujeres cantan haciendo vibratos especiales con un de las manos sobre la boca, con un sonido muy alto y fino, que hace vibrar las montañas llevando a los oídos de todos los aldeanos, como la llamada para ese trabajo comunitario, que es un beneficio de todos, luego el bombo toma de cuenta el día con su tono monótono y rítmico.

Ñan-aspiy es la apertura de nuevos caminos y la reparación de los antiguos, que comienza con una invitación especial a los habitantes de la aldea local y a los demás adyacentes. La convocatoria es hecha por el harawi. El comunicado para las otras aldeas, es por tratarse que el camino es un medio que une a todas esas comunidades indígenas. Mientras los hombres trazan la topografía del camino para construir el camino, las mujeres cocinan las comidas típicas para el almuerzo y las otras dos continúan con harawi. Todos los alimentos y bebidas típicos son llevados de colaboración por voluntad propia de los aldeanos.

Wawa-pampay es el entierro de un niño menor de cinco años, en la aldea de Condorsincca, donde se considera positivamente debido a que el niño no poseer ningún pecado iría directamente al espacio celestial, por lo que se celebra con una gran fiesta, con la participación de grupos musicales y harawi, cantos y danzas nativas en su despedida.

Runa-pampay es un funeral de un adulto en el pueblo de Condorsincca, el difunto es recordado y reconocido, de acuerdo de sus obras y su amabilidad cuando fue en vida. Así es, sus actitudes positivas son recordados por sus presentes, sí que él o ella dejó buenos recuerdos numerosos personas irán a su entierro. La mayoría de los adultos cuando ya se sienten que la muerte se aproxima, piden a sus familiares y parientes para no llorar, aun sugiriendo que deben celebrar con muchos grupos musicales de la región, para que su tumba quede alegre. Casi la mitad de los quichuas piden para que bailen sobre su tumba, siendo enterrado en el suelo.

El matrimonio en la aldea de Condorsincca es *Yaykupakuy*. Siendo éste el último proceso de un matrimonio nativo y típico del lugar, donde existen el primero, el segundo y el tercer encuentro, para la formalidad de un futuro matrimonio eterno, empezando siempre por la iniciativa de los padres o representantes del joven mayor de diez y ocho años.

kichkachi es el primer encuentro, que ocurre con la visita de los padres o representantes del joven ya mayor de edad, llevando los mejores regalos y bebidas típicas del pueblo, para dar una introducción con la mejor retórica argumentativa, sobre la posibilidad de un futuro matrimonio y la respuesta casi cien por ciento, es "sí". El supuesto compromiso comienza a una edad temprana, por lo que toda la población local está de acuerdo con ese procedimiento.

Punku-pakiy es el segundo momento del encuentro, que acontece el eslabón del futuro matrimonio, determinando la continuación para la próxima etapa. Donde son invitados a ese encuentro los mejores oradores y consejeros, para orientar con los mejores consejos a los futuros novios. En este acto, el futuro matrimonio es aprobado, por lo que, al día siguiente se comunica a toda la vecindad, para construir una casa para la futura pareja a través de la *Minka* (trabajo solidario). La casa de pared de piedra y barro con techo de *ichu* (paja local) es construida en cerca de dos semanas.

Yaykupakuy es el último proceso del matrimonio, como si fuera la publicación en el diario oficial de los quichuas de Condorsincca, donde el novio y sus representantes llegan un sábado bien por la mañana, para llevar a la novia junto a ellos, que comienzan a circular con el canto de harawi de dos mujeres, que emiten el sonido muy fuerte y lejos haciendo vibrar todas las montañas de

la aldea, vociferando los mensajes y signos del matrimonio, circulando por las principales cimas de las montañas, acompañados por los propios novios y se van sumando muchos grupos musicales, como la vecindad en general. La emisión del harawi llega a toda la aldea local e incluso a las adyacentes, con mensajes claros sobre el acontecimiento de la unión de la pareja, donde se respetará eternamente ese compromiso, todavía con la obligación moral de los aldeanos de dar cualquier apoyo necesario a esta nueva pareja. Después de esa manifestación de toda la mañana, la nueva pareja es conducida a la nueva casa, ya construida por los aldeanos de manera totalmente gratuita. También se sabe, que llegaron los mejores regalos para llenar la nueva casa vacía. Como de costumbre no podría faltar el banquete con las mejores culinarias tradicionales. Al final de la tarde, la pareja es dejada sola por primera vez juntas. Tal vez por eso casi nunca hay una separación conyugal en Condorsincca.

III. LA FUNDAMENTACIÓN TEORICA

A través de la fundamentación teórica se abordan los temas de la lingüística del contacto y de la sociolingüística. De la lingüística aplicada a la enseñanza y la pedagogía. Donde los datos bibliográficos serán recogidos y nombrados de los renombrados autores del conocimiento en la literatura lingüística.

3.1. La lingüística del Contacto y la Sociolingüística

La lingüística es una ciencia que estudia los fenómenos relacionados con el lenguaje humano, determinando sus características y principios estructurales del idioma. La existencia del lenguaje depende de los hablantes de una comunidad, que se relacionan para socializarse en su lengua materna o primera lengua (SILVA, 1999).

El idioma es utilizado a partir de dos personas como medio de comunicación. Mientras tanto, Oliveira (2011) asegura que el lenguaje se ha convertido en un instrumento de inclusión y exclusión social. El lenguaje debería ser usado de forma positivo como un huésped amistoso, interesante, inteligente y hermoso, pero también fueron usados en conquistas de pueblos como instrumento de dominación, desaparición de los lenguajes dominados, la exclusión social de los lenguajes nativos.

Para Viotti (2008), el habla es la concretización del lenguaje por una persona. El habla es el idioma puesta en uso. La lingüística se ocupa del lenguaje, describe y explica, trata sobre la formación, definición, interpretación de la expresión y representación mental del sonido. La lingüística es la ciencia que contempla el lenguaje verbal humano en sus aspectos fonético, morfológico, sintáctico, semántico, sociológico y psicológico.

Los idiomas en contacto se definen, cuando los lenguajes o variedades de idiomas entran en contacto unas con las otras, por el contacto de sus hablantes se mezclan los idiomas o variedades lingüísticas, debido a la proximidad geográfica o social, migraciones, conquistas, exposiciones a los medios de comunicación en masa. Los acontecimientos del contacto lingüístico

no están restringidos a las normas de algunos y de cualquier idiomas (THOMASON; MARAÓN *apud* SOUTO, 2016).

Según Buzzochi (2011), la metodología científica exige una revisión urgente de la gramática normativa del portugués brasileiro, sobre la base de la teoría lingüística, que la norma culta actual da soluciones adaptadas por otros idiomas europeos, que casi siempre son más simples. Los frutos de las teorías modernas deben estar con la realidad del idioma tal cual conferida por las investigaciones.

El sociolingüista Calvet (2002) hace un análisis sociológico y antropológico del idioma, distinguiendo los tres factores principales: “la identidad social del hablante, la identidad social del destinatario y el contexto”. Por lo tanto, la lingüística estudia la parte estructural de las lenguas y la sociolingüística el aspecto social de esos lenguajes. Véase a continuación la discusión sobre esta distinción (CALVET, 2002, p. 32):

Henry Boyer, en un libro de presentación de la sociolingüística, califica esta afirmación de “polémica”. Con todo no hay nada de polémico. Se trata simplemente de una afirmación de un principio según el cual no es posible distinguir entre una lingüística general que estudiaría los lenguajes y una sociolingüística que llevaría en contacto el aspecto social de esos lenguajes: en otros términos, la sociolingüística es la lingüística.

Para la sociolingüística, el idioma y la sociedad están vinculados, íntimamente relacionados entre la humanidad y la historia. La comunicación oral es la interacción entre el lenguaje y la sociedad. La relación entre el lenguaje y la sociedad se determina, encontrándose directamente ligada a la cuestión de la determinación del objeto de estudio de la lingüística e la sociedad (ALKMIN, 1987).

3.1.1. Contacto lingüístico e Idiomas resultantes del Contacto, Procesos de Transferencia, Interferencia, Influencia, Préstamos

Según Rodrigues (2018, p. 12), para que haya contacto lingüístico, lo mínimo necesario es la presencia de dos idiomas o dialectos. De esos contactos lingüísticos surgieron los pidgins y los criollos, que fue también el gran interés de los colonizadores. El contacto de los idiomas y culturas se interrelacionan por

medio de sus semejanzas y por la influencia representada con el lenguaje de mayor prestigio social, demostradas en el siguiente texto (RODRIGUES, 2018, p. 12):

La intensidad del contacto puede ser representada por la presión política, militar o cultural del lenguaje de mayor prestigio social sobre los pueblos dominados. En tales circunstancias, el pueblo del lenguaje menos prestigioso intenta aprender la variedad de supuestamente superior. En cuanto a la duración, si el contacto es superficial, desencadenará préstamos de elementos léxicos. Mientras que, si es más intenso, los préstamos podrán extenderse a toda gramática, llegando a ocurrir préstamos fonéticos, morfológicos y sintácticos. Dado que es duradero, el número de préstamos aumenta considerablemente. En cuanto al lugar, si se produce contacto en el territorio del pueblo más fuerte, normalmente es el lenguaje de ese pueblo la que pasa a ser el lenguaje principal.

En todo el mundo hay aproximadamente 5.000 idiomas diferentes que interactúan a través de sus habitantes, muchas personas se convierten en plurilingües en muchas naciones. Los lenguajes en contacto o plurilingües hacen concebir constantemente al individuo en bilingüe dentro de una comunidad. El lugar de estos contactos “puede ser el individuo (bilingüe o en situación de adquisición) o la comunidad. Y el resultado de los contactos es uno de los primeros objetos de estudio de la sociolingüística” (CALVET, 2002, p.35).

El contacto lingüístico se produce por la interacción de diferentes idiomas en contacto, siendo locales o en las fronteras, entre idiomas de prestigio o por resultado de migración. El contacto lingüístico crea inevitablemente el bilingüismo y los modos de pronunciar de sus individuos. “La situación de contacto genera cambios en el modo de hablar de los individuos, además de generar cambios en las estructuras de los idiomas involucrados” (Appel; MUYSKEN *apud* SANTOS, 2008, p. 23).

La definición de contacto lingüístico se hace un poco difícil, ya que la propia definición de idioma es algo abstracto. Para conceptualizar, de hecho, ese fenómeno sería necesario definir la naturaleza, la escala y el grado de ese contacto y determinar quién entra en contacto con quién: individuos, familias, comunidades o sociedades enteras (SANTOS, 2008, p. 23).

Las lenguas resultantes de contactos son las que han sufrido modificaciones a través de sus hablantes en las sociedades, por los efectos que implican el multilingüismo, bilingüismo y la mezcla de dialectos, la decadencia y

asimilación de idiomas minoritarios, planificación lingüística, estandarización y educación en los lenguajes vernáculos (LABOV *apud* RODRIGUES, 2018, p. 10).

Según Couto (2017), los lenguajes resultantes de contacto son criollos, pidgins, los lenguajes entrelazados, los que se destacan son anti-criollos, variedades de indigenización, semi-criollos, en situaciones fronterizas e Inter idiomas, así en la adquisición de segundo lenguaje, bilingüismo y multilingüismo.

Según Couto (1996), en la época del Pombal, en Brasil, el idioma oficial fue el portugués, dejando registrar los otros idiomas existentes. Sin embargo, Rodrigues (1983), hay registro del siglo XVI como el “lenguaje de Brasil”, “lenguaje de la tierra”, “lenguaje del mar”, pero a lo largo del siglo XVII, fue llamada el lenguaje Brasílica. Conforme Aryon dall’Igna Rodrigues (1986, p. 99) las lenguas generales fueron el “lenguaje general del Perú” (quichua) y “el lenguaje general de la provincia de Paraguay” (Guarani).

Según Rodrigues (1986), el lenguaje general paulista era el tupi cuando la colonización se formalizó en 1532, con la fundación de San Vicente, por Martim Afonso de Souza. Donde los colonizadores eran hombres solos y pasaban a vivir con las mujeres indígenas, resultando una población mestiza, el lenguaje materno era predominante y de la parentela, ya que por parte de los padres en general no había parientes consanguíneos. A mediados del siglo XVII a mediados del siglo XVIII se intensificaron la predicación y la minería, en los momentos en que esclavizaron a los indios y negros, por lo que los tupis huyeron al interior de Minas Gerais, Goiás y Mato Grosso do Sul.

La interlenguaje es el lenguaje “utilizada por los aprendices que todavía no dominan un idioma extranjero; es una realidad provisional e inestable, entre dos idiomas” (CHARAUDEAU Y MAINGUENEAU *apud* SANTANA, 2011, p. 03). En la perspectiva de aprendiz, hay una divergencia concebible de inadecuaciones y de adecuaciones con las palabras aloglotas.

Las interferencias lingüísticas en alumnos hispanohablantes que aprenden el portugués, se han analizado y enfocado, las interferencias lingüísticas, semánticas, sintácticas y ortográficas. La lingüística contrastiva, explica que el lenguaje materno de los alumnos hispanohablantes dificulta en el momento de escribir los textos en el portugués, las interferencias lingüísticas de

los estudiantes, es por la causa de la proximidad tipológica de ambos idiomas. los análisis de informes demuestran, como el idioma materno es el español, perjudica en el aprendizaje del idioma portugués por la similitud (ROCHA, 2017, p. 641):

Al observar la proximidad tipológica entre portugués y español, también se aplicó un cuestionario para comprender lo que los alumnos hispano hablantes piensan sobre el proceso de aprendizaje de un idioma extranjero cercana a su idioma materno. Siendo así, se investiga lo que las producciones escritas evidencian sobre las interferencias lingüísticas en la interlengua y las impresiones de los alumnos hispano hablantes sobre cómo aprenden portugués lengua extranjera. Tras discutir sobre la noción de interlengua y el análisis de los informes, siendo entrevistas y textos, Verifica que existe un número significativo de interferencias lingüísticas en alumnos hispano hablantes de portugués, incluso en un contexto de inmersión, pues su idioma materno, español, parece influir de modo negativo en el aprendizaje de portugués.

Los hablantes de una sociedad o de un país reciben constantemente las influencias de los préstamos lingüísticos de otras culturas, tanto léxicamente como fonológicamente, por lo que las personas interactúan con diferentes familias, clases sociales, étnicos e inmigrantes, por esas mismas causas surgen las variaciones lingüísticas. Como también con la influencia del mundo de la informática se incluyeron las palabras internacionalmente conocidas, como el correo electrónico, módem y game.

Las interferencias lingüísticas debido al uso de dos idiomas en contacto un materno y otro oficial suceden cuando los alumnos bilingües o monolingües escriben incorrectamente y experimentan dificultades en la oralidad, por ejemplo, lo que sucede con los indígenas brasileños y los descendientes de los alemanes. En algunos textos analizados, “se clasifican los errores en categorías de interferencias, éstas revelan el perfil lingüístico del alumno su grado de dificultad e interferencias dialectales” (HITS, 2008).

Según Rodrigues (2018), “los préstamos se producen cuando los hablantes del segundo lenguaje, importan los trazos de su lenguaje de los hablantes del lenguaje materno”. Esto ocurre cuando un pueblo de cultura y lenguaje considerada inferior, importa los trazos del lenguaje de otro considerado superior. Constantemente resulta que el de los hablantes del segundo lenguaje modifica superficialmente en los elementos del primer lenguaje.

Conforme (MUYSKEN *apud* OLIVEIRA, 2002), “los bilingües procesan el lenguaje, como lo almacenan en la memoria, si poseen uno o dos léxicos y de qué manera se activan o desactivan”. Los investigadores han demostrado que los bilingües utilizan un cambio de idioma, un momento bilingüe y el otro el monolingüe. Las aportaciones de los investigadores en las áreas de lingüística y psicolingüística, sociolingüística y neuropsicología, profundizan en la alternancia de códigos, explicando los procesos subyacentes que se utilizan en la mezcla de lenguajes. Cabe señalar que las investigaciones de los sistemas lingüísticos del bilingüe en los procesos psicolingüísticos son recientes.

3.1.2. Lenguaje, Dialecto, Nación, Diglosia, Bilingüismo, Estandarización

La comunicación ocurre cuando dos personas se interrelacionan, usando la lengua como un elemento esencial, el lenguaje es un hecho social. “Los idiomas no existen sin las personas que las hablan, y la historia de un lenguaje es la historia de sus hablantes”, es la frase de Calvet (2002, p. 12).

Durante la colonización en América del Sur por los portugueses y los españoles, hubo la mezcla de los hombres europeos con las mujeres indígenas, donde creció la población mestiza, sin embargo, las lenguas indígenas de las madres prevalecieron y no de los padres europeos. Las mujeres indígenas establecían alianzas matrimoniales con los hombres europeos, pasando típicamente entre los portugueses y los tupis en San Vicente de la meseta de Piratininga en el este del actual estado brasileño de São Paulo, en el siglo XVI, entre los españoles y los guaraníes del Paraguay, en los siglos XVI y XVII, entre los portugueses y Tupinambás en los estados brasileños de Maranhão y Pará, siendo los tres pueblos indígenas geográficamente distantes, tenían la misma cultura y la misma familia lingüística Tupi-Guaraní (RODRIGUES, 1996).

El dialecto es una variedad lingüística restringida a una comunidad. En Brasil existen muchos dialectos, como el dialecto del interior, gaucho, nordestino, etc. El idioma estándar es el oficial de una comunidad o país, adaptado con normas gramaticales, con privilegio único de ser hablado y escrito correctamente, Sin embargo, el dialecto no tiene el mismo prestigio. “Cuanto más distante del idioma estándar se encuentra un dialecto, más éste será

considerado una forma inculta”. El idioma oficial es enseñado en las escuelas, mientras que los dialectos son practicados informalmente por la interacción de los individuos. Según Fernandes, (2013, p. 84):

Los dialectos, siendo usos peculiares del lenguaje, son estigmatizados como formas erróneas de hablar porque reflejan las íntimas conexiones que existen entre lenguaje y sociedad. El idioma estándar ha sido utilizado desde la época de la colonización como medio de mantenimiento del poder y del status quo por todas las minorías que centralizan ese poder, ya sea político o económico.

La nación es una sociedad históricamente constituida por voluntad propia de sus habitantes, con un o varios lenguajes, de uno o varios grupos étnicos, en un territorio estable. Según Ernest (1997), es la gloria de Francia haber, por la Revolución Francesa, proclamado que una nación existe por sí misma. Suiza es una nación con tres idiomas, dos religiones, tres o cuatro etnias. Una nación está constituida por la solidaridad, el sacrificio y el sentimiento de su pueblo.

La diglosia es la existencia de dos idiomas en una misma comunidad. La situación lingüística de la diglossia es relativamente estable, pero con la variedad alta y con la variedad baja, “además de las formas dialectales de un lenguaje (que pueden incluir un estándar o estándares regionales)” y con variedades divergentes (FERGUSON *apud* CALVET, 2002, p. 59-60).

Existe una variedad superpuesta muy divergente, altamente codificada (casi siempre gramaticalmente más compleja), vehiculando un conjunto de literatura escrita extensa y respetada (...), que se estudia sobre todo en la educación formal, utilizada en el escrito o en oral normal, pero no utilizada en la conversión común en ninguna parte de la comunidad (CALVET, 2002, p. 60).

El bilingüismo y diglosia es cuando sus habitantes de una comunidad de la clase alta y baja hablan, como el caso de Paraguay: español y guaraní. Diglosia sin bilingüismo se practica en una sociedad con división funcional, como en el caso de la Rusia zarista hablaba francés y el pueblo ruso. Estos fenómenos pueden permanecer estables, armoniosos y duraderos.

En algunos casos el bilingüismo implica cierta diglosia, es decir, uno de los idiomas tiene un estado de prestigio y el otro un privilegio de cierta manera menos prestigioso, y a veces hasta estigmatizado. Este es el caso de Cabo Verde, donde el portugués es una lengua de prestigio y el criollo socialmente

interiorizado, lo mismo ocurre con el caso del francés y del criollo en Haití, a esos informes Ferguson las denomina como típicas de diglossia (FERGUSON *apud* COUTO, 2017).

Según Santos (2018, p. 689-690), la estandarización lingüística es la normalización del idioma de una sociedad o país, teniendo en cuenta los trazos socioculturales y sociolingüísticos. Los hablantes instruidos manifiestan públicamente sus valores y tradiciones, donde sus lenguajes son normatizados y ponderados en el estándar culto, “la estandarización del lenguaje se da teniendo en cuenta las reglas inherentes al propio sistema lingüístico”. A partir de esta necesidad de un estándar nacional, los sociolingüistas adoptaron una definición de una norma culta real, institucionalizando socialmente reconocida como estándar culto.

3.1.3. Variación y Cambio. Lingüístico, Norma Lingüística y Variedades

El lenguaje es un instrumento de comunicación de una comunidad, que la gente usa para interactuar entre ellos y crear valores cotidianos. El lenguaje forma parte de la gente y la gente parte del lenguaje. El lenguaje es pariente de la cultura que los dos permanecen vinculadas recíprocamente (FREITAS, 2014).

Las variaciones lingüísticas son diversas, como clase social, edad, escolaridad, etc. y según la situación en que se encuentra, por ejemplo: un brasileño nacido en Recife, presentará siempre vocales pretónicas abiertas. La variación puede depender de su escolaridad, de su origen rural o urbano, que utilizará el verbo, como “asuntar” o “mirar”, de acuerdo con la situación “fui nada” o “fui no”. Las variaciones lingüísticas son los recortes de todas los lenguajes y continuaciones históricas, una lengua particular es dominada de las generaciones sucesivas de una sociedad (ALKMIN, 2017).

Para Faraco (2008), las variedades cultas comunes y estándar frente a la corrección que hace Aryon Rodrigues, no está explícito en el texto de enseñanza de portugués a los alumnos con acceso a esas variedades, pero está implicado en la discusión, siendo una posición común entre los lingüistas, aunque con muchos equívocos y confusiones. Los grandes desafíos son reunir esfuerzos

para construir una pedagogía de variación lingüística en el país, con una realidad lingüística multilingüe y con una variación social no estereotipada.

En todos los pueblos las personas usan por regla general los términos del lenguaje humano, manifestando sus sentimientos y necesidades, desde un plano del lenguaje. Las variaciones lingüísticas ocurren por la interacción de los lenguajes en contacto de varios grupos sociales. Las personas de pequeños grupos sociales de la misma comunidad hablan distintos de acuerdo a su lugar geográfico y de madurez. La norma “designa el conjunto de hechos lingüísticos que caracterizan el modo normalmente hablan las personas de una cierta comunidad” (FARACO, 2008, p. 40).

Según Alkmin (1987, p. 34), las personas que hablan un lenguaje adquieren las variaciones lingüísticas peculiares su región y su condición social. Desde una perspectiva general, “podemos describir las variedades lingüísticas a partir de dos parámetros básicos: la variación geográfica (o diatópica) y la variación social (diastática)”. La variación geográfica está relacionada con el medio físico de sus hablantes, por ejemplo:

Brasileños y portugueses se distinguen en varios aspectos de su habla. En plano lexical un ejemplo: “combóio” en Portugal, “tren” en el Brasil. En el plano fonético: la pronunciación abierta de la vocal anterior media como en el “premio” [ˈprɛmjo], encontrada con la pronunciación cerrada en Brasil, “premio” [ˈpremjɔ]. En el plano gramatical: derivaciones diversas de una raíz común, como en fichero, paraje, bolsero, que en Brasil corresponden ficharía, parada y bolsista; la colocación de adverbios como en “para allá no voy” (Portugal) y “no voy para allá” (Brasil).

Couto (2017), el contacto del idioma es tan decisivo en el cambio lingüístico, siendo que todo cambio lingüístico tiene origen de contacto. Los cambios de los lenguajes también ocurren cuando sus hablantes van adquiriendo abruptamente un segundo lenguaje y transfiriendo los trazos morfosintácticos de su lenguaje materno, aún con la posibilidad en caso de no alcanzar el primer al segundo lenguaje, puede surgir un tercer lenguaje, que serían los pidgins y los negros. El cambio lingüístico es un hecho social con implicaciones lingüísticas (THOMASON y KAUFMAN *apud* COUTO, 2017).

Según Faraco (2008), la norma lingüística practicada se debe considerar aquellas que están involucrados con el mayor monitoreo, con los grupos sociales

que están directamente relacionados con la cultura escrita. Hay suposiciones calificativas con las normas incultas, que serían habladas por individuos desprovistos de cultura y tal perspectiva estarían presentes en el universo de algunos hablantes de la norma culta.

La norma lingüística siempre oscila entre una perspectiva de lo normal y de lo normativo. La primera es de interés de la sociolingüística y de las prácticas descriptivas del lenguaje, la segunda es el foco de atención de la gramática normativa y de las prácticas descriptivas. La palabra norma necesita de un calificativo como en la expresión la norma culta, que se refiere a una oralidad bien elaborada con todas las reglas gramaticales. También existen prejuicios normativos, siendo que lo normal exige sólo el uso corriente, real y comportamiento, sin embargo, lo normativo exige prejuicio, ideal y reflexión consciente (BAGNO, 2012):

En los procesos sociales de traducción, esta hibridación queda patente en las diferentes normas que inciden sobre un texto traducido desde su producción por el traductor hasta su impresión definitiva y llegada al mercado. Entre estos dos polos, diversos agentes normativos interfieren en la traducción, muchas veces en franca oposición a las opciones iniciales del traductor.

Según Costa (2012), “la norma lingüística se constituye en los usos corrientes, en el lenguaje común a los diversos grupos sociales que forman una comunidad lingüística”. A través de la norma se identifica la importancia de una cultura. Los grupos sociales se caracterizan por la interacción y el uso del lenguaje para manifestar sus necesidades y sentimientos. Para los estándares lingüísticos habituales es importante el desarrollo normativo de la teoría lingüística.

As variedades lingüísticas están interconectadas con los aspectos socioculturales, geográficos, históricos y estilísticos, cuando el emisor revela sus características sociales a través del habla, el receptor evalúa la naturalidad del emisor, cada lenguaje comporta variaciones en función de la identidad del emisor y del receptor; y de las condiciones sociales de producción discursiva. El conocimiento de variaciones lingüísticas impide la acción pedagógica violenta de una única norma prestigiosa (CAMACHO, 2011).

Se observa, generalmente, en el sentido común la creencia equivocada de que los hablantes de variedades populares, como las examinadas arriba, hablan sin obedecer a regla alguna, lo que es desprovisto de toda verdad científica. De este modo, lo que hacen estos hablantes es no seguir, por desconocimiento, las reglas de la variedad culta escrita del portugués, según las cuales el marcado de plural debe ser redundantemente marcado en todos los componentes de una locución nominal, como lo que se ve en unas tres horas, las casas amarillas etc., procedimiento sintáctico llamado de regla de concordancia nominal (CAMACHO, 2011).

Santana e Neves (2015), las variaciones lingüísticas de la lengua portuguesa constituyen la diversidad de lenguajes hablados en el Brasil, que contribuyen a la complejidad de las diferentes líneas. Saber identificar las variaciones lingüísticas no es para desprestigiar, sino para respetar y deleitarse con la riqueza del lenguaje materno. No se puede despreciar a cientos de hablantes por no seguir la gramática. La propuesta de los Parámetros Curriculares Nacionales - PCNs, de la Lengua Portuguesa es de conocer y valorizar la pluralidad del patrimonio sociocultural brasileiro.

Según (GNERRE *apud* HORTA, 2016, p. 615), existe la ley de discriminación, pero la mayoría de las personas no tienen acceso al código en el que la ley está redactada y es vedado por falta de conocimiento de su propio derecho. “A partir del nivel más elemental de relaciones con el poder, el lenguaje constituye el alambre de púas más poderoso para bloquear el acceso al poder”.

3.2. De la Lingüística Aplicada a la Enseñanza y la Pedagogía

La lingüística aplicada es una ciencia social que estudia el lenguaje de carácter interdisciplinario. El lenguaje se enfoca en diferentes contextos y con diferentes propósitos comunicativos e internacionales. La lingüística aplicada tiene sus objetivos más relacionados con las investigaciones en enseñanza y aprendizaje de idiomas, traducciones, interpretaciones y formaciones de profesores. Las teorías lingüísticas se refieren a la visión del lenguaje, de la psicología en la enseñanza y del aprendizaje (PILAR; ROCA *apud* VILACA, 2010).

Para Sousa y Andrade (2016), se verifica el reflejo de varios acontecimientos históricos evidentes en las temáticas y tendencias de la Lingüística Aplicada, nacida de la Segunda Guerra Mundial, por la necesidad de

la práctica de comunicación entre aliados y enemigos de guerra. Un método eficaz y rápido fue indispensable. En 1948, los estudios de la Lingüística Aplicada dieron inicio, “por el lanzamiento de la revista *Language Learning: a Journal of Applied Linguistics*”. Cook (2008) demuestra la naturaleza multidisciplinar de la Lingüística Aplicada en tres grupos:

Lenguaje y Educación; Lenguaje, Trabajo y Derecho; y Lenguaje, Información y Efectos. Dentro de la primera área, se encuentran educación de primer lenguaje y de lenguajes adicionales (segundo lenguaje y lenguajes extranjeros), lingüística clínica y teorías de evaluación; el segundo área incluye: comunicación en el ambiente de trabajo, Planificación del lenguaje y lingüística forense; por último, la tercera área abarca la estilística literaria, análisis crítico del discurso, traducción e interpretación, diseño de información y lexicografía.

La Lingüística ha sido definida como una disciplina, donde involucra varias materias y es estudiada por los investigadores como un conocimiento general y sustancialmente intelectual. Estas materias, a su vez, se consideran elementos esenciales de otras disciplinas relacionadas con la lingüística. Sin embargo, la Lingüística Aplicada (LA) se entiende como una de las materias lingüísticas cuyo contenido puede mejorar el trabajo práctico en aquellas disciplinas que incluyen el uso del lenguaje (PALMER *apud* COSTA, 2001).

Según Costa (2012), la Lingüística Aplicada tiene por objeto las relaciones programáticas con las prácticas educativas, contribuyendo a la construcción de un modelo más adecuado de formación continua de profesores, como los profesores del lenguaje. La pedagogía lingüística aporta muchos beneficios en la enseñanza de los contenidos escolares.

Las autoras Rodrigues, Rosângela y Rizzatti, Mary (2011), crean discusiones teóricas epistemológicos sobre la Lingüística Aplicada, para la habilitación de los profesores del idioma portugués, fortaleciendo las bases teóricas metodológicas para la enseñanza y el aprendizaje del lenguaje materno. Siendo que la perspectiva de aplicaciones fue concebida en el siglo XX, como área de interlocución con otras ciencias, especialmente la Antropología, la Sociología y la Filosofía del Lenguaje. Las modalidades en la escritura por los alumnos brasileiros del curso del idioma portugués, llegan a llamar de estado de artes pautadas en los usos sociales del lenguaje, con el ideal del lenguaje como

objeto social dentro de los Parámetros curriculares Nacionales del idioma portugués.

3.2.1. Pedagogía culturalmente sensible

Según Bortoni-Ricardo (2003), una profesora hizo la investigación con niños de quinto grado en una escuela de clase trabajadora, aplicando una pedagogía culturalmente sensible, logrando muchos episodios con estrategias interactivas. En el aula, los niños se apropiaron de los recursos de la variedad y del idioma estándar, asimilando nuevos estilos y competencias comunicativas. Las tareas comunicativas de la profesora y de los alumnos demostró que la profesora desarrolla estrategias facilitadoras del aprendizaje y que, de hecho, los alumnos estuvieron asimilando de eventos monitoreados del aprendizaje. La oralidad se utiliza de la variedad regional del portugués popular, la profesora se relacionó con el lenguaje bastante usual en los momentos de la oralidad. Los alumnos produjeron el texto colectivo, planeando oralmente lo que escribieron, de enunciados escritos y leídos que intercalaron con los enunciados hablados. Así mismo, se pueden apreciar en el siguiente texto:

Entre las estrategias de andamiaje utilizadas por la profesora, tres son recurrentes: la concesión de la palabra a los alumnos, que mantienen la base conversacional, como hablantes primarios, durante una gran parte del tiempo de clase, el suministro de modelos en lengua estándar y las estrategias de ayuda, que pueden ser de la profesora a los estudiantes o entre ellos. La investigadora constató que todas estas estrategias contribuyen a la implementación de estándares interactuales simétricos en la clase (BORTONI-RICARDO, 2003, p. 129).

La pedagogía culturalmente sensible es cuando los alumnos tienen la oportunidad de utilizar las variedades lingüísticas que conocen y dominan para expresarse mediante la escritura o el habla. El profesor se esfuerza para asegurar una comunicación tranquila entre sus alumnos, permitiéndoles utilizar las variedades del lenguaje que dominan. Los estudiantes se sentirán que sus idiomas son acogidos en el aula y en cambio ellos aprenden el idioma estándar (PREDIGER, 2015, p. 30).

Para Marques y Baronas (2015) hay la necesidad de mencionar las variaciones lingüísticas en las instituciones escolares, para minimizar las

acciones de prejuicios lingüísticos. Hay pruebas de los estudios actuales de las variaciones lingüísticas dentro de las escuelas, pero todavía no son suficientes para hacer frente a los prejuicios lingüísticos. La multiplicidad de la lengua portuguesa exige un enfoque de esa variación en las escuelas, para evitar el estímulo del prejuicio lingüístico, los alumnos comprenderían los diversos procesos lingüísticos, los parámetros curriculares nacionales concuerdan con los modelos de corrección establecidos por la gramática tradicional.

3.2.2. Método Paulo Freire

Las versiones de Brandão (2006) contadas por él mismo, el Método de Paulo Freire de alfabetización de Adultos, se inició por primera vez en Mossoró, cerca de Angicos, en los fondos del Nordeste, con el equipo del Servicio de Extensión Universitaria de la Universidad de Pernambuco, coordinado por el profesor Paulo Freire. luego ese sentimiento de amor a la educación sería conocido en el mundo entero. Allí brotaron los signos de afecto que el hombre plantó en el suelo seco del interior.

En los comienzos de los años 60, fue programada una “Semana de Arte y Filosofía”, donde presenciaron estudiantes y educadores de todas partes de Brasil. Así mismo, el nombre del educador pernambucano Paulo Freire quedaría internacionalmente conocido como referencia en el área de educación.

Crispiniano Neto, profesor y repentista notable del lugar, escribió el “Programa de la Semana” en cordel y abrió con canción:

De uno al ocho de mayo
 Mossoró tiene la alegría
 De recibir a todo el pueblo
 Que piensa en la democracia,
 Que es cuando la tierra se une
 Para promocionar la Semana
 De arte y de filosofía.
 Pero la Filosofía
 Que aquí estamos hablando
 No es de los que no
 tienen: por qué, para qué ni cuándo;
 Es una cosa real,
 Que agujerea como puñal,
 Hiriendo a quien está dictando.
 “Nuestra filosofía de
 no está suspendida en el aire;
 no es un libro en un estante
 no hay nada que decir.

Filosofía para nosotros
es una manera consciente
del pueblo libertarse” (BRANDÁN, 2006, p. 03).

Ese cordel nos enseña la síntesis de una propuesta educacional que nos envuelve conocimiento del mundo, conocimiento previo, criticidad y creatividad.

Para Plácido e Souza (2017) el Método de Paulo Freire utiliza la dialéctica en el proceso educativo de alfabetización de jóvenes y adultos, considerando a los educandos como sujetos interlocutores en la acción de enseñar y aprender con humildad. El Método Paulo Freire discrepa completamente el Modelo Bancario que disemina la educación tradicional, tratando al alumno como un simple depositario de conocimiento moderado por el educador que no instruye para reflexionar, si no de aceptación y sumisión del profesor. En la perspectiva de Freire, el educador debe crear la conciencia del estudiante para insertarlo en un sentido crítico y autónomo, para cambiar la realidad con las transformaciones que generan la libertad. La palabra es de suma importancia para generar conocimiento y obtenerlo. El educador planea la clase de acuerdo con las palabras levantadas de los alumnos, por lo tanto (MOREIRA *apud* PLÁCIDO Y SOUZA, 2017) se refiere a Freire como contrario a la pedagogía del contenido, por no tener en cuenta el sujeto, teniendo en cuenta solamente el contenido, todavía culpando al profesor del fracaso escolar.

Según Feitosa (1999), la contribución de Paulo Freire a la Educación de Jóvenes y Adultos, llamado “Método Paulo Freire”, tuvo repercusión del Método en el proceso de alfabetización en Brasil, con base de una educación crítica y liberadora, tratando el analfabetismo como un problema social. El Método Paulo Freire es de carácter humanista, con concepciones de una educación popular. El Método de Pablo Freire en la alfabetización exigió la superación de la dicotomía entre teoría y práctica.

En el transcurso de la enseñanza del idioma quichua por el autor, en la Universidad de Brasilia, surgió un hecho inédito, cuando a petición de sus alumnos que querían aprender a cantar en el idioma quichua, el autor transcribió una canción de originalidad fonológica y con contenidos metafóricos de doce párrafos, pero sus alumnos no consiguieron aprender, durante dos meses. Este episodio hizo pensar al autor en el Método de Pablo Freire, cuando el estudiante

necesita aprender algo de su utilidad, por ejemplo el albañil primero aprendía la palabra TIJOLO (ladrillo) y luego las letras, la palabra útil de su profesión, es decir, debe ser en pocas letras o palabras, pero e un contenido completo, entonces el autor enseñó sólo un párrafo de la canción en quichua , los alumnos aprendieron apenas en algunos minutos, hasta que quedaron atónitos y querían seguir cantando sin el plagio del texto.

Así mismo, en esa perspectiva ya que los alumnos aprendieron con eficacia en un solo párrafo de una canción en quichua, se aplicó la Pedagogía de Expresión Metodología Ludo Creativa, de Dinello (2012).

3.2.3. Método lúdico

En ese trabajo, fue empleado, en el curso dei idioma quichua, el método freiriano lo que se describe a seguir:

Para que los alumnos se grabasen las letras y se apropiasen del ritmo y el sentido de la canción, fue inicialmente apenas un parágrafo de la canción, porque los ánimos de los alumnos eran de aprender a cantar en quichua, donde los alumnos repetían por varias veces el pequeño párrafo, de cerca seis palabras, consiguieron aprender con mucha facilidad y cantaron por cerca de tres minutos, “todos se sorprendieron al verse que estaban cantando sin plagios, incluso marcando los pasos al ritmo de la música. Cuando el profesor dejó de cantar, nadie se movió del lugar a pesar de que ya era hora de salir, al contrario, los alumnos pidieron para repetir la canción y marcar los pasos, el profesor aceptó quedarse algunos minutos a más, incluyendo y ejecutando la quena que es un instrumento típico y nativo de la música quichua, que da para acompañar en las melodías de canciones indígenas”.

La canción favorita de los estudiantes de quichua fue la canción titulada SIKWANKA (tucán), que es una palabra metafórica:


sikw-anka

pequena águia

‘tucano’

Figura 19: Música, canto e dança no letramento da Língua Quíchua:

Canto e dança (ludo criativo) no letramento da Língua Quíchua



Sikwanka	Tucano
Amazonas sikwanka	tucano de Amazonas
Amazonas sikwanka	tucano de Amazonas
--	
pitaq ñaupá purira?	quem andou antes por aqui?
pitaq ñaupá purira?	quem andou antes por aqui?
--	
sikwanka, sikwanka	tucano, tucano
sikwanka, sikwanka	tucano, tucano

Fuente: diapositiva de enseñanza del idioma quichua

Los métodos pedagógicos son modelos teóricos creados para ser desarrollados en los currículos escolares. La inserción de métodos modernos y freirianos dan posibilidades de que los profesores trabajen con mayor criterio de reflexión, donde los educadores y estudiantes interactúan de forma recíproca, con concepciones inclusivas. Pimienta y Roble (2008), la enseñanza y el aprendizaje de los contenidos de una materia exigen al profesor el conocimiento específico y el dominio de elementos educativos para una construcción de conocimientos colectivos. En el siglo XVII Comenius, educador de Europa central publicó "didáctico Magna: Tratado del arte universal de enseñar todo a todos" que impulsó la fundación del curso. Los intelectuales europeos establecieron grandes emprendimientos colectivos para explicación científica y racional del mundo, la didáctica como método de enseñanza es transmitir los conocimientos racionales. Siendo así, que la didáctica surge para contribuir el método de enseñanza capaz de enseñar todo a todos. El ser humano por naturaleza es un proyecto incompleto que está en constante cambio por las necesidades históricas, como por ejemplo afectividades, lúdicas, estéticas y éticas, como cognitivas, espirituales, culturales, económicas, sociales y políticas.

Los profesores, internacionalmente realizan un conjunto de procedimientos para dirigir la enseñanza y aprendizaje de los alumnos, con los llamados de método o metodología de enseñanza. El estudiante como sujeto de su propio aprendizaje utiliza el método para apropiarse del conocimiento. Los

profesores comprenden los procesos de enseñanza valorizando los procedimientos técnicos y contenidos propuestos en los currículos escolares (PIMENTA y CARVALHO, 2008).

El autor utilizó varios métodos pedagógicos en la enseñanza del idioma quichua, en el Centro de Convivencia de los Pueblos Indígenas de la Universidad de Brasilia, como la enseñanza de saludos, pronombres personales, los números naturales, las palabras lexicales más comunes en quichua y otras lenguas. El idioma quichua es gramaticalmente muy diferente al español y portugués, siendo su morfología lingüística de la palabra sufijal y aglutinante. Las palabras se forman mediante la adición a la raíz de múltiples partículas llamadas terminaciones o sufijos. Por ejemplo, en la descripción de (CORDOVA Y ZARIQUIEY, 2008, p. 36):

Llaqta	‘pueblo’
Llaqta-cha	‘pueblito’
Llaqta-cha-yki	‘tu pueblito’
Llaqta-cha-yki-Chik	‘su pueblito (de ustedes)’
Llaqta-cha-yki-Chik-Kuna	‘sus pueblitos (de ustedes)’
Llaqta-cha-yki-Chik-Kuna-manta	‘desde sus pueblitos (de ustedes)’
Llaqta-cha-yki-Chik-Kuna-manta-cha	‘tal vez desde sus pueblitos (de ustedes)’

Durante el desarrollo de la enseñanza del idioma quichua, fueron aplicadas actividades con el recurso de la multimodalidad y de la expresión lúdica, utilizando las propias experiencias del autor, donde los alumnos además de aprender el idioma, pidieron la enseñanza sociohistórica, sociolingüístico y sociocultural de los quichuas, en la perspectiva freiriana, el profesor cedió los intereses de los alumnos y juntos descubrieron métodos inéditos en el aprendizaje del idioma quichua, por ejemplo, se aplicó el método lúdico en la enseñanza de idioma quichua, cantando y tocando algunos instrumentos musicales indígenas como quena, charango y tambor, así los alumnos aprendieron las palabras del idioma quichua.

Para Lima e Filho (2013), el método comunicativo es un procedimiento utilizado para la enseñanza de idiomas, enfocado al significado de las palabras para interactuar entre los hablantes, utilizando pragmáticamente de las funciones

lingüísticas. En la perspectiva de lograr la comunicación sin la necesidad de aprender la gramática. Las lenguas extranjeras deben ser aprendidas para la comunicación, pues los métodos comunicativos y metodologías vienen evolucionando, a fin de mejorar la enseñanza y fortalecimiento de la interacción con contenido insertados en contextos reales de comunicación para que se produzca la adquisición del idioma preferido.

Según Portela (2006), el método comunicativo surgió en los años 60, con las nuevas tendencias de las clases de idiomas extranjeros, en las que los profesores debían buscar distintos métodos para que los alumnos estuvieran adaptados. El enfoque principal es en el sentido y la interacción entre los sujetos. La enseñanza comunicativa revela las necesidades de los alumnos, experimentando las actividades relevantes y el verdadero interés de los educandos, para realizar las acciones auténticas de los hablantes. El método comunicativo posee algunas estrategias que auxiliaron en el aprendizaje del alumno, “es decir, desempeña una secuencia de actos como los de saludarlos, socializar casualmente, experiencias con la ayuda de un objeto o representación gráfica”. El método de comunicación crea la oralidad en condiciones favorables en la adquisición de un nuevo lenguaje. En el enfoque comunicativo el profesor se subordina su comportamiento dejando de ser el orientador en las necesidades de aprendizaje de los alumnos en la clase.

Para Diatta (2016) en la década de los 70 surgió el método de enfoque comunicativo, como una alternativa al estructuralismo, que demostró sus límites en la concepción en la enseñanza de idiomas extranjeros e idiomas siguientes. Según (GEMAIN *apud* DIATTA, 2016, p. 27), la nueva teoría de enseñanza “nació en el momento en que se criticaba, en Gran Bretaña y Estados Unidos, el enfoque situacional y la gramática generativa-transformacional de Noam Chomsky”.

Lima (2014), presenta los métodos comunicativos y los conceptos de primer lenguaje (L1) o lenguaje materno (LM), segundo lenguaje (L2) y lenguaje extranjero (LE). Definido que en comunidades bilingües el L1 y L2 son adquiridos naturalmente, siendo que el primer lenguaje o lenguaje materno se aprende dentro del núcleo familiar y el segundo lenguaje se aprende en el ámbito de la sociedad, que son los lenguajes de supervivencia o de imposición del Estado. El

lenguaje extranjero es el aprendizaje formal en una clase, con la intención de aprender por voluntad propia o por la exigencia del currículo escolar y el alumno no depende para sobrevivir, porque no es un idioma oficial de su país.

IV. DESCRIPCIÓN ESTRUCTURAL DE LA LENGUA QUICHUA

El objetivo de este capítulo es trazar breve panorama de la estructura del idioma quichua en general y del quichua ayacuchano en específico, con el fin de dar a conocer las organizaciones fonético-fonológicas, ortográficas, morfológicas y sintácticas elementales que componen el repertorio gramatical, relación entre lengua y estructura, además de su contraparte lexical, relación entre el lenguaje y cultura. Este trabajo será relevante para el conocimiento de la lingüística en general, para el conocimiento propio del autor y para la aplicación posterior de dicho aprendizaje, en el curso de enseñanza del idioma tratado en el capítulo siguiente.

Las referencias del capítulo son: Pedro Clemente PERROUD (redentorista) (1972), Cesar A. Guardia MAYORGA (1973), José Dionisio ANCHORENA (1874) y Roberta CORDEIRO (2014).

4.1. La gramática

Según Cordeiro (2014, p. 18), el estudio del conjunto de reglas que forman el repertorio sistemático del idioma quichua comenzó en 1560, con la publicación de Domingo de Santo Tomás (1499-1570), en Valladolid, España: *“Grammatica el arte de la lengua general de los incas de los reynos del Perú”*. La segunda publicación anónima surgió en 1586, como resultado de las actividades del jesuita José de Acosta (1530-1598) y el tercero del Concilio limeño (1582-1583). En secuencia, surgieron los trabajos de González Holguin (1607), Alonso de Huerta (1616), Torres Rubio (1619), Roxo mexia y Ocon (1648), Juan de Aguilar (1690) y Sancho de Melgar (1691).

4.1.1. Fonética y fonología

La fonética quichua contempla el estudio de los sistemas estructurales de las vocales, de las consonantes con sus respectivos sonidos y acentos. Y la fonología quichua comprende el estudio de los fonemas dentro de los patrones de los sonidos producidos por los quichuas de la región. En las líneas de abajo, sigue la organización estructural básica del quichua ayacuchano.

vocales, consonantes y acentos

Vocales – Según Perroud (1972, p. 07, 08), el sistema vocálico del quichua ayacuchano se encierra en el triángulo vocálico a—i—u. De hecho, de acuerdo con otras fuentes y el conocimiento propio del autor, las voces fundamentales del quichua ayacuchano son: a—i—u. Sin embargo, las vocales tienen sus sonidos neutralizados de “e” por “i” y de “o” por “u”. Las semivocales w—y, se aproximan: “w” al “u”, “e” al “i”.

Consonantes – Las letras consonantares en quichua ayacuchano son: CH—H—K—L—LL—M—N—Ñ—P—Q—R—S—T. Las otras letras del español fueron introducidas cambiando las gráficas quichuas, por ejemplo, los nombres de los lugares: *Uqsapampa* (*Oxapampa*), *Quchapampa* (*Cochabamba*), *Kuntursinqa* (*Condorsinca*), *Qaqamarka* (*Jajamarka*), *Titiqarqa* (*Titicaca*) etc. La introducción de algunas letras de la lengua española viene causando disturbios en la adquisición de la escritura, como el cambio de letras: L en lugar de LL, O en lugar de U, E en lugar de I.

Acentos – Según Perroud (1972, p. 09), “en quichua, el acento cae inevitablemente sobre la penúltima sílaba”, sin considerar la cantidad de ellas, ni la interferencia de las partículas aglutinantes, por lo que pocas se acentúan en la escritura. Entre estas últimas, esto ocurre cuando expresan dudas e incertidumbres, por ejemplo, *chaynachá* (quizás sea así), *qurichá* (quizás sea oro).

El recuento para la separación en la penúltima sílaba es necesario, porque las sílabas compuestas de diptongos no se cuentan por dos sílabas, sino por una sola. Estos diptongos son: *au*, *ay*, *wa*, *wi*, por ejemplo, *rimay* (hablar), el acento está en el *rí*.

Las acentuaciones en las últimas sílabas ocurren cuando hay interjecciones e interrogantes, por ejemplo, ¡*taitáy!* (¡Padre mío!) ¡*Mamáy!* (¡Madre mía!) ¡*Ay!* (¡Ya!) ¿*imán?* (¿Qué?).

Según Mayorga (1973, p. 39), el acento prosódico en quichua no debe ser marcado o registrado ortográficamente. El acento en quichua es poco usado, como en caso de partícula dubitativa “*chá*” *paychá* (él debe ser), afirmativa “*yá*” *warmiyá* (es mujer), interrogación “*rí*” ¿*chayrí?* (¿y después?).

Ortografía Quichua Fonética Básica

Mayorga (1973, p. 39) argumenta que “todos los signos ortográficos pueden ser usados en el idioma quichua, con la excepción de apóstrofe, trema, paréntesis y guion”, por ser esa una lengua aglutinante y por lo tanto prescindir de esas marcas.

En quichua, como en todos los idiomas que no han llegado a la expresión gráfica, el aspecto fonético ha ejercido un completo dominio sin control en muchas regiones, proliferando e imitando otros idiomas que han dado origen a muchos dialectos.

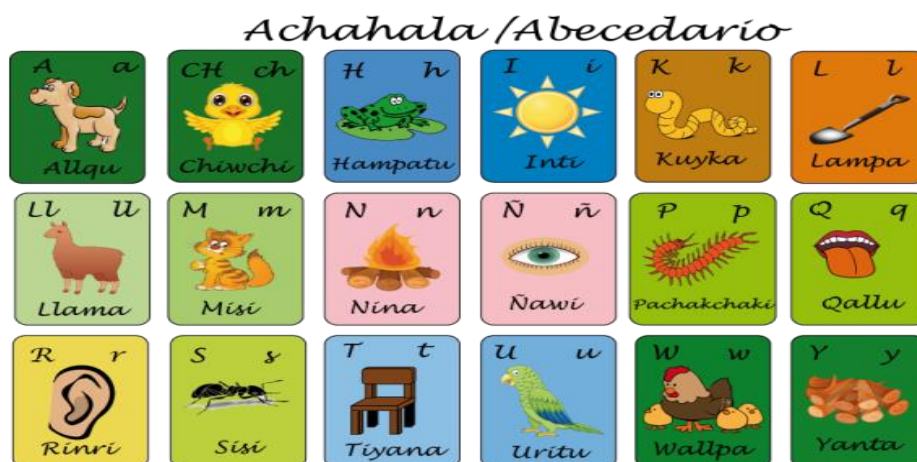
En este sentido, (ACOSTA *apud* MAYORGA, 1973) menciona que existían 700 lenguajes nativos en el Perú en el Siglo XVI. Así, el quichua tendría interferencias lingüísticas fonológicas y lexicales ocasionadas por el contacto con esas otras lenguas nativas. Dado que los conquistadores españoles se quedaron en Cusco y Ayacucho, la influencia del español fue la que más causó el cambio en ese lenguaje.

Algunos cambios fonéticos entre los quichuas de Ayacucho, Cuzco y Huánuco se pueden observar en estos ejemplos: en Ayacucho, *ñuqa* (yo), en Cusco, *nuqa* (yo) y, en Huánuco, *Yaa* (yo).

El alfabeto de quichua ayacuchano consta de las siguientes letras:

A-a, CH-cha, H-ha, I-i, K-ka, L-la, LL-lha, M-ma, N-na, Ñ-nha, P-pa, Q-qa, R-ra, S-sa, T-ta, U-u, W-wa, Y-ya

Figura 20-Alfabeto quichua:



Fuente: <https://www.google.com/search?q=alfabeto+quechua&rlz=1C1CHBD:>

En el cuadro siguiente, se muestran palabras ilustrativas de cada letra del abecedario quichua:

Cuadro1: Las palabras en quichua

QUÍCHUA		TRADUÇÃO	
		ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
A	<i>Allqu</i>	perro	Cachorro
CH	<i>Chiwchi</i>	pollito	Pinto
H	<i>Hampatu</i>	sapo	Sapo
I	<i>Inti</i>	sol	Sol
K	<i>Kuyka</i>	lombriz	Minhoca
L	<i>Lampa</i>	pala	Pá
LL	<i>Llama</i>	llama	Lhama
M	<i>Misi</i>	gato	Gato
N	<i>Nina</i>	fuego	Fogo
Ñ	<i>Ñawi</i>	ojo	Olho
P	<i>Pachakchaki</i>	cien pies	cem pê
Q	<i>Qallu</i>	lengua	Língua
R	<i>Rinri</i>	oreja	Orelha
S	<i>Sisi</i>	Hormiga	Formiga
T	<i>Tiyana</i>	Silla	Cadeira
U	<i>Uritu</i>	Loro	Louro
W	<i>Wallpa</i>	Gallina	Galinha
Y	<i>Yanta</i>	Leña	Lenha

4.1.2. La Morfología

Según Perroud (1972), el sistema del idioma quichua se estudia de manera similar al de otros idiomas. Las formas morfológicas y sintácticas son analizadas según el uso habitual de sus hablantes de cada región, sus incrementos lexicales y sus variaciones, a través de la comunicación diaria de sus habitantes. En los siguientes párrafos se presentarán las clases de palabras, así como aspectos de clasificación y formación de palabras en quichua.

La clasificación de las palabras.

Artículo – en quichua general, hay un sólo artículo indeterminado: *Huk* (un, uno y una), como *huk runa* (una persona). Los artículos no determinan los géneros y sustantivos, pero hay un medio de distinguir el género, cuando se refiere al masculino para la persona se usa *qari* (hombre) y para animal *urqu* (macho), cuando se refiere al femenino para la persona se usa *Warmi* (mujer) y para animal *china* (hembra). Por ejemplo, *Qari warma* (niño), *Warmi warma* (niña), *urqu allqu* (perro), *china allqu* (perra).

Sustantivo – El género es neutro para todos los sustantivos, los nombres verbales del infinitivo, los participios pasivos, los nombres de instrumentos, los participios que se transforman en adjetivos. Por ejemplo, *hatun rumi* (piedra grande), *Wañuy* (la muerte), *llamkanakuna* (instrumentos de trabajo).

Tratándose de personas, el sustantivo es común para ambos géneros: *runa* (determina tanto hombre como mujer). En los participios personales: *yachaq* (un sabio), *asiq* (quien ríe). En los pronombres personales: *ñuqa* (yo), *qam* (usted), *pay* (él). En los pronombres interrogativos: *pi* (quién), *mayqin* (cuál).

En cuanto al número, los plurales se forman de varias formas en quichua. Naturalmente sucede aumentando la partícula *kuna* al singular; *runakuna* (los hombres), *machukuna* (los ancianos), *payakuna* (las ancianas). En caso de que el adjetivo numeral sea más de uno: *Tawa allqu* (cuatro perros), *achka Misi* (muchos gatos), *Huk nananaq Aya* (una multitud de cadáveres).

Para indicar una colectividad se repiten las palabras: *Miski Miski* (muy dulce), *qura qura* (mucho hierba), *sara sara* (mucho maíz), *Sacha Sacha* (una selva), *Kusi Kusi* (felicidad).

En este punto, es importante observar que, cuando se habla de órganos o miembros pareados con adjetivos calificados, no se usa el plural, sino el singular: *Yana ñawi Maqta* (muchacho de ojos negros), *Taksa Maki Paya* (anciana de manos pequeñas) *hatun chanka runa* (hombre de piernas largas).

Adjetivo – Los adjetivos calificativos, en quichua, son invariables. Ejemplos: *Suni kaspikuna* (palos largos), *Machu runakuna* (hombres viejos).

Los adjetivos comparativos de igualdad se forman aumentando los adverbios a los adjetivos, como en los ejemplos siguientes: *qam hina hatun* (grande como usted), *paywan hina tupu yachaq* (quien sabe igual él).

Los adjetivos comparativos de inferioridad, se forman aumentando los adverbios a los adjetivos positivos, por ejemplo: *paymanta pisi kallpayuq* (quien tiene menos fuerza que él), *Urubamaba mayum Apurímac mayumanta aswan pisim* (el Río de Urubamba es menor que el Río Apurímac).

Se forman los adjetivos comparativos de superioridad aumentando los adverbios a los adjetivos positivos, por ejemplo: *hanmanta aswan hatun* (más grande que usted), *alluquymi alluquykimanta aswan yuraq* (mi perro es un poco más blanco que el suyo), *atuqmi alluqumanta aswan ancha piña* (el zorro es

mucho más bravo que el perro), *pumam atuqmanta aswan llumpay sua* (el puma es muchísimo más ladrón que el zorro).

Los superlativos se forman de diferentes maneras, a partir de la duplicación del adjetivo positivo. En caso de que el adjetivo termine en vocal, se aumenta una "i", por ejemplo, *yuraq yuraq* (blanquísimo), *Yanai Yanai* (negrísimo). *Alluquymi ancha ancha piña* (mi perro es bravísimo).

Según Mayorga (1973, p. 91), los adjetivos se clasifican por su origen y composición. De forma que los sustantivos pueden ser:

Primitivos: *Puka* (rojo).

Derivados: *pukachasqa* (rojo).

Simple: *Puka* (rojo).

Compuestos: *pukay pukay* (rojizo).

Los adjetivos compuestos forman numerosos adjetivos calificativos compuestos, tomando como base nombres de diversas partes del cuerpo humano, aumentando los participios pasivos, adjetivos y sustantivos, usando el *sunqu* (corazón) aumentando a un participio activo forman adjetivos compuestos que expresan la calidad del participio, como propio del carácter de la persona:

manchaqsunqu (medroso),

hachaqsunqu (borracho consuetudinario),

llamkaqsunqu (trabajador),

kuyapayakuqsunqu (compasivo),

putiqsunqu (melancólico),

kaqchaqsunqu (asustador),

timpuqsunqu (irritable, colérico).

Los adjetivos compuestos de similar tendencia significativa, se forman aumentando *sunqu* a algunos adjetivos simples, como por ejemplo *allinsunqu* (bondadoso), *hatunsunqu* (magnífico, orgulloso), *piñasunqu* (irritable, rabioso).

Aumentando los sustantivos la palabra *sunqu*, se forman adjetivos compuestos que expresan inclinación a los sustantivos primitivos:

qulqisunqu (metalizado, avaro),

aqasunqu (amante de la bebida alcohólica artesanal),

rumisunqu (insensible).

Aumentando la palabra ñawi (ojo) en otros sustantivos, se forman otros adjetivos compuestos: *anqasñawi* (de ojos azules), *kusiñawi* (de ojos vivaces, alegres), *miskiñawi* (de ojos dulces), *pikiñawi* (de ojos pequeños), *chaskañawi* (de ojos de lucero).

Aumentando la palabra *Maki* (mano) en otros sustantivos, se forman otros adjetivos calificativos compuestos y en sentido figurado: *qillimaki* (de manos sucias o ladrona), *chuyamaki* (de manos limpias o honesta), *sampamaki* (de manos suaves o incapaz) *pumamaki* (manos de puma, fuerte).

Aumentando la palabra *siki* (glúteos o nalgas), uniendo a otros sustantivos, se forman otros adjetivos calificativos compuestos, con expresiones de costumbres: *puñuqsiki* (quien duerme mucho), *tiaqsiki* (perezoso, ocioso), *chakisiki* (demasiado delgado, flaco) *ispaqsiki* (niño que orina en la cama).

En otras palabras, se forman los adjetivos compuestos, como en los ejemplos: *yuyaquma* (cabeza que recuerda), *yachaquma* (cabeza que sabe), *chusaquma* (cabeza vacía), *miskisimi* (de palabras dulces), *qamyasimi* (de palabras sin sabor), *ninaqallu* (lengua de fuego, acusador), *pikichaki* (quien camina rápido), *llasaqchaki* (quien camina despacio), *kaspichaki* (de piernas flacas).

Con el sufijo *Sapa*, se forman sustantivos compuestos de diversa significación cualitativa, cuando se trata de adjetivos aumentativos, “Sapa” equivale a “ón”: *ñawisapa* (ojón), *simisapa* (Bocón), *risrinapa* (orejón), *wiksasapa* (barrigón), *umasapa* (cabezón), *kirusapa* (dentado), *sikisapa* (de glúteos grades).

La aglutinación de *Sapa* a otros sustantivos primitivos, expresa abundancia, como en los ejemplos: *qulqisapa* (quien tiene mucho dinero, rico), *wirasapa* (quien tiene mucha grasa, gordo), *wawasapa* (quien tiene muchos hijos), *rumisapa* (algo que tiene muchas piedras), *rapisapa* (planta que tiene muchas hojas), *wayllasapa* (lleno de matorrales).

La adición del sufijo *Sapa* a los infinitivos de verbos relacionados con acciones humanas forma adjetivos compuestos de la persona a la cual se aplica e indica mucho del infinitivo: *llakisapa* (quien tiene muchas plumas), *yachaysapa* (quien tiene muchos conocimientos, sabio), *munaysapa* (quien hace lo que quiere), *rimaysapa* (quien habla mucho, orador).

Los adjetivos calificativos expresan las cualidades de los sustantivos, como *sumaq kila* (hermosa luna), *hatun pallqa* (rama grande). Estos adjetivos calificativos se denominan en quichua de *sutichanichaq* (lo que valora los nombres).

Los números en quichua son diez. Con ellos se forman todas las cifras superiores, con pocas excepciones. Por ejemplo, *chunka hukniyuq* (once), el número diez se coloca en la posición de diez, se añade la partícula *niyuq* cuando la raíz termina en consonante y *yuq* en vocal.

Cuadro 2: Los números en quichua

1 <i>huk</i>	21 <i>iskay chunka hukniyuq</i>
2 <i>iskay</i>	22 <i>iskay chunka iskayniyuq</i>
3 <i>kimsa</i>	23 <i>iskay chunka kimsayyuq</i>
4 <i>tawa</i>	30 <i>kimsa chunka</i>
5 <i>pichqa</i>	100 <i>pachak</i>
6 <i>suqta</i>	110 <i>pachak chunka</i>
7 <i>qanchis</i>	112 <i>pachak chunka iskayniyuq</i>
8 <i>pusaq</i>	200 <i>iskay pachak</i>
9 <i>isqun</i>	990 <i>isqun pachak isqun chunka</i>
10 <i>chunka</i>	1 000 <i>waranqa</i>
11 <i>chunka hukniyuq</i>	1 500 <i>waranqa pichqa pachak</i>
12 <i>chunka iskayniyuq</i>	1 900 <i>waranqa isqun pachak</i>
13 <i>chuka kimsayyuq</i>	2 020 <i>iskay waranqa iskay chunka</i>
14 <i>chunka tawayyuq</i>	10 000 <i>chunka waranqa</i>
15 <i>chunka pichqayyuq</i>	20 000 <i>iskay chunka waranqa</i>
16 <i>chunka suqtayyuq</i>	100 000 <i>pachak waranqa</i>
17 <i>chunka qanchisniyuq</i>	200 000 <i>iskay pachak waranqa</i>
18 <i>chunka pusaqniyuq</i>	1 000 000 <i>wara waranqa</i>
19 <i>chunka isqunniyuq</i>	900 000 000 <i>isqun pachak wara waranqa</i>
20 <i>iskay chunka</i>	1 000 000 000 <i>wara wara waranqa</i>

Los números ordinales en quichua se construyen agregando la partícula *kaq* sucesivamente, como en los siguientes ejemplos: *huk kaq wasi* (primera casa), *iskay kaq wata* (segundo año), *kimsa kaq churi* (tercer hijo), *tawa kaq runa* (cuarta persona). También hay otras formas de expresiones, por ejemplo, cuando se trata de antigüedades y posiciones: *ñaupaq kaq punku* (la puerta vieja), *ñaupaq riq* (quién va en el frente), *chaupi riq* (quién va en el medio), *qipa riq* (quién va al último).

Los números colectivos se forman con la partícula *ntin*, cuando los números terminan en vocales o diptongos, por ejemplo, *chunkantin* (los diez juntos), *tawantin* (los cuatro juntos). Cuando los números terminan en

consonantes se forman con la partícula *nintin*, como por ejemplo *iskaynintin* (los dos juntos), *qanchisnintin* (los siete juntos).

Se forman los números distributivos aumentando el sufijo *nka* al numeral cardinal, cuando los números terminan en vocales o diptongos, por ejemplo, *tawanka tunasta sapakamaman quy* (da a cuatro tunas a cada uno). Cuando los números terminan en las consonantes *Ninka*, por ejemplo, *iskayninka naranjata sapakamaman quy* (da a dos naranjas a cada uno).

Los números múltiples se forman con las partículas *Kuti*, por ejemplo, *chunka kinsayuq Kuti* (trece veces), *Tawa kutitam hamurqani* (he venido cuatro veces).

Los pronombres personales en quichua se diferencian que los de español y portugués, como en el caso de *ñuqanchik* (nosotros inclusivo) que incluye a todo el grupo existente, mientras *ñuqayku* (nosotros exclusivo) que incluye apenas una parte del grupo existente.

Cuadro 3: los pronombres personales en quichua

QUÍCHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÊS
<i>Ñuqa</i>	Yo	Eu
<i>Qam</i>	Tu	Tu
<i>Pay</i>	Él/ella	Ele/ela
<i>Ñuqanchik</i>	Nosotros (as) (Inclusivo)	Nós (Inclusivo)
<i>Ñuqayku</i>	Nosotros (as) (Exclusivo)	Nós (Exclusivo)
<i>Qankuna</i>	Vosotros (as)	Vós
<i>Paykuna</i>	Ellos/ellas	Eles/elas

Verbo – En quichua, los verbos son flexibles, habiendo posibilidad de formación de numerosos nuevos verbos. Estos verbos pueden tener complementos directos e indirectos, como se ve en los cuadros abajo.

Cuadro 4: Los verbos con complementos directos

Pregunta	Sujeto	Verbo	compl. Directo
Imatam	ñuqa	qawani?	Wasita.
O que	eu estou	vendo?	A casa.
Qué	estoy	viendo?	La casa.
Imatam	warmi	yanun?	Aychata.
O que	a mulher	cozinha?	Carne.
Qué	la mujer	cocina?	Carne.

Cuadro 5: Los verbos con complementos indirectos

	Pregunta	Compl. Indirecto
Wasiman yaykuni.	Imaman?	Llantukuq.
Entro na casa.	Fazer que?	Pegar sombra.
Entro en la casa.	Hacer qué?	Tomar sombra.
Pay takin.	Pipaq?	Waynampaq.
Ele canta.	Para quem?	Para a noiva.
Él canta.	Para quién?	Para la novia.

Preposición – Segundo Mayorga (1973, p. 242), en quichua propiamente, la preposición no existe. Lo que existe, de hecho, son posposiciones, como las partículas terminales en forma de sufijos. Por lo tanto, no hay preposiciones separadas, como por ejemplo la partícula “*pa*” que tiene la propiedad de pertenencia y que se une al nombre, como en *Carluspa wasin* (la casa de Carlos), *wawapa ñawin* (los ojos del niño).

Conjunción – En quichua, las conjunciones están representadas por las partículas *wan* (y), *yuq* (y) y *pas* (y), constituidas por las palabras que dan sentido en el momento de construir la frase, o por simple yuxtaposición, por ejemplo: *alluquwan misiwan kanisunki* (el perro y el gato te mordieron), *aychayuq papayuq hamusqanki* (usted vino con carne y papa), *qampas ñuqapas takinchik* (tú y yo cantamos), *qari warmi anyanakunku* (hombre y mujer discuten).

La formación de palabras.

En quichua, el estudio morfológico de la formación de palabras comprende, en realidad, un estudio de la morfofonología de ese idioma, ya que implica el número de sílabas que componen las unidades significativas o morfemas que constituyen los vocablos. Así, se consideran las sílabas y las partículas como elementos de las palabras. Las sílabas forman las palabras primitivas con las partículas aglutinantes, entre ellas o con las palabras compuestas para formar nuevas palabras.

La clasificación de las palabras según el número de sílabas sigue el formato y terminología similares a la del español, cambiando sólo en la cantidad de sílabas de las palabras correspondientes en quichua:

Monosílabas son palabras que están constituidas de una sola sílaba: *Kay* (ser), *chin* (silencio), *quy* (dar), *pay* (él).

Bisílabas son palabras que están constituidas de dos sílabas, como en general se establece con toda la palabra primitiva disilábica: *ñuqa* (yo), *kallma* (rama), *hamuy* (venir), *qaqa* (roca).

Trisílabas son palabras que están constituidas por tres sílabas: *chayani* (llego), *quichay* (dorar), *qarqacha* (fenómeno que se vuelve parecido a la llama, en caso de incesto).

Cuatrisílabas son palabras que están constituidas por cuatro sílabas: *ñaqchakuni* (peiné), *tutamanta* (por la mañana).

Pentasílabas son palabras que están constituidas por cinco sílabas: *yachachichkaya* (va enseñando), *maqanakuypi* (estar en la lucha).

Según Anchorena (1874, p. 5-6), las palabras en quichua pueden contener de una hasta veinte o más sílabas, así mismo, se pueden encontrar más de un diminutivo (que en algunas significan más cariño en el momento de la conversación). Muchas veces, las palabras no tienen las traducciones exactas en español ni en portugués u otros idiomas. Las traducciones son hipotéticas o aproximadas para dar sentido, como en el ejemplo de la palabra: *kamachinakuichakunapurallamantapuniraqtaqchuqmari* (y así, pues, aun todavía solo y precisamente de entre los concejillos).

Como en el caso de esa última palabra consejitos, el traductor se siente obligado a mostrar la posibilidad de la escritura y sentido de la palabra. Los ejemplos siguientes son los siguientes:

ka
'y'

ka-ma
'hasta'

ka-ma-chi
'mandato'

ka-ma-chi-na
'mandatario'

ka-ma-chi-na-Kui
'concejo'

ka-ma-chi-na-Kui-cha
'concejillo'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-lla
'concejillito'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na
'concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-lla
'consejillos solamente'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-lla-man
'Sólo a los concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-lla-man-ta
'Sólo de los concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-lla-man-ta-wan
'y solo también de los concejillos'

Ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta
'Sólo de entre los concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-wan
'y también solo de entre os concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni
'solo precisamente de entre los concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq
'solo precisamente de entre los concejillos todavía'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq
'aún todavía solo de entre os concejillos precisamente'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq-chu
'y aún todavía, sola y precisamente de entre los concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq-chu-ma
'y así aún todavía solo y precisamente de entre los concejillos'

ka-ma-chi-na-Kui-cha-ku-na-pu-ra-lla-man-ta-pu-ni-raq-taq-chu-ma-ri
'kamachinakuichakunapurallamantapuniraqtaqchumari'
Y así, pues, aún todavía solo y precisamente de entre los concejillos'.

4.1.3. La Sintaxis

Según Mayorga (1973), la sintaxis en quichua, ocurre al igual que en otros idiomas, comprende el estudio de las estructuras gramaticales, determinando las relaciones de los elementos de una oración, con la inclusión del estudio de las partículas aglutinantes.

La Estructura de la Oración

El quichua difiere del español y del portugués puesto que es un idioma aglutinante, mientras que los demás son flexionales. En su estructuración interna, el quichua presenta características diferenciadas de organización y colocación del sustantivo, objeto, verbo y de las partículas aglutinantes, que se adhieren a las palabras en forma de sufijos, prefijos y desinencias.

El principio fundamental de la construcción quichua se realiza anticipando al subordinado a su principal o subordinante, poniendo primero indeterminado y determinante, como puede ser visto en:

Llaqtata richkani

(literalmente: a la ciudad voy yo).

(en español: yo voy a la ciudad).

Urpipa waqaynin uyariqmi mayuta Rini.

(literalmente: de la paloma su canto escuchar al río voy yo).

(en español: yo voy al río a oír el canto de la paloma).

Por lo que se puede ver, en quichua las partes de la oración se construyen al contrario del español: se acaba por donde se empieza y se comienza por donde se acaba:

Hatunmi Wasi

(literalmente: es grande la casa).

(en español: la casa es grande).

Según Perroud (1972), en quichua, las partes esenciales de la oración se colocan al final, con sus complementos antes de ellas. La orden es invariable, al principio el sujeto, al fin el predicado: *runa rin* (el hombre va).

El complemento del sujeto lo precede siempre: *Machu runa Rin* (el hombre viejo va), *Ilaqtaykupa Machu runa Rin* (el hombre viejo de nuestro pueblo va), *Ilaqtakupa Machu mana qawaq runam Rin* (el viejo hombre ciego de nuestro pueblo va).

El complemento del predicado lo precede siempre: *Machu runa wasiykiman Rin* (el viejo hombre va a tu casa).

Los complementos circunstanciales se colocan uno en la secuencia del otro, siempre antes del verbo, guardando el orden lógico: *Machu runa Ilaqtakumanta wasiykuman Rin* (el viejo hombre va de nuestro pueblo a tu casa).

Las oraciones del verbo copulativo se forman con el verbo *Kay* (ser): *Yayay Apu kasqam karqa* (mi padre fue juez).

Las oraciones negativas se forman de las afirmativas a través de las partículas *mana* y *chu*. *Mana* se coloca antes de la parte negada y *chu* después del verbo: *manam rikunichu* (no veo).

Las oraciones prohibitivas se construyen con las partículas prohibitivas *ama* y *chu*, como en los ejemplos: *ama rurankichu* (no lo hagas), *kay ñanta ama purinkichu* (no andes por este camino).

Las oraciones interrogativas se forman con la partícula *chu*, poniendo al final del verbo: *¿hamunkichu?* (¿tú vienes?) *¿churikichu?* (¿es tu hijo?).

Las oraciones dubitativas se forman con las partículas pospuestas *cha* e *icha*: *wasiykiman paqarin risaqcha* (mañana quizá iré a tu casa), *ichach wasiykiman paqarin risaq* (tal vez iré mañana a tu casa).

La Concordancia Nominal y Verbal

Sobre la concordancia nominal, Mayorga (1973, p. 352-353) afirma que, en quichua, el artículo determinado no está de acuerdo con el sustantivo. Tampoco hay concordancias entre los sustantivos y los adjetivos ni entre los géneros y los números, porque las oraciones son invariables:

Sumaq Warmi (hermosa mujer).

Sumaq warmikuna (hermosas mujeres).

Sumaq Inti (hermoso sol).

Sumaq Killa (hermosa luna).

Sumaq pisqukuna (hermosos pájaros).

Esta misma regla se aplica a los adjetivos sustantivos de la oración, como el infinitivo y el participio activo:

Miski waylluy (dulce amor).

Miski wayllukuna (dulces amores).

Allin yachachiq (buen profesor).

Allin yachachiqkuna (buenos profesores).

En cuanto a la concordancia verbal, se observa que, en el idioma quichua, el verbo y el sujeto concuerdan en número y persona: *warmikuna waqanku* (las mujeres lloran). Cuando la acción es realizada por todos los sujetos en una oración, el verbo se utiliza en plural: *quwi, wallpa, allqu mikunku* (cuy, pollo y perro comen).

4.2. El Léxico

Zea (2014), considera que el idioma quichua ha sufrido muchos cambios y préstamos lexicales, principalmente del español, idioma de los colonizadores. Así como las palabras quichuas fueron incorporadas a los diccionarios españoles, a partir de las primeras conquistas, como, por ejemplo: *hamaca, llama, papa, chuño, durazno* y tantas otras procedentes de la América indígena. Así mismo, fueron prestadas las palabras españolas arbitrariamente, como en el uso de las cinco vocales en los nombres personales.

4.2.1. Los Nombres

En ese subtema, se compondrán cuadros de ítems del repertorio lexical del idioma quichua, como nombres de partes del cuerpo humano, animales e insectos, aves, metales, fenómenos de la naturaleza, plantas, colores, actividades humanas, entre otros, escritos en quichua y traducidos al español y portugués:

Cuadro 6: Las partes del cuerpo humano

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Sapra</i>	Barba	Barba
<i>Simi</i>	Boca	Boca
<i>Marqay</i>	Braço	Braço

<i>Chukcha</i>	Cabello	Cabelo
<i>Uma</i>	Cabeza	Cabeça
<i>Uya</i>	Cara	Rosto
<i>Urku chukcha</i>	Pestaña	Sobrancelha
<i>Sunqu</i>	Corazón	Oração
<i>Waqta tullu</i>	Costilla	Costela
<i>Kunka</i>	Cuello	Pescoço
<i>Kiru</i>	Diente	Dente
<i>Millputi</i>	Esófago	Esófago
<i>Wasa</i>	Espalda	As costas
<i>Urku</i>	Frente	Frente
<i>Amuqllu</i>	Glándula	Glândula
<i>Kichpan</i>	Hígado	Fígado
<i>Qachpan</i>	Pulmón	Pulmão
<i>Rurun</i>	Riñón	Rim
<i>Chunchuli</i>	Intestino	Intestino
<i>Hatun chunchuli</i>	Intestino grueso	Intestino grosso
<i>Tullu</i>	Hueso	Osso
<i>Rikra</i>	Hombro	Ombro
<i>Wiqi</i>	Lágrima	Lágrima
<i>Qallu</i>	Lengua	Língua
<i>Maki</i>	Mano	Mão
<i>Raukana</i>	Dedo	Dedo
<i>Uñan raukana</i>	Meñique	Mendinho
<i>Sinqa</i>	Nariz	Nariz
<i>Anku</i>	Nervio	Nervo
<i>Chilina</i>	Médula	Medula
<i>Ñawi</i>	Ojo	Olho
<i>Puputi</i>	Ombigo	Umbigo
<i>Rinri</i>	Oreja	Orelha
<i>Ñawi qara</i>	Párpados	Pálpebras
<i>Qasqu</i>	Pecho	Peito
<i>Qichipra</i>	Pestaña	Cílio
<i>Chaki</i>	Pie	Pé
<i>Qara</i>	Piel	Pele
<i>Ñawi ruru</i>	Pupila	Pupila
<i>Kakichu</i>	Quijada	Mandíbula
<i>Muqu</i>	Rodilla	Joelho
<i>Tuqay</i>	Saliva	Saliva
<i>Yawar</i>	Sangre	Sangue
<i>Wallwa</i>	Axila	Axila
<i>Kuchus</i>	Codo	Cotovelo
<i>Sillu</i>	Uña	Unha
<i>Siki</i>	Trasero	Glúteos
<i>Ispay puru</i>	Vejiga	Bexiga
<i>Suka</i>	Vena	Veia
<i>Wiksa</i>	Barriga	Barriga
<i>Wiksa uku</i>	Vientre	Ventre
<i>Ñuñu</i>	Senos	Seios

Cuadro 7: Los animales e insectos

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Misi</i>	Gato	Gato
<i>Usqu</i>	Gato montes	Gato do mato

<i>Sisi</i>	Hormiga	Formiga
<i>Sacha kuchi</i>	Jabalí	Javali
<i>Puma</i>	Jaguar	Puma
<i>Sukullukuy</i>	Lagartija	Lagartixa
<i>Piki</i>	Pulga	Pulga
<i>Usa</i>	Piojo	Piolho
<i>Chía</i>	Liendre	Lêndea
<i>Kuika</i>	Lombriz	Minhoca
<i>Uru</i>	Insecto	Inseto
<i>Nina uru</i>	Luciérnaga	Vaga-lume
<i>Pillpintu</i>	Mariposa	Borboleta
<i>Chipi</i>	Mono	Mono
<i>Chuspi</i>	Mosca	Mosca
<i>Ustu piki</i>	Nigua	Bicho-de-pé
<i>Ukumari</i>	Oso andino	Urso andino
<i>Chita</i>	Oveja	Ovelha
<i>Mapa ruraq</i>	Abeja	Abelha
<i>Atuq atuq</i>	Alacrán	Escorpião
<i>Uywa</i>	Animal doméstico	Animal doméstico
<i>Llika uru</i>	Araña	Aranha
<i>Kusikusi</i>	Araña de agua	Aranha de água
<i>Waywaku</i>	Ardilla	Esquilo
<i>Kirkinchu</i>	Armadillo	Tatu
<i>Waylis</i>	Avispa	Marimbondo
<i>Uña</i>	Mamífero bebé	Mamífero bebê
<i>Katari</i>	Boa	Anaconda
<i>Apanquray</i>	Cangrejo	Caranguejo
<i>Churu</i>	Caracol	Caracol
<i>Aycha mikuq</i>	Carnívoro	Carnívoro
<i>Kuchi</i>	Cerdo	Porco
<i>Pachaq chaki</i>	Ciempies	Ciem pies
<i>Luichu</i>	Ciervo	Veado
<i>Quwi</i>	Cuy	Preá
<i>Unchuchuku</i>	Comadreja	Doninha
<i>Kuntur</i>	Condor	Condor
<i>Chiuchi</i>	Pollito	Pintinho
<i>Tawa chaki</i>	Cuadrúpedo	Quadrupedo
<i>Aka tanqa</i>	Escarabajo	Besouro
<i>Apasanqa</i>	Tarántula	Tarántula
<i>Ukucha</i>	Ratón	Rato
<i>Allqu</i>	perro	Cachorro
<i>Challwa</i>	Pez	Peixe
<i>Kaira</i>	Rana	Rã
<i>Ultu</i>	Renacuajo	Girino
<i>Hampatu</i>	Sapo	Sapo
<i>Amaru, waska uru</i>	Serpiente	Cobra
<i>Sacha waka</i>	Tapir	Anta
<i>Charapa</i>	Tortuga	Tartaruga
<i>Qara chupa</i>	Zarigüeya	Gambá
<i>Atuq</i>	Zorro	Raposa
<i>Llama</i>	Llama	Lhama

Cuadro 8: Las aves

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
---------	---------	-----------

<i>Pisqu</i>	Ave	Ave
<i>Tuku</i>	búho	Coruja
<i>Killinchu</i>	Cernícalo	Peneireiro
<i>Anka</i>	Gavilán	Águia
<i>Wayanay</i>	Golondrina	Andorinha
<i>Pichiusa</i>	Gorrión	Pardal
<i>Runtu</i>	Huevo	Ovo
<i>Qisa</i>	Nido	Ninho
<i>Rikra</i>	Ala	Asa
<i>Uрпи</i>	Paloma	Pombo
<i>Nuñuma</i>	Pato	Pato
<i>Yutu</i>	Perdiz	Perdiz
<i>Qinti</i>	Picaflor	Beija flor
<i>Tupsa</i>	Pico	Bico
<i>Mallqu</i>	Pichón	Filhote de pombo
<i>Pura</i>	Pluma	Pena
<i>Kullku</i>	Tórtola	Rolinha
<i>Chiwaku</i>	Zorzal	Mirlo

Cuadro 9: Los metales

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Isku</i>	Cal	Cal
<i>Anta</i>	Cobre	Cobre
<i>Llipipipiq rumi</i>	Diamante	Diamante
<i>Qumir rumi</i>	Esmeralda	Esmeralda
<i>Yuraq titi</i>	Estaño	Estanho
<i>Qillay</i>	Hierro	Ferro
<i>Quri</i>	Oro	Ouro
<i>Nina chispa rumi</i>	Pedernal	Pederneira
<i>Qulqi</i>	Plata	Prata
<i>Kachi</i>	Sal	Sal
<i>Qullpa</i>	Salitre	Salitre
<i>Qullpasapa</i>	Sulfuroso	Sulfuroso
<i>Qispi rumi</i>	Vidrio	Vidro
<i>Pachas</i>	Yeso	Gesso

Cuadro 10: Las plantas

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Uchu</i>	Ají	Pimenta
<i>Waranqu</i>	Algarrobo	Alfarroba
<i>Sacha</i>	Árbol	Árvore
<i>Taksa yura sachá</i>	Arbusto	Arbusto
<i>Sacha sachá</i>	Bosque	Bosque
<i>Wiru</i>	Caña	Canha
<i>Suqus</i>	Bambú	Bambu
<i>Qara</i>	Cáscara	Casca
<i>Wayta-sisa-tika</i>	Flor	Flor
<i>Rapi rapi</i>	Follaje	Folhagem
<i>Raki raki</i>	Helecho	Samambaia
<i>Qura</i>	Hierba	Erva
<i>Rapi</i>	Hoja del árbol	Folha da árvore
<i>Purutu</i>	Frejol	Feijão
<i>Ruru-wayu</i>	Fruto, semilla	Fruto, semente

<i>Sara</i>	Maíz	Milho
<i>Itana</i>	Ortiga	Ortiga
<i>Yura</i>	Planta	Planta
<i>Sapi</i>	Raíz	Raiz
<i>Kallma</i>	Rama	Galho
<i>Sachapa nwiqin</i>	Resina	Resina
<i>Matara</i>	Totora	Taboa
<i>Uku yunka</i>	Selva virgen	Selva virgem

Cuadro 11: Los fenómenos de la naturaleza

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Chirapa</i>	Arco iris	Arco íris
<i>Hanaqpacha</i>	Cielo	Céu
<i>Inti</i>	Sol	Sol
<i>Killa</i>	Luna	Lua
<i>Quyllur</i>	Estrella	Estrela
<i>Rupay</i>	Calor	Calor
<i>Chiri</i>	Frío	Frio
<i>Puyu</i>	Nube	Nuvem
<i>Para</i>	Lluvia	Chova
<i>Riti</i>	Nieve	Neve
<i>Puquy mita</i>	Otoño	Outono
<i>Tarpuy mita</i>	Primavera	Primavera
<i>Rupay mita</i>	Verano	Verão
<i>Chiraw mita</i>	Invierno	Inverno
<i>Llipya</i>	Relámpago	Relâmpago
<i>Illapa</i>	Rayo	Raio
<i>Ipu para</i>	Garúa	Garoa
<i>Taqrapa</i>	Trovan	Trovão
<i>Mayu</i>	Rio	Rio
<i>Hallka, sallqa</i>	Puna	Puna
<i>Wayra</i>	Viento	Vento

Cuadro 12: Los colores

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Tullpukuna</i>	Colores	Cores
<i>Puka</i>	Rojo	Vermelho
<i>Yana</i>	Negro	Preto
<i>Yuraq</i>	Blanco	Branco
<i>Anqas</i>	Azul	Azul
<i>Qillu</i>	Amarillo	Amarelo
<i>Qumir</i>	Verde	Verde
<i>Uqi</i>	Plomo	Cor de chumbo
<i>Paqu</i>	Dorado	Dourado
<i>Yana anqas</i>	Azul oscuro	Azul escuro
<i>Qamya anqas</i>	Celeste	Azul claro
<i>Quyu</i>	Verde oscuro	Verde escuro
<i>Qusni</i>	Gris, color de humo	Cinza, cor de fumaça
<i>Qamya qillu</i>	Crema	Creme
<i>Yana puka</i>	Guinda	Cor de gelo
<i>Nina puka</i>	Naranja	Laranja
<i>Qamya puka</i>	Rosado	Rosa
<i>Kulli</i>	Morado	Roxo

<i>Allpa llimpi</i>	Marrón	Marrom
---------------------	--------	--------

4.2.2. Expresiones de Vocabulario

En este subtema final, se reúnen las expresiones de vocabularios recogidas del libro del padre Perroud (1972, p. 45, 46, 68). En los cuadros siguientes, presentamos las expresiones generales de saludo, expresiones idiomáticas proverbiales, interjecciones y estados emocionales:

Cuadro 13: las expresiones generales y saludos

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Rimaykuyki!</i>	¡Buenos días, tardes, noches!	bom dia, tarde, noite!
<i>Allinllachu taytay?</i>	¿Cómo está usted?	Como está o Senhor?
<i>Allinllachu mamay?</i>	¿Cómo está usted?	Como está a Senhora?
<i>Allinllam!</i>	¡Yo estoy bien!	Eu estou tudo bem!
<i>Imataq sutiki?</i>	¿Cómo se llama usted?	Como é seu nome?
<i>Maymantam kanki?</i>	¿De dónde eres?	De onde é o senhor?
<i>Yaykukamuy!</i>	¡Pase para dentro!	Passe para adentro!
<i>Tiyaykuy!</i>	¡Siéntese!	Sente-se!
<i>Perumantam kani!</i>	¡Yo soy del Perú!	Eu sou do Peru!
<i>Tupananchikama!</i>	¡Nos vemos!	A gente se vê!
<i>Paquarinkama!</i>	¡Hasta mañana!	Até amanhã

Cuadro 14: Las expresiones de interjecciones y estados emocionales

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Kausachun!</i>	¡viva!	viva!
<i>Haku!</i>	¡vamos!	vamos!
<i>Makiykita uqariy!</i>	¡Levanta la mano!	Levante a mão!
<i>Makiykita uraykachiy!</i>	¡Baja la mano!	Baixe a mão!
<i>Uyariy!</i>	¡Escucha!	Escuta!
<i>Upallay!</i>	¡Silencio!	Silêncio!
<i>Amayhina kaspá!</i>	¡Por favor!	Por favor!
<i>Qaway!</i>	¡Mira!	Olha!
<i>Yachachiway!</i>	¡Enséñame!	Me ensina!
<i>Achalau!</i>	¡Qué bonito!	Que lindo!
<i>Quri sunqu!</i>	¡Corazón de oro!	Coração de ouro!
<i>Chiu!</i>	¡Psiu!	Psiu!
<i>Ichachu!</i>	¡Tomara!	Tomara!
<i>Kanqacha!</i>	¡Ojalá!	Oxalá!
<i>Upallay!</i>	¡Silencio!	Silêncio!
<i>Ah!</i>	¡Ah!	Ah!
<i>Auu!</i>	¡Hola!	Ola!
<i>Chayllayta!</i>	¡Socorro!	Socorro!
<i>Allin!</i>	¡Óptimo!	Ótimo!
<i>Ananau!</i>	¡Ay!	Ai!
<i>Qanra!</i>	¡Mal!	Mau!
<i>Wakala!</i>	¡Apesta!	Fede!
<i>Qallukuq!</i>	¡Sacar lengua!	Quem tira a língua!

<i>Pakpakañawi!</i>	¡De ojos imponentes!	De olhos imponentes!
<i>Sunquqa!</i>	¡Persona maravillosa!	Pessoa maravilhosa!
<i>Imaysunqulla!</i>	¡Pobrecito!	Coitadinho!
<i>Atakatay</i>	¡Qué horror!	Que horror!
<i>Alalau!</i>	¡Qué frío!	Que frio!
<i>Akachau!</i>	¡Qué calor!	Que calor!
<i>Achacay!</i>	¡Wau!	Uau!
<i>Añallau!</i>	¡Qué rico!	Que delícia!
<i>Atataw!</i>	¡Qué asco!	Que nojo!
<i>Atatay!</i>	¡Qué lindo (a)!	Que lindo (a)!
<i>Munaycha!</i>	¡Qué hermoso (a)!	Que formoso (a)!
<i>Yuyariy!</i>	¡Extrañar!	Saudade!

Cuadro 15: Las expresiones idiomáticas proverbiales

QUICHUA	ESPAÑOL	PORTUGUÉS
<i>Ninaqa lliutam rupayta tukun.</i>	Donde pasa el fuego, quema todo.	Onde passa o fogo, queima tudo.
<i>Simillanchikmi kuyachikuqpas chayna chiqnichikuqpas.</i>	De acuerdo de lo que decimos, somos queridos u odiados.	De acordo com o que dizemos, somos queridos ou odiados.
<i>Miski simi runaqa kuyasqas.</i>	Persona de palabra dulce es muy apreciado.	Pessoa de palavra doce é muito apreciado.
<i>Qatqi simi runaqa chiqnisqas</i>	Persona de palabra hiriente es muy odiado.	Pessoa de palavra horrível é muito odiado.
<i>Qamya simi runaqa mana kuyasqas mana chiqnisqas</i>	Persona de palabra normal, no es querido ni odiado.	Persona de palavras normal, não é querido nem odiado.

V. APLICACIÓN EDUCATIVA - EL CURSO DE QUICHUA COMO L2 EN BRASIL

El idioma quichua enseñado por el autor y los otros idiomas Indígenas Tupi, Baniwa y Tikuna fueron reivindicadas junto a los otros académicos indígenas de la Universidad de Brasilia, en el primer semestre de 2018, como curso de extensión en la UNB Idiomas, que comenzaron a ser ofrecidos gratuitamente al público en general, a partir del segundo semestre de 2018. El curso fue titulado: “Los Idiomas Indígenas y sus Diversidades” con clases 45 de horas como segundo idioma L2 en Convenio con la UNB Idiomas, que en contrapartida ofreció el curso de Inglés Instrumental gratuito y exclusivo para los alumnos indígenas de la Universidad de Brasilia. Todos los idiomas enseñados en el Centro de Convivencia Multicultural de los Pueblos Indígenas de la Universidad de Brasilia (maloca). Actualmente el Curso de Idiomas Indígenas y sus Diversidades, está siendo ofrecido con cerca de 60 alumnos matriculados por semestre.

El curso de esos idiomas indígenas creó muchas expectativas en los estudiantes, por lo que, el profesor del idioma quichua, se reunió con los educandos, donde se descubrieron las verdaderas necesidades e intereses de los alumnos, por lo que se han adaptado ciertos métodos apropiados para atender satisfactoriamente la enseñanza de ese curso. Los estudiantes querían aprender las palabras básicas del día a día, músicas, canciones, bailes, la cultura y las ancestralidades. En estas condiciones se adhirieron los métodos de la enseñanza del idioma quichua en tres partes: la retroalimentación de la clase anterior, el desarrollo de la clase del día, la concretización fonológica y lexical a través de la música, canción y danza.

En este sentido, reflexionamos de manera similar a la perspectiva adoptada por Ribeiro (2019, p.270), cuando considera que los docentes del curso de portugués deberían encontrar los verdaderos intereses de los estudiantes, dentro de las prácticas educativas:

Nuestros estudiantes a menudo se quejan de que no les gusta el portugués, tanto en la vida académica como en lo profesional, no disponen de seguridad en el uso del lenguaje. Esa queja se constituye en el gran equívoco de la escuela, que necesita resolver con urgencia. Entendemos que no es el lenguaje portugués lo que no les gusta a

nuestros alumnos, sino la forma en que les enseñamos la modalidad escrita formal de ese lenguaje. En cierto modo, esta enseñanza no les garantiza el instrumento necesario para el dominio de la norma estándar y tampoco les ofrece subsidios para el desarrollo de su competencia comunicativa. Por lo tanto, no podemos negar la apremiante necesidad de pensar en una formación que haga a los profesores de portugués aptos para una práctica educativa orientada hacia los verdaderos intereses del estudiante.

Dentro de la enseñanza del idioma quichua, el autor adaptó la pedagogía de la expresión Ludo creativa, “Pedagogía de Expresión Metodología Ludo Creativa”, el método creado por Dinello en 2012. Este método consiste en que el alumno aprende el segundo idioma alegremente a través de la música, canto y danza, actuando así lúdicamente, apropiándose del segundo idioma a través de la interacción de cuerpo y espíritu, inclusive fortaleciendo los músculos del cuerpo y los músculos irrisorios durante los movimientos de la danza.

Este método de la enseñanza de idioma quichua podrá ser aplicado en otras regiones del Brasil, cumpliendo el papel de minimizar los impactos del prejuicio lingüístico de los idiomas indígenas o denominadas minoritarias. El acto de enseñar a los idiomas indígenas y sus diversidades, a todos los niños en las escuelas públicas, demuestra la importancia de los mismos y de sus hablantes, creando el respeto recíproco entre los niños indígenas y no indígenas, la armonía, la paz y la tranquilidad de los niños en general.

5.1. Los métodos, estrategias y actividades aplicadas en otros cursos de quichua

Los métodos de los cursos de quichua en general, todavía son bastante escasos por muchas razones, no hay suficientes materiales escritos y publicados en las principales librerías o medios de comunicación. Hay pocos libros, artículos, periódicos, etc., aún los materiales didácticos de quichuas tienen muchas variantes en diferentes regiones y países, o sea, cada libro o método es diferente del otro en su definición morfológica, fonética y en algunos casos lexicales. No existen proyectos específicos para la producción de materiales didácticos para la enseñanza del idioma quichua. Las divergencias de los autores son constantes por la diversificación del idioma quichua, por ejemplo, los autores del quichua no tienen consensos ni acuerdos en el uso de las cinco vocales o tres. Sin embargo, el prejuicio lingüístico, étnico y racial se radicaliza.

Las variaciones de los otros cursos del idioma quichua son diversas, siendo los más notorios: quichua boliviano, quichua ecuatoriano y quichua peruano que a su vez se divide en quichua ancashino, quichua huancaíno, quichua chanca y quichua cusqueño. La estrategia del autor de esta tesis es de unificar a esas diversidades del quichua, aplicando en la enseñanza de ese idioma con las actividades en una perspectiva general. Ya que la mayoría de los idiomas quichuas de América del Sur son pronunciadas con tres vocales, por lo que el autor aplicó en el curso de quichua con tres vocales. Incluso se adhirió la recomendación para los hablantes del idioma quichua: “cuando el individuo habla en el idioma quichua, debería pensar sólo con tres vocales y cuando habla español debería pensar con cinco, por último, debería pensar que cada idioma hablada es otra y diferente”.

Los métodos, estrategias y actividades aplicadas en otros cursos del idioma quichua fueron unificados con el intuito de simplificar y dar seguridad a los alumnos, en la perspectiva que todos los idiomas quichuas son correctos, para que los estudiantes aprendan el quichua general y podrá comunicarse en cualquier región o país. Ya que la mayoría de los idiomas quichuas son muy parecidos en su estructuración gramatical, con algunos alófonos a más o menos, con algunas partículas a más o menos. Cuanto más se aumentan los sufijos en forma de partículas, las palabras quichuas se enriquecen y se convierten en más dóciles y abrazadoras. El idioma quichua en general es un lenguaje vivo, que se puede estructurar palabras agradables en el momento de la conversación, así siendo una lengua inclusiva con cualquier forastero en el mundo andino quichua.

5.2. Las estrategias y actividades orales y escritas aplicadas al curso de quichua

Los planes de las clases del idioma quichua son preparados con la estrategia de satisfacer las necesidades de los alumnos, desde una perspectiva más simple y con palabras más usuales, como las palabras de saludos, pronombres interrogativos y los números cardinales. En el momento del aprendizaje de la oralidad se repiten las palabras fonema por fonema, cuantas veces sean necesarias, incluso respondiendo las peticiones individuales de cada alumno. Se está aplicando el método Ludo creativo, en la enseñanza del idioma

quichua, a través de la música, canción y danza. Así es, los estudiantes aprenden el idioma quichua, interactuando con la música, cantando y bailando. Las palabras quichuas fueron presentadas en un solo párrafo de unas ocho palabras, con mensajes contextualizados y descifrados sus significados respectivamente, donde los alumnos expresan sus conocimientos en el idioma quichua, aprendiendo alegremente, a través de la música, canción y danza.

A través de esos métodos Ludo creativos aplicados en el idioma quichua, los alumnos sienten la cosmovisión indígena y su interacción recíproca con el medio ambiente, por ejemplo, cuando interactúan a través de la música, canción y danza para el tucán (ave sagrada de la región Amazonas), las letras de la canción titulada: "Amazonas Sikwanka", pasa el mensaje, donde hay una conversación entre el sujeto y el tucán. Cada alumno siente una felicidad al haber aprendido el idioma quichua, la contextualización de la canción, incluso experimentando el ritmo de la música y sus movimientos dentro de una pequeña coreografía.

Dinello (2012), el propósito de la expresión en la educación es ofrecer a los niños y jóvenes la oportunidad de descubrir su propia creatividad con el fin de desarrollar sus potencialidades, incluso dialogando con sus compañeros y sus profesores. Las prácticas lúdicas son indispensables para que los niños y jóvenes, aprehendan a través de los ensayos alegremente y con amplia libertad, asociando su propio sentido imaginario de sus nuevos conocimientos. La expresión es aquella manifestación del ser que tiene vida, donde cada individuo tiene sus propias características pensamientos e ideas, es decir, es intrínseca al ser humano, donde el sujeto fija su personalidad y su importancia ante la sociedad. El impulso lúdico crea en la persona el carácter de alegría, intensificando las fuerzas instintivas de la vida y el reencuentro del individuo consigo mismo. Durante el movimiento del cuerpo con alegría, la sangre recorre nutriendo todo el organismo y organizando los estímulos vitales del sujeto. Las actividades de expresión Ludo creativas reflejan los dramas, sueños, temores, proyectos y perspectivas del individuo. El docente comprende la mayor aspiración de sus alumnos de llegar más lejos en sus propósitos. A través de la expresión musical, se aprecia las estructuras primarias del lenguaje comunicativo, como es el propio alfabeto de cada lengua. La significación de las

danzas y cantos del folclore y trayectoria de un pueblo, permiten comprender la historia personal, más allá de su fecha de nacimiento y su biografía.

Los métodos y estrategias aplicados en el Curso del idioma quichua, en la Universidad de Brasilia son multimodales, ya que los idiomas indígenas no son reconocidos como tantos otros extranjeros, por esa causa, crean muchas expectativas y curiosidades en los alumnos matriculados en el idioma quichua. Los estudiantes quieren saber sobre ese idioma: ¿Su tronco lingüístico? ¿Si se ora en ese idioma antes de comenzar las actividades? ¿Cómo se pronuncia? ¿Cómo se escribe? ¿Cómo se canta? ¿Cuál es su origen y etimología de ese idioma? ¿Cuántos alfabetos posee ese idioma? ¿Se hay números cardinales y ordinales en ese idioma? Etc. Es por eso que se aplicaron métodos diversos, correspondiendo a las expectativas de los estudiantes, con la actuación del profesor de ese idioma, por ejemplo, la primera clase se inició con una oración a la madre naturaleza, pidiendo permiso de la Pachamama para comenzar la actividad del día, en el idioma Tupi bajo un árbol, cerca de la maloca de la UNB. Así mismo, en la primera clase del idioma quichua, se demostraron las diapositivas del pueblo quichua, en lo histórico, social, cultural y lingüístico.

En la siguiente figura se puede apreciar una diapositiva presentada en la clase de idiomas indígenas y sus diversidades 2018:

Figura 21-Llamando a los espíritus de la naturaleza:

COMEÇA A AULA CHAMANDO OS ESPIRITOS DA NATUREZA

Yby Karaíba!	Yby Xasy!	Yby Tupy!	Yby Yamadu!
Yby Karaíba!	Yby Xasy!	Yby Tupy!	Yby Yamadu!
Yby Karaíba!	Yby Xasy!	Yby Tupy!	Yby Yamadu!
Terra santa!...?	Terra mãe!...?	Terra seres!... ?	Terra criação!...?




p Pitt 2019-10-02 at 11:3

Fuente: diapositiva presentada en la primera clase de quichua en el primer semestre de 2019

En la siguiente imagen se aprecia el título de las diapositivas, en la enseñanza del idioma quichua.

Figura 22-Presentación de diapositivas:



Fuente: diapositiva presentada en la primera clase de quechua en el segundo semestre de 2018

La oralidad y las prácticas de la escritura se realizan simultáneamente en las clases del día, como en el estudio de los saludos en el idioma quichua, los alumnos practican la pronunciación y la escritura de las palabras quichuas con sus respectivos significados y traducciones.

Cuadro 16: Los saludos en el idioma quichua

1P, 2P	EN PORTUGUÉS	EN ESPAÑOL	EN QUICHUA
1P	Bom dia	Buenos días	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa tarde	Buenas tardes	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa noite	Buenas noches	<i>Rimaykuyki</i>
2P	Bom dia	Buenos días	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa tarde	Buenas tardes	<i>Rimaykuyki</i>
	Boa noite	Buenas noches	<i>Rimaykuyki</i>
1P	Como você está?	Cómo está usted?	<i>allinllachu?</i>
2P	Muito bem! E você?	Muy bien! Y usted?	<i>Allinllam! Qamri?</i>
1P	Eu estou muito bem!	Yo estoy muy bien!	<i>Allinllam!</i>
2P	Como é seu nome?	Cómo te llamas?	<i>Imataq sutiki?</i>
1P	Meu nome é David!	Mi nombre es David!	<i>Ñuqapa sutiyyqa Davidmi?</i>
2P	Meu nome é Elsa!	Mi nombre es Elsa!	<i>Ñuqapa sutiyyqa Elsam!</i>

1P	Obrigado!	Gracias!	<i>Pay!</i>
2P	De onde é você?	De dónde eres?	<i>Maymantam kanki?</i>
1P	Eu sou de Peru	Yo soy del Peru	<i>Perumantam kani ...</i>
2P	Até amanhã	Hasta mañana	<i>Paqarinkama</i>
1P	Até a próxima	Hasta la próxima	<i>Tupananchikama</i>
2P	Até a próxima	Hasta la próxima	<i>Tupananchikama</i>
1P	Até outro dia	Hasta outro dia	<i>Quk punchawkama</i>
2P	Até outro dia	Hasta outro dia	<i>Quk punchawkama</i>
1P	Eu desejo todo de bom para você!	¡Que te vaya muy bien!	<i>Qamña allinlla!</i>
2P	Eu desejo todo de bom para você!	¡Que te vaya muy bien!	<i>Qamña allinlla!</i>

Cuadro 17: Los vocabularios de saludos

EN QUICHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÉS
<i>Rimay</i>	Hablar	Falar
<i>Allin</i>	Estar bien	Estar bem
<i>Qam</i>	Tú	Você
<i>Ima</i>	Qué, cómo	Que, como
<i>Suti</i>	Nombre	Nome
<i>Ñuqa</i>	Yo	Eu
<i>Yaykuy</i>	Entrar	Entrar
<i>Wasi</i>	Casa	Casa
<i>Pay</i>	Él, gracias	Ele, obrigado
<i>Uku</i>	Dentro	Dentro
<i>Maymanta</i>	De dónde	De onde
<i>Paqarin</i>	Hasta mañana	Amanhã
<i>Tupay</i>	Encontrar	Encontrar
<i>Huk</i>	Un, otro (a)	Um, outro (a)
<i>Punchau</i>	Día	Dia

La continuación se demuestra una de las clases, aplicadas en el idioma quichua, el día 06 de octubre de 2018, donde la enseñanza de los pronombres personales, se inician por separado de los objetos y verbos, luego se mostró las estructuras gramaticales:

Clase de quichua: Maloca, 06 de octubre 2018

Programación:

- Pronombres personales
- Lista de verbos infinitivos en quichua
- Conjugación de pronombres personales con los verbos ser o estar
- Lista de naturalidades

Cuadro 18: Los pronombres personales

EN QUICHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÉS
<i>Ñuqa</i>	Yo	Eu
<i>Qam</i>	Tú	Tú
<i>Pay</i>	Él/ella	Ele/ela

Nuqanchik	Nosotros (a) (inclusivos)	Nós (inclusivos)
Nuqayku	Nosotros (as) (exclusivos)	Nós (exclusivos)
Qamkuna	Vosotros	Vós
Paykuna	Ellos/ellas	Eles/elas

Cuadro 19: La lista de verbos infinitivos en quichua

EN QUÍCHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÊS
Takiy	Cantar	Cantar
Mikuy	Comer	Comer
Rimay	Halar	Falar
Yaykuy	Entrar	Entrar
Tupay	Encontrar (encontrar-se)	Encontrar (encontrar-se)
Qilqay	Escribir	Escrever
Ruway	Hacer	Fazer
Kuyay	Amar	Amar
Waqay	Llorar	Chorar
Tusuy	Bailar	Dançar
Upyay	Beber	Beber
Puñuy	Soñar	Sonhar
Pukllay	Jugar	Brincar
Chiqniy	Odiar	Odiar
Uyariy	Escuchar	Ouvir
Munay	Querer	Querer
Asiy	Reír	Rir
Musquy	Pesadilla	Pesadelo
Llamkay	Trabajar	Trabalhar
Rikuy	Ver	Ver
Kawsay	Vivir	Viver
Kay	Ser, estar, haber, tener y existir	Ser, estar, haver, ter e existir

Cuadro 20: La conjugación de pronombres con los verbos en quichua

EN QUÍCHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÊS
Taki	Canto	Canto
ñuqa takini	yo canto	eu canto
qam takinki	tú cantas	tu cantas
pay takin	él/ella canta	ele/ela canta
ñuqanchik takinchik	nosotros (as) cantamos (incl.)	nós cantamos (incl.)
ñuqayku takiniku	nosotros (as) cantamos (excl.)	nós cantamos (excl.)
qamkuna takinkichik	vosotros (as) cantáis	vós cantais
paykuna takinku	ellos/ellas cantan	eles/elas cantam
Miku	Come	Come
ñuqa mikuni	yo como	eu como
qam mikunki	tú comes	tu comes
pay mikun	él/ella come	ele/ela come
ñuqanchik mikunchik	nosotros (as) comemos (incl.)	nós comemos (incl.)
ñuqayku mikuniku	nosotros (as) comemos (excl.)	nós comemos (excl.)
qamkuna mikunkichik	vosotros (as) coméis	vós comeis
paykuna mikunku	ellos/ellas comen	eles/elas comem
Kuya	Ama	Ama
ñuqa kuyani	yo amo	eu amo

gam kuyanki	tú amas	tu amas
pay kuyan	ele/ela ama	ele/ela ama
ñuganchik kuyanchik	nosotros (as) amamos (incl.)	nós amamos (incl.)
ñugayku kuyaniku	nosotros (as) amamos (excl.)	nós amamos (excl.)
qankuna kuyankichik	vosotros (as) amáis	vós amais
paykuna kuyanku	ellos/ellas aman	eles/elas amam

Cuadro 21: La lista de naturalidades

EN QUICHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÉS
Brasilmantam	de Brasil	de Brasil
Sobradinhomantam	de Sobradinho	de Sobradinho
Taguatingamantam	de Taguatinga	de Taguatinga
Perumantam	de Perú	de Peru
Espanhamantam	de España	de Espanha
Bahiamantam	de Bahía	de Bahia
Rio de Janeiromantam	de Río de Janeiro	de Rio de Janeiro

5.2.1. Las estrategias de interacción entre estudiantes

En cada clase del idioma quichua hay varias interacciones directas entre los alumnos y el profesor, priorizando las palabras más comunes, como de los saludos se repiten, por las veces que sean necesarias. La clase se divide en cuatro momentos: En el primer momento los alumnos se presentan en el idioma quichua, ayudados por el profesor en la introducción y luego se presentan individualmente. En el segundo momento los estudiantes rellenan los ejercicios como la retroalimentación de la clase anterior. En el tercer momento los alumnos copian la clase del día e interactúan con el profesor, de la misma clase el profesor deja algunos ejercicios para la próxima clase. En el último momento finalizan interactuando con una música, cantando y bailando, en el ritmo de la música típica quichua y las letras también en el quichua, con mensajes y explicaciones desde el punto de vista ancestral.

Según Dinello (2012), la importancia de la interacción entre los sujetos y los objetos enriquecen en la integración de diferentes áreas de expresión, que es el fundamento para articulaciones de diferentes materias del conocimiento epistémico. El educador puede proponer situaciones abiertas de interacción, para que los educandos descubran el placer de aprendizaje y sus beneficios, donde surgen ideas y opiniones sistematizados para el conocimiento científico. Las interacciones son fructíferas de diversidades presentadas por la heterogeneidad de los alumnos, superando las contiendas pedagógicas,

articulando desde la expresión a la comprensión de valores humanos, a la sensibilidad de principios estéticos.

A continuación, presentamos algunas fotos y videos como ejemplos más usuales de la interacción.

Figura 23-Los niños en la clase de quichua:



Fuente: blob: <https://web.whatsapp.com/ed373370-417a-4822-a5ff-66a3fb96df92>

El video grabado en una escuela pública, en el aprendizaje del idioma quichua con música, canción y danza, donde los niños aprendieron a interactuar:



WhatsApp Video
2019-10-30 at 06.15.4

Fuente: blob: <https://web.whatsapp.com/ed373370-417a-4822-a5ff-66a3fb96df924>

La aplicación de los métodos diversos, de acuerdo con las recomendaciones de su orientadora y la toma de disecciones junto a los mismos

alumnos interesados, viene produciendo efectos positivos en la ministración del idioma quichua. En esa perspectiva, los métodos tradicionales deberían ser pensados en modificar, en las materias que dificultan el aprendizaje de los alumnos dentro de las escuelas públicas de la educación brasilera. Los Proyectos Políticos Pedagógicos deberían ser constituidos de acuerdo con las reales necesidades de cada escuela, incluso en la completa satisfacción de los estudiantes.

Ribeiro (2019) afirma que, si los estudiantes no entienden su idioma, esto tiene un impacto en su vida académica y profesional, porque la modalidad de enseñanza es inadecuada, por lo que la escuela necesita cambiar. El método de enseñanza actual no les garantiza el dominio de la norma estándar del idioma portugués. Por lo tanto, existe la necesidad de capacitar a los docentes para satisfacer las necesidades reales de los estudiantes, como asegura Ribeiro (2019, p. 270): "En vista de esto, es necesario preparar maestros calificados para una práctica educativa centrada en los intereses reales del estudiante que es un hablante natural del idioma".

De esta manera el autor de esta tesis, aplica varias modalidades en la enseñanza del idioma quichua, donde los alumnos aprenden el idioma, el contexto cultural, la música y la canción, interactuando alegremente. Las expresiones faciales y los movimientos corporales complementan con el equilibrio emocional y didáctico de los alumnos.

5.2.2. Las actividades con géneros textuales

Los géneros textuales en el idioma quichua son presentados por pocos escritores quichuas o quichuistas. Las historias, cuentos, leyendas, mitos y poesías existentes en el idioma quichua son contadas oralmente y escasamente redactadas. Se publicaron para los alumnos del idioma quichua, una colección de lectura quichua en el grupo creado en WhatsApp, siendo la mayoría de estos materiales en los idiomas quichua y español. Los géneros existentes han sido mostrados por algunos escritores, antropólogos y etnólogos. Según Arguedas (2011), el etnólogo más reconocido del idioma quichua es José María Arguedas, del Perú, quien escribió muchas novelas, leyendas y mitos, que a continuación se redacta el mito siguiente:

Huatuscalla y Ccasir

Huatuscalla y Ccasir son dos montañas vecinas frente a frente, aproximadamente a veinte kilómetros de la ciudad de Huanta, Ayacucho, Perú. La montaña Huatuscalla es una de las más altas y poderosas de la región, que da cobertura a varias aldeas entre ellas de la aldea de Condorsincca. Cuando la gente llega a su pico más alto, nunca más regresan, porque la montaña se los devora. Sin embargo, por primera vez los ingenieros trazaron líneas en medio de esa montaña para construir una carretera, que pasaría por otras aldeas y comenzaron con la obra. Con esa construcción la montaña Huatuscalla se sintió debilitada, aunque se defendía derrumbando los pedazos de sus rocas todas las noches, para destruir la carretera construida durante el día. Una noche los habitantes de la región escucharon a la montaña Huatuscalla pidiendo consejos a la montaña Ccasir: “me estoy sintiendo muy herido con las excavaciones de los hombres, que casi ya están llegando a mi corazón”. La Montaña Ccasir respondió: “no te queda más, pues sólo usted tiene que derrumbar todas sus rocas hasta el final”. El otro día, la montaña Huatuscalla dijo: “no consigo más, ya tocaron mi corazón, ahora me robarán mi tesoro”, y la montaña Ccasir respondió: “no seas tonto, no te dejes robar tus riquezas, envíamelas para aquí, que yo las guardaré”. Realmente, eso sucedió esa noche: exactamente a la medianoche las dos montañas se pararon frente a frente, ambas en sincronía y en simetría sus puertas se abrieron, así se extendió un largo puente, donde aparecieron misteriosos soldados con uniformes rojos y trasladaron todas las riquezas, de la montaña Huatuscalla, a la montaña Ccasir, cargando en llamas. Terminado el trabajo desapareció el puente y se cerraron las puertas de las dos montañas”. Desde ese día la montaña Huatuscalla quedó con mucha ira y en el intento de venganza se derrumbó en noviembre de 1945, obstruyendo el Río Mantaro, y causando una de las catástrofes más grandes de la región, por su ruptura y la inundación.

Música

Las canciones indígenas quichuas son diversas en sus ritmos musicales. Esas canciones son muchas apreciadas por los indígenas nativos del mismo

lugar y de otras aldeas, pero son despreciadas por supuestos blancos, que las consideran inferiores por lo que la mayoría están con letras en el idioma quichua, las canciones indígenas quichuas están esparcidas por todos los andes de América del Sur. Las letras de sus canciones más nativas, son metafóricas, siendo cantadas para todas las edades, porque las metáforas son interpretadas de diferentes maneras, incluso de acuerdo con las necesidades del medio ambiente y de acuerdo de los intereses y edades, entre niños, jóvenes y adultos, que los interpretan.

Hay muchas diversidades musicales quichuas y amerindias, que interactúan entre las canciones indígenas nacionales y de otros países, por ejemplo, el pueblo Huni Kuin (Kaxinawá) vive en tierras brasileras de Acre y en Perú. Con su “riqueza se manifiesta en su diversidad musical y en los mitos”. (COLLET, 2014, p. 64).

A continuación, mostramos las siguientes canciones y canciones:

Cuadro 22: PUKLLAY (Canción en quichua) de José María Arguedas

EN QUICHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÊS
Paraisancus mayu ríu caudalusu aman pallkankichu kutimunaykama vueltamunaykama	Rio Paraisancos, caudaloso río, no abras de bifurcar hasta que yo regrese hasta que yo vuelva.	Rio Paraisancos, caudaloso río, não haverás te bifurcar até que eu regresse, até que eu volte.
Pallarkuptikika ramarkuptikika challwacha sakiskaypin pipas challwaykuspa usuchipuwman.	Porque, se bifurcas, se te extiendes en ramas, tus pececitos que dejé serán pescados por alguien desprotegidos serán.	Porque, se bifurcas, se te estendes em ramas, teus peixinhos que deixei serão pescados por alguém desprotegidos serão.

Módolo (2007, p. 149, 150), considerando que cuando se estudian los textos musicales del período colonial andino, algunas canciones quichuas fueron adaptadas por los sacerdotes españoles, para cánticos religiosos, como una apropiación cultural. Consecuentemente varias canciones quichuas se convirtieron en himnos incas, con sus textos intercambiados y actualmente son cantados en la adoración de Dios o del niño Jesús.

A continuación, se muestran dos canciones desde la visión cristiana:

Llama michiq (es viaje hasta Belén, para adorar al niño Jesús):

“Llama michiq, samiyuq runa,
 Hakuchu Belen portalman.
 Belen portalman chayaykuspa
 kamaqninchista kusichisun”.
 “Hombre pastor de llamas,
 vamos al portal de Belén.
 Cuando lleguemos al portal de Belén.
 Vamos a alegrar a nuestro Creador”.

Hanaq Pacha (desde el cielo):

Uyariway muchasqayta
 Diospa rampan, Diospa Maman
 Yuraq tuqtu hamanqayman
 Yupasqalla qullpasqayta
 Wawaykiman suyusqayta
 Rikuchillay.
 Escucha mi adoración
 Guía de Dios Madre de Dios
 Blanca paloma, alba flor de azúcar
 Considera mi llanto mi llanto
 A tu hijo, mi deseo
 Hazlo saber.

Las canciones indígenas quichuas son incalculables cuantitativamente, que se extienden por todo el horizonte en los pueblos y países andinos, entre diferentes ritmos y variedades musicales. Dentro de un ritmo poder estar insertados cientos o miles de canciones, como es el popular *huayno* que atraviesa por todos los pueblos y países que hablan el idioma quichua, después hay canciones quichuas de cada país que sobresalen, además del *huayno*, como en Ecuador el famoso *Sanjuanito*, en el Perú *wakawaka*, en Bolivia el famoso *Tinku* etc.

Figura 24-Instrumentos musicales andinos:



Fuente: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Instrumentos_andinos.jpg

algunas músicas andinas son anónimas, por su existencia milenaria y ultrapasaron las fronteras del mundo quichua, como es la que lleva por título “El Cóndor Pasa” (el vuelo del cóndor, ansia de libertad). Esa música de la obra teatral fue compuesta por el compositor peruano Alomias Robles en el pentagrama musical en 1913. El cóndor pasa originalmente comprende de tres ritmos musicales, como son: Box incaico (de ritmo lento), Pasacalle (de ritmo intermedio) y huayno (de ritmo rápido). Siendo internacionalizado esta canción por “Simon y Garfunkel, que grabaron una versión de esta canción en 1970, para la internacionalización de la melodía” (FERRON, 2011, p 01).

Literatura tradicional

El escritor Ayacuchano, bilingüe del idioma quichua y español, Cavero (2017, p. 14, 25), ha recopilado y replicado algunas tradiciones quichuas de la región, de versiones originales orales y actualmente redactados en su libro “trinos del Alba”, que la continuación demostramos en algunos de sus poemas en quichua, español y portugués:

Cuadro 23: En el primer poema el escritor habla con el sapito

EN QUICHUA	EN ESPAÑOL	EN PORTUGUÉS
HUAMPATUCHA	SAPITO	SAPINHO
<p><i>Uchku wasichayuq hampatucha, qachqa wasacha takiq uyacha pawaykachaq quyllur ñawicha tinya wiksacha.</i></p> <p><i>Ruk tuk tuk, ruk tuk tuk nispaykim, kusikuyllapaqña takinki parata musyaykuspa achka mikuyniyuq watata willakunki.</i></p> <p><i>Manam llapaykuchu kuyaykiku tikrapakuspa, asipakuspa purinaykipaq kanmi llulluqlla mayu hina runakuna qaqaman wischusuqniki munaqkuna.</i></p>	<p>Sapito que moras em los agujeros de las trochas, eres hermoso y panzoncito de ojitos estrellados carita de buen cantor.</p> <p>Ruk tuk tuk, ruk tuk tuk alegre canturreas junto a la lluvia, que nos acarreará abundante manjar.</p> <p>Muchos te queremos caminas haciendo piruetas, otros tienen ojeriza y te exterminan con manos asesinas.</p>	<p>Sapinho que você mora nas cavernas das rochas, você é formoso e barrigudinho de olhinhos estrellados com carinho de bom cantor.</p> <p>Ruk tuk tuk, ruk tuk tuk de alegre cantoria junto à chuva, que nos trazerem abundante manjar.</p> <p>Muitos te queremos, você caminha fazendo piruetas, outros têm mal olhar de você e te exterminam com mãos assassinas.</p>

Cuadro 24: Em el segundo poema el escritor habla con la florsita

EN QUICHUA	EN ESPAÑOL	PORTUGUÉS
PURUN WAYTACHA	FLORCITA SILVESTRE	FLORZINHA SILVESTRE
<p><i>Ritikunapa puka punchuchan qaqapa wawan puriqkunapa kusikuinin wakchapa aya pampanan.</i></p> <p><i>Hanaqpachapim sisanki parawan, parakunawan, mayukunawan, kunturkunawan kuskanchakuspa.</i></p>	<p>Rojo poncho de las nieves hija de la montaña alegría del caminante mortaja del campesino.</p> <p>Vives em el cielo donde el arco iris, la lluvia, los rios y condores viven hermanados.</p>	<p>Vermelho poncho das neves, filha da montaña, alegria do caminhante, mortalha do campesino.</p> <p>Você mora no céu, onde o arco iris, a chuva, os rios y condores vivem na irmandade.</p>

Otros

En el idioma quichua hay muchos poemas, poesías, cuentos, leyendas, historias, fábulas, dictados, frases y chistes, que aún no han sido escritos, porque la mayoría de los verdaderos quichuas o nativos no son alfabetizados. Estos

géneros generalmente son pasados oralmente de persona a persona o contadas en reuniones familiares por los ancianos y amigos:

Cuadro 25: Entre otros se escriben algunos chistes (CAVERO 2017)

QUÍCHUA	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>chay Qullqitam quni kutichiwanampaq pusaq chunka watayuqkunapaq, taytanpa taytanwan kуска hamuptin. Hi hi hi hi hi hi.</i>	Presto dinero a mayores de 80 años, acompañado por su abuelito. Ja ja ja ja ja ja ja.	presto dinheiro a maiores de 80 anos, acompanhado por seu avô. K k k k k k k k.

Cuadro 26: Poemas en quichua (recopilados por el autor de esta tesis) el primer poema

Awas Sisa	A Flor de Fava
Awaspas sisansi yanata yuraqta, sisipas riqsinsi sachapa rurunta. -.- Chaychus mana ñuqa yanayuq kallayman, urpichus kusinqa kausarinallayman.	A fava floresce branquinha pretinha, a formiga conhece o fruto da arvore que é amarelinha. Então, porque eu não posso ter um (a) parceirinho (a), para ser como o pombo (a) alegre e viver nesse amor.

Cuadro 27: El segundo poema

Taytamama Atuq	Pais Raposas
China atuq wachan kimsanta wawata, urqunñataq yachan, kusi sunqu kayta. -.- Utqaytas purinku Mikuytas maskamuq, aychatas tarinku chaytas chayachimuq.	A raposa deu crias três filhotes, o raposo pai soube da notícia, e seu coração bate forte de alegria. Apresam-se em busca de comida, encontraram a carne e trouxeram a tempo.

Cuadro 28: El tercer poema

Yarqay	A Fome
Wiksa qauqauyakuq u-ma yu-ya-ri-chiq: chay mikuy mañakuq chupiwán quntachiq. -.-	A barriga faz barulho e faz lembrar à cabeça: “já é hora de comer”, sopa saborosa satisfaz.
Tunasta mikumuy! Tunwista suqumuy! Yakunta kachumuy! Sarata rakramuy! -.-	Coma a tuna! Chupa o tumbo! Masca a batata yacón! Engole o milho!
A-qu-ta a-ku-muy! Rumita kanimuy! Sachata haqchimuy! Qurata hankimuy!	Coma a areia (metafórica)! Masca a pedra (metafórica)! Masca a árvore (metafórica)! Coma a erva (metafórica)!

Frases na Língua Quíchua:

Mayorga (1973, p. 328-338):

Takiriy: ‘Canta un poco’.

Sumaq sunqu: ‘persona agradable, de energía positiva y de buen corazón’.

Kuyakuypas yachaypaqsi, mana yachaqa usuchinsi: ‘el amor es para quien sabe, quién no sabe lo pierde’.

Qunqaspaqa qunqasqaykim, saqispaqa saqisqaykim, pampayniy patachapi, wiñaypaq: ‘de olvidar tengo que olvidarte, de dejar tengo que dejarte, pero será en el borde de mi tumba, para siempre’.

Manchaymanchaykunamantapas, wañuymi Aswan manchay: ‘de todos los miedos, lo que más asusta es la muerte’.

Churiykita kuyaspaqa, Kuska purikuy: ‘si usted ama a su hijo, enseñe a caminar junto a usted’.

Nanaywan, llamkaywan sunqu kallpachakun: ‘con dolor y trabajo, el hombre se fortalece’.

Lullataqa huk kutillam iñinchik: ‘al mentiroso sólo se cree una vez’.

Chiqallanta rimaspa, runa qapaqchakun: ‘diciendo la verdad, la persona se hace poderoso’.

Llullakuptiyqa, Pachamama millpuwachun: ‘si miento, la tierra me traga’ (juramento quichua).

Chiqniyqa, chiqniymanmi apakun: ‘el odio conduce al odio’.

Kuyakuqa, kuyakuymanmi apakun: ‘el amor conduce al amor’.

Sunquypi apasqayki wiñawiñaypaq: ‘usted se quedará en mi corazón para siempre’.

Allinta muquta akllay, Allin rurun kanampaq: ‘para que usted tenga un buen fruto, siembra la mejor semilla’.

Awqakunataqa kuyaywanmi atipanchik: ‘con amor se vence al enemigo’.

5.2.2. Actividades con acciones manuales típicas

Las acciones manuales típicas de los quichuas de Ayacucho son diversas, como la producción manual de la agricultura familiar, las telas de ropas con iconografías ancestrales y artísticas, los bordados con diseños artísticos y ancestrales, la fabricación de los textiles producidos originalmente en un telar de cintura de la persona, fabricación de muebles de madera, fabricación de ollas de barro, utensilios de cocina, como instrumentos musicales nativos de *quena* (flauta de bambú andina), *charango* (guitarra en miniatura), *tinya* (tambor pequeño) y *pinkullu* (flauta de dos metros de madera), *zampoña* (flauta-pan) etc. Originalmente los quichuas de la región se vestían con las ropas tejidas por ellos mismos, incluso cambiando la ropa con otros productos, animales y artesanos, donde no existía el dinero.

Los fabricantes artesanales de ropas en Ayacucho, producen el arte manual dentro de los tejidos, usando sus diseños, desde la cosmovisión andina. Los artes o dibujos dentro de los tejidos son: los signos de la naturaleza como el sol, la luna, arco iris, como las aves, cóndor, colibrí, el águila, como los animales, llamas, alpacas y pumas, como las flores de cactus, rosa, como los insectos, arañas, abejas, como los *queros* (vasos andinos de cerámica) y *aribalos* (embaces andinos de cerámica). Todos estos dibujos en los tejidos son interpretativos positivamente durante el uso de estos productos. La fabricación artesanal de una prenda de vestir puede tomar algunas semanas, meses hasta años, según los motivos del arte.

Figura 25-Tejido con dibujos de llamas, alpacas, pumas, queros y aríbalos en Ayacucho:



Fuente: <https://www.taporonde.com/spot/conheca-as-belezas-de-ayacucho-no-peru/>

Entre las actividades manuales de la región de Ayacucho se encuentran las tejedoras de Iconografías, los *punchus* (ponchos) coloreados, *llikllas* (mantas) coloridas, *chumpis* (cintas para atar la cintura) y *chullus* (gorros andinos contra el frío). Los procedimientos de tejer son artesanales, hechos por los mismos quichuas, desde la recolección de las lanas de llamas, vicuñas, alpacas, ovejas y algodones. La recolección de las tintas naturales es de los árboles, tierras e insectos. El hilado de las lanas en los husos, teñidos y el montaje de los *kallwas* (telares de cintura), todos hechos manualmente y con los materiales naturales de la región. También hay muchas artesanías de madera, arcilla y yeso.

Figura 26-La iconografía en una tejido:



Fuente: <https://www.youtube.com/watch, GorXUQIHm6w>

El poncho es una de las vestimentas tradicionales de América del Sur. Su tejido es de lana de llama, alpaca, vicuña, oveja y algodón, originalmente tejido a mano en una *callwa*. El teñido de los hilos del poncho es la base de pinturas naturales de la región. El principal material de la pintura es del árbol nugal (el árbol del nogal), de ese árbol se fabrican, todos los derivados del color marrón, desde las más claras, hasta las más oscuras, se utilizan las raíces, cáscaras, troncos, hojas y frutos, aún para que el poncho sea más atractivo, se fabrican con una infinidad de colores de otras plantas, insectos como la cuchinilla y tierras de la región. La enseñanza de la fabricación del poncho, comienzan desde edades muy tiernas, donde los niños se acercan, ayudando y jugando junto a los expertos de ese arte del tejido manual. Dependiendo de qué tipo de lana se utilizó puede variar el calor que produce en el momento de vestir y para vestir también siempre es necesario dejar un agujero en el medio.

Figura 27-Un quichua tejiendo el poncho y enseñando a los niños:



Fuente: <https://www.google.com/search?q=ponchos+de+ayacucho&rlz=1C1CHBD>:

Lliklla es una manta en el idioma quichua, originalmente fue tejida manualmente de lana de llama, alpaca y algodón. Los procedimientos de tejido de la manta son muy similares a los de poncho. Los tamaños entre ponchos y mantas son diferentes, las mantas son más pequeñas y cosidas por el medio, para poder cargar el peso suficiente que el hombre consigue llevar. En el tejido de manta se deja en el medio un espacio de un solo color para el bordado, que luego se hace manualmente primando los colores básicos. El costo de la manta puede variar según los materiales, los diseños del tejido y los bordados, desde los escritos de los nombres de las personas y los bordados muy sofisticados.

Figura 28-Llikllakuna- mantas típicas de Ayacucho:



Fuente: <https://gramho.com/media/2036794196720732760>:

Chumpi es un cinturón ancho de tela hecha a mano, hecha de lana de llama, alpaca, vicuña y algodón, con diseños iconográficos al gusto del cliente o mercado. El chumpi sirve para atar la cintura de las personas adultas, sean mujeres o hombres, con el fin de sostener la columna vertebral recta y evitar el desgaste entre las vértebras, cuando la persona trabaja agachado, evita los dolores de espalda, a veces se usa también como adorno entre los hombros. Otra finalidad que tiene ese cinturón es para atar a los niños recién nacidos de hasta dos años, para evitar que se arañen la cara y también para no

desbarrancar en las laderas, ya que los andes casi siempre presentan riesgos por sus precipicios, cuando los niños apenas saben caminar.

Figura 29-Fabricación de chumpi:



Fuente: <https://disole.com/stock-photo/Weaving-traditional-patterns-Amaru-community>:

Chullukuna son los gorros que cubren toda la cabeza y las orejas, para proteger del intenso frío de los andes, son tejidos manualmente con muchos colores diseñados sus Iconografías con cinco crochés en su manipulación circular. La elección de lana depende, para qué temperatura se debe tejer, si es la lana de alpaca será la más caliente y se puede utilizar en temperaturas bajas de 0° C., es decir, incluso cuando esté nevando allí en las cordilleras.

Figura 30-Tres muestras de chullukuna



Fuente: <http://maryjanemucklestone.com/page/72/>

El arte de tapiz manual de Gregorio Sulca, en Ayacucho es internacionalmente conocido. Gregorio Sulca es artista y antropólogo de origen quichua ayacuchano, que ocupó el primer lugar en el III BIENAL INTERCONTINENTAL DE ARTE ANCESTRAL EL MILENARIA INDIGENA. A continuación, presentamos en la siguiente imagen una de sus obras en la Perspectiva cónica “Tapizaría la portada del Sol”.

Figura 31-Arte en tapiz:



Fuente: <https://tallerayllus.ruraqmaki.pe/index.php/producto/portada-del-sol>

Las cerámicas de arcilla son utilizadas por la mayoría de las familias quichuas ayacuchanas. La fabricación de cerámica es bien diversificada, por lo que se fabrican las ollas de diferentes tamaños y con diferentes funciones, desde las más pequeñas medianas y grandes. Lexicalmente pueden llevar también los nombres de las ollas de barro según sus formas y utilidades, por ejemplo, la *Kallana* (olla de barro plana, con la boca de forma ovoide), para proteger los alimentos o granos que estallan con el calor del fuego en su interior en el momento de tostarlos o procesarlos.

La olla *Kallana* es de mucha utilidad para toda la familia quichua en Ayacucho, ya que tiene la función de bajar el contenido tóxico de los granos secos y dejar procesado, por la cocción y deshidratación de los alimentos naturalmente, para conservarlos durante mucho tiempo y ser utilizados por los viajeros de larga distancia.

Figura 32-Kallana de arcilla:



Fuente: <https://fr-fr.facebook.com/476559975806428/photos/a.1147897862005966/>

Urpú (cántaro de barro de gran porte) es para fermentar la chicha (la bebida natural de los quichuas) de productos naturales como de frutas y granos tostados de la región, en grandes cantidades. La chicha del *urpu* puede ser

servida para cientos de visitantes que desean beber en las principales fiestas de la región de Ayacucho y adyacentes.

Figura 33-Las ollas de cerámica o de barro de Ayacucho:



Fuente: http://ceramicasharon.blogspot.com/2017/09/la-ceramica-de-aco_4.html

Artesanía

Los retablos de Ayacucho son contruidos artesanalmente de madera y yeso: de maderas son las cajitas en miniaturas y aún más pequeños los objetos de yeso, que se colocan dentro de los compartimentos, con diversos motivos ancestrales, pero también religiosos cristianos, por su fácil comercialización de esta artesanía.

Figura 34-Retablo Ayacuchano:



Fuente: <https://hi-in.facebook.com/Miami.Internacional/photos/retablo-ayacucho:>

Culinaria

En la cocina se destacan varios platos de la región de Ayacucho, como el *Quwi chaktadu* (la carne de cuy, frito con las patatas amarillas y ensaladas), *pachamanka* (comida preparada bajo tierra, con muchas verduras y carnes al gusto) y *Puka pikanti* (plato rojo, preparado con patatas, verduras y carnes).

Quwi chaktadu (cuy chactado) es la carne de una de las principales ganaderías de la región de Ayacucho, por su facilidad de crear y comercialización. La carne de este animal es ancestralmente conocida como remedio y alimento. La mayoría de las familias crían ese animal en la cocina, por lo que las familias cocinan con la leña y el humo es el que purifica el ambiente de los cuyes, dejando limpios de moscas, larvas y parásitos.

Figura 35-Un plato típico de cuy:



Fuente: <https://wapa.pe/hogar/1285870-fiestaspatrias-prepara-cuy-chactado-recetascomida-peruana-gastronomia>

Pachamanka (pachamanca) se deriva de dos palabras Pacha (tierra) y Manka (olla), significa olla bajo tierra o comida preparada bajo tierra, actualmente es una de las más representativas de la gastronomía peruana. Se prepara con los tubérculos, la oca, la papa y las habas, acompañado de cualquier tipo de carne. La pachamanka se prepara principalmente para agradecer a los huéspedes. Como también se elabora en fiestas tradicionales, casamientos, cumpleaños y reuniones familiares. Su origen es milenario, ya que ha sido usado en varias culturas preincas.

Figura 36-Pachamanka en un casamiento:



Fuente: <http://www.shalomplus.com.pe/dia-nacional-la-pachamanca-estas-son-las-variedades-de-este-potajeancestral/>

otros

Remedios– en la región de los quichuas de Ayacucho hay diversos remedios naturales, desde las comidas, hierbas, árboles, cortezas y raíces. Los remedios en comidas se encuentran en los granos, como en el garbanzo que es considerado como un diurético natural, algunos tipos de maíces que son diuréticos naturales, el chuño (papa congela seca) es antibiótico natural y anticanceroso del estómago, algunas patatas son antibacterianas, las hojas de

quinua son antibióticos naturales y anticancerosos, las hojas de paico son antibióticos naturales, Misi sillu (uña de gato) es antibiótico natural etc.

Chuño blanco es elaborado de las papas comunes, a partir de una congelación natural en las cordilleras que se encuentran a -10°C , después de la helada se pisa en el día siguiente para pelar e inmediatamente colocada en un saco dentro d'agua para mantener el color blanco. Luego es enterrado en un lodo de mucha humedad por un mes y tres días, después de ese tiempo es olido y calculado por los expertos químicos naturales, y, se pone al sol para su secado y su consumo, como comida y antibiótico natural.

Figura 37-Muestra de chuño negro y blanco:



Fuente: <https://www.zmescience.com/medicine/nutrition-medicine/chuno-taters/>

Las hierbas medicinales naturales son diversas, que son encontrados dentro de los eriazos, pero también algunas necesitan ser plantadas específicamente y tener mucho cuidado con ellas, como la Kuka (es la coca, la planta sagrada de los quichuas, por contener los nutrientes más diversos que complementan al cuerpo humano) es una hoja muy sensible a las enfermedades, parásitos, incluso no consigue vivir con otras hierbas, o sea, siempre debe estar

alejado de otras malas hierbas, si no, se debilita y muere. Los quichuas además de limpiar las malas hierbas a la coca, hacen pequeñas fiestas, como cantando y bailando al ritmo de las canciones quichuas y con sus contextos, que alegran a ellas para que se sintieran contentas y finalmente quedaran *Makuti* (gorditas), una de las canciones se titula: *Kuca quintucha ruyru rapischa* (coca de hojas redondeadas)”.

Así es, los quichuas cantan para todo tipo de alimentos que se plantan y también para los animales. El respeto de los individuos, animales y plantas son continuos y casi siempre son festejados en los momentos menos pensados. En la cosmovisión del pueblo quichua existen las prácticas de interacciones simultáneas y sincronizadas con todos los seres del universo. En esa perspectiva creyera que todos los seres tienen vida, anima-alma y espíritu, como las tres dimensiones de la vida: *hanap Pacha* (el cielo y los seres que habitan allá), *Kay Pacha* (todos los seres que habitan la tierra) y *Uku Pacha* (todos los seres que habitan debajo de la tierra), son expresiones de una iconografía de Cusco, Perú (PAUCARTAMBO, 2011).

Figura 37-Las hojas y el té de coca:



Fuente: <https://raizesdomundo.com/folha-de-coca/>

Las plantas medicinales curan desde la gripe, hasta el espíritu de la persona, como el *Ayahuasca*. Hay también muchos alimentos usados como medicina y afrodisíacos, como la *Maka* (maca peruana, conocida como la viagra natural y antioxidante), así que hay una diversidad de comidas quichuas usadas

como medicinas y antioxidantes naturales. El dictado quichua: *“mikuyllam hampipas unquypas, la salud depende de cómo se come”*.

VI. CONSIDERACIONES FINALES

Ese trabajo de quichua Ayacuchano y su contextualización panorámica, sociohistórica, lingüística y educativa, fue desarrollado a partir de la introducción con el memorial del autor, descrita en primera persona, para expresar sobre su pueblo quichua. Justificación sobre la teoría de la lingüística y las variaciones lingüísticas en general, la descripción estructural del idioma quichua. Así mismo, la aplicación educativa del curso del idioma quichua, como segundo idioma en el Brasil.

El autor describió su autobiografía, desde su infancia hasta la actualidad, donde demostró cómo es la pedagogía quichua, donde los niños aprenden jugando y ayudando a sus padres. Los conocimientos se adquieren para la supervivencia dentro de las aldeas. Los niños desde edades muy tiernas participan en los trabajos manuales de los padres, fortaleciendo sus habilidades físicas y mentales. Las enseñanzas son más prácticas y Ludo creativos, donde los niños participan de los *minkas* y *qachwas* (trabajos colectivos diurnos y nocturnos, realizados con muchos ritmos musicales, danzas, cantos y culinarias). La educación indígena quichua es muy diferente a la de la ciudad, tanto lingüística como socialmente. Los niños quichuas de ambos géneros han aprendido casi todo cerca a la edad de unos diez años, desde recoger leña, cocinar y procesar los alimentos para su conservación durante muchos años, para las épocas de seca.

Se ha contextualizado el panorama sociohistórico del idioma quichua en general, sobre las costumbres, las culturas y sus habitantes que integran todas las regiones y países. El idioma de quichua es históricamente milenaria y superior con sus hablantes cuantitativamente que los otros idiomas indígenas de América del Sur. Hay aproximadamente diez millones de personas que hablan el idioma quichua entre los hablantes nativos y bilingües. Se demostró el surgimiento del idioma quichua, así, la posibilidad de existencia de la escritura textual y del sistema numérico, el trato que dieron los colonizadores a ese idioma y sus hablantes, principalmente en Perú y Ayacucho. Se ha demostrado su evolución ancestral de los quichuas, sus costumbres, formas de vida de sus habitantes, su alimentación y sus culinarias.

La fundamentación teórica de la lingüística fue tratada, para el conocimiento general del público destinatario, sobre los contactos lingüísticos y las interferencias lingüísticas, influencias y préstamos, que atravesaron la mayoría de los idiomas del mundo, que también pasaron lo mismo con los cambios y variaciones lingüísticas. La pedagogía culturalmente sensible es cuando los alumnos practican los lenguajes variantes, en forma de escritura o hablada dentro del aula y sin prejuicios, en las escuelas inclusivas.

En la descripción estructural del idioma quichua, se abordaron conceptos gramaticales, fonéticos y fonológicos. Se trataron el uso de las vocales, consonantes, acentos y signos ortográficos del idioma quichua. Las formas morfológicas del idioma quichua varían según sus hablantes de cada región, incluso disminuyendo o incrementando lexicalmente. Las palabras del idioma quichua fueron traducidas, como nombres de animales e insectos, interjecciones y estados emocionales, expresiones de saludos.

La aplicación educativa del curso del idioma Quichua como segundo idioma en el Brasil, se inició en el segundo semestre de 2018, junto con otros idiomas indígenas de Brasil, dentro de la Universidad de Brasilia. Los métodos y estrategias aplicados en estos cursos, comenzaron como un laboratorio de enseñanza de los idiomas indígenas. En los cuales se encontraron métodos y aplicados, en la interacción recíproca de los profesores y alumnos, que dio origen al empleo de métodos Ludo creativos, como “la pedagogía de la expresión Ludo creativa”, que consiste en el aprendizaje del segundo idioma con alegría, a través de la música, canto y danza.

El respeto y reconocimiento sociohistórico, lingüístico y cultural de los quichuas y los otros pueblos originarios son imprescindibles, para la convivencia armoniosa sin prejuicio étnico racial, donde el mundo es único para todos, como el sol brilla para todos y la lluvia moja a todos.

Entendiendo este trabajo no como una conclusión, sino como parte de un proceso para comenzar otra etapa que contribuirá a la inclusión de los pueblos, a la mejora del idioma y la identidad quichua, terminamos esta etapa con un poema, cuya poética de los versos libres y espontáneos nos llevan directamente a los cantos quichuas:

[...]

Desde el día de hoy
esto carajo se terminó
has de olvidarlo del todo
Ladrón hombres ladrones
Dónde están nuestras chacras
dónde nuestros animales
Ladrones perros mistis
Hoy en nuestras manos van a morir
Hoy no somos ya
como en el tiempo pasado
ya no estamos delirando
ni durmiendo
Hoy pues empezamos a despertar del todo
carajo

[...]

Kunan punchaymanta
chayqa karaqo tukukapun
tukuyta qonqanayki
Suwa suwarunakuna
Maytaq chakrayku
maytaq uywayku
Suwa allqu mistikuna
kunan makiykupi wañunkichis
Kunan manañan
ñaupañachu kayku
manañan muspaykuchu
ni puñuykuchu
Kunanqa allintam rikcharyku
Karahu